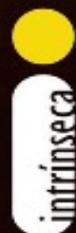


ELIZABETH
HAYNES



NO
ESCURO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

ELIZABETH HAYES

No escuro

COMPARTILHADO POR PDL
FORMATAÇÃO DE LEYTOR



Copyright © Elizabeth Haynes 2011

TÍTULO ORIGINAL
Into the Darkest Corner

CAPA
Anthony Grech-Cumbo

ADAPTAÇÃO DE CAPA
ô de casa

PREPARAÇÃO
Sheila Louzada

REVISÃO
Clarissa Peixoto

REVISÃO DE EPUB
Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-295-7

Edição digital: 2013

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 - Gávea

Rio de Janeiro - RJ

Tel./Fax: (21)3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Wendy George e Jackie Moscicki — mulheres fortes e inspiradoras.

Tribunal da Coroa de Lancaster

A Coroa contra o Sr. Brightman

Quarta-feira. 11 de maio de 2005

Sessão matinal

SUA EXCELÊNCIA O JUIZ NOLAN

SR. MACLEAN – Seu nome completo, por favor.

SR. BRIGHTMAN – Lee Anthony Brightman.

SR. MACLEAN – Obrigado. O senhor manteve um relacionamento com a Srta. Bailey, correto?

SR. BRIGHTMAN – Sim

SR. MACLEAN – Por quanto tempo?

SR. BRIGHTMAN. – Eu a conheci no fim de outubro de 2003. Nosso relacionamento durou até meados de junho do ano passado.

SR. MACLEAN – E como vocês se conheceram?

SR. BRIGHTMAN – Por causa do meu trabalho. Eu estava em uma missão e por acaso nos conhecemos nesse período.

SR. MACLEAN – E iniciaram um relacionamento?

SR. BRIGHTMAN – Sim

SR. MACLEAN – O senhor disse que esse relacionamento terminou em junho. Foi uma decisão mútua?

SR. BRIGHTMAN – As coisas já não iam bem fazia algum tempo. Catherine era muito ciumenta em relação ao tempo que eu passava longe dela, trabalhando. Estava convencida de que eu tinha uma amante.

SR. MACLEAN – E o senhor tinha?

SR. BRIGHTMAN – Não. Meu trabalho às vezes me obriga a ficar longe de casa por alguns dias, e a natureza do que eu faço me impede de contar a qualquer pessoa, mesmo à minha namorada. onde estou ou quando vou voltar para casa.

SR. MACLEAN – Esse tempo que o senhor passava longe de casa gerava discussões entre vocês dois?

SR. BRIGHTMAN – Sim. Ela pegava meu celular para ver se havia mensagens de outra mulher, ficava me perguntando aonde eu tinha ido, com quem eu tinha me encontrado. Quando eu voltava de um trabalho, tudo o que eu queria era esquecer as obrigações e relaxar um pouco. Comecei a perceber que eu nunca tinha a chance de fazer isso.

SR. MACLEAN – Então o senhor pôs um fim ao relacionamento?

SR. BRIGHTMAN – Não. Tínhamos nossas brigas de vez em quando, mas eu a amava. Eu sabia que ela sofria com problemas emocionais. Quando ela me agredia, eu sempre me dizia que não era culpa dela.

SR. MACLEAN – O que o senhor quer dizer com “problemas emocionais”?

SR. BRIGHTMAN – Bem, ela me contou que já tinha sofrido crises de ansiedade. Quanto mais tempo eu passava com ela, mais eu percebia os sinais disso. Ela saía para beber com as amigas, ou bebia em casa, e quando eu chegava, ela começava a discutir e se tornava agressiva comigo.

SR. MACLEAN – Vamos nos concentrar nos problemas emocionais. Eu gostaria de me aprofundar um pouco mais nessa questão. O senhor viu, ao longo de seu relacionamento, alguma evidência de que a Srta. Bailey pudesse machucar a si mesma durante períodos de estresse emocional?

SR. BRIGHTMAN – Não. Alguns amigos dela me contaram que ela uma vez cortou os pulsos.

SR. LEWIS – Objeção, Meritíssimo. Não foi perguntada à testemunha a opinião dos amigos da Srta. Bailey.

JUIZ NOLAN – Por favor, Sr. Brightman, atenha-se às perguntas que lhe forem feitas. Obrigado.

SR. MACLEAN – O senhor mencionou que a Srta. Bailey “se tornava agressiva” com o senhor. Pode nos explicar o que quer dizer com “se tornar agressiva”?

SR. BRIGHTMAN – Ela gritava, me empurrava, me batia, me chutava. Esse tipo de coisa.

SR. MACLEAN – Ela era violenta com o senhor?

SR. BRIGHTMAN – Sim. Bem. sim. era.

SR. MACLEAN – E quantas vezes isso aconteceu?

SR. BRIGHTMAN – Não sei. Não contei.

SR. MACLEAN – E qual era a sua reação nessas ocasiões em que ela “se tornava agressiva” com o senhor?

SR. BRIGHTMAN – Eu me afastava. Já lido muito com esse tipo de problema no trabalho. Não preciso disso quando volto para casa.

SR. MACLEAN – E o senhor chegou a ser violento com ela também?

SR. BRIGHTMAN – Só da última vez. Ela me trancou em casa e escondeu a chave. Estava furiosa comigo. Eu estava trabalhando num caso bem complicado e acabei perdendo o controle. Revidei. Foi a primeira vez na vida que bati em uma mulher.

SR. MACLEAN – Essa última vez... Está falando de que data exatamente?

SR. BRIGHTMAN – Foi em junho. No dia treze, eu acho.

SR. MACLEAN – O senhor poderia nos contar o que aconteceu nesse dia?

SR. BRIGHTMAN – Eu tinha passado a noite anterior na casa de Catherine. Estava de plantão naquele fim de semana, então saí de casa antes de ela acordar. Quando voltei naquela noite, encontrei-a já um pouco alterada pelo álcool. Ela me acusou de ter passado o dia com outra mulher — a mesma coisa que vivia repetindo. Eu aguentei calado por certo tempo, mas depois de algumas horas, cansei. Quis sair para dar uma volta, mas ela havia trancado a porta. Ela começou a berrar e a me xingar, sem parar, me dando tapas, arranhando meu rosto. Eu a empurrei para trás, o suficiente para afastá-la. Então ela veio para cima de mim outra vez, e eu bati nela.

SR. MACLEAN – E como o senhor bateu na Srta. Bailey? Foi um soco, um tapa?

SR. BRIGHTMAN – Dei um soco nela.

SR. MACLEAN – Entendo. E o que aconteceu depois?

SR. BRIGHTMAN – Ela não parou; começou a gritar mais alto e voltou a me atacar. Então eu bati nela mais uma vez.

Provavelmente com mais força. Ela caiu para trás e fui ver se ela estava bem, ajudá-la a se levantar. Acho que acabei pisando na sua mão. Ela deu um berro e atirou algo na minha direção. Era a chave da porta.

SR. MACLEAN – O que o senhor fez em seguida?

SR. BRIGHTMAN – Peguei a chave, abri a porta e fui embora.

SR. MACLEAN – Que horas eram?

SR. BRIGHTMAN – Acho que eram sete e quinze.

SR. MACLEAN – E quando o senhor saiu, em que condição ela se encontrava?

SR. BRIGHTMAN – Ainda estava gritando.

SR. MACLEAN – Ela estava machucada, sangrando?

SR. BRIGHTMAN – Acho que talvez estivesse sangrando.

SR. MACLEAN – Pode ser mais preciso, Sr. Brightman?

SR. BRIGHTMAN – Havia um pouco de sangue no seu rosto. Não sei de onde veio. Não era muito.

SR. MACLEAN – E o senhor se machucou?

SR. BRIGHTMAN – Só alguns arranhões.

SR. MACLEAN – O senhor achou que ela precisava de cuidados médicos?

SR. BRIGHTMAN – Não.

SR. MACLEAN – Mesmo ela chorando e parecendo estar sangrando?

SR. BRIGHTMAN – Pelo que eu me lembro, ela não estava chorando. Quando saí, estava berrando e me xingando. Se precisasse de cuidados médicos, acredito que poderia procurar sozinha, sem minha ajuda.

SR. MACLEAN – Entendo. Então, depois de sair da casa da Srta. Bailey às sete e quinze, o senhor voltou a vê-la?

SR. BRIGHTMAN – Não, não voltei a vê-la.

SR. MACLEAN – Telefonou para ela?

SR. BRIGHTMAN – Não.

SR. MACLEAN – Sr. Brightman, quero que reflita com cuidado antes de responder a minha próxima pergunta. Como o senhor se sente hoje em relação aos acontecimentos daquele dia?

SR. BRIGHTMAN – Lamento profundamente tudo o que aconteceu. Eu a amava. Tinha pedido Catherine em casamento. Não fazia ideia de que ela estivesse tão perturbada emocionalmente e juro por Deus que me arrependo de ter revidado. Queria ter me esforçado mais para acalmá-la.

SR. MACLEAN – Obrigado. Sem mais perguntas, Meritíssimo.

CONTRA INTERROGATÓRIO

SR. LEWIS – Sr. Brightman, poderíamos descrever como um relacionamento sério o que o senhor mantinha com a Srta. Bailey?

SR. BRIGHTMAN – Acredito que sim.

SR. LEWIS – O senhor entende que faz parte dos termos e condições de seu emprego manter seus superiores informados sobre mudanças em suas circunstâncias pessoais, fornecendo inclusive detalhes sobre seus relacionamentos?

SR. BRIGHTMAN – Entendo.

SR. LEWIS – Ainda assim. o senhor preferiu não informar a ninguém em seu trabalho sobre seu relacionamento com a Srta. Bailey. não é verdade?

SR. BRIGHTMAN – Eu planejava fazer isso quando Catherine aceitasse se casar comigo. De qualquer forma. eu já pretendia falar sobre isso quando fosse fazer minha avaliação de desempenho. que estava marcada para o fim de setembro.

SR. LEWIS – Eu gostaria de chamar sua atenção para a prova documental WL/1 — página quatorze do conjunto de provas —, que é o depoimento do policial William Lay. O policial Lay o prendeu na terça-feira, quinze de junho de dois mil e quatro, em seu endereço domiciliar. Em seu depoimento, ele afirma que, quando lhe perguntou sobre a Srta. Bailey, o senhor inicialmente respondeu, nas seguintes palavras: “Não sei de quem o senhor está falando.” O senhor confirma isso?

SR. BRIGHTMAN – Não me lembro exatamente do que eu disse.

SR. LEWIS – Esta era a mesma mulher pela qual o senhor posteriormente afirmou estar apaixonado. com a qual pretendia se casar. O senhor confirma isso?

SR. BRIGHTMAN – Os policiais Lay e Newman apareceram na minha casa às seis da manhã. Eu tinha passado as três noites anteriores trabalhando e havia acabado de me deitar. Estava desorientado.

SR. LEWIS – O senhor afirmou também o seguinte, quando interrogado mais tarde naquele mesmo dia, no distrito policial de Lancaster — e novamente cito suas palavras exatas: “Eu a estava investigando. só isso. Quando saí de sua casa. ela estava bem. Ela tinha problemas emocionais, problemas de saúde mental.” O senhor confirma isso?

SR. BRIGHTMAN – *(inaudível)*

JUIZ NOLAN – Sr. Brightman. poderia falar mais alto?

SR. BRIGHTMAN – Sim.

SR. LEWIS – E o senhor estava de fato realizando uma investigação sobre a Srta. Bailey?

SR. BRIGHTMAN – Não.

SR. LEWIS – Sem mais perguntas.

JUIZ NOLAN – Obrigado. Neste caso, senhoras e senhores, faremos uma pausa para o almoço.

Quinta-feira, 21 de junho de 2001

EM SE TRATANDO DE UM DIA para morrer, o mais longo do ano era tão bom quanto qualquer outro.

Naomi Bennett estava deitada de olhos abertos no fundo de uma vala. O sangue que a mantivera viva durante todos os seus vinte e quatro anos se esvaía por entre as pedras e os cascalhos embaixo dela.

Enquanto oscilava entre a consciência e a inconsciência. Naomi contemplava a ironia de tudo aquilo: prestes a morrer — depois de tanta coisa a que sobrevivera. e justo quando ela acreditava que a liberdade estava tão próxima — pelas mãos do único homem que a havia amado de verdade e que lhe demonstrara afeto. Ele estava na beira da vala, lá em cima, seu rosto na sombra enquanto o sol brilhava através das folhas verdes e projetava sobre ele rajadas de luz. seu cabelo como uma auréola cintilante. Esperando.

O sangue encheu seus pulmões e ela tossiu, cuspiendo bolhas vermelhas que espumaram sobre seu queixo.

Ele permanecia imóvel, uma das mãos na pá, vendo o sangue escorrer do corpo dela, admirando aquela coloração incrível, como uma joia em estado líquido, e constatando que, mesmo no momento da morte. ela ainda era a mulher mais linda que ele já vira.

Assim que o fluxo do sangramento reduziu-se a um mero filete. ele se virou. olhando para o desolamento daquela terra de ninguém situada entre uma propriedade industrial e uma zona agrícola. Ninguém ia ali. nem mesmo para levar o cachorro para passear; o solo era duro e repleto de lixo industrial, acumulado havia décadas, o mato crescia em meio a bobinas de cabos descartadas, um líquido marrom vazava de barris de combustível enferrujados e, na extremidade, sob uma longa fileira de limoeiros, havia uma vala de dois metros que se enchia de água imunda

quando chovia, despejando-a a pouco mais de um quilômetro dali, dentro do rio.

Passaram-se vários minutos.

Ela estava morta.

O vento ficara mais forte. Ele olhou para cima. por entre as copas das árvores: nuvens perseguiam umas às outras no céu.

Ele desceu com cuidado a inclinação íngreme até o fundo da vala, usando a pá como apoio, e então, sem hesitar, acertou-a com força no crânio, resvalando na primeira vez, mas depois, com um som abafado, rachou sua cabeça, e o osso quebrado penetrou na carne. Repetiu o golpe várias vezes, ofegante devido ao esforço, até esmagar seu rosto, transformando dentes, ossos e carne em uma massa horrenda.

Depois disso, ela não era mais sua Naomi.

Ele utilizou a faca novamente para fazer talhos em seus dedos, um de cada vez, depois nas palmas das mãos, até não deixar nada que pudesse identificá-la.

Finalmente. usou a pá ensanguentada para cobri-la com a terra. a areia e o lixo acumulados na vala. Não foi um trabalho bem-feito. Havia sangue por toda parte.

Mas, ao terminar — enxugando as lágrimas que corriam desde que ela dissera seu nome, surpresa, no momento em que ele cortara-lhe o pescoço—, as primeiras gotas de chuva começaram a cair do céu do anoitecer.

Quarta-feira, 31 de outubro de 2007

FAZIA QUASE UM MINUTO QUE ERIN estava à porta; eu podia ver o reflexo dela na janela escurecida pelo entardecer. Continuei olhando para a planilha na tela do computador, perguntando-me como podia estar escuro quando eu saí para o trabalho de manhã, e agora já estar escuro de novo.

— Cathy?

Virei a cabeça.

— Perdão. Eu estava com o pensamento longe. O que foi?

Ela se apoiou na porta. uma das mãos na cintura. seu comprido cabelo ruivo preso num coque.

— Eu perguntei se você já está acabando.

— Ainda não. Por quê?

— Não se esqueça de que hoje é a despedida da Emily. Você vai, não é?

Voltei a olhar para a tela.

— Para ser sincera, não sei. Preciso terminar isso. Pode ir na frente. Vou tentar passar lá mais tarde, se der.

— Tudo bem — disse ela finalmente, e saiu batendo os pés, embora as sapatilhas não fizessem muito barulho.

Esta noite, não, pensei. Justo esta noite, não. Aquela festa natalina horrorosa, eu ainda podia aceitar, mas sair para celebrar a despedida de alguém que eu mal conheço já é demais. Eles vêm planejando o evento desde agosto; particularmente. acho que fim de novembro é cedo demais para comemorar o Natal, mas foi a data que escolheram. E depois disso não vão mais parar de festejar até chegar vinte e cinco de dezembro. Cedo ou não, terei que ir, do contrário já posso até ouvir os comentários que farão sobre minha falta de "espírito de equipe". e só Deus sabe o quanto eu preciso deste emprego.

Assim que a última pessoa saiu do escritório. fechei a planilha e desliguei o computador.

Sexta-feira, 31 de outubro de 2003

SEXTA-FEIRA, NOITE DE HALLOWEEN, os bares da cidade festejam o Dia das Bruxas até quase transbordar o caldeirão.

No pub Cheshire Arms, eu tinha bebido sidra e vodca, e acabei me perdendo de Claire, Louise e Sylvia. Mas fiz uma nova amiga, Kelly, que estudou na mesma escola que eu, embora eu não me lembre dela. Não que isso tivesse importância para alguma de nós. Kelly estava fantasiada de bruxa sem vassoura, com uma meia-calça de riscas cor de laranja e uma peruca preta de náilon, e eu, de noiva de Satã, com um vestido vermelho de cetim apertado e sapatos de seda vermelho-cereja que custaram mais que o vestido. Já haviam passado a mão em mim algumas vezes.

Por volta de uma hora, a maioria das pessoas já estava indo pegar o ônibus de volta para casa, indo à procura de um táxi, ou simplesmente saindo cambaleante para mergulhar na noite gelada. Kelly e eu seguimos para o bar River, o único lugar que provavelmente nos deixaria entrar.

— Você vai *super* arrasar com esse vestidinho, Catherine — disse Kelly, batendo os dentes.

— Tomara. Foi caro para cacete.

— Será que vamos encontrar alguma coisa decente aí dentro? — perguntou ela, observando esperançosamente a fila desorganizada.

— Duvido. Além do mais, você não disse que não queria mais saber de homem nenhum?

— Eu disse que não queria mais saber de relacionamentos. Não quer dizer que não quero mais saber de sexo.

Fazia um frio cortante e estava começando a chover. O vento varria os odores de sexta-feira à noite ao meu redor e levantava meu vestido. Apertei o casaco em volta do corpo e cruzei os braços.

Kelly e eu nos dirigimos à entrada VIP. Lembro que questionei se aquilo era mesmo uma boa ideia, se não seria melhor encerrar a

noite por ali. mas então percebi que ela já havia entrado e resolvi segui-la. Acabei sendo barrada por uma parede de terno cinza-chumbo.

Quando ergui o rosto. vi um par de olhos azuis incríveis e um cabelo louro bem curto. O tipo de pessoa com a qual não convém discutir.

— Espere aí — disse a voz, e encarei o segurança.

Ele não era tão grande quanto os outros dois, mas ainda assim era mais alto do que eu. Tinha um sorriso bem atraente.

— Oi — falei. — Você vai me deixar entrar com a minha amiga?

Ele ficou calado por um momento, me olhando por mais tempo do que seria conveniente.

— Vou — falou por fim —, claro. É só que...

Esperei que ele terminasse a frase.

— Só que o quê?

Ele olhou de relance para os outros seguranças, que estavam conversando com uns adolescentes que insistiam para que os deixassem entrar.

— Por um instante não acreditei na minha sorte. Só isso.

Eu ri da cara dele.

— Não está sendo uma boa noite?

— É que eu tenho uma queda por vestidos vermelhos — disse ele.

— Acho que este ficaria pequeno em você.

Ele riu e afastou a corda de veludo, deixando-me passar. Senti que estava me olhando enquanto eu deixava meu casaco na chapelaria; então arrisquei uma olhada para a porta e o vi novamente, ainda me observando. Abri um sorriso para ele e subi os degraus rumo ao bar.

Tudo de que me lembro daquela noite é de dançar até ficar zozna, sorrindo e achando graça das pessoas com minha mais nova melhor amiga. e de dançar naquele vestido vermelho até encontrar o olhar de alguém, um cara qualquer, e, o melhor de tudo, de achar um canto escuro dentro da boate e transar encostada na parede.

Quinta-feira, 1º de novembro de 2007

LEVEI MUITO, MUITO TEMPO PARA SAIR de casa hoje de manhã. Não foi por causa do frio, embora o aquecedor pareça demorar séculos para começar a fazer efeito. Nem por estar escuro. Acordo todo dia antes das cinco, e desde setembro que a essa hora ainda não há um ponto de claridade.

Levantar da cama não é problema para mim; o problema é sair de casa. Depois de tomar banho, me vestir e comer alguma coisa, inicio o processo de verificar se o apartamento está seguro, antes de sair para o trabalho. É como o inverso do que eu faço à noite, só que um pouco pior, pois sei que o tempo está contra mim. Posso passar a noite toda conferindo tudo, se eu quiser, mas de manhã sei que tenho que ir para o trabalho, de forma que há um limite. Preciso deixar as cortinas das salas de estar e de jantar ao lado da varanda abertas exatamente no mesmo ponto todos os dias, caso contrário não poderei voltar para casa. As persianas são formadas por dezesseis lâminas e estão em cada uma das portas que dão para o pátio; tenho que deixá-las abertas de forma que eu veja somente oito lâminas de cada lado ao olhar de fora, dos fundos do prédio. Se eu enxergar uma lasquinha que seja da sala de jantar por entre as lâminas da persiana, ou se as cortinas não estiverem retas, então tenho que voltar e começar tudo novamente.

Acabei ficando ótima nisso, mas ainda assim me toma muito tempo. Quanto mais minuciosa eu for, menos chances terei de me xingar pelo caminho por meu descuido e de ficar conferindo a hora.

A porta é o maior problema. Onde eu morava antes, naquele apartamento apertado de subsolo em Kilburn, pelo menos minha porta dava direto para a rua. Aqui tenho que verificar várias vezes a porta do meu apartamento — entre seis e doze vezes — e depois a porta do prédio, que dá para a rua.

O apartamento em Kilburn até tinha uma porta de acesso ao prédio, porém nada mais, nenhuma porta dos fundos ou janelas.

Era como se eu morasse numa caverna. Não havia rota de fuga, o que significava que eu nunca me sentia realmente segura lá dentro. Aqui é muito melhor: as portas francesas dão para uma pequena varanda, e logo embaixo está o telhado do galpão de depósito, que divido com os outros apartamentos, embora eu não saiba se alguém mais o utiliza. Posso passar pelas portas de vidros, pular para o telhado do galpão e de lá para o gramado. Seguindo pelo jardim e passando pelo portão, chego ao beco dos fundos em menos de trinta segundos.

Às vezes preciso voltar e conferir mais uma vez a porta do meu apartamento. Se algum dos outros moradores apenas fechou a porta do prédio, sem trancar, com certeza tenho que verificar a minha porta de novo. Qualquer um pode ter entrado.

Hoje de manhã, por exemplo, foi um dos piores dias.

Não somente a porta do prédio não tinha sido trancada como também estava entreaberta. Quando me aproximei da entrada, um homem de terno a abriu, me assustando. Atrás dele vinha um outro homem, este mais jovem e alto, de calça jeans e casaco com capuz. Cabelo escuro e rente, a barba por fazer, olhos verdes com um ar cansado. Ele sorriu para mim e pediu desculpas sem emitir som, o que ajudou um pouco.

Ternos ainda me assustam. Tentei não olhar para aquele, mas ouvi o homem dizer, enquanto subia as escadas, "...este acabou de ser desocupado, se quiser, vai ter que ser rápido".

Um corretor imobiliário.

Os estudantes chineses do último andar devem ter finalmente decidido se mudar. Já não eram mais estudantes, se formaram no início do ano — deram uma festa que durou a noite toda, enquanto eu, deitada na minha cama no andar de baixo, ouvia o som de pés subindo e descendo as escadas sem parar. A porta da frente ficou destrancada a noite toda. Fiz uma barricada empurrando a mesa de jantar para bloquear a minha porta, mas o barulho me deixou angustiada e ansiosa.

Observei então o segundo homem, que seguia o de terno pela escada.

Para meu horror, o homem de calça jeans se virou no meio do lance de escada e sorriu para mim novamente, um sorriso de pesar desta vez, erguendo as sobrancelhas como se já estivesse cansado da voz do corretor. Senti que fiquei tremendamente ruborizada. Faz muito tempo que não mantenho contato visual com um estranho.

Ouvi os passos subindo até o último andar, o que significava que haviam passado pela minha porta. Olhei o relógio — já eram oito e quinze! Mas eu não podia simplesmente ir embora e deixá-los lá dentro do prédio.

Bati a porta com firmeza e girei a chave, forçando a porta algumas vezes para ter certeza de que estava bem fechada. Com as pontas dos dedos percorri o contorno da porta, conferindo o alinhamento com o batente. Girei a maçaneta seis vezes, verificando se estava trancada. Um, dois, três, quatro, cinco, seis. Depois conferi o contorno da porta mais uma vez. E então a maçaneta, seis vezes. Um, dois, três, quatro, cinco, seis. E o contorno da porta de novo. E por fim a maçaneta, mais seis vezes. Senti o alívio que me toma quando consigo fazer isso direito.

Depois subi até meu apartamento, irritada porque aqueles dois imbecis iam me atrasar.

Sentei na beira da cama por um instante, fitando o teto, como se pudesse enxergar os dois homens através do reboco e das vigas. O tempo todo eu lutava contra a vontade de verificar as trancas das janelas novamente.

Eu me concentrei na respiração, olhos fechados, tentando acalmar meu coração, que batia disparado. Eles não vão demorar, disse a mim mesma. O cara está só dando uma olhada. Não vão demorar. Está tudo bem. O apartamento está seguro. Eu estou segura. Já fiz isso direito antes. A porta do prédio está fechada. Está tudo bem.

Volta e meia um ruído me assustava, muito embora parecesse vir de muito longe. A porta de um armário batendo? Talvez. E se eles tiverem aberto uma janela lá em cima? Dava para ouvir um vago murmúrio, muito distante para que eu conseguisse distinguir as palavras. Eu me perguntei quanto estariam pedindo pelo aluguel — quanto mais alto, melhor. Por outro lado, eu não teria a varanda.

Por mais que eu goste de me sentir inatingível, dispor de uma rota de fuga é igualmente importante.

Olhei as horas — quase quinze para as nove. Mas que merda eles estavam fazendo lá em cima? Fiz a besteira de olhar para a janela do quarto, e aí, evidentemente, tive que ir verificá-la. O que bastou para me fazer conferir tudo de novo, começando pela porta, e lá estava eu na minha segunda ronda, de pé sobre o tampo do vaso sanitário, passando os dedos pela beirada da janela de vidro fosco que nem sequer abre, quando ouvi baterem a porta no último andar e descerem a escada.

— ...uma área agradável e tranquila, para dizer o mínimo. Não precisa ter medo de deixar o carro na rua.

— Ah, sim, mas eu devo andar mesmo de ônibus. Ou de bicicleta.

— Acho que há um depósito coletivo no jardim; vou me informar melhor quando voltarmos ao escritório.

— Ótimo. Mas provavelmente vou deixá-la no corredor.

No corredor? Que cara de pau! Já não está bagunçado o bastante desse jeito? Por outro lado, assim talvez alguém mais além de mim teria interesse em trancar a porta do prédio.

Acabei de verificar tudo, deixando a porta por último. Nada mal. Fiquei esperando por aquela ansiedade, a necessidade de recomeçar tudo, mas me senti bem. Eu tinha feito tudo certo, e apenas duas vezes. A casa estava silenciosa, o que facilitava as coisas. E o melhor de tudo, desta vez a porta do prédio estava bem encaixada, indicando que o homem de calça jeans a tinha fechado direito ao sair. Talvez não viesse a ser um mau morador, afinal de contas.

Eram quase nove e meia quando finalmente cheguei à estação do metrô.

Terça-feira, 11 de novembro de 2003

QUANDO O VI PELA SEGUNDA VEZ , aquela lembrança desaparecera completamente, de forma que passei um bom tempo olhando para ele. Atraente, boca sensual, com certeza me parecia familiar — alguém em quem eu já dei uns amassos em algum bar?

— Você não se lembra de mim — disse ele, a decepção clara em sua voz. — Você estava com um vestido vermelho. Eu estava na porta do River.

— Ah, claro! Desculpe — falei, balançando a cabeça como se aquilo ajudasse a fazer sentido. — É que eu... não reconheci você sem aquele terno.

Isso me deu a oportunidade de olhá-lo de cima a baixo, avaliando-o. Ele estava de short, tênis e uma camiseta preta — pronto para se exercitar, e muito diferente de como eu o vira da última vez.

— Sei, mas aquilo não seria muito confortável para malhar.

— Imagino.

Repentinamente me dando conta de que eu ainda estava encarando as coxas dele, percebi que devia estar horrenda, após fazer uma hora de ginástica — o cabelo preso para trás, alguns fios grudados no meu rosto vermelho, a camiseta suada. Encantadora.

— Bom, legal encontrar você de novo — disse ele, me olhando de cima a baixo numa fração de segundo.

Eu não sabia dizer se ele estava sendo abusado ou um tanto inconveniente. Mas então ele concluiu a frase com um sorriso meio de lado que não era nem um pouco lascivo, apenas muito sexy.

— É, digo o mesmo. Eu... eu preciso tomar um banho.

— Claro. Até mais, então. — E com isso ele se virou e subiu a escada da academia correndo, de dois em dois degraus.

No chuveiro, me peguei desejando tê-lo encontrado antes, quando estava chegando à academia, em vez de só na saída. Assim poderíamos ter conversado direito, e eu não estaria com aquela aparência acabada. Por alguns instantes contemplei a possibilidade

de fazer hora na lanchonete até ele terminar de malhar. Será que assim eu pareceria muito fácil? Muito desesperada?

Bem, o que posso dizer? Já faz algum tempo. Os últimos homens de quem gostei foram casos de apenas uma noite; algumas vezes eu estava tão bêbada que nem me lembro dos detalhes. Não há nada de errado nisso, é claro, eu estava apenas me divertindo enquanto era tempo. Estava cansada de relacionamentos na época, queria aproveitar a fase solteira, essas bobagens. Talvez fosse hora de começar a sossegar um pouco. Talvez fosse hora de começar a pensar no futuro.

Enquanto me enxugava no vestiário vazio, algo de repente me ocorreu: eu não devia estar tão mal assim, caso contrário ele não teria me reconhecido. Da última vez que ele me vira, eu estava usando um vestido de cetim vermelho, o cabelo solto caindo pelos ombros. Hoje eu estava em trajes suados de ginástica, sem maquiagem e de rabo de cavalo — bem diferente. E ainda assim ele me reconheceu no mesmo instante; eu vi isso nos seus olhos.

E ele tinha dito “Oi de novo”.

Desde aquele dia, eu não tinha voltado ao River, embora na época saísse à noite várias vezes por semana. No último fim de semana fui visitar alguns amigos na Escócia, dois dias exaustivos sem tempo para dormir — mas isso não me impediu de sair para beber depois do trabalho. Na sexta-feira acabamos no Roadhouse, um bar recém-inaugurado na Market Square. Estava lotado, graças aos preços promocionais das bebidas por ser o primeiro fim de semana deles em funcionamento, e em menos de meia hora Sam e Claire estavam se agarrando cada uma com um cara. Por um tempo fiquei dançando e bebendo, bebendo e dançando, sozinha e feliz da vida, encontrando pessoas conhecidas e batendo papo, berrando no ouvido dos outros por causa do volume da música. Havia uns homens bem interessantes por lá, mas poucos estavam sozinhos. E esses poucos eu já conhecia, ou por já ter ficado com eles antes, ou por eles já terem ficado com alguma amiga minha.

Agora, eu já estava ansiosa pelo fim de semana. Sexta à noite eu tinha combinado de sair com Claire, Louise e sua irmã, Emma, mas depois disso o fim de semana seria só meu. Voltei para o carro

sorrindo para mim mesma, pensando que talvez pudéssemos dar um pulo no River.

Segunda-feira, 5 de novembro de 2007

SAINDO TARDE DO TRABALHO, EVITO O metrô lotado. Logo que me mudei para cá, fiz a besteira de enfrentar a hora do rush, e o pânico aumentava a cada dia. Havia rostos demais para examinar, corpos demais me apertando de todos os lados. Muitos lugares onde alguém poderia se esconder e pouco espaço para eu fugir. Por isso agora eu saio tarde do trabalho, o que compensa meus atrasos matinais. Fico andando de um lado para o outro da plataforma de embarque até o último instante possível, quando as portas estão quase se fechando, e só então entro correndo no vagão. Desse modo sei exatamente quem está viajando comigo.

Esta noite levei um tempo decidindo que caminho tomar para voltar para casa. Todos os dias faço um itinerário diferente pelas linhas do metrô, saltando uma estação antes ou depois, seguindo a pé cerca de um quilômetro e então pegando um ônibus, ou voltando para o metrô.

Geralmente deixo a caminhada para a última parte do percurso, seguindo por ruas diferentes. Faz dois anos que me mudei de Lancaster para cá, e já conheço o sistema de transporte londrino tão bem quanto alguém daqui. Isso tudo leva muito tempo e me deixa exausta, mas não tenho pressa para chegar em casa. E é mais seguro.

Depois que saltei do ônibus em Steward Gardens, meu caminho foi pontuado por fogos de artifícios, aquele cheiro acre preenchendo o ar frio e úmido. Atravessei a High Street, margeando o parque. Voltei pela Lorimer Road. Seguindo pelo beco — detesto becos, mas este pelo menos é bem-iluminado—, cheguei aos fundos das garagens. Dei uma olhada para cima: a luz acesa na minha sala de jantar, as persianas parcialmente fechadas. Contei as dezesseis lâminas, oito em cada porta, que de longe eram retângulos amarelos, com as margens na junção exata com as cortinas. Nenhum outro ponto de luz por entre as lâminas das persianas. Ninguém tocara nas cortinas enquanto eu estivera fora. Repeti isso

para mim mesma várias vezes, enquanto continuava caminhando. O apartamento está seguro, ninguém esteve lá.

Ao final do beco, depois de virar à direita, eu já estava quase em casa — Talbot Street. Resisti à tentação de seguir até o final da rua pelo menos uma vez para depois dar meia-volta; esta noite, consegui entrar na primeira tentativa. Olhei para trás ao girar a chave, que já estava em minha mão desde que eu saltara do ônibus. A porta do prédio se fechou depois que entrei. Verifiquei o contorno da porta para ver se estava bem ajustada com o batente, prestando atenção a qualquer protuberância que pudesse indicar um fechamento imperfeito. Conferi seis vezes, contando a cada vez: um, dois, três, quatro, cinco, seis. Girei a maçaneta; seis vezes.

Naquele exato instante, a Sra. Mackenzie abriu a porta do apartamento do térreo, o 101.

— Oooi, Cathy! Como vai?

— Vou bem, obrigada — respondi, dando-lhe meu melhor sorriso. — E a senhora?

Ela assentiu e ficou me olhando, a cabeça inclinada por um momento, como sempre faz, e depois entrou de volta em casa. Dava para ouvir a televisão ligada ao volume máximo, como de hábito. O noticiário da noite. Ela assiste todo dia. E nunca me perguntou o que eu estava fazendo.

Voltei às minhas verificações, imaginando se ela fazia isso de propósito, só para me interromper, sabendo que terei que recomeçar do zero. Sem problemas, desde que porta não fique emperrada. Às vezes fica. Então: a porta e a maçaneta, faça isso direito, Cathy. Não estrague tudo, senão vamos passar a noite toda aqui.

Finalmente, terminei de conferir a porta da entrada do prédio e subi a escada. Chegando ao meu andar, prestei atenção em volta. Escutei a calma que reinava ali; o som de uma sirene a algumas ruas, a televisão ligada no andar de baixo. Mais fogos de artifício estourando bem longe. Um grito vindo de algum lugar, lá fora, me fez prender a respiração, mas logo em seguida ouvi uma voz masculina e um riso de mulher em tom repreensivo.

Abri minha porta, olhei novamente para o vão da escada atrás de mim e então entrei, fechei a porta e tranquei tudo: ferrolho embaixo, corrente no meio e a fechadura em cima. Fiquei ali parada com os ouvidos atentos. Silêncio completo do outro lado da porta. Olhei pelo olho mágico. Ninguém lá fora; só a escada, o corredor e a luz vinda do alto. Percorri com os dedos o contorno da porta, girei seis vezes a maçaneta para um lado, seis vezes para o outro. um, dois, três, quatro, cinco, seis. O ferrolho mantinha a porta fechada. Conferi a fechadura seis vezes. Abri e fechei o ferrolho seis vezes, a cada vez testando junto a maçaneta. Quando acabei tudo isso, pude passar para o restante do apartamento.

A primeira coisa que fiz foi verificar todas as janelas e fechar as cortinas, percorrendo o apartamento na ordem de sempre. Primeiro a janela da frente, que dá para a rua. Todas as trancas acionadas. Passei os dedos pelos caixilhos das janelas. Então pude fechar as cortinas completamente, deixando a escuridão lá fora. Da rua, ninguém pode me ver, a menos que eu me aproxime do vidro. Conferi as extremidades das cortinas, no caso de ter ficado uma brecha. Em seguida passei para a varanda, para as portas duplas. No verão posso ver dali o jardim e dar uma olhada nos muros que cercam o prédio, mas naquela época do ano ficava tudo escuro lá fora. Conferi as fechaduras das portas da varanda, percorri com os dedos os contornos, testei a maçaneta seis vezes. A tranca estava bem segura, a maçaneta girou sem problemas. Depois fechei as pesadas cortinas, isolando a escuridão do lado de fora.

Cozinha. As janelas dali não abrem, mas eu as verifiquei assim mesmo. Baixei as persianas. Fiquei alguns minutos em frente à gaveta, visualizando o que havia ali dentro e em que ordem. Quando a abri, olhei para a bandeja: garfos à esquerda, facas no meio e colheres à direita. Fechei a gaveta, mas depois a abri de novo para ter certeza. Definitivamente, as facas ficam no meio, os garfos à esquerda e as colheres à direita. Como eu sabia? Talvez tenha feito alguma coisa errada. Abri a gaveta mais uma vez. Então fiquei tranquila.

Em seguida, o banheiro. uma janela alta e fosca, que também não abre, mas assim mesmo subi no tampo do vaso sanitário e

verifiquei o encaixe, para ver se estava hermeticamente fechada, e depois abaixei a persiana. Dali, segui para meu quarto. Janelas grandes que dão para o jardim nos fundos, mas as cortinas já estavam fechadas, conforme eu as deixara ao sair para o trabalho pela manhã. O quarto estava escuro. Criei coragem e abri as cortinas, verificando os caixilhos amplos. Instalei trancas suplementares nessas janelas quando me mudei para cá; conferi cada uma delas, girando as chaves seis vezes para ter certeza de que estavam bem trancadas. Depois fechei as cortinas, passando uma extremidade por cima da outra, de modo a não deixar sequer uma brecha de janela visível. Em seguida acendi a luminária da cabeceira e sentei na beira da cama. Fiquei ali respirando profundamente, tentando controlar o pânico crescente. Às sete e meia havia um programa que eu queria assistir na televisão. O relógio de cabeceira marcava sete e vinte e sete. Eu queria ver TV. Mas o pânico persistia, apesar de eu tentar ser racional, apesar de dizer a mim mesma que fizera tudo, verificara tudo, que não havia nada com que me preocupar, o apartamento estava protegido, eu estava segura, mais um dia em segurança dentro de casa.

Meu coração ainda estava acelerado.

Com um suspiro, levantei da cama e fui até a porta para começar tudo novamente.

Isso não pode continuar. Já faz mais de três anos. Isso tem que acabar, *tem* que acabar.

Nessa segunda ronda, repeti todo o processo verificando tudo doze vezes, para só então passar para a janela da frente.

Domingo, 16 de novembro de 2003

ACABOU QUE NÃO ACONTECEU NO RIVER, mas outra vez na academia.

A noite de sexta-feira foi meio patética, na verdade. Muitas noitadas consecutivas, sem tempo para me recuperar. Tudo foi se acumulando e eu me sentia cansada, irracionalmente infeliz e nem um pouco inclinada a sair à caça de um segurança de boate sexy. Tomamos três drinks no Pitcher and Piano, mais dois no Queen's Head, e a essa altura eu já estava cansada. Quando falei que ia embora, Sam olhou para mim como se eu estivesse de brincadeira. Passei o sábado me recuperando, assistindo a filmes no sofá.

Acordei às dez no domingo, me sentindo revigorada pela primeira vez em semanas. O sol brilhava lá fora, o ar estava fresco e sereno, um dia excelente para ir correr. Eu iria fazer isso, depois compraria alimentos saudáveis e dormiria cedo.

Bastaram alguns passos na calçada gelada para eu desistir da ideia. Então voltei, enfiei algumas roupas limpas na bolsa e percorri de carro os oito quilômetros até a academia.

Dessa vez eu o reconheci antes que ele me visse. Ele estava de pé na beira da piscina, ajustando os óculos de natação. Sem me importar se ele podia enxergar através da vidraça e me ver ali devorando-o com os olhos, fiquei observando-o entrar na água, tomar impulso na borda e sair nadando um crawl suave e tranquilo. A água mal se movia à sua passagem. Fiquei vendo-o cruzar duas vezes a piscina, hipnotizada pelo seu ritmo, até alguém tropeçar na minha bolsa de ginástica e me tirar do transe.

No vestiário, guardei a bolsa num armário e peguei meu MP3, prendendo-o no braço. Quando me dirigia à sala de ginástica, vi meu reflexo em um dos espelhos. Minhas faces estavam coradas, e a expressão nos meus olhos me fez parar imediatamente. Meu Deus, pensei, incapaz de tirar do meu rosto o sorriso idiota, ele é realmente gostoso para cacete.

Segunda-feira, 12 de novembro de 2007

DEPOIS DO TRABALHO, AO FINAL DA tarde de hoje, algo fora do comum aconteceu.

Coisas fora do comum nunca são boas para mim. Às vezes, se estou num dia bom, posso olhar para trás, pensar no incidente e sorrir, mas na hora nunca é legal. No dia em que os canos estouraram e o bombeiro hidráulico teve que vir aqui em casa, tive o maior ataque de pânico da minha vida.

Ainda não sei como sobrevivi.

Fico pensando no que aconteceu hoje, porque agora estou bem. Estou meio que esperando sofrer um ataque de pânico mais tarde, exatamente quando eu estiver menos preparada, mas no momento tudo está tranquilo e eu me sinto bem.

Eu tinha acabado de jantar quando bateram na porta.

Congelei, meu corpo todo tenso. Acho que parei até de respirar. O interfone não tinha tocado; portanto, ou era alguém do prédio, ou haviam deixado a porta da rua destrancada novamente. Mas não fazia diferença — mesmo se minha vida dependesse daquilo, meu corpo não iria deixar que eu me movesse nem um centímetro. Senti as lágrimas correndo pelo meu rosto.

Outra batida, um pouco mais forte. Ninguém nunca tinha batido na minha porta antes.

Sentada no sofá, eu tinha uma visão desimpedida da porta. Fiquei olhando para ela, encarando fixamente o olho mágico. A luz do corredor, que normalmente era forte como a de um farol, estava bloqueada por quem quer que estivesse à minha porta, e tudo que eu conseguia ver era um minúsculo círculo escuro. Concentrei-me tão violentamente na porta que eu quase conseguia distinguir a forma grande que se encontrava do outro lado da madeira espessa, e preni a respiração até minha cabeça começar a latejar e meus dedos começarem a formigar.

Então ouvi passos se afastando, subindo a escada, não descendo, e o barulho de uma porta no andar de cima se abrindo e

se fechando.

Então era ele. O homem do andar de cima.

Pela janela da minha sala de estar, eu já o tinha visto entrar e sair do prédio algumas vezes. Certa vez ele estava voltando para casa no momento exato em que eu me preparava para sair para o trabalho. Notei que a porta da rua estava bem fechada, o que fez com que eu me sentisse um pouco melhor, embora ainda tivesse que verificar, é claro. A bicicleta ainda não tinha aparecido no corredor, e eu não o vira no jardim, portanto ele devia estar usando carro mesmo e estacionando-o lá fora.

Ele parecia chegar e sair em horários irregulares. A Sra. Mackenzie era de uma previsibilidade tranquilizadora, já que nunca saía de casa, pelo menos até onde eu sabia. Ela aparecia no corredor do seu apartamento quase todas as noites na hora em que eu chegava do trabalho, me cumprimentava e voltava para dentro. Eu ouvia os ruídos de sua televisão subindo até meu andar através das tábuas de madeira do assoalho. Para algumas pessoas isso poderia ser incômodo, mas não para mim. Eu gostava.

E agora, no andar de cima, o Sr. Imprevisível.

O que é que ele poderia estar querendo? Eram quase nove da noite — um horário não muito adequado para uma visita social. Será que estava precisando de ajuda?

Depois de algum tempo minha respiração se acalmou, voltando ao normal, e me perguntei se eu não deveria ir lá em cima e bater na porta *dele*. Acabei imaginando nossa conversa:

Oi. Você bateu lá em casa? Eu estava tomando banho...

Não, isso não fazia sentido — como eu saberia que tinha sido ele?

Novamente, ouvi meu mantra surgir indesejavelmente na minha cabeça: *Isso não é normal. Não é assim que as pessoas normais pensam.*

Mas que se dane — afinal, o que é ser normal?

Domingo, 16 de novembro de 2003

ANTES MESMO DE VÊ-LO, EU SABIA onde ele estaria.

Estava na lanchonete, lendo o *Times*, elegante em uma camisa branca aberta no pescoço, banho recém-tomado.

Hesitei, perguntando-me se seria uma boa ideia parar e dar um alô, e naquele instante ele ergueu o olhar do jornal. Por um momento não sorriu, apenas encontrou meu olhar, e eu fiquei pensando o que haveria por trás daqueles olhos. Aquilo parecia um começo; um momento decisivo. Eu havia tido a chance de me afastar, mas me mantivera firme. Agora vinha o reconhecimento.

Quando ele sorriu, eu me vi indo em sua direção.

— Oi — falei, já me achando sem graça. — Vi você na piscina.

— Eu sei — respondeu ele. — Eu vi você também. — Ele dobrou o jornal e o colocou cuidadosamente sobre a mesa, ao lado do café. — O que quer beber?

Sair dali não parecia mais uma opção.

— Chá, por favor.

Enquanto ele se levantava, sentei-me na cadeira em frente à dele, meu coração disparado. Embora eu tivesse passado um tempão no vestiário depois do banho, me arrumando para o caso de ele ainda estar por ali, não havia sido o suficiente.

Alguns minutos depois, ele voltou trazendo uma pequena bandeja com um bule, uma xícara e uma jarrinha de leite.

— Meu nome é Lee — disse ele, estendendo a mão.

Ergui o rosto para seus olhos intensamente azuis.

— Catherine — falei.

Sua mão estava quente, seu aperto era firme, e horas depois, deitada na cama, eu ainda podia sentir seu perfume, de leve, na palma da minha mão.

O fato de eu não conseguir pensar em nada para dizer quase me fez rir — normalmente não era fácil calar minha boca. Queria perguntar se a natação tinha sido boa, mas me pareceu um comentário vazio. Também queria perguntar se ele era solteiro,

mas isso seria direto demais. Gostaria de saber se ele tinha ficado ali esperando por mim. Mas então percebi que eu já sabia as respostas para todas essas perguntas. Sim, sim e sim.

— Andei imaginando qual seria o seu nome — disse ele finalmente. — Tentei adivinhar, mas errei feio.

— Então, se eu não tenho cara de Catherine, tenho cara de quê?

Ele não desviara o olhar de mim nem por um momento.

— Não consigo mais me lembrar. Agora que sei que você se chama Catherine, nada mais parece tão perfeito.

Seu olhar era quase desconfortável, tanto que me senti corar, então me concentrei em servir o meu chá e me demorei mexendo, adicionando um pouco de leite, depois um pouquinho mais, até alcançar o tom exato de marrom.

— Então — disse ele, respirando fundo—,você não voltou mais ao River desde aquela vez ou simplesmente tenho dado azar de não vê-la?

— Não, não voltei mais. Tenho andado ocupada com outras coisas.

— Entendo. Assuntos familiares?

Ele estava jogando a isca para saber se eu era solteira.

— Não, amigos. Não tenho família. Meus pais morreram quando eu estava na faculdade, e sou filha única.

Ele assentiu com a cabeça.

— Não deve ser fácil. Toda a minha família mora em Cornwall.

— Você nasceu lá?

— Venho de uma aldeia perto de Penzance. Saí de lá assim que deu. As aldeias são lugares repugnantes, às vezes. Todo mundo sabe tudo sobre você.

Houve uma breve pausa, até que perguntei:

— Então, você trabalha só no River?

Ele deu um sorriso forçado e terminou seu café.

— É, só no River. Três noites por semana. Quebrando o galho de um amigo, basicamente. Quer jantar comigo mais tarde?

A pergunta veio assim, do nada; a expressão em seus olhos mostrava um indício de nervosismo que sua voz não denunciara.

Sorri para ele e bebi meu chá.

— Sim, adoraria.

Quando me levantei, o cartão com o número do seu telefone no bolso do meu casaco, senti seus olhos me acompanharem até a porta. Quando me virei para acenar em despedida, ele ainda estava me olhando. Mas ao menos consegui abrir um sorriso.

Sábado, 17 de novembro de 2007

MEUS FINS DE SEMANA SÃO UMA curiosa combinação de relaxamento e estresse. Alguns são bons; outros, nem tanto. Algumas datas são boas. Só posso sair para comprar comida em dias pares. Se o dia 13 cair num fim de semana, não posso fazer nada. Nos dias ímpares posso fazer ginástica, mas só se estiver nublado ou chovendo, não quando faz sol. Em dias ímpares não posso cozinhar nada, como apenas alimentos frios ou requentados.

Tudo isso para apaziguar meu cérebro. O tempo todo, noite e dia, meu cérebro gera imagens de coisas que aconteceram comigo e coisas que podem acontecer. É como assistir a um filme de terror repetidas vezes, sem nunca se tornar imune ao medo. Quando consigo fazer tudo direito, na ordem certa, fazer minhas verificações corretamente, seguir o ritmo certo, então as imagens somem por algum tempo. Se eu conseguir sair pela porta tendo a certeza de que minha casa está protegida, então disponho de algumas horas em que a pior sensação que tenho é a de um vago desconforto, como se algo estivesse faltando e eu não conseguisse saber o quê. O mais comum, porém, é eu fazer o melhor possível com as verificações e, supondo que eu consiga sair de casa, passar o restante do dia me martirizando, pensando se realmente fiz tudo certo. Nesses casos, meu dia todo é preenchido por essas imagens do que pode estar esperando por mim quando eu voltar para casa. Se eu não escolher um itinerário de volta diferente toda noite, fico achando que alguém vai me seguir. Dá para imaginar viver assim? Não é nada agradável.

Seja lá o que for, isso se infiltrou em mim e veio para ficar. De vez em quando me surpreendo criando uma nova regra. Semana passada me peguei contando os degraus novamente, o que eu não fazia havia anos. Isso é algo que eu certamente posso viver sem. Mas acho que não sou mais capaz de me controlar. Estou piorando, não melhorando.

Mas então era sábado novamente, um dia ímpar, e tinha acabado o pão e o chá. A questão do chá era gravíssima, porque o chá é outra regra importante, principalmente nos fins de semana. Sei que, se eu não tomar chá às oito da manhã, depois às dez, às quatro da tarde e às oito da noite, ficarei cada vez mais angustiada à medida que o dia avançar, tanto pela incapacidade de fazer as coisas direito quanto pela falta de cafeína, provavelmente. Olhei dentro da lata de lixo, onde meu saquinho de chá das oito fora estupidamente jogado fora, antes de eu perceber que era o último, e agora ele estava lá, entre cascas de batatas e o molho do macarrão de ontem à noite. Por um breve instante considerei pegá-lo de volta para usá-lo outra vez. Mas isso não teria funcionado.

O simples fato de ter sido tão estúpida a ponto de deixar acabar o chá bastou para elevar meu grau de ansiedade; sou ótima quando se trata de culpar a mim mesma. Se eu saísse para comprar mais, não conseguiria verificar as trancas direito, pois não era um dia par. Eu até poderia conseguir comprar meu chá, mas alguém poderia entrar e estar aqui me esperando quando eu voltasse.

Passei mais de uma hora me atormentando, pensando qual das duas opções seria a pior — qual regra era mais importante? Então, para tentar expulsar as imagens da minha cabeça, verifiquei várias vezes o apartamento, mas sempre saía algo ligeiramente errado. Quanto mais eu fazia, mais me cansava. Algumas vezes fico empacada assim. Até que, por fim, torno-me fisicamente incapaz de continuar.

E uma vozinha da razão no fundo da minha cabeça, tentando ser ouvida por sobre a cacofonia de autocensura, gritava *isso não é normal*.

Por volta de quinze para as dez, eu estava encolhida em um canto, tensa e à beira da autodestruição, quando escutei o som da porta de entrada do prédio sendo fechada — bem fechada — e, depois, passos na escada.

Antes que eu tivesse a chance de pensar, vi uma saída. Se eu não podia sair para comprar chá, talvez pudesse pedir emprestado...

Os passos soaram pela minha porta e subiram até o andar de cima. Aguardei um instante, limpando as lágrimas do meu rosto e ajeitando o cabelo com os dedos. Não havia tempo para verificar o apartamento. A porta do prédio estava devidamente trancada; eu o ouvira girar a chave, tinha certeza disso. Eu precisava *ir logo*.

Peguei minha chave, tranquei o apartamento só uma vez e, verificando a porta também uma única vez, subi e parei diante da porta dele. Eu nunca tinha ido até aquele andar antes. A janela no corredor era a única fonte de luz. Olhei para a escada. Pude ver apenas uma parte da minha própria porta. Bati, atenta ao silêncio, e depois ouvi alguns passos do outro lado.

Quando ele abriu a porta, me assustei um pouco. O barulho pareceu muito alto!

Ele abriu um sorriso simpático.

— Oi — disse ele. — Tudo bem?

— Tudo. Será que você tem alguns saquinhos de chá? Para me emprestar. Quer dizer, para me dar. Os meus acabaram.

Ele me olhou de um modo curioso. Eu estava me esforçando ao máximo para parecer normal, mas devia estar exalando desespero por todos os poros.

— Claro — disse ele. — Entre.

Ele manteve a porta aberta e entrou no apartamento, deixando-me ali de pé na entrada olhando para suas costas. Em circunstâncias normais, eu teria preferido morrer a seguir um estranho para dentro de um espaço fechado, mas aquelas não eram circunstâncias normais, e se eu quisesse tomar meu chá das dez, era preciso seguir em frente.

A cozinha ficava no fim de um longo corredor e, pelo que eu percebi, bem em cima do meu quarto. Não era de se estranhar que aqueles estudantes chineses me impedissem de dormir com suas festas, pensei. Havia três sacolas de supermercado sobre a mesa da cozinha, e ele as vasculhava em busca do meu pedido.

— Comprei chá agora mesmo. O meu acabou ontem. Meu nome é Stuart, aliás. Stuart Richardson. Acabei de me mudar para cá.

Ele me estendeu a mão e eu a apertei, abrindo o sorriso mais simpático que consegui.

— Prazer. Meu nome é Cathy Bailey. Moro aqui embaixo.

— Oi, Cathy. Eu vi você no dia em que o corretor veio me mostrar o apartamento.

— Pois é. — *Só quero que você me dê o chá, pensei. Por favor, me dê logo a porra do chá. E pare de me observar desse jeito.*

— Olhe — disse ele após um instante de hesitação —, posso preparar um chá para nós. Por que você não liga a chaleira elétrica enquanto eu arrumo essas coisas? Você gostaria? Ou está muito ocupada?

Pega de surpresa, eu não podia admitir que não tinha nada melhor a fazer além de me preocupar com meu chá, e, além disso, meu relógio indicava que faltavam três minutos para as dez horas, o que significava que eu não conseguiria tomar minha xícara de chá a tempo a não ser que começasse a prepará-lo agora mesmo.

Então foi o que fiz. Achei algumas canecas sobre a pia, escolhi duas e as lavei. O leite estava na geladeira. Coloquei água para ferver na chaleira e preparei o chá, mexendo e acrescentando leite gota a gota até atingir o tom perfeito, enquanto Stuart guardava suas compras e falava sobre o tempo e sobre como havia sido ótimo encontrar um apartamento tão bom, tão próximo de uma estação do metrô em que poderia pegar a linha norte.

Conseguí tomar meu primeiro gole de chá escaldante exatamente quando os ponteiros marcaram dez horas. Relaxei um pouco e senti um alívio imediato, muito embora estivesse bebendo o chá no apartamento de um estranho que eu acabara de conhecer, e sem ter deixado meu próprio apartamento em total segurança.

Pousei a caneca sobre um descanso que havia na mesa da cozinha, girando a asa num ângulo de exatamente noventa graus em relação à beirada da mesa, o que não foi muito fácil pois a mesa era redonda. Foram necessárias algumas tentativas até eu conseguir deixá-la numa posição satisfatória. Ele olhou para mim e ergueu as sobrancelhas, e desta vez consegui esboçar um sorriso.

— Sinto muito — falei. — Estou um pouco... Sei lá. Acho que eu estava precisando de uma boa xícara de chá.

Ele deu de ombros e retribuiu meu sorriso.

— Não se preocupe. É um prazer quando outra pessoa o prepara para a gente.

Ficamos sentados à mesa da cozinha num silêncio cordial por um momento, tomando lentamente o chá. Então ele comentou:

— Eu bati na sua porta outro dia. Mas acho que você tinha saído.

— É mesmo? — falei. — Quando foi isso?

Ele pensou.

— Segunda-feira, eu acho. Eram sete e meia ou oito horas.

Quase nove, na verdade, pensei. Tentei parecer casual:

— Não ouvi nada. Talvez eu estivesse tomando banho. Espero que não tenha sido nada urgente.

— Não, nada urgente. Só queria dar um alô, me apresentar. E me desculpar, no caso de eu incomodar quando chego à noite em casa. Às vezes trabalho até tarde, nunca sei que horas vou voltar para casa.

— Não deve ser fácil — disse.

Ele concordou.

— Depois de um tempo, a gente se acostuma. Mas sempre acho que faço muito barulho nessa escada.

— Não — menti. — Depois que eu pego no sono, não ouço mais nada.

Ele me olhou por um instante como se soubesse muito bem que aquilo não era nem um pouco verdade, mas aceitou minha mentira.

— Então se algum dia eu vier a incomodar, já peço desculpas.

Eu ia começar a dizer alguma coisa, mas desisti.

— Diga — pediu ele.

— É a porta.

— A porta?

— A porta da rua. Fico com medo de não trancarem à chave. Às vezes as pessoas entram e saem e a deixam só encostada.

— Não se preocupe — disse ele. — Eu sempre me certifico de que a tranquei.

— Principalmente à noite — acrescentei, com ênfase.

— Exato, principalmente à noite. Prometo que vou verificar toda noite se a porta está trancada.

— Parecia um voto solene, e ele o proferiu sem sorrir.

Senti (quase) como se pudesse respirar de novo.

— Obrigada — falei.

Eu tinha terminado meu chá, então me levantei, voltando a reparar no ambiente ao redor e mais uma vez ansiosa para voltar ao meu apartamento.

— Tome — disse Stuart, pegando um rolo de sacos plásticos de uma gaveta e usando um como luva para apanhar um punhado de saquinhos de chá da caixa, depois virou o saco pelo avesso e deu um nó na ponta.

— Obrigada — falei mais uma vez, pegando o saco plástico. — Vou comprar amanhã. — Fiz uma pausa, e então surpreendi a mim mesma ao dizer: — Se um dia precisar de alguma coisa... Já sabe. É só bater na minha porta.

Ele sorriu.

— Pode deixar.

Seguimos para a porta, e ele deixou que eu fosse bem na frente, sem colar em mim. Saí para o corredor.

— Até mais — disse ele enquanto eu descia os degraus.

Espero que sim, disse uma vozinha dentro de mim.

Então aconteceu uma coisa bem curiosa. Voltei para meu apartamento, me sentei diante da televisão e assisti a uma hora e meia de um filme, até me dar conta de que não tinha feito minhas verificações.

Esse pequeno descuido me custou o resto da tarde e várias horas da noite.

Domingo, 16 de novembro de 2003

POR VOLTA DE ONZE E MEIA, eu já tinha me rendido ao amor. Bem, na verdade ao desejo. E talvez minha percepção estivesse ligeiramente turva, por conta do vinho tinto ridiculamente caro e da dose de conhaque.

Eu tinha me encontrado com Lee no centro da cidade às oito. Quando chegou, ele parecia ainda menos um segurança de boate, apesar de estar novamente de terno. Mas dessa vez era um terno bastante elegante, o paletó justo sobre seus bíceps na medida certa, uma camisa escura por baixo. Seu cabelo louro e curto ainda estava um pouco molhado. Ele me deu um beijo no rosto e me ofereceu o braço.

Enquanto esperávamos nossos pratos, ele falou sobre o destino. Passou o polegar suavemente pelas costas da minha mão, explicando que por pouco nunca teríamos nos conhecido; disse que o fim de semana anterior ao Halloween deveria ter sido seu último dia no River; que só havia concordado em trabalhar mais alguns dias para dar uma mãozinha ao proprietário, que era um bom amigo seu.

— Eu poderia nunca ter encontrado você — disse ele.

— Pois é, mas encontrou — falei. — E aqui estamos nós.

Ergui minha taça de vinho para ele e fiz um brinde ao futuro, ao que viria pela frente.

Bem mais tarde, saímos do restaurante para o ar gelado. um vento cortante começou a soprar quando chegamos ao ponto de táxi da Penny Street. Lee tirou o paletó e o colocou sobre meus ombros. A roupa tinha um leve perfume cálido, o odor de sua água de colônia. Enfiei os braços nas mangas e senti o forro de seda na minha pele, o calor dele, e me senti pequena e segura dentro daquele espaço. Apesar disso, eu ainda batia o queixo.

— Venha cá, você está tremendo — disse ele, me abraçando e afagando minhas costas e meus braços.

Aninhei a cabeça, pesada devido ao vinho e às várias noites de pouco sono, no seu ombro. Eu poderia ter ficado, apoiada nele para sempre.

— É tão gostoso ficar assim.

— Que bom — disse ele. E, depois de uma pausa, acrescentou: — Devo admitir que você fica incrivelmente sexy com esse vestidinho preto e o meu paletó.

Ergui o rosto, e seu beijo foi delicado, como tudo mais nele; um simples roçar de seus lábios nos meus. Ele levou a mão ao meu rosto, meus cabelos entre seus dedos. Tentei interpretar sua expressão, mas estava escuro, seu rosto nas sombras.

Naquele exato instante, um táxi parou. Ele abriu a porta para mim.

— Queen's Road, por favor — falei.

Ele fechou a porta depois que entrei e eu abri a janela.

— Você não vem?

Ele balançou a cabeça, sorrindo.

— Você precisa dormir um pouco. Amanhã tem que trabalhar. A gente se vê.

Antes que eu tivesse a oportunidade de responder, o táxi arrancou.

Eu não sabia se estava totalmente apaixonada por ele ou apenas ligeiramente decepcionada. Só quando cheguei em casa percebi que ainda estava com seu paletó.

Quarta-feira, 21 de novembro de 2007

DESDE SÁBADO TENHO A IMPRESSÃO DE ver Stuart o tempo todo. Quando saí para o trabalho na segunda de manhã, ele também estava indo trabalhar. Parecia estar precisando muito se barbear e dormir várias horas mais.

— Bom dia, Cathy — disse ele ao me ver.

— Oi — respondi. — Indo trabalhar?

— É. Sinto como se tivesse acabado de chegar em casa, mas pelo visto eu estava dormindo.

Ele me deu um breve aceno e fechou a porta após eu passar, batendo-a e dando uma sacudida para ver se estava bem fechada. Fiquei um momento ali parada, dando a ele a chance de virar a esquina e desaparecer, para que então eu mesma pudesse conferir a porta. Estava bem fechada. Seguramente fechada. Verifiquei mais uma vez.

Na terça-feira, eu o ouvi subindo logo depois das onze. Até o som de seus passos parecia cansado. Eu me perguntei com o que ele trabalharia para ficar tão exausto.

Hoje de manhã, ele entrou no prédio no momento em que eu estava conferindo a minha porta. Ouvi-o subindo a escada, mas continuei com minhas verificações até o último segundo; como sempre, eu estava atrasada.

— Bom dia — disse ele, animado. — Como vai?

Ele parecia estar bem melhor.

— Tudo bem. E você? Não deveria estar saindo em vez de entrando?

Ele sorriu.

— Eu? Não. É meu dia de folga, hoje. Só saí para comprar croissants. — Ele ergueu o saquinho, como se para provar onde estivera. — Vou passar o dia à toa e comer até cansar. Aceita um?

Devo ter parecido chocada por um instante, porque ele sorriu e disse:

— Mas acho que você está indo para o trabalho...

— Pois é — respondi, talvez um tanto ansiosa demais. — Outra hora, quem sabe?

Ele sorriu de novo e me deu uma piscadela.

— Vou cobrar. — Ele olhou para além de mim: — Tudo certo com a sua porta?

— Minha porta?

— Não está fechando direito?

Minha mão ainda estava na maçaneta.

— Ah, sim. É que às vezes fica emperrada, só isso. — Dei um puxão com força.

Por favor, vá embora, eu repetia dentro da minha cabeça, mas ele não podia ouvir o pedido. Por fim, tive que me despedir e sair

sem verificar a porta direito.

Embora seja uma pequena compensação, desde que Stuart se mudou para cá, nunca mais encontrei a porta do prédio destrancada.

Segunda-feira, 17 de novembro de 2003

PASSEI O DIA TODO EM UM estado de excitação, revivendo os melhores momentos da noite passada, agoniada, esperando seu telefonema — será que ele iria telefonar? E o que eu diria a ele quando ligasse?

Ele acabou ligando à tarde, quando eu estava prestes a sair do trabalho.

— Oi, sou eu. Teve um bom dia?

— Bem, você sabe... estava trabalhando. Ainda estou com o seu paletó.

Ele deu uma risadinha.

— Eu sei. Não se preocupe. Pode me devolver quando nos encontrarmos de novo.

— E quando vai ser isso?

— O mais breve possível — respondeu ele, sua voz repentinamente séria. — Não consegui parar de pensar em você o dia todo.

Pensei por um instante.

— Esse fim de semana?

Silêncio no outro lado da linha.

— No fim de semana eu não posso, vou trabalhar. Além disso, não vou conseguir esperar tanto. Que tal hoje à noite?

Sábado, 24 de novembro de 2007

A FESTA DE NATAL FOI ONTEM à noite.

Sinto como se algo tivesse mudado em minha vida. Para pior, é claro — logo agora que eu estava começando a me sentir mais segura aqui. Hoje de manhã senti minhas pernas bambas, e não tinha nada a ver com qualquer bebida alcoólica que eu tivesse tomado ou não ontem à noite. Para falar a verdade, faz mais de um ano que não tomo nenhuma bebida alcoólica — atualmente, acho que não conseguiria me controlar.

Não: hoje de manhã o chão parecia instável sob meus pés, como se pudesse se abrir a qualquer momento. Verifiquei o apartamento várias vezes, desde que me levantei, às quatro horas, sempre tendo que me escorar nas paredes para poder me deslocar pelos cômodos. Ainda não estou satisfeita com o resultado. Acho que terei de recomeçar daqui a pouco.

Ontem à noite, reuni toda a minha coragem e saí. Comecei a me preparar para isso bem cedo. Antigamente, quando saía à noite, eu só precisava tomar um banho e passar pelo menos meia hora escolhendo o vestido e os sapatos, me maquiando e me penteando, tomando, enquanto isso, algumas taças de vinho branco gelado e recebendo e respondendo as mensagens de texto das minhas amigas. *Vai vestir o q hj? Não use o vestido azul. Até mais.*

Hoje em dia, me preparar para sair significa verificar tudo. Duas vezes. Depois mais uma vez, porque comecei um minuto depois da hora certa. E uma quarta vez, porque levei dois minutos a menos do que deveria ter levado. Desde o momento em que voltei do trabalho ontem à noite até a hora de sair, fiquei verificando tudo.

Já eram quase oito horas quando enfim cheguei à porta da rua, o que foi um grande alívio.

Eu já havia perdido a hora para encontrar o pessoal no pub, mas ainda poderia alcançá-los — talvez estivessem a caminho do restaurante. Ensaio mentalmente minhas desculpas pelo atraso,

apressei o passo pela High Street, quando vi Stuart vindo na minha direção. Apesar de estar escuro e de eu usar um sobretudo preto e uma echarpe, ele também me viu.

— Oi, Cathy. Vai sair esta noite?

Ele vestia um casaco marrom-escuro e, por baixo, um daqueles cachecóis de universidade. Sua respiração lançava uma fumaça no ar.

Eu não pretendia falar com ele. Queria apenas cumprimentá-lo com um gesto de cabeça e dar um vago sorriso, mas ele estava bloqueando o meu caminho.

— É — respondi. — Festa de fim de ano com o pessoal do trabalho.

— Ah — disse ele, assentindo. — Tenho uma dessas semana que vem. Talvez a gente se veja mais tarde. Vou encontrar uns amigos.

— Seria legal — eu me vi respondendo, como se uma espécie de piloto automático tivesse tomado conta de mim.

Ele abriu um sorriso caloroso.

— Até mais, então — disse ele, me deixando passar.

Senti que ele me observava enquanto eu me afastava. Eu não sabia dizer se isso era bom ou não. Antigamente era ruim ser observada assim. Nos últimos anos eu passava o tempo todo sentindo que era observada, não conseguia me livrar dessa sensação. Mas dessa vez foi diferente. Eu me senti segura.

Eu não estava tão atrasada quanto pensava, pois encontrei o pessoal ainda bebendo num bar chamado Dixey's. O lugar estava cheio embora ainda fosse cedo, e as garotas do meu trabalho já estavam meio alteradas, falando alto e agitadas, vestindo pouca roupa. Eu devia estar parecendo uma dama de companhia, a tia solteirona delas, com minha calça preta mais elegante e uma blusa de seda cinza. Era um modelo bonito, mas nada decotado. Tampouco festivo.

Caroline, a gerente financeira, parecia sentir a necessidade de me fazer companhia durante a maior parte da noite. Talvez também se sentisse um pouco deslocada. Ela era a única casada; alguns anos mais velha que eu, e com três filhos. Seu cabelo estava

ficando grisalho, como o meu, mas ela fizera o certo: tingira-o de um tom de castanho mais para chocolate, com alguns reflexos ruivos. Quanto ao meu, tudo o que eu conseguira me obrigar a fazer fora passar a cortá-lo bem curto, todo mês, com a única cabeleireira que encontrei que não fica falando comigo enquanto faz seu trabalho.

Pelo menos Caroline não me fez muitas perguntas, parecia satisfeita só em me contar suas histórias, que eu ouvia sem prestar tanta atenção. Mas não era só isso. Eu não acreditava que ela fosse do tipo que adora jogar conversa fora. Acho que ela sabia que eu estava me esforçando para continuar naquele ambiente e que, se me perguntasse como eu estava ou se eu estava bem, eu simplesmente desabaria.

Então, quando chegamos ao Thai Palace, eu me sentei na ponta de uma longa mesa, com Caroline à minha frente. Ela deve ter pensado que eu queria apenas me afastar do barulho, mas, na realidade, ficar encurralada no meio de uma mesa comprida em um restaurante lotado era uma situação assustadora para mim. Ali na ponta, mais perto da porta, eu ficaria de olho na saída de emergência dos fundos e poderia ver quem entrava, antes que me vissem. Poderia me esconder.

Enquanto isso, as meninas falavam mais alto do que eu julgava necessário e riam de coisas que certamente não eram engraçadas e nunca tinham sido. Não paravam de mexer os braços, balançando, por tabela, os enormes brincos e os brilhantes cabelos escovados. Eu nunca fui assim. Ou será que já?

Robin estava sem dúvida se divertindo, espremido entre Lucy e Diane, bem em frente ao decote impressionante de Alison. Ele era daquele tipo que ri de forma irritante, e agora estava rindo mais alto do que nunca. Eu o achava um homem repulsivo, com o rosto lustroso e o cabelo cheio de gel, as mãos úmidas e uma boca vermelha enorme. Tinha um ar afetado e arrogante que sempre esconde uma baixa autoestima. No entanto, não hesitava em gastar dinheiro e era capaz de se mostrar bastante atencioso. Todas as garotas o adoravam.

Robin dera em cima de mim certa vez, pouco depois de eu ser contratada. Ele me encurralou na sala da fotocopiadora e me perguntou se eu gostaria de beber alguma coisa com ele depois do expediente. Apesar do pânico, consegui sorrir e dizer “Não, obrigada”. Não queria parecer fria demais, mas obviamente foi a impressão que passei, porque logo depois surgiram rumores de que eu era gay. Achei graça. Suponho que o fato de ter cabelo curto e não me maquiar pode ter reforçado essa ideia. Pois bem, por mim estava ótimo — pelo menos essa história manteria afastados alguns daqueles esnobes representantes de venda.

Antes do prato principal, mas depois de mais uma rodada de bebidas, o saco com os presentes do amigo oculto apareceu, e, desnecessário dizer, Robin ficou imensamente feliz em ser o centro das atenções e bancar o Papai Noel.

Seu corpo sugeria que ele costumava malhar no passado mas que agora restringia seus exercícios a uma caminhada pelo campo de golfe uma ou duas vezes por semana. Acho que, se alguém conseguisse ignorar sua voz e sua risada, poderia considerá-lo um cara bonito. Caroline havia cochichado comigo que ele estava saindo com Amanda, uma das representantes comerciais, e que o casamento dele andava mal. Isso não me surpreendeu.

O fato de sair com Amanda não parecia desencorajá-lo para outras paqueras, pelo que notei: ele investia intensamente nas duas moças ao seu lado — uma delas tão jovem que poderia ser sua filha. Ela olhava com timidez para ele, e eu me perguntei se os dois acabariam mais tarde no quarto de algum motel.

Meu presente de amigo oculto estava fechado à minha frente. O embrulho era lindo — um bom presságio. Por um instante me perguntei se alguém não teria comprado pra mim alguma coisa grosseira, o que seria bem engraçado, mas o embrulho não indicava isso. Eu teria que abri-lo.

Em torno de toda a mesa, exclamações, gritos e gargalhadas se mesclavam ao som de papel sendo rasgado. Alguém dera a Caroline uma garrafa de vinho tinto — nada original, mas ela pareceu bastante satisfeita.

No momento em que abri o meu presente, desejei de todo o coração que não o tivesse feito.

Era um par de algemas, revestidas com um material felpudo cor-de-rosa, e uma camisola de cetim vermelho.

Meu coração batia forte, pelas razões erradas. Olhei em torno da mesa e, no outro extremo, Erin me olhava com uma expressão ansiosa — deve ter sido ela. Eu sorri como pude, articulei os lábios com um silencioso “Obrigada”, então guardei tudo outra vez na embalagem e coloquei o presente embaixo da minha cadeira.

Não sei qual dos dois objetos provocou aquela reação. A camisola de cetim vermelho era linda, de qualidade, e ficaria perfeita em mim. Talvez não fosse a camisola; talvez fossem as... a outra coisa.

— Você está bem? — perguntou Caroline. Seu rosto estava corado e ela já começava a enrolar as palavras. — Ficou mais branca que papel.

Apenas assenti com a cabeça, pois tinha medo do que poderia acontecer se eu dissesse alguma coisa.

Pouco depois, fugi para o banheiro, o presente de amigo oculto enfiado de qualquer jeito na bolsa. Ao empurrar a porta, percebi que minha mão tremia. Felizmente, não havia ninguém lá dentro. Fui primeiro até uma das cabines, apoiei as mãos de leve na porta fechada e tentei respirar, me acalmar. Meu coração batia tão rápido que eu não conseguia ouvir nem sentir mais nada, só minha pulsação.

Retirei o presente da bolsa. O papel de embrulho me dava o consolo de que pelo menos eu não precisaria tocar no conteúdo, e de que os objetos em si não haviam entrado em contato com a minha bolsa. Ainda tremendo, levantei a tampa da lixeira e, franzindo o nariz com aquele fedor repentino, joguei tudo lá dentro.

O alívio foi pequeno, mas imediato. Peguei minha bolsa e apertei a descarga no momento em que a porta se abriu e três moças entraram, rindo e falando alto sobre um cara chamado Graham e sobre como ele era um otário. Lavei as mãos enquanto cada uma delas entrava em uma cabine, gritando umas para as outras e rindo. Lavei as mãos novamente. E uma terceira vez.

Quando as três descargas foram acionadas simultaneamente e as portas das cabines destrancadas, sequei as mãos em uma toalha de papel e saí.

O restante do jantar correu bem. Assim que os pratos chegaram e tive com o que me ocupar, acho que me acalmei um pouco. Todos estavam felizes e absorvidos em suas conversas, o que significava que eu podia observar os outros e ficar de olho na rua.

A High Street estava movimentada. Grupos de pessoas passavam pela nossa janela se dirigindo aos pubs e restaurantes, a maioria feliz e rindo à toa. Depois de um tempo, me dei conta de que eu observava os rostos à procura de Stuart. Isso não era bom. Virei-me de volta para a mesa e tentei ao máximo participar da conversa.

Quando o jantar acabou, minha intenção era escapar e voltar para casa assim que possível, mas não foi exatamente o que aconteceu.

— Vamos beber alguma coisa — propôs Caroline. — Vamos, vai ser rápido. Estamos indo ao Lloyd George. Não me deixe sozinha com essa criançada.

Ela enlaçara o braço no meu e agora me afastava da Talbot Street e da minha casa. Deixei que ela me conduzisse. Não sei por quê. Uma parte de mim sentia-se disposta a enfrentar desafios aquela noite. Eu queria me lembrar de como era me sentir livre.

O Lloyd George estava aconchegante e, ao contrário dos outros pubs, não muito lotado. O lugar havia sido antes um teatro, de forma que o teto alto e as sacadas na parte superior davam ao ambiente uma impressão de clareza e amplitude. Pedi um suco de laranja e fiquei com Caroline ao lado do bar, ouvindo-a tagarelar sobre sua viagem à Flórida e como a gasolina era barata por lá. Vi Stuart antes que ele me visse, mas só um segundo — ele me pegou olhando para ele e, antes que eu pudesse desviar o olhar, sorriu, disse alguma coisa ao sujeito do seu lado e veio na minha direção.

— Oi, Cathy — disse ele, gritando para ser ouvido acima do alarido das conversas. — Está se divertindo?

— Sim — respondi. — E você?

Ele fez uma careta.

— Agora que encontrei você, sim. Eu estava morrendo de tédio conversando com Ralphie.

Ele apontou a garrafa de cerveja na direção do sujeito com quem estava antes, um rapaz com cara de nerd, usando óculos e um cachecol de um tom de marrom indefinível, que agora fingia participar de uma conversa com o pessoal à sua direita.

— Colega de trabalho? — perguntei.

Ele riu.

— Meu irmão caçula. — Ele tomou um gole de cerveja. — Como foi a sua festa?

— Nada mal. Fazia muito tempo que eu não comia fora.

Coisa idiota para se dizer, pensei. O problema era que aquela garota assustada não era eu. Eu sabia conversar com as pessoas. Era animada, simpática, falante. Ficar de boca fechada sempre fora um desafio para mim. Eu me perguntei se um dia me acostumaria.

A risada estridente de Robin se destacou em meio à barulheira geral. Stuart lhe lançou um olhar.

— Ele está com vocês?

Assenti, erguendo as sobrancelhas.

— É um babaca — falei.

Houve uma breve pausa em que ambos tentamos pensar no que dizer em seguida.

— Então — disse ele finalmente, inclinando a cabeça na direção da Talbot Street—,faz tempo que você mora aqui?

— Um ano, mais ou menos.

Ele assentiu com a cabeça.

— Gostei do prédio. Já me sinto em casa.

Eu me surpreendi sorrindo para ele. Seus olhos verdes me fitavam, cheios de um brilho infantil

— fazia muito tempo que eu não conhecia alguém assim tão entusiasmado.

— Que bom.

Acima da algazarra, escutei alguém chamar "Stu!". Nós dois olhamos na direção da porta e vimos Ralphie acenando para ele. Ele acenou de volta para indicar que já estava indo.

— Tenho que ir — disse ele.

— Tudo bem.

— Vejo você mais tarde?

Alguns anos atrás, a resposta para essa pergunta seria um sim automático. Eu ficaria fora a noite toda, de bar em bar, encontrando amigos, deixando alguns deles para trás e reencontrando-os depois em outro lugar, passando de um pub para uma boate e para um bar qualquer sem me preocupar com nada. Encontrar alguém mais tarde poderia significar apenas isso, ou então dar uns amassos em algum canto, voltar cambaleando para casa e fazer sexo a noite toda, e no dia seguinte acordar com uma dor de cabeça excruciante e uma necessidade urgente de vomitar.

— Não sei — respondi. — Acho que vou embora daqui a pouco.

— Quer que eu a espere? Posso acompanhá-la até em casa.

Tentei decifrar em seus olhos o que ele queria dizer, se estava disposto a ir comigo até em casa só pela minha segurança ou se queria me acompanhar até em casa para então ver o que acontecia.

— Eu agradeço — falei—,mas não precisa. É perto daqui. Vá se divertir. A gente se vê outro dia.

Ele hesitou por um momento e então sorriu. Depois, inclinando-se ligeiramente na minha direção para deixar a garrafa vazia no balcão, saiu para a noite, indo atrás de Ralph.

— É seu namorado? — perguntou Caroline, virando-se para mim.

Balancei a cabeça em negativa.

— Que pena — comentou ela. — Ele é bonito. E obviamente está interessado em você.

— Você acha? — perguntei, ainda sem saber se aquilo era bom ou não.

Ela assentiu vigorosamente.

— Sou especialista nesse tipo de coisa. Pelo jeito como ele olhava para você... Aliás, quem é esse cara?

— Mora no apartamento acima do meu — respondi. — Seu nome é Stuart.

— Pois bem — disse ela —, se eu fosse você, iria atrás dele, antes que alguém faça isso primeiro.

Os outros debatiam sobre aonde ir depois dali. Não sabiam se deveriam pegar um táxi e ir direto

para o West End ou tomar mais algumas no Red Lion, porque, ao que tudo indicava, Erin estava a fim de um barman de lá. De qualquer forma, eu não pretendia ir com eles. E definitivamente não chegaria nem perto do Red Lion, pois sempre havia seguranças na porta.

Fomos todos para a rua novamente e seguimos em meio à multidão para o Red Lion, na direção da Talbot Street, onde eu pretendia me separar discretamente deles e ir para casa. Fui caminhando deliberadamente devagar, com a intenção de ficar para trás sem ser notada e assim poder escapulir.

Ouvi um ruído atrás de mim, um berro.

Era Robin, saindo do Lloyd George ainda fechando a braguilha. Pelo visto ele tinha desistido de Diane e Lucy, porque por algum motivo achou que seria uma boa ideia dar em cima de mim.

— Cathyyyy — disse ele, seu bafo fedendo a cerveja, uísque e frango tailandês com curry. — Já falei que você está sensacional hoje?

Ele colocou um braço sobre meus ombros. Estava tão perto de mim que eu sentia o calor emanando de seu corpo. Esgueirei-me e apressei o passo, para tentar alcançar os outros; não queria responder a ele, me sentia incapaz de dizer qualquer coisa.

— O que houve, minha boneca? Não quer falar comigo?

— Você está bêbado — falei baixinho, encarando as costas de Caroline numa tentativa de fazer com que ela se virasse para trás e me salvasse.

— Mas, meu amor — retrucou ele, de modo enfático—, claro que eu estou bêbado, estamos na nossa festa de fim de ano, porra. A intenção é essa.

Parei de andar e me virei para ele. Em algum lugar dentro de mim, o medo havia sido superado pela raiva.

— Robin, vá encher o saco de outra pessoa.

Ele parou também, e seu rosto atraente tinha se tornado sarcástico.

— Sua vaca frígida — disse ele, bem alto. — Aposto que só a sua namorada consegue deixar você molhadinha.

Isso, por alguma insondável razão, me fez sorrir.

Evidentemente, minha reação foi um equívoco. Antes que eu me desse conta, ele me empurrou com força, e eu tropecei até atingir uma parede e todo o seu corpo pressionar o meu. Seu hálito era terrível, e eu não conseguia sequer respirar por causa de seu peso, e então seu rosto cobriu o meu, sua boca colou na minha, sua língua invadiu minha boca.

Segunda-feira, 17 de novembro de 2003

ERA QUASE MEIA NOITE QUANDO Lee finalmente apareceu.

Ele dissera que viria à minha casa às oito, ou mais ou menos nesse horário, e depois não dera mais notícias — nenhum telefonema nem mensagem de texto, nada, até quase meia-noite. Às onze, furiosa, quase saí de casa, mas em vez disso resolvi ir dormir. Passei a noite toda lutando contra o impulso de ligar para ele e perguntar “Onde está você?”, mas em vez disso fiz uma faxina, limpei o banheiro, mandei e-mails para alguns amigos e fui ficando cada vez mais irritada.

Até ouvir a batida na porta.

Deitada na cama olhando para o teto, eu não sabia se tinha realmente ouvido algo, até que bateram de novo, dessa vez ligeiramente mais forte. Contemplei a possibilidade de ignorá-lo; era isso o que ele merecia, por me deixar esperando daquele jeito! Além disso, eu estava de pijama.

Esperei alguns instantes e não ouvi mais nada, só que não consegui mais continuar ali deitada. A raiva pressionava meu estômago como um peso morto. Suspirando, levantei-me da cama e descii a escada sem fazer barulho e acendi a luz do corredor. Estava ensaiando mentalmente a bronca que eu daria nele quando abri a porta.

Havia sangue no seu rosto.

— Ah, meu Deus! Merda! O que aconteceu?

Mesmo descalça, cruzei a porta, tocando seu rosto, sua pele, sentindo-o encolher de dor ao meu toque.

— Posso entrar? — perguntou ele, com um sorriso atrevido.

Ele não estava nem um pouco bêbado, ao contrário do que eu tinha pensado a princípio. E estava vestido de uma forma muito diferente da última vez em que eu o vira: uma calça jeans imunda, uma camisa que algum dia já fora azul-clara mas que agora estava estampada com nódoas de sangue e manchas de gordura, um casaco marrom esfarrapado e um par de tênis que devia ser muito

velho. Mas não senti bafo de álcool nele — apenas suor, sujeira e o cheiro da noite fria lá fora.

Depois dessa primeira impressão, o que me ocorreu, e que acabei verbalizando, foi:

— Que raios aconteceu com você?

Ele não respondeu, mas eu tampouco lhe dei a oportunidade, puxando-o para dentro e fazendo com que sentasse no sofá, enquanto eu pegava algodão, antisséptico, toalha e água morna. Na semiescuridão, sob a pouca luz que vinha do corredor, limpei o sangue em torno de seu olho, sentindo o inchaço na pele diminuir. O sangue vertia de um corte na sua sobrancelha.

— Você vai me contar? — perguntei baixinho.

Ele olhou para mim e afagou meu rosto.

— Você está linda — falou. — Sinto muito por estar tão atrasado.

— Lee, por favor. O que aconteceu?

Ele balançou a cabeça.

— Não posso contar. Só posso dizer que lamento muito não ter conseguido chegar às oito. Tentei de todas as maneiras achar um telefone, mas não consegui.

Parei de cuidar de seu rosto e o encarei. Ele parecia sincero, ao menos.

— Tudo bem — falei. — Você está aqui agora. — Pressionei o algodão contra sua sobrancelha por um instante. — Embora o jantar esteja arruinado.

Ele riu, depois estremeceu um pouco.

— Levante a camisa — ordenei, e, como ele não obedeceu imediatamente, comecei a desabotoá-la eu mesma. um lado de seu peito estava vermelho e arranhado; no dia seguinte surgiriam os

hematomas. — Meu Deus, você deveria estar na emergência de um hospital, não na minha casa.

Suas mãos foram parar nas minhas costas, e ele me puxou em sua direção.

— Eu não vou a lugar algum.

Seu beijo começou delicado, mas isso durou pouco tempo. Depois se tornou violento e urgente, e eu retribuía com maior intensidade ainda. Ele enfiou os dedos por entre os meus cabelos, puxando meu rosto contra o seu. Depois de um instante eu me afastei um pouco, mas somente para tirar minha camiseta pela cabeça.

Para uma primeira vez, não foi nada muito especial. Ele cheirava a óleo de máquina e tinha gosto de café instantâneo da véspera; seu rosto estava áspero por causa da barba por fazer e ele o pressionava contra o meu, mas ainda assim eu o desejava loucamente. Embora ele parecesse ter esquecido que talvez fosse uma boa ideia usar preservativo, eu não queria interrompê-lo; foi tudo rápido e desajeitado, braços e pernas dando nós, as roupas ainda atrapalhando. Ele respirava de forma rápida e ríspida no meu pescoço, e alguns minutos depois saiu de dentro de mim e gozou na minha barriga.

Na penumbra, vi seus olhos azuis se encherem de lágrimas, enquanto sua respiração desacelerava. Ele pareceu engasgar, soluçar, e eu o puxei novamente na minha direção, sentindo as gotas quentes contra meu peito, de lágrimas ou sangue, eu não sabia ao certo.

— Sinto muito — disse ele. — Está tudo errado. Eu não queria que fosse assim. Queria que fosse diferente. Sempre faço isso, acabo sempre fazendo merda.

— Lee — falei —, está tudo bem. De verdade.

Quando ele se acalmou de novo, deixei-o no sofá e preparei chá com torradas. Ele comeu como se estivesse à beira da inanição, e eu fiquei sentada à sua frente, observando-o, me perguntando o que havia acontecido e como eu poderia convencê-lo a falar sobre o assunto. Depois que ele terminou de comer, levei-o para o chuveiro e pude enfim limpá-lo direito. Ele ficou encostado na parede, de olhos fechados, enquanto eu passava a esponja pelo pescoço e pelas costas dele. Seu ombro direito estava seriamente esfolado, como se ele tivesse saltado de um carro em movimento e rolado no asfalto. A mão direita estava inchada, os nós dos dedos todos arranhados; estava claro que o sujeito com quem ele se metera

também tinha apanhado muito. Sob seu braço esquerdo, profundas marcas vermelhas desciam até a base das costas. Talvez ele tivesse quebrado algumas costelas. Comecei a lavar seu cabelo, usando o chuveirinho para enxaguar o xampu sem deixar a espuma cair nos olhos. Havia mais sangue no seu couro cabeludo, sobre a orelha direita; muito sangue, e já solidamente coagulado, mas não vi nenhum ferimento aparente. De onde quer que tivesse vindo, escorreu todo pelo ralo e desapareceu.

Sábado, 24 de novembro de 2007

EU O EMPURREI COM TODA A minha força e senti um grito preso na garganta, um terror extremo fazendo meu coração disparar, tentando levantar meu joelho para acertar sua virilha. E então, num átimo de segundo, ele se afastou de mim com um grunhido.

Por um instante, só consegui ver um homem arrastando Robin pela gola da camisa e então o empurrando com tanta força que ele caiu no chão.

— Cai fora — disse alguém. — Ande logo, dê o fora antes que eu acabe com você.

— Tudo bem, amigo, tudo bem, calma aí. Está certo.

Robin se ergueu com dificuldade, tirou a poeira da calça e saiu andando para alcançar os outros, que não tinham reparado em nada do que acabara de acontecer.

Era Stuart.

Eu ainda estava imobilizada pelo medo, encostada em uma parede imunda e grafitada, a respiração entrecortada, os punhos cerrados, um formigamento começando nos dedos. Eu já sentia o terror voltando, e tentava ao máximo sufocá-lo. Eu realmente não precisava sofrer um ataque de pânico às onze da noite na High Street.

Ele se aproximou de mim, mas não demais. Ficou de lado, de modo que a luz que vinha da janela de uma imobiliária incidia sobre seu rosto e eu podia identificá-lo.

— Você está bem? Não, é claro que não. Pergunta imbecil. Ok. Respire fundo. Vamos, respire comigo.

Ele colocou a mão no meu braço e, ignorando minha esquiva, fez com que eu olhasse nos seus olhos.

— Respire fundo e segure o ar. Vamos lá. Inspire, segure o ar.

Sua voz era calma, tranquilizante, mas aquilo não estava funcionando.

— Preciso voltar para casa, eu...

— Espere só um segundo. Recupere o fôlego.

— Eu...

— Eu estou aqui. Está tudo bem. Aquele imbecil já foi. Agora respire, com calma, vamos lá, respire comigo um instante. Olhe para mim. Isso mesmo.

Então eu fiquei ali parada, concentrando-me em respirar. Apesar de tudo, apesar do pavor e do choque, percebi que meu coração aos poucos se acalmava. Mas eu ainda tremia.

Seu jeito de me olhar, firme e resoluto, era enervante e tranquilizador ao mesmo tempo.

— Pronto, bem melhor — disse ele após alguns minutos. — Você consegue andar?

Apenas assenti, sem ousar dizer coisa alguma, e tentei sair dali. Minhas pernas tremiam, e eu cambaleei.

— Aqui — disse ele, oferecendo o braço.

Hesitei por um instante, sentindo o terror voltar. Eu queria sair correndo, queria correr sem parar e não olhar para trás. Mas acabei me apoiando em seu braço, e juntos começamos a caminhar na direção da Talbot Street, de casa.

De repente um carro de polícia parou ao nosso lado, e um policial alto e magro saltou.

— Esperem um momento, por favor — disse o homem.

Comecei a tremer ainda mais.

— Algum problema? — perguntou Stuart.

— O sistema de câmeras flagrou você lá atrás — disse o policial, dirigindo-se a mim. Seu rádio, preso ao colete à prova de balas, apitava e falava sozinho.

— Parece que alguém andou criando problemas para você. Está tudo bem?

Assenti energicamente.

— Você me parece um pouco trêmula — disse o policial, lançando-me um olhar de suspeita. — Bebeu demais?

Balancei a cabeça em negativa.

— É só... o frio — respondi, batendo o queixo.

— Você conhece esse homem? — perguntou o policial.

Assenti outra vez.

— Vou acompanhá-la até em casa — disse Stuart, explicando ao policial. — Fica logo ali.

O policial fez que sim com a cabeça, examinado a nós dois. Dentro do carro, o outro policial o chamou:

— Rob, chamada urgente.

— Bom, já que vocês estão bem... — disse o policial, já entrando no carro, e a sirene disparou logo em seguida, assustando-me terrivelmente.

Voltamos a caminhar. Eu só tinha bebido um suco, mas a cada passo tinha a impressão de que o chão estava se mexendo.

— Você não gosta da polícia, hein — comentou Stuart. Não era uma pergunta.

Não respondi. As lágrimas não paravam de escorrer por meu rosto. Só de ver o policial eu já ficara em pânico, aquelas algemas presas ao seu colete, e o som da sirene acabaram de vez comigo.

Quando chegamos à porta do nosso prédio, Stuart estava praticamente me sustentando em pé. Eu me agarrava a seu braço como a uma tábua de salvação, amedrontada demais para soltá-lo.

— Vamos comigo até o meu apartamento, eu faço um chá para você — disse ele.

Assim que a porta se fechou, eu o soltei e verifiquei tudo, só uma vez, muito embora ele estivesse ao meu lado. Abri e fechei a porta, a sacudi duas vezes para confirmar que estava trancada, e passei os dedos na junção com o batente, a fim de garantir que não havia ficado ligeiramente aberta. Eu queria repetir o processo, mas percebi que ele estava me observando. Consegui esboçar um sorriso débil.

— Obrigada. Daqui em diante eu me viro.

Esperei que ele subisse a escada para eu poder verificar outra vez a porta, mas ele não saiu do lugar.

— Por favor. Venha só tomar um chá comigo. Vou deixar a porta aberta, assim você pode ir embora quando quiser. Tudo bem?

Eu o encarei.

— Vou ficar bem. Obrigada.

Ele não se mexeu.

— Por favor, Stuart, pode voltar lá e encontrar seus amigos. Estou bem agora, sério mesmo.

— Só uma xícara de chá. A porta está trancada, eu vi que você a trancou. Você está segura. — Sua mão estava estendida, esperando a minha.

Não segurei sua mão, mas desisti de verificar a porta outra vez.

— Ok. Obrigada.

Você está segura? Que coisa estranha de se dizer, pensei, subindo atrás dele. Nem olhei para a minha porta ao passarmos pelo meu andar, pois não conseguiria resistir à necessidade de verificar se estava bem fechada. Pelo meu estado, eu sabia que não conseguiria dormir aquela noite.

Assim que entramos, ele acendeu todas as luzes do apartamento, e então começou a esquentar a água na chaleira. À esquerda da cozinha havia uma sala ampla e sem divisórias, com duas janelas salientes que davam para a rua. Vasos de plantas frondosas e bem verdes estavam enfileirados sobre o parapeito. Eu me aproximei da janela e olhei para fora. Apesar da escuridão, dali se tinha uma boa visão da High Street, onde um monte de gente ainda passava de lá para cá sem a menor preocupação com o mundo. Dali de cima se podia ver quase todos os telhados das casas do outro lado da rua. Via-se também os postes londrinos e suas lâmpadas alaranjadas iluminando todo o caminho até o rio; ao longe, as luzes piscando no Canary Wharf; e, mais adiante, o Domo, aceso como uma espaçonave pousada na cidade.

Ele colocou uma caneca de chá sobre a mesa de centro, para mim, e sentou-se em uma das poltronas.

— Como está se sentindo? — perguntou gentilmente.

— Estou bem — menti.

Meu queixo batia. Sentei no sofá, que era baixo, macio e surpreendentemente confortável, e abracei meus joelhos. De repente me senti muito cansada.

— Você vai ficar bem, mais tarde? — perguntou ele.

— Claro — respondi.

Ele hesitou, e então tomou um gole de chá.

— Se você sentir que está prestes a sofrer um ataque de pânico, me chame. Suba e bata na porta, ok?

Considerarei a questão por um momento, sem responder. *Seria ótimo*, era o que eu queria dizer, porque sabia perfeitamente que ele estava certo, eu com certeza teria um ataque de pânico mais tarde. Mas também sabia que, quando isso acontecesse, nada no mundo me faria sair do meu apartamento.

Percebi que minhas mãos tinham parado um pouco de tremer, o suficiente para eu conseguir pegar a caneca e tomar um gole de chá. Estava quente e, curiosamente, até bem razoável. Faltava um pouco mais de leite, mas tinha o bastante para me permitir tomar.

— Sinto muito — falei.

— Não precisa se desculpar — respondeu ele. — Não faça isso. Não foi culpa sua.

Essas palavras fizeram as lágrimas voltarem. Deixei a caneca na mesa e cobri o rosto com as mãos. Em parte eu esperava que ele se aproximasse para tentar me abraçar, então me concentrei para suportar o choque que isso me causaria, mas não foi o que aconteceu. Depois de alguns instantes, abri os olhos e encontrei uma caixa de lenços de papel sobre a mesa, bem perto de mim. Dei um riso nervoso e peguei um para secar o rosto.

— Você tem TOC — disse ele.

Consegui recuperar a voz:

— Tenho. Obrigada por me avisar.

— Está se tratando?

Balancei a cabeça em negativa.

— Para quê?

Olhei para Stuart e vi que ele me observava impassivelmente.

Ele deu de ombros.

— Talvez para ter mais tempo livre.

— Não preciso de mais tempo livre, obrigada. Minha agenda não está exatamente lotada.

Eu me dei conta de que devia estar começando a soar um tanto hostil, então tomei outro gole de chá para me acalmar.

— Olhe, me desculpe — falei novamente. — Não quis vir com sete pedras na mão para cima de você.

— Não se preocupe — disse ele. — Você tem toda razão. Não tenho nada a ver com isso. Foi grosseiro da minha parte mencionar.

Abri um sorriso tímido.

— Você é psiquiatra ou o quê?

Ele achou engraçado.

— É, quase isso. Trabalho no hospital Maudsley.

— Que especialidade?

— Psicólogo clínico. Faço parte do departamento de avaliação e cuidado de alguns pacientes do ambulatório. Minha especialidade é o tratamento de depressão, mas já vi muitos casos de gente com TOC.

Merda, pensei. Fim de linha. Mais uma pessoa ciente de que eu estava pirando. Eu teria que me mudar de novo.

Ele terminou de tomar seu chá, levantou-se e levou a caneca para a cozinha. Voltou segurando um pedaço de papel, que colocou cuidadosamente sobre a mesa, à minha frente.

— O que é isso? — perguntei, desconfiada.

— Juro que é a última vez que toco no assunto. Este é o nome de um colega meu. Se você mudar de ideia e resolver buscar aconselhamento, alguma ajuda, procure por ele no Serviço Comunitário de Saúde Mental. O cara é sensacional. É um especialista em TOC.

Peguei o papel. Em letras bem legíveis constava um nome, "Alistair Hodge". Embaixo, estava escrito "Stuart", e um número de celular.

— É o meu telefone — disse ele. — Se tiver um ataque de pânico mais tarde, pode me ligar. Eu desço e fico um pouco com você.

Ah, sim, pensei, como se *isso* fosse acontecer.

— Eu não posso procurar ajuda. Não posso mesmo. Nunca conseguiria ser promovida no trabalho se descobrissem que eu sou doida.

Ele sorriu.

— Você não tem nada de “doida”. E não tem por que o seu patrão ficar sabendo. De qualquer forma, mesmo que você decida não procurar ninguém, existem várias coisas que pode fazer sozinha e que podem ajudar. Posso recomendar alguns livros. Você poderia experimentar algumas terapias de relaxamento, esse tipo de coisa. Nada disso vai afetar sua vida profissional.

Eu não parava de rodar o pedaço de papel no dedo.

— Vou pensar no assunto.

Pudemos ouvir o som de uma sirene de polícia vindo lá de fora.

— É melhor eu ir — falei.

Levantei-me e me dirigi à porta ainda aberta que me dava acesso livre ao corredor do prédio.

— Obrigada — falei, virando-me novamente para ele.

Por um instante tive vontade de abraçá-lo. Queria saber como seria estar entre seus braços, se me sentiria mais segura ou não. Mas eu ainda me lembrava da sensação do corpo de Robin pressionado contra o meu, e isso me deteve.

— Posso lhe pedir uma coisa? — perguntei.

— Claro.

— Não poderia ser você? A tratar de mim?

Ele sorriu. Eu estava fora do seu apartamento, e ele dentro; havia um espaço entre nós.

— Conflito de interesses — respondeu Stuart.

Devo ter feito uma expressão de incompreensão.

— Se vamos ser amigos — explicou ele —, eu estaria envolvido demais. Seria antiprofissional.

Antes que eu tivesse oportunidade para reagir, ele sorriu para mim, me deu boa-noite e fechou a

porta. Eu descii todos os andares até o térreo e comecei a verificar a porta.

Segunda-feira, 17 de novembro de 2003

NAS PRIMEIRAS HORAS DA MANHÃ, pouco antes de clarear, eu estava prestes a adormecer. Foi justamente nesse momento que ele chegou mais perto de mim, rangendo os dentes de dor.

— Catherine — murmurou ele no meu ouvido.

— Hum?

Silêncio. Abri os olhos, distinguindo-o junto a mim.

— Eu menti para você — disse ele. Tentei erguer o corpo, mas ele me impediu. — Ouça, por favor. Eu menti para você sobre o meu trabalho. Não sou apenas segurança no River; tem um outro negócio do qual faço parte.

— Que outro negócio? — sussurrei.

— Não posso contar, pelo menos não por enquanto; me desculpe, e prometo que nunca mais vou mentir para você.

— Por que não pode me contar?

— Por muitas razões.

— E um dia você vai poder?

— Provavelmente. Mas não agora.

— É algo ruim?

— Às vezes.

Houve uma pausa. Senti sua mão afagando meu cabelo, afastando-o do meu rosto de um modo incrivelmente meigo.

— Se você me perguntar qualquer outra coisa, eu vou responder — continuou ele.

— Você é casado?

— Não.

— Está com alguém?

— Não.

Considerarei essa resposta por um momento.

— Vou me arrepender se me apaixonar por você?

Ele deu uma breve risada e beijou minha bochecha, bem delicadamente.

— Provavelmente. Mais alguma coisa?

— Você é bom ou mau?

— Depende; você é boa ou má?

Refleti um pouco e concluí que havia sido uma resposta inteligente.

— Você pretende aparecer todo machucado na minha porta frequentemente?

— Espero que não.

— O que aconteceu com o outro cara?

— Que outro cara?

— Aquele com quem você brigou.

Silêncio.

— Ele está no hospital.

Soltei uma exclamação de surpresa.

— Mas ele vai se recuperar.

— Vou poder apresentar você aos meus amigos?

— Ainda não. Em breve, eu acho. Se você quiser.

Sua mão deslizou do meu rosto pela lateral do meu pescoço e percorreu minha pele nua, tocando-me com suavidade e ternura.

— Mais alguma pergunta?

— Você acha que consegue fazer amor comigo mais uma vez?

Ele encostou a boca na minha.

— Acho que posso tentar.

Sábado, 24 de novembro de 2007

O PÂNICO ME ATINGIU POUCO ANTES das quatro da manhã. Eu estava tentando dormir, mas obviamente não conseguia. Deitada na cama, eu pensava sobre tudo aquilo e ao mesmo tempo tentava não pensar. Eu tinha me arriscado ao sair. Minha casa estava violada, assim como eu, apesar de tudo ter acontecido lá fora. Podia sentir a presença dele em todo lugar. Só havia uma coisa que talvez pudesse me ajudar a me sentir melhor, então me levantei e comecei a conferir tudo.

A primeira série de verificações não aliviou o pânico, e eu percebi que era porque ainda me sentia contaminada por ele, então arranquei todas as minhas roupas e as enfiei em um saco de lixo. Depois despejei tudo que havia dentro da minha bolsa sobre a bancada da cozinha e também joguei a bolsa, agora vazia, no saco de lixo. Então coloquei o saco do lado de fora da porta.

Tomei um banho e me esfreguei da cabeça aos pés, tentando remover aquela sensação de ter Robin em cima de mim. Minha pele estava vermelha quando acabei. Escovei os dentes até as gengivas começarem a sangrar, fiz gargarejo com antisséptico bucal, e então vesti uma calça de ginástica e um suéter limpos.

Depois disso, verifiquei todo o apartamento novamente. Não fiquei satisfeita. Meia hora depois, quando eu ainda estava de pé em cima do tampo do vaso, verificando a maldita janela do banheiro que nem sequer abre, percebi que ainda me sentia suja. Eram lágrimas, escorrendo pelo meu rosto, contaminando minha pele quente.

Tirei as roupas outra vez. Ainda estavam limpas, recém-tiradas do armário arejado, mas foram parar no cesto de roupa suja.

De volta ao chuveiro. Fiquei debaixo d'água por uns bons trinta minutos, deixando a água escorrer pela minha pele, tentando me convencer de que agora eu estava limpa.

Não tem mais nada, falei para mim mesma. Ele se foi, não restou vestígio algum dele. Ele *não está aqui*.

Ainda suja. Então peguei minha escova de unhas e o sabão antibacteriano e voltei a me esfregar. Desta vez, quando acabei, a água descia rosada pelo ralo. Aquilo me trouxe lembranças vagas e dolorosas de algo, como uma antiga ferida.

Senti-me na beirada da banheira, enrolada em outra toalha limpa, quase incapaz de começar novamente de tão cansada, mas sabendo que era preciso.

Quando por fim terminei tudo mais uma vez, ainda de toalha, vesti uma blusa limpa e uma calça de malha que peguei do armário. Não funcionou. Fiquei paralisada. A necessidade de começar de novo, fazendo-o corretamente, só mais uma vez, para ter certeza, ter absoluta certeza de que o apartamento estava seguro, era forte demais.

Eu estava com frio, tremendo, e a roupa arranhava minha pele, causando irritação e não conforto.

Fiz então a única coisa que podia fazer: voltei à porta e comecei tudo de novo.

Por volta das sete e meia, eu me sentia tão cansada que estava fisicamente impossibilitada de fazer qualquer coisa. Preparei uma bebida quente, o que ajudou a conter meu pânico por mais alguns instantes ao menos. Depois me sentei no sofá, tremendo, agarrada à xícara de chá, sabendo o que estava prestes a acontecer mas ainda tentando evitar. Não havia absolutamente nada a que valesse a pena assistir na televisão àquela hora despropositada da noite, mas acabei acompanhando a reprise de um programa de perguntas e respostas, os olhos secos, a pele toda tensa e dolorida. O som de vozes foi curiosamente reconfortante. Talvez isso resolvesse o problema.

Quando os tremores diminuíram, o cansaço tomou conta de mim e eu cochilei um pouco. Até que acordei sobressaltada com o som de sirenes.

O programa havia acabado e agora transmitiam um daqueles intermináveis semidocumentários sobre a rotina dos policiais. Sirenes soando sem parar. É só a TV, eu disse a mim mesma. Mas

já era tarde demais. Encontrei o controle remoto, não sei como, e desliguei a TV.

Fiquei encolhida no canto do sofá, tentando não respirar muito forte, atenta a qualquer ruído no apartamento. Comecei a tremer ainda mais, meus pelos arrepiados da cabeça aos pés.

Eu tinha sonhado com ele, ou ele realmente estivera ali? Eu só via a ele: com todo o seu peso em cima de mim, me imobilizando. Lembrei-me daquelas algemas, que já tinham rasgado minha pele nos pulsos, cortando a carne intumescida. O cheiro dele; álcool envelhecido, soprando dentro da minha boca.

Isso não é real. Ele não é real...

Quando abri os olhos, pensei ter visto o rosto de Robin; ele estava na minha casa, eu não sabia como, escondido em algum lugar. Esperando que eu caísse no sono de novo.

O dia já estava claro quando os tremores e as lágrimas enfim amainaram. Eu me sentia destroçada, completamente exausta, apavorada demais para voltar a dormir. Forcei-me a me levantar e me espreguiçar. O impulso de ir verificar todo o apartamento era enorme, mas eu estava cansada demais, tensa demais. Mal conseguia me mexer.

Fui me arrastando até a cozinha, agora tremendo de frio, não de pânico. Liguei o aquecimento central e a chaleira elétrica.

O jardim sob a janela da minha cozinha estava desfolhado e cinzento; a grama era o único vestígio de cor. As árvores estavam todas nuas, as folhas marrons e secas amontoadas nos cantos do jardim. O vento agitava os galhos mais altos; se eu pudesse escutá-los dali, seria como um sopro de frescor. A chaleira começou a apitar em meio ao silêncio, meus olhos voltaram a ficar secos e doloridos, como se nunca mais pudessem chorar. Parecia fazer frio lá fora. Bocejei.

Tomei meu chá no quarto, deixando as cortinas bem abertas para poder ver o topo das árvores balançando com o vento quando eu me deitasse.

Fiquei vendo os galhos oscilando, dançando, as nuvens cinzentas atrás deles desfilando num compasso alegre. As pontas

dos galhos acenavam para mim, ali, deitada, imprestável e destruída sobre o edredom.

Eu só preciso me manter viva.

Terça-feira, 18 de novembro de 2003

No DIA SEGUINTE, ELE SE YESTIU e foi embora antes de o despertador me acordar, às sete horas.

O chuveiro geralmente era a única coisa capaz de me despertar, e passei da deliciosa e perfeita tepidez de uma noite inteira de sexo para uma espécie de desconforto nauseante, como se tivesse bebido demais e, de algum modo, me comportado mal. O que não era verdade, é claro, eu não havia tomado nem uma gota de álcool na véspera — me lembrava de cada delicioso detalhe do sexo que preencheria a maior parte da noite. Ainda assim, mesmo no aconchego purificante do chuveiro, com o odor familiar do xampu e do sabonete de algum modo me reconduzindo à minha vida normal, eu não conseguia deixar de pensar em como tinha começado a noite anterior. Que merda tinha sido aquilo?

Saí para o trabalho e mergulhei em algumas tarefas pendentes já há algum tempo, tentando afastar o cansaço resultante de uma noite de pouco sono e muito sexo. E no exato instante em que consegui esquecê-lo, meu celular vibrou sobre a mesa. Era uma mensagem:

Sinto muito por ontem à noite. Não foi uma P impressão mto boa. Me perdoa?

Deixei o celular sobre a mesa por um momento, enquanto refletia sobre o que responder. Se eu fechasse os olhos por um segundo, podia ver seu rosto sobre o travesseiro ao meu lado, iluminado pelo abajur na cabeceira da cama, as pontas claras do seu cabelo louro, aqueles olhos azuis me observando sombrios de um jeito que eu não conseguia decifrar. E o ferimento vermelho em torno de seu olho, o inchaço sob a sobrancelha, o corte na pele. E o fato de, apesar de tudo, ele estar sorrindo.

Tudo bem.

Fiquei olhando para minha resposta por vários minutos, pensando no que mais eu queria dizer. “Tudo bem, não se preocupe, fique à vontade para aparecer no estado que quiser”? “Tudo bem, obrigada por ter aparecido”? “Tudo bem, pelo menos o sexo foi ótimo, quanto ao resto, não sei”?

No final apaguei tudo e não respondi nada. Como dizia meu professor de inglês, se não souber a coisa certa a dizer, então não diga nada.

Segunda-feira, 26 de novembro de 2007

VOLTEI AO TRABALHO NA SEGUNDA COMO sempre fazia: um passo de cada vez, tão cansada que mal conseguia me lembrar dos itinerários da última semana. O ponto de ônibus para o qual eu pretendia ir ficava a um quilômetro de distância, e eu já estava atrasada. Tentei acelerar, mas minhas pernas estavam duras. Eu não vira ou ouvira Stuart desde a noite de sábado. Até onde sabia, ele ficara em casa e não saíra no domingo inteiro. Algumas vezes eu ouvira ruídos no andar de cima, passos leves, a porta de um armário, o som de água escorrendo no ralo do banheiro. Mas na maior parte do tempo, não ouvi barulho algum.

Caroline veio falar comigo às onze horas.

— Vamos descer para tomar um café? — chamou ela, jovialmente.

Eu me perguntei o quanto *ela* havia dormido no fim de semana.

— Mais tarde, talvez. Preciso terminar isso.

— Nossa, você está parecendo um cadáver. Eu não sabia que você bebia tanto.

Isso me fez rir, apesar do estado em que eu me encontrava.

— Obrigada.

— Está tudo bem, Cathy? Você desapareceu de repente, no sábado. Robin disse que você queria voltar cedo para casa ou algo assim.

— Pois é, eu não estava a fim... Quer dizer, não sei. Não sou muito de sair à noite.

Ela sorriu.

— Eles são muito barulhentos, não é mesmo? Principalmente as garotas. Mas você não tem desculpa, é mais nova do que eu. Quantos anos você tem? Trinta e cinco? Não tem desculpa.

Vinte e oito, eu quis dizer, mas que se dane, isso não importava. Eu poderia muito bem passar por sessenta anos.

— Bem, desça para me encontrar mais tarde, ok? Quero saber mais sobre aquele rapaz bonitão que mora no andar de cima.

E, com uma piscadela, Caroline se foi.

Eu estava apavorada com a ideia de cruzar com Robin. Felizmente, ele trabalhava em outra parte da empresa a maior parte do tempo. Com um pouco de sorte, poderia levar meses até que ele aparecesse.

Olhei pela janela e pensei no cara do andar de cima.

Sexta-feira, 28 de novembro de 2003

QUANDO EU CHEGUEI AO CAFÉ PARADISE, Sylvia já estava esperando por mim à mesa do canto, um bule de chá e um expresso duplo à sua frente. O vidro da janela ao seu lado estava embaçado e o lugar parecia bem aconchegante, úmido e perfumado como uma manhã de domingo recém-banhada pela chuva.

— Estou atrasada?

— Ainda não pedi seu muffin — disse ela, cumprimentando-me, animada, com dois beijinhos. — Achei que você ia querer escolher. Hoje tem de canela e de maçã.

— Então vou pegar para a gente um de cada, ok? — falei.

O Paradise era como um velho amigo. Anos atrás, eu e Sylvia, mais três outras garotas com quem eu dividia um apartamento na época da faculdade, nos encontrávamos aqui uma vez por mês, para falar sobre nossas vidas, passando a tarde comendo e tomando café. Karen e Lesley saíram da cidade; Karen foi para o Canadá, onde assumiu um posto de professora no campus St. George da Universidade de Toronto, e Lesley foi para Dublin, onde vive sua família. Ano passado, Sylvia teve uma briga séria com Sasha, que nunca mais veio nos encontrar. Às vezes ela mandava um e-mail, mas estava namorando, acabou ficando noiva e eles se mudaram para uma casa nova. Assim, gradualmente sua vida tomou um caminho diferente daquela que tínhamos em comum no passado.

Então agora éramos só eu e Sylvia. Ela era repórter no jornal regional de Lancaster, mas estava desesperada para fugir do tédio provinciano e vir para Londres. Seria ótimo para ela, sempre achei. Para começar, Sylvia era enérgica e ousada demais para Lancaster; além do mais, seu cabelo louro e suas roupas chamativas a destacavam nitidamente do arenito e cimento locais.

— Pela sua cara, você tem novidade — falei.

Sylvia estava inquieta na cadeira, e não era comum ela ser a primeira a chegar.

— Ainda não — respondeu ela, cruelmente. — Antes de mais nada, que história é essa de um homem novo? Um passarinho, ou melhor, uma andorinha me contou que você saiu para jantar com um cara de terno.

A andorinha só podia ser Maggie, que havia dividido um apartamento com Sylvia na época em que nos formamos. Esse apelido se devia ao fato de ela se vestir sempre de preto e, muito ocasionalmente, com alguma peça branca, além de sua inclinação por joias.

O sorriso voltou aos meus lábios; mal havia desaparecido, aliás.

— E então?

— Caramba, Sylvia. Não consigo esconder nada de você, hein? Ela deu uma curta risada de prazer.

— Eu sabia! Como ele se chama, onde vocês se conheceram e como ele é na cama?

— Nossa, você é terrível.

— Você sabe que está doida para me contar.

Tomei vários goles de chá, enquanto Sylvia estava inquieta na cadeira.

— Ele se chama Lee, nos conhecemos no River, e o resto não é da sua conta.

— E ele é simplesmente deslumbrante?

Peguei meu celular na bolsa e procurei a foto que eu tirara dele, a única que eu tinha. Tinha acabado de sair do banho, e usava apenas uma toalha branca enrolada na cintura, cabelo molhado, os machucados no rosto e na costela já começando a desaparecer. Uma expressão de volúpia no rosto.

— Minha Nossa, Catherine. Ele não é pouca coisa, hein? Por que é que eu não vi esse cara primeiro?

Para variar um pouco, pensei, me permitindo uma pequena presunção.

As sobrancelhas cuidadosamente marcadas de Sylvia se franziram de leve.

— Mas e esses machucados todos? Ele é o quê, lutador? Dublê de filmes de ação?

— Nem me fale. Ele tem feito mistério quanto a isso.

Isso só despertou o interesse de Sylvia.

— É mesmo? Como assim “fazendo mistério”?

— Eu não sei o que ele faz. Ele apareceu lá em casa uma noite dessas dando a impressão de que tinha se envolvido em uma briga e depois saltado de um carro em movimento. Não quis me dizer o que havia acontecido.

— Ele estava bêbado?

— Não.

— Ai, meu Deus, o cara é um gângster.

Eu ri.

— Acho que não.

— Traficante?

Balancei a cabeça.

— Então — perguntou ela —, por que ele não conta o que faz?

— Não faço ideia. Mas eu confio nele.

— Você confia em alguém que se mete em uma briga e depois se recusa a contar o que houve?

— Ele tem sido honesto comigo em relação a todas as outras coisas.

— É mesmo? Como você pode saber?

Sylvia estava coberta de razão. Eu sabia que, se ele trabalhava, seu horário era irregular e ele volta e meia ficava fora por vários dias. Eu não conhecera nenhum amigo ou parente seu — era, no mínimo, bem conveniente que morassem todos na distante Cornwall. Eu nem sequer conhecia sua casa.

— Se você o conhecesse, saberia. Ele diz tudo com o olhar.

Ela riu de modo estridente e me chutou sob a mesa.

— Menina, controle-se! — Ela remexeu o que ainda tinha de café na sua xícara e olhou para mim de forma incisiva. — Bem, já está mesmo na hora de eu conhecer esse cara. Por que não o leva na minha festa de despedida?

— Que festa de despedida?

A empolgação com as novidades que ela estava segurando para não contar logo transbordou, e seus olhos cintilaram de prazer.

— Consegui emprego no *Daily Mail*. Começo em janeiro.

— Não brinca! Não pode ser!

— Pode sim. Finalmente vou sair desta cidade.

Sinceramente emocionada, eu a abracei enquanto ela dava gritinhos e se sacudia toda. Os outros clientes do Paradise, um casal da terceira idade e alguns estudantes, olharam para nós desconfiados, ao passo que Irene nos sorria de maneira indulgente de trás do balcão.

Então pronto, pensei. Eu ia ficar ali em Lancaster enquanto minhas amigas mais antigas saíam em busca de suas vidas pelo mundo afora. Se não fosse por Lee, eu também procuraria um jeito de fugir dali.

— Então, me fale dessa festa.

Segunda-feira, 26 de novembro de 2007

QUANDO VOLTEI PARA CASA, HAVIA UMA correspondência para mim sobre a mesa no corredor de entrada do prédio. Além das contas habituais, tinha um grande envelope de papel pardo, com um "Cathy" escrito em caneta pilot preta.

— Oooi, Cathy! Como vai?

— Vou bem, obrigada. E a senhora?

— Estou bem, querida.

A Sra. Mackenzie me olhou outra vez daquele jeito incisivo, enquanto eu observava o envelope sobre a mesa sem pegá-lo. Depois ela se virou, voltou para dentro do seu apartamento e fechou a porta.

Deixei o envelope onde estava e verifiquei a porta novamente, duas vezes, do começo ao fim. Uma única vez talvez tivesse bastado, mas a segunda me permitiu pegar o envelope junto com as contas e levar tudo para cima.

Larguei a correspondência sobre a mesa de centro e fui fazer minhas verificações, mas notei que eu me apressara nas duas primeiras vezes, porque estava ansiosa para saber o que havia ali dentro. Tive que me obrigar a ir mais devagar na terceira vez, fazer as coisas direito, me concentrar. Quando acabei, fiz uma pausa. Será que era o bastante? Não seria melhor recomeçar, para ter certeza? Talvez eu tivesse esquecido alguma coisa.

Fiz tudo de novo.

Eram quase nove horas quando me sentei no sofá e abri o envelope. Tinha um monte de papel lá dentro, algumas folhas presas por um clipe, com um bilhete manuscrito na frente.

Cathy,

Achei que isso poderia lhe interessar. Se precisar de alguma coisa, me procure. Ou se quiser tirar alguma dúvida.

Stuart

Fiquei horas olhando para aquele bilhete, observando como ele escrevera meu nome. Será que ele precisou pensar antes no que iria escrever? Parecia extremamente despreocupado, simples, como se ele tivesse apanhado aquele monte de papel em algum lugar, casualmente, e depois rabiscado duas linhas sem nem sequer pensar nisso.

Examinei os papéis e rapidamente me dei conta de que não havia nada de despreocupado naquilo. O primeiro era um texto sobre o Centro de Transtornos de Ansiedade e Traumas do Hospital Maudsley, em Denmark Hill, e sobre a clínica especializada em pacientes ambulatoriais de TOC. Depois vinham artigos que tinham sido publicados em sites, com trechos sublinhados. Tinha um estudo sobre TOC e novas opções terapêuticas para tratar de pacientes apresentando sintomas graves, escrito pelo Dr. Alistair Hodge, C. Psychol., AFBPsS, B.Sc. (Hons), M.Sc., Clin. Psych, Dip., C.B.T., PsychD., DCHyp., SMBCSHA, UKCP e BABCP — e meia dúzia de outras pessoas com qualificações igualmente impressionantes. Havia uma página de um site sobre terapia alternativa que ele imprimira e duas páginas manuscritas anexadas, além de um informativo sobre um curso de ioga numa escola primária local nas noites de quarta-feira e sobre uma Terapia de Relaxamento Fundamental, seja lá o que isso signifique, com um número de telefone. A página seguinte continha uma lista de grupos de apoio para pessoas com TOC, um deles destacado, e uma anotação à mão na margem: *"Reuniões em Camden, sete e meia da noite da terceira terça-feira do mês, ligar para Ellen para mais informações"*, e um número. Depois, três capítulos de um livro intitulado *Destravando: técnicas para se libertar do TOC*, com vários trechos sublinhados. E também três questionários diferentes que pareciam determinar se a pessoa tinha de fato TOC ou não.

Finalmente, a última página era, para minha surpresa, mais um bilhete:

Cathy,

Obrigado por dar uma olhada em tudo isso. É o primeiro passo. Me ligue, ok?

Stuart

Embaixo, o número de seu telefone, no caso de eu ter perdido o papel que ele me dera da outra vez, o que obviamente não acontecera. Eu sabia exatamente onde estava, no caso de eu vir a precisar, o que aliás nunca aconteceria, já que eu sabia o número de cor.

Não que eu tivesse intenção de ligar.

Sexta-feira, 28 de novembro de 2003

LEE ESTAVA TRABALHANDO NO RIVER.

Fui encontrá-lo, usando aquele vestido de cetim vermelho. Quando me viu, sua expressão foi incrível. Sorri e pisquei para ele ao entrar e segui em frente. Durante toda a noite, enquanto eu dançava com pessoas que conhecia, conversava no bar com outras que não via fazia meses, e mesmo depois, quando Claire e Louise apareceram, continuei vendo seu rosto no meio da multidão, junto à pista de dança, me observando.

Por volta de meia-noite, ou seja, vários drinks depois, eu me sentia mais audaciosa. Estava dançando sozinha quando voltei a vê-lo perto da porta, observando ostensivamente a multidão, mas na verdade olhando para mim. Atravessei a pista indo até a entrada; ele não desviou o olhar do meu nem por um momento. Lee então me pegou pela mão e me puxou pelo corredor que conduzia ao bar principal, seus passos ligeiros fazendo-me tropeçar, e eu gritando:

— Lee! Lee? O que...?

Ele abriu uma porta em que estava escrito "Acesso restrito aos funcionários", e de repente a música ficou abafada, pois a porta de incêndio se fechou atrás de nós, e os saltos dos meus sapatos se arrastaram pelo cimento do corredor, até que chegamos a outra porta lateral — um escritório. A única claridade vinha das telas do circuito interno de câmeras, mostrando a pista de dança, a porta, a escada e a entrada dos banheiros. Ele jogou no chão os papéis da mesa, espalhando folhas para todo lado, depois me ergueu com as duas mãos como se eu fosse uma pluma, sua boca colada à minha, faminta. Levantei minha saia até em cima. Com uma das mãos ele puxou minha calcinha para o lado, rasgando-a e jogando-a no chão, e depois me comeu, com força.

Alguns minutos depois, sem que nenhuma palavra tivesse sido dita, ele ajeitou o paletó e, sem olhar para mim, saiu da sala. Sentada sobre a mesa, as pernas ainda abertas e trêmulas devido à

força dele, fiquei olhando para as telas das câmeras até vê-lo reaparecer na porta da boate, olhando para o mundo como se tivesse apenas ido verificar algum tumulto na pista de dança.

Até que ele se virou para a câmera, olhando bem dentro dos meus olhos.

Olhando o escritório em volta, a papelada espalhada no chão, minha calcinha rasgada, jogada no canto, me peguei pensando: Isso é loucura — o que é que eu estou fazendo? O que estou fazendo?

Segunda-feira, 3 de dezembro de 2007

VENHO ME ARRASTANDO UM DIA APÓS O OUTRO, e já faz uma semana. As recordações têm sido recorrentes, o que significa que ando fazendo mal as minhas verificações. Sei que é por causa do que aconteceu com Robin. Vai levar algum tempo até que eu o elimine do meu organismo, e então em algum momento isso tudo vai começar a diminuir, e depois é só eu recomençar minhas verificações normalmente, e voltarei a me atrasar só meia hora em vez de três.

Não sei se ler sobre TOC ao voltar para casa está de fato me ajudando, para ser franca. Os termos médicos me lembram o hospital, e eu me esforço para não pensar nisso. Pelo menos não me lembro de muita coisa. Parece que aconteceu com outra pessoa. É como se eu tivesse caído no sono quando tudo começou a ficar difícil demais, e então acordado há cerca de dezoito meses, gradualmente, com uma espécie de consciência embotada de que ainda estava viva, e tudo que me restava a fazer era ir em frente, um passo de cada vez, avançando e não recuando. É claro que eu deveria parar de ler essa merda e começar a fazer algo construtivo.

Tenho escutado Stuart voltar para casa, tarde da noite. Acho que às vezes fico deitada esperando ouvir seus passos na escada. Sei que ele tenta ser discreto, mas, para ser franca, eu o ouviria de qualquer maneira. Sinto-me mais segura quando o ouço, porque sei que a porta da rua foi trancada com certeza. Depois que ele chega, posso dormir. Mas algumas vezes já é quase meia-noite. Ele deve estar exausto ultimamente.

Hoje eu passei por acaso diante da biblioteca municipal ao voltar para casa. As luzes estavam todas acesas e as portas se abriram automaticamente quando me aproximei, como um convite. Evito lugares assim, públicos, mas algo me fez entrar. Estava quase vazio. Estudantes às mesas, algumas pessoas acessando a internet, dois funcionários carimbando livros e cochichando alto.

Fui passando pelas seções até encontrar a de psicologia, procurando por entre os títulos algo que pudesse ter relação com

obsessões e compulsões. Reconheci o livro que Stuart me recomendara. Passei o dedo pela lombada.

Estava calmo ali. Puxei um volume sobre ansiedade e dei uma olhada nos títulos dos capítulos. Nada muito divertido. Ouvei um ruído atrás de mim e olhei por sobre o ombro. De onde eu estava, entre uma estante e outra, não podia ver ninguém, nem um ser humano sequer.

Coloquei o livro de volta no lugar e andei pelo corredor. Ainda havia duas pessoas trabalhando nas mesas maiores, livros espalhados, blocos de anotações, marca-textos. Agora só um funcionário atendia no balcão principal, uma mulher de cabelo curto e brincos absurdamente compridos. Ela estava pegando uma pilha de livros que um homem acabara de lhe entregar por sobre o balcão.

Notei de relance o cabelo louro, o porte largo, a camisa azul-marinho, o andar confiante e resoluto. Era ele.

Senti-me um pouco tonta e recuei para perto das estantes, meu coração batendo disparado. A fraqueza não passou, então vi tudo preto e a sala começou a girar. Mal sentia meus pés no chão.

Devem ter se passado somente alguns minutos até eu abrir os olhos e deparar com a mulher da biblioteca e outras pessoas de pé ao meu redor. Tentei me levantar rapidamente, mas tudo girou, me deixando desorientada.

— Fique deitada, está tudo bem. Espere só um instante. — Era um dos estudantes, um rapaz de cabelo claro que parecia jovem demais para ter uma barba daquele tamanho.

— Quer que eu chame uma ambulância? — perguntou a bibliotecária. — Infelizmente não tem nenhuma equipe de primeiros socorros de plantão a esta hora da noite, então não sei...

— Eu estou bem, de verdade. Sinto muito. Foi só um desmaio.

Tentei mais uma vez me erguer. Desta vez o rapaz me ajudou. Tinham colocado uma cadeira atrás de mim. Eu me sentei, aliviada.

— Fique com a cabeça abaixada. Assim.

Olhei ao redor, procurando desesperadamente o homem louro, mas o estudante segurou minha nuca e empurrou minha cabeça para baixo. Não havia sinais dele.

— Você se alimentou direito? — indagou o estudante.

— Você é médico? — perguntou-lhe a bibliotecária.

— Sou salva-vidas, tenho curso de primeiros socorros — respondeu ele. — Foi um desmaio, só isso. Daqui a alguns minutos ela vai estar melhor... — E então, dirigindo-se a mim: — Eu tenho chocolate na minha mochila, você quer?

A bibliotecária começou a dizer alguma coisa sobre os regulamentos da biblioteca; devia ser sobre não comer lá dentro.

— Não precisa, obrigada. — Ergui a cabeça. — Está tudo bem. Já me sinto melhor.

Notando que uma fila se formava no balcão, a mulher foi correndo até lá, me deixando com o estudante. Ele tinha uma densa cabeleira crespa louro-avermelhada em estilo mais ou menos afro e uma barba que parecia capaz de armazenar comida suficiente para uma família inteira.

— Meu nome é Joe — disse ele animadamente, estendendo a mão.

Ele estava agachado ao lado da minha cadeira, que estava estranhamente posicionada no meio da seção de psicologia.

— Cathy — falei, apertando sua mão. — Obrigada, Joe. Desculpe por... causar essa situação e interromper os seus estudos.

— Não tem problema. Eu estava quase dormindo ali sentado.

Eu me levantei. Ele fez o mesmo, meio que achando que eu ia tombar de novo.

— Está se sentindo bem? — perguntou ele.

— Estou — respondi. — Obrigada, estou bem. — E abri meu melhor sorriso.

— Você parece bem melhor agora. Foi uma baita pancada no chão, esse seu desmaio.

Olhei para ele e assenti.

— É. É melhor eu ir então.

— Claro. A gente se vê por aí. Cuide-se.

— Você também. Tchau. Obrigada mais uma vez.

Saí apressada da biblioteca, sorrindo vagamente para a mulher do balcão ao passar por ela.

Ao ar livre, me senti melhor. Eu sabia que ele não era o homem que eu vira. Não tinha a mesma forma do corpo, o cabelo não era do mesmo tom. Era um louro artificial, em vez de natural como o dele.

Eu o vejo em todos os lugares, o tempo todo. Sei que ele não pode ser os homens que vejo, pois ele se encontra a milhares de quilômetros de distância, e bem trancado dentro da prisão. Mas ainda assim ele me assombra, uma aparição freqüente, lembrando-me de que nunca vou me livrar dele. Como eu poderia, se ele ainda está dentro da minha cabeça?

A caminho de casa, já me preparando para a verificação das portas, peguei meu celular e mandei uma mensagem para Stuart.

Oi. Obrigada pelo material sobre TOC. Espero que vc não esteja trabalhando demais. C.

Alguns minutos depois, pouco antes de virar a esquina na Talbot Street, veio uma resposta:

De nada. Espero que seja útil. Que tal uma cerveja? S.

Olhei para a fachada do prédio, para o último andar. Todas as janelas dele estavam iluminadas. Um andar abaixo, só as luzes da minha sala de jantar alcançavam a rua com um brilho débil. As janelas dele pareciam muito mais convidativas do que as minhas. Digitei uma resposta:

Estou quase chegando em casa. Você me dá meia hora? C.

Sexta-feira, 5 de dezembro de 2003

SEXTA À NOITE E TODAS AS minhas amigas estão na rua se embebedando, azarando, gritando e dançando... Acenando para desconhecidos e morrendo de rir, os joelhos cerrados numa agonia deliciosamente histérica, por conta do cara que tentou saltar sobre uma lata de lixo e acabou caindo de cara no chão... Pulando de bar em bar, apoiando-se umas nas outras, tentando fingir que estamos menos bêbadas do que realmente estamos, embora estejamos todas mais bêbadas do que estávamos no último bar, por causa do frio e do ar fresco... Tendo sérias discussões em cabines de banheiros, segurando a amiga que está chorando pois pensa que ele não gosta mais dela, mas o cara é o maior babaca, ele não merece você... Retocando a maquiagem novamente, aglomeradas em torno de um espelho iluminado por uma lâmpada de néon, derrapando no chão por causa da água que escorre das pias, tem sempre uma entupida de papel... Ao final da noite, segurando para trás o cabelo de alguém, o de Claire provavelmente, que é fraca para bebida, pelo menos conseguiu alcançar o banheiro a tempo dessa vez, e mais tarde uma pobre garota que ninguém conhece está sentada descalça nos degraus da entrada, as pernas em ângulos improváveis, o rímel escorrendo e manchando seu rosto infeliz, os sapatos um de cada lado seu, a bolsa pendurada no pescoço... Voltando a pé para casa, a pé, porque não sobrou dinheiro para o táxi, e é tarde demais, cedo demais, se não fosse inverno já estaria claro a essa hora, sem nem sentir o frio porque estamos tão cheias de vodca, amizade e amor uma pela outra e por qualquer pessoa que fique ao nosso lado por algum tempo...

Mas essa noite não saí. Fiquei em casa com Lee. Ele apareceu por volta das sete, com três sacos de compras e um *tajine*. Expulsa da minha cozinha, fiquei vendo TV abraçando meus joelhos e tomando o vinho branco hipergelado que ele trouxera, enquanto o ouvia cantar junto com o rádio e bater as portas dos armários e as painéis.

Ele havia me dito que só voltaria a trabalhar na terça-feira. Pensei no longo fim de semana que se estendia à nossa frente como uma bela perspectiva: irmos juntos a tantos lugares, adormecer ao lado dele, acordar ainda ao seu lado, com um arrepio de prazer.

De vez em quando a porta da cozinha se abria e ele surgia trazendo mais alguma coisa para a mesa: talheres, pão, pequenas tigelas com comidas que eu não sabia identificar, os cabos das colherzinhas despontando.

— Posso ajudar em alguma coisa?

— Fique aí sentada e continue linda.

Pensei nas minhas amigas. Elas tinham ido à inauguração da Red Divine, uma boate instalada onde antes era uma capela. Haviam enfim conseguido abrir o lugar, apesar das queixas dos antigos fiéis, incapazes de enxergar que se não tivessem deixado as missas acabarem ali, a capela seria ainda um próspero oásis cristão em meio à massa pagã e fervilhante do centro da cidade, em vez de uma boate supermoderna com três bares, assentos de couro e área VIP. A ideia inicial era batizar o lugar de Angels and Demons, mas pelo menos isso havia sido vetado pela prefeitura. No entanto houve uma compensação: o jornal local informou que todas as pessoas que se queixaram receberiam entradas VIP para a noite de inauguração.

Eu estava morrendo de curiosidade para ver como era por dentro. No fim de semana que vem, quem sabe?

A porta da cozinha se abriu outra vez, liberando uma rajada de ar quente. O som de vozes no rádio se misturava ao chiado das panelas, e senti o aroma de algo apimentado, feito com carne e delicioso.

Ele nem parecia cansado; estava tranquilo, como se tivesse tudo sob seu controle, e cantarolava enquanto punha algumas colheres para nos servirmos e ajustava os descansos para panela sobre a mesa, a fim de poder colocar algo quente bem no centro.

— Tem certeza de que não quer ajuda?

Ele veio até onde eu estava e se inclinou para me beijar. Passei os braços em torno de seu pescoço para puxá-lo para mim,

mas ele se esquivou.

— Não me distraia. Está quase pronto.

Voltei a ver TV com um sorriso no rosto. Minha boca salivava.

Segunda-feira, 3 de dezembro de 2007

COMO EU SABIA QUE TINHA SÓ meia hora para fazer todas as verificações necessárias, não podia me afobar, era preciso fazer tudo certo de primeira. Nenhum erro. Seis vezes para cada, mantendo o padrão.

Estava tudo bem.

Consegui sair meia hora depois de ter enviado a mensagem. Não deu tempo nem de tirar o casaco.

Quando abriu a porta e olhou para mim, ele franziu o cenho.

— Você está bem?

— Sim — respondi, entrando.

O corredor no andar dele estava bem-iluminado.

— Você está bastante pálida.

— Ah, é. Eu desmaiei na biblioteca.

Estávamos na cozinha. Stuart pegara meu casaco e o pendurara atrás da porta, sobre a sua jaqueta marrom. Ele estava mais elegante hoje; imaginei que não tivera tempo de se trocar ao chegar do trabalho, por isso usava calça social cinza e camisa azul, as mangas dobradas à altura dos cotovelos.

— Você desmaiou? Por quê?

Ele puxou uma das cadeiras da cozinha para que eu pudesse me sentar.

Dei de ombros.

— Não sei. Talvez não tenha me alimentado bem hoje, ou então estou cansada demais, sei lá.

— Você vai jantar comigo, então — disse ele.

— Não... quer dizer... não foi uma indireta...

— Você vai jantar comigo.

Ele estava esquentando uma sopa, que pelo aroma parecia feita em casa, e preparava um chá ao mesmo tempo, muito embora eu mesma quisesse fazê-lo, para ter certeza de que estaria do meu jeito. Mas ele já estava mexendo as canecas e acrescentando o leite e falando sobre como a semana havia sido uma loucura. E

alguma coisa sobre uma loja ótima que ele descobrira a quatro quadras dali, que vendia temperos que ele não encontrava em lugar nenhum.

Peguei minha caneca de chá e, assim como na última vez, não estava nada mal. Bem aceitável.

Ele pegou alguns brioques de um saco de papel e os colocou para esquentar no forno. Eu o observava se deslocar dentro da cozinha, me sentindo um tanto letárgica. Não escapara à minha atenção o fato de ele não ter mencionado o TOC nem sequer uma vez.

— Queria agradecer mais uma vez pelo material que você deixou para mim. É mesmo muito interessante.

Ele parou o que estava fazendo e olhou para mim. Por um instante pareceu que eu o havia livrado de um peso.

— Que bom ouvir isso. Você voltou a pensar sobre procurar ajuda?

— Pensei sim. Mas é difícil, sabe?

Ele colocou na mesa um pote de margarina de girassol, pratos, facas e colheres.

— Eu sei.

— Eu não faço essas coisas por diversão, ou à toa. Essas verificações, sabe. Isso ajuda a me sentir segura. Se eu não verificar tudo, como posso ter certeza?

— Ainda assim, seria melhor se você pudesse verificar só uma vez e ter certeza de que está segura, não é?

— Claro.

— Você mesma sabe que não tem uma razão lógica para essa sua necessidade de verificar tudo mais de uma vez. Os seus procedimentos de segurança são para satisfazer você emocionalmente, não é porque algo mudou fisicamente, alterando a sua condição de segurança.

— Eu não acredito muito que uma terapia possa resolver isso.

— Mas sempre vale a pena tentar, não acha?

Ele trouxe da cozinha duas tigelas de sopa fumegantes e as colocou sobre a mesa. Depois, pegou os pãezinhos do forno, com pressa, jogando-os de uma mão para a outra.

Então sentou-se à minha frente e me olhou nos olhos.

— Obrigada por tudo isso. É muita gentileza sua.

— É só uma sopa de galinha. Mas não tem de quê.

Ele ainda mantinha o olhar fixo no meu, cheio de expectativa, como se esperasse que eu dissesse alguma coisa ou fizesse algo que não sei como ajudaria a fazer as coisas avançarem. Eu me perguntei se ele fazia isso no trabalho, encarava os pacientes até que eles rompessem o silêncio. Mas eu não queria dizer nada. Só queria olhar, ter uma razão para olhar, continuar olhando.

Finalmente, Stuart se rendeu primeiro. Ele baixou a cabeça e começou a tomar a sopa, as faces coradas. Assinalei aquilo como uma pequena vitória minha. Eu era especialista nisso, conseguia encarar qualquer um, a qualquer momento e em qualquer lugar até o outro desistir. Um pequeno truque que aprendi no hospital.

A sopa estava boa; excelente, na verdade. Senti-me aquecer por dentro, e quanto mais tomava, mais me dava conta de como estava faminta antes.

— Quando foi sua última refeição? — perguntou ele, enquanto eu usava o último pedaço de pão para raspar o restinho de sopa no fundo da tigela.

— Não me lembro. Imagino que tenha sido há muito tempo.

— Quer que eu faça mais?

— Não, não precisa. Obrigada.

— Quer que eu vá com você?

A brusca mudança de assunto me pegou desprevenida.

— Ir comigo? Aonde?

— Ao médico. Não vou entrar com você, é claro, mas posso acompanhá-la até o consultório. Isso ajudaria? Um pouco de apoio moral?

— Não, obrigada — respondi, sem olhar para ele.

— Não seria problema algum para mim. Posso conseguir uma folga no trabalho.

— Eu nem tenho um médico, Stuart. Nunca me dei o trabalho de procurar um desde que me mudei para cá.

Levantei, arrastando ruidosamente a cadeira no chão.

— Obrigada pela sopa. Tenho que ir. Sabe como é, tenho coisas importantes a fazer.

Peguei meu casaco e segui pelo corredor até a porta, com a leve impressão de que as paredes se estreitavam a cada passo que eu dava.

— Espere um instante, Cathy.

Pensei que ele ia continuar com o mesmo assunto, médicos, terapia, a importância de falar sobre o TOC, de melhorar, essa baboseira toda, mas não: ele me entregou uma sacola plástica com alguma coisa pesada.

— O que é isso?

— Mais sopa. Duas porções congeladas. Tente se alimentar direito, ok?

— Obrigada.

Eu praticamente desci correndo a escada e entrei às pressas no meu apartamento. Fiquei um tempo encostada na porta fechada, ofegante. A sacola estava pesada. Levei-a até a cozinha e guardei os dois blocos sólidos de sopa no freezer. A geladeira estava mesmo meio vazia, notei. Ele tinha razão, eu realmente deveria começar a prestar mais atenção à minha alimentação. Afinal de contas, não queria desmaiar outra vez — vai que acontecia no trabalho?

Verifiquei todo o apartamento, mas não consegui me concentrar. Não parava de pensar em Stuart. Fora grosseria minha, ir embora daquele jeito. Mas não havia muito que eu pudesse fazer quanto a isso. Não suporto me sentir pressionada.

Não confio mais em médicos, não depois do que aconteceu no hospital. Se eu começar a me render a eles, se for procurar ajuda, pode vir a acontecer tudo de novo, justamente quando eu estava fazendo algum progresso, quando consegui um emprego, um lugar para morar, uma vida — um arremedo de vida. Stuart me vê como sou agora: alguém que passa tanto tempo ocupada com a porta da rua que se esquece de se alimentar, alguém que desmaia na biblioteca, alguém incapaz de encarar qualquer tipo de confronto ou conselho.

Ele não viu como eu era antes. Não sabe o quanto já melhorei.

Domingo, 7 de dezembro de 2003

DOMINGO DE MANHÃ FOMOS DAR UM passeio na praia, em Morecambe. Estava extremamente frio, o vento soprando forte a areia nos nossos rostos, machucando e fazendo meus olhos lacrimejarem. Meu cabelo se agitava para todos os lados.

Fiquei na direção do vento e aproveitei para prender o cabelo em um coque improvisado. Não iria durar muito, mas resolveria por enquanto.

Ele então segurou minha mão novamente.

— Linda.

Tínhamos que gritar, por causa do barulho do vento. Caminhamos até onde as ondas estouravam na areia, nossos pés deixando pegadas úmidas. Peguei uma concha translúcida que brilhava com a água salgada. Meu cabelo começava a se soltar outra vez. No céu, as nuvens apostavam corrida, cada vez mais escuras, ameaçando chuva. Tirei minha leve echarpe de algodão do pescoço e soltei-a do casaco, o vento a açoitando enquanto eu tentava esticá-la, depois enrolei-a na cabeça, tentando amarrá-la apesar da ventania, que zombava dos meus esforços.

— Lee — gritei.

Ele estava atirando seixos ao mar. Ao me ouvir, foi até onde eu estava, mas não esperou que eu falasse: segurou meu rosto com ambas as mãos e me beijou. Sua boca estava quente e com gosto de sal. Desisti de amarrar o cabelo, que voltou a se agitar ao nosso redor, e nesse exato instante minha echarpe, que eu tinha até esquecido que segurava, decolou e planou no ar, como um pássaro franzino.

Lee me largou e foi correndo atrás, enquanto eu morria de rir, a gargalhada saindo antes mesmo que eu pudesse ouvi-la. A echarpe caía, revoava e girava em diferentes direções, as extremidades se agitando loucamente.

A echarpe enfim aterrissou na beira d'água, como era de se esperar, sobre a areia úmida e cheia de espuma do mar. Ele a

trouxe de volta para mim, enrolada no dedo, gelada e pingando, num estado lastimável.

Então nos rendemos ao vento e caminhamos de volta de mãos dadas. O cheiro à beira-mar era tentador, e entramos numa lanchonete. Quando a porta se fechou atrás de nós, o silêncio era quase ensurdecedor. Pedimos uma porção de batatas fritas para nós dois e nos sentamos, com o rosto afogueado, à mesa de fórmica junto à janela, de onde ficamos observando pelo vidro embaçado as pessoas passando, em ângulos estranhos devido à força do vento, seus casacos e calças sendo fustigados.

— Quem dera todos os dias fossem como hoje — falei.

Lee estava me olhando pensativo, como fazia com frequência.

— Você deveria parar de trabalhar — falou ele.

— O quê?

— Largar o emprego — disse ele, dando de ombros. — Então, sempre que eu tiver um dia de folga podemos ficar juntos assim, como hoje.

Eu achei graça.

— E eu vou viver de quê?

— Eu tenho bastante dinheiro. Poderíamos morar juntos.

Primeiro achei que ele estivesse brincando, mas era sério.

— Eu adoro meu trabalho — falei.

Foi a vez dele de rir.

— Você vive reclamando do que faz.

— Mesmo assim. Não quero parar de trabalhar. De qualquer maneira, obrigada. É tentador.

Lá fora, um carro da polícia passou devagar, parando em frente à lanchonete, mas ninguém saiu do veículo.

— O que será que eles estão fazendo? — indaguei.

Seus brilhantes olhos azuis se fixaram nos meus.

— O que foi? — exclamei, sorrindo.

— Preciso contar uma coisa para você.

Ele pegou uma batata e a colocou na boca, seu olhar ainda no meu.

— Vá em frente — falei, meio desconfiada.

— Vai ficar só entre nós dois?

— Claro que sim.

Eu não fazia ideia do que poderia ser. Sabia apenas que viria a mudar tudo. Aquele momento transmitia isso, dando aquela sensação de antes-e-depois, como se representasse o fim de uma fase e o início de outra.

Meu cabelo caía sobre o rosto e os ombros, cheio de maresia e grãos de areia, uma massa grossa e quebradiça parecida com um grande algodão-doce castanho-escuro. Ele tentou passar a mão pelo meu cabelo, mas não conseguiu, o que o fez rir. Olhou para a rua novamente, para o carro de polícia estacionado lá fora e para a chuva que começara a bater no vidro. Depois, voltou a olhar para mim e pegou a minha mão.

— É só que eu amo você — disse ele. — Só isso.

Meu coração deu um pulo, é claro que deu, e, a partir daquele instante, cada vez que eu olhava para ele e me lembrava dessas palavras, meu coração disparava novamente, e tudo que eu queria era sorrir e gritar isso para o mundo.

Mas havia outra coisa. Eu não conseguia me livrar da impressão de que ele estivera a ponto de me contar outra coisa, algo totalmente diferente, algo ruim; e que no último instante tinha mudado de ideia.

Quarta-feira, 5 de dezembro de 2007

EU ESTAVA ME PREPARANDO PARA DEITAR e fiz a besteira de verificar as trancas só mais uma vez. Era quase um prazer culpado, algo que eu me permitira fazer para me ajudar a me sentir totalmente segura antes de ir dormir. Mas fazer isso de barriga vazia, tendo dormido pouco nas últimas noites, não fora uma boa ideia. Fiquei travada novamente. Não conseguia acertar a verificação, eu perdia a conta, não seguia estritamente a ordem correta, não ficava com a mão na porta por tempo suficiente. Alguma coisa parecia errada.

As horas se passaram e eu continuava, recomeçando uma, duas, três vezes, sem parar. Tomei banho por volta de uma da manhã, a fim de tentar despertar um pouco, e saí tremendo de frio. Vesti uma calça de ginástica e uma camiseta e comecei tudo outra vez.

Ainda não bastava. Acabei sentada junto à porta, a cabeça nos joelhos, soluçando e tremendo, tão atormentada que nem sequer o ouvi subindo a escada. Ele bateu na porta e meu coração quase saiu pela boca.

— Cathy? Sou eu. Tudo bem com você?

Eu não podia responder, só conseguia arfar e soluçar. E ele logo ali, do outro lado da porta.

— O que aconteceu? — perguntou ele, mais alto desta vez. — Cathy? Posso entrar?

Depois de um momento, respondi apenas:

— Está tudo bem. Vá embora, por favor. Vá embora.

Aguardei o som de passos subindo a escada, mas o que ouvi foi, alguns minutos depois, o ruído dele se sentando no chão no corredor, do outro lado da minha porta. Chorei ainda mais, embora não tanto de medo, mas de raiva, raiva por ele se intrometer no meu pânico, bloquear a porta, impedir qualquer coisa que eu pudesse concebivelmente fazer para me proteger. Mas, ironicamente, eu não estava mais acuada. Como quando a Sra.

Mackenzie aparece, interrompendo minhas verificações na porta da rua.

Engatinhei até o tapete e fiquei ali sentada olhando para a porta, imaginando-o do outro lado. O que será que ele devia pensar de mim?

Limpei a garganta e falei, com a maior clareza e firmeza que consegui:

— Estou bem agora.

Ouvi quando ele se pôs de pé.

— Mesmo?

— Sim. Obrigada.

Ele tossiu.

— Quer alguma coisa? Um chá, qualquer coisa?

— Não. Estou bem.

Que maluquice, conversar com a minha porta.

— Ok.

Houve uma pausa, como se ele hesitasse em acreditar em mim, e então, finalmente, o som de seus passos subindo a escada.

Segunda-feira, 8 de dezembro de 2003

EU HAVIA PENSADO EM TIRAR UMA folga na segunda-feira, ou até mesmo em inventar alguma desculpa e faltar ao trabalho, para passar o dia na cama com Lee.

Se ele tivesse permanecido na cama, teria sido tentador demais voltar para debaixo das cobertas, mas ele se levantou quando fui tomar um banho. Quando desci, pronta para ir trabalhar, ele havia feito chá e preparado um sanduíche para eu levar para o trabalho.

— Não precisava, Lee — falei.

Ele me abraçou e me beijou.

— Pense na minha proposta — sussurrou ele, finalmente. — Se você não tivesse que trabalhar, poderíamos voltar para a cama.

— Não me provoque.

Lá fora estava úmido e ventando e ainda nem amanhecera por completo. A tentação de voltar para dentro de casa e passar mais um dia com ele era quase insuportável. Eu havia deixado a chave da porta sobre a mesa de jantar, de modo que ele pudesse trancar se quisesse dar uma saída. Isso me parecera totalmente natural; e eu já sabia que não a pediria de volta mais tarde. Tínhamos passado dois dias inteiros na companhia um do outro, dois dias incríveis e três noites de total felicidade. Nem um momento sequer de desconforto, embaraço ou discussão. Não se passara um único instante em que eu não me sentisse alegre com sua presença.

Não fazia nem dez minutos que eu chegara ao trabalho quando meu celular tocou: era Sylvia. Ela ficaria mais algumas semanas no emprego antes de se mudar para Londres.

— E aí? — falei. — Como foi lá no Red Divine?

— Divino, querida — respondeu ela. — Mas sério, foi fantástico. Você perdeu.

— E então, como é o lugar?

— Olha, é simplesmente o máximo. Um monte de sofás de couro vermelho, tudo cromado e cheio de espelhos. E os banheiros?

Meu Deus, você ia adorar, tinha flores e toalhas de mão decentes, e potinhos de creme hidratante. E aquele barman, se lembra do cara que trabalhava no Pitcher and Piano, aquele que você achava uma graça? Como é mesmo o nome dele? Jeff? Julian?

— Jamie.

— Pois é, ele estava lá também, atrás do balcão. Todo o pessoal do bar usava chifrinhos de diabo. E bem acima do balcão eles mantiveram a antiga janela de vitrais da capela, com luzes por trás, ou seja, a gente toma um drinque dos demônios sob o olhar dos santos. Fantástico.

— Uau! Vai voltar lá semana que vem?

— Talvez. Provavelmente. Mas enfim, eu não liguei para falar sobre *isso* — disse ela, e fez uma pausa dramática.

— O que é? Algo ainda melhor que a noite de inauguração do Red Divine?

— Muuuito melhor. Vou dar um jantar, só para os amigos mais próximos. Na casa da Maggie, não na minha, é claro, pois já comecei a fazer as malas e o meu apartamento está uma zona, não sei se vou conseguir sobreviver ali, mas enfim... Você vai poder ir?

— Quando vai ser? — perguntei, sem ter certeza se ela já mencionara a data.

— Próxima quinta. Você vai? Lá pelas sete.

— Claro que vou, não perderia por nada nesse mundo. Quer que eu leve alguma coisa? Uma sobremesa? Uma salada?

— O seu novo namorado — disse ela, afetadamente.

— Ah, acho que ele vai estar trabalhando — respondi.

— Ah.

— Mas vou falar com ele. Talvez ele consiga uma folga.

— Sean vai estar lá. E Lennon. E Charlie. E pensei em chamar Stevie, só para a gente rir um pouco.

Em outras palavras, venha acompanhada ou então vai ficar segurando vela.

— Vou falar com ele. Se não der, vejo você na festa do Spread Eagle. Essa eu não vou perder de jeito nenhum.

— Ok, querida, me dê uma resposta até quarta à noite, para eu saber o que comprar. E até lá, seja boazinha. Mas se não puder,

seja malvada.

— Pode deixar. Até mais.

— Tchauzinho, baby.

Será que era cedo demais para convidar Lee para um jantar com todos os meus amigos? Ele seria minuciosamente examinado na festa de Sylvia de qualquer maneira, o jantar só anteciparia as coisas. E as festas na casa de Maggie eram sempre boas. Ela cozinhava maravilhosamente bem, e não me agradava nem um pouco a ideia de perder um desses jantares só porque meu namorado estava ocupado demais para me acompanhar.

Mergulhei no trabalho, me preparando para uma reunião às dez. Um monte de anotações a serem feitas até lá, e eu ainda estava me lembrando do último jantar na casa de Maggie, só para meninas, comendo *crème brûlée* e exagerando no conhaque.

Depois da reunião, vi que havia uma chamada perdida de Lee no meu celular. Retornei a ligação.

— Oi, linda — disse ele ao atender.

— Oi — respondi. — O que está fazendo?

— Acabei de lavar a louça. Agora vou sair e fazer umas compras, para poder preparar um jantar bem gostoso para você. Quer alguma coisa do mercado?

— Acho que não. Lee, você vai trabalhar na quinta à noite?

— Por quê?

— Fomos convidados para um jantar na casa da Maggie.

Houve uma pausa.

— Você quer que eu vá?

Óbvio que sim, pensei, senão não teria convidado.

— Quero — respondi.

— Eu tinha um compromisso, mas acho que posso adiar. Vou dar uns telefonemas e depois falo com você. Está bem assim?

— Maravilha.

— Ok, então. Que horas você chega?

— Não sei ao certo. Lá pelas seis e meia.

— O jantar vai estar pronto.

— Que ótimo. Obrigada.

— Até mais.

Segunda-feira, 10 de dezembro de 2007

DE VOLTA AO TRABALHO, SEGUNDA DE manhã. Sair de casa nem foi tão difícil — talvez porque estava sol. Consegui dormir melhor no fim de semana, várias horas seguidas por noite. Também me esforcei para fazer três refeições por dia, jantando comida de verdade, e pelo visto isso resolveu o problema.

Muito embora as minhas verificações de hoje tenham sido satisfatórias, ainda assim me atrasei, saí correndo pela rua, minha respiração soltando fumaça no ar gelado. Ouvi alguém atrás de mim e me virei num sobressalto. Era Stuart. Ele parecia tão maravilhoso, tão feliz, tão ofegante.

— E aí? — disse ele. — Está indo para o metrô?

— Sim — respondi. Só em andar ao seu lado meus passos pareceram mais leves. — Olhe, Stuart, sei que eu vivo dizendo isso toda vez que a gente se vê, mas me desculpe.

— Desculpar? Pelo quê?

— Você já tem que encarar bastante gente com esse tipo de problema no seu trabalho, imagino. Merece um descanso quando volta para casa. E naquele outro dia, quando você fez sopa para mim e eu fui embora sem mais nem menos... me desculpe por aquilo também. Foi realmente grosseiro de minha parte.

Ele ficou calado por um instante, o queixo enterrado na gola do casaco.

— Não foi, não. Tenho pensado sobre isso. Eu a estava pressionando. Não devia ter agido assim.

— Mas você tem razão. Eu preciso mesmo procurar um médico. Pensei sobre isso durante o fim de semana.

As palavras saíram antes que eu pudesse realmente pensar no que ia dizer. De onde tinham vindo? Era por causa dele, por ele estar ali e, por alguma razão insana, eu querer vê-lo sorrir.

Ele parou bruscamente.

— Sério?

— Claro.

A expressão em seu rosto me fez rir.

Ele voltou a caminhar. Atravessamos juntos a rua, em meio ao trânsito barulhento.

— Olhe — disse ele—, vá ao Centro Médico Willow Road. São os melhores médicos da região, profissionais ótimos, muito bons mesmo, e simpáticos. Procure o Dr. Sanj Malhotra. Ele é excelente. E gentil.

— Ok. Farei isso. Obrigada.

Passamos pelas roletas do metrô e nos separamos: ele ia para um sentido, e eu para outro. Fiquei vendo-o seguir pelo corredor ladrilhado, uma bolsa pendurada no ombro.

Segunda-feira, 8 de dezembro de 2003

ACABEI CHEGANDO EM CASA SÓ ÀS quinze para as sete, resolvendo um processo trabalhista contra um funcionário do escritório de Londres que, por alguma razão, tornara-se minha responsabilidade.

A mesa já estava posta, com uma garrafa de vinho, tudo imaculadamente limpo. Lee encontrava-se na cozinha. Eu não fazia a menor ideia de como ele conseguia isso — preparar uma refeição sem acumular louça suja. Ele me deu um beijo no rosto. Além de ter feito o jantar, ele acabara de sair do banho, o rosto ainda úmido, barbeado, perfumado.

— Estou atrasada, me desculpe — falei.

— Sem problema. Está tudo pronto. Sente-se.

Dessa vez ele preparou frango picante com salada, ervas frescas, pão quente e uma garrafa de Sancerre branco gelado.

— Eu dei uns telefonemas — disse ele, mastigando. — Acho que dá para ir na quinta. Mas talvez fique um pouco apertado, então é melhor nos encontrarmos lá.

— Ah. Tudo bem.

Ficamos em silêncio enquanto ele bebia.

— Você tem certeza disso?

— Disso o quê?

— Quer mesmo que eu conheça seus amigos?

— Claro. Por que não?

Ele deu de ombros, olhando fixamente para mim.

— Isso é um pouco difícil para mim. Conhecer gente nova. É bom que você saiba.

— Você não me parece o tipo de pessoa que tem problemas em se relacionar.

— Então você ainda não me conhece direito.

Dessa vez o silêncio foi mais longo.

— Eu queria saber qual é o seu trabalho — falei.

Ele parou de comer e ficou me olhando por um bom tempo.

— Em grande parte, você já sabe. Trabalho com segurança.

— Isso pode significar várias coisas. O que me preocupa.

— Não precisa se preocupar — disse ele, com suavidade. — Eu só tenho que ser cauteloso, só isso. É melhor para você não saber do que se trata.

— Você não confia em mim?

Seus olhos se anuviaram.

— Eu poderia lhe fazer a mesma pergunta.

Então eu desisti.

— Olhe, não precisamos ir. À festa da Maggie, quero dizer. Sinceramente, se você preferir...

— Está tudo bem — ele me interrompeu. — Nós vamos.

— Lee, é só um jantar. Não é um teste.

Ele terminou de mastigar e pousou o garfo e a faca no prato.

— Sobremesa?

A sobremesa eram morangos com vinho moscatel, que comemos e bebemos na cama. Ele não falou mais nada sobre o jantar na casa de Maggie ou sobre seu trabalho, nem eu. Entreguei-me ao seu sabor, à tepidez de suas mãos sobre minha pele, sabendo que na manhã seguinte ele iria embora e eu ficaria sozinha em casa outra vez.

Terça-feira, 11 de dezembro de 2007

EU CONSEGUI. FINALMENTE CONSEGUI. HOJE À noite, saltei do metrô em uma estação diferente, a três quilômetros da minha casa, porém mais perto da Willow Road. Parte de mim torcia para que o centro médico já estivesse fechado àquela hora, mas estava aberto.

A Willow Road dá acesso a várias ruas importantes, porém estava surpreendentemente sossegada. O centro médico possui um pequeno estacionamento e vários prédios em torno, incluindo uma clínica odontológica e uma farmácia. Tudo estava muito bem iluminado, e o estacionamento, cheio. No interior, tudo era novo e limpo. Apesar de haver bastante gente transitando pelo local, a sala de espera não estava cheia, tudo parecia calmo, tranquilo, sereno. Em um canto havia uma pequena árvore de Natal, enfeitada com luzes pisca-pisca e ornamentos coloridos e cintilantes.

— Posso ajudar? — perguntou a recepcionista quando me aproximei do balcão.

Ela estava sorrindo de verdade para mim. Eu não esperava isso. Ela era jovem e pequenina, com cabelo curto e ruivo.

— Eu queria preencher uma ficha para poder me consultar — falei.

— Claro — respondeu ela. — Só um momento, vou pegar o formulário.

Olhei ao redor. Havia um espaço separado para crianças na sala de espera, com uma prateleira de livros e um grande caixote cheio de brinquedos de madeira. Três crianças bem pequenas estavam concentradas e empenhadas em retirar tudo da caixa. Um velho com um casaco enorme dormia no canto, a cabeça encostada à parede, a boca aberta revelando um único dente.

— Aquele senhor está bem? — perguntei à recepcionista quando ela voltou.

— George? Ah, sim, está sim. Daqui a pouco vou lá acordá-lo. Ele às vezes vem aqui para tirar uma soneca quando está frio lá

fora. Não se preocupe, ele não está esperando há horas por uma consulta.

Ela me entregou um grande envelope marrom.

— Não são só formulários, há também vários folhetos sobre todas as nossas clínicas. Você está precisando marcar uma consulta agora?

— Hã... Eu tenho que fazer isso?

— Não se estiver bem. Mas é que o mais comum é as pessoas virem se registrar só quando já estão precisando ir ao médico.

Eu pensei um pouco e me perguntei se iria realmente voltar para uma consulta se não a marcasse logo naquele momento.

— Acho que sim, quero marcar uma consulta, sim. Pode ser com o Dr. Malhotra?

— Vou verificar. Você prefere vir após o trabalho?

— Prefiro, se for possível.

— Quinta-feira às 18h45, pode ser?

— Sim, ótimo. Obrigada.

— Qual é o seu nome?

— Cathy Bailey. Cathy com C.

Ela anotou meu nome em um cartão.

— Se você puder trazer os formulários preenchidos antes da consulta, seria ótimo. Senão, traga na quinta-feira mesmo.

— Obrigada — falei. — Mas posso preenchê-los agora mesmo, não posso?

Sentei-me na sala de espera com uma caneta e o envelope apoiado no colo e preenchi tudo. Não foi fácil. Eu não queria pensar no meu histórico médico, muito menos escrever sobre isso. Mas pelo menos ali, naquele lugar, eu poderia fazê-lo sem perder o controle. Fiquei sentada ao lado de George enquanto ele roncava e escrevi sobre a depressão, a ansiedade e os ataques de pânico.

Ao terminar, devolvi os formulários à recepcionista. Depois voltei para a rua escura e segui na direção do trânsito barulhento. Peguei meu celular no bolso e enviei uma mensagem.

Prontinho. Consulta marcada pra quinta. C.

Alguns minutos depois, quando subi no ônibus que por acaso ia na direção que eu queria, ouvi meu celular apitar.

Que boa notícia! Tá a fim de um chazinho? ;) bjs, S.

Por alguma razão estúpida, louca e estranha, a resposta imediata e o “bjs” me diziam que eu só precisaria verificar a porta do prédio uma vez, quando chegasse em casa. Somente uma vez. Eu nem sabia há quanto tempo eu não fazia isso uma única vez. Fiquei ali em pé na entrada ao terminar, esperando a Sra. Mackenzie aparecer, me perguntando como eu conseguira acertar tudo de primeira. Como isso era possível? Estendi a mão na direção da porta, titubeando, quando ouvi a porta do 101 se abrir atrás de mim.

— Cathy? É você?

— Sou eu, Sra. Mackenzie. Como vai?

— Vou bem, querida. E você? Está frio aí fora, não é?

— Sim, é melhor a senhora entrar, senão o calor aí de dentro vai todo embora.

Ela voltou para dentro — para sua série preferida, *EastEnders*, pelo que pude ouvir — e fechou a porta. Olhei para a porta da rua, para a fechadura, depois me virei e subi, para começar as outras verificações.

Stuart levou um tempo para abrir a porta quando finalmente cheguei até seu andar. E então ele apareceu, com o braço esquerdo em uma tipóia.

— O que houve? — perguntei, fechando a porta ao entrar.

— Ah, levei um chute no ombro. Deslocou. Uma dor terrível.

Ele ficou de pé na cozinha enquanto eu preparava o chá, sob seu olhar.

— Que bom que você veio — disse ele. — Como está indo?

— Eu? Eu estou bem. De verdade. Você não quer se sentar?

— Não, fiquei sentado o dia todo, isso está me deixando louco.

— Mas então, quem foi que chutou seu ombro, alguma espécie de ninja?

Ele riu.

— Não, foi um paciente. A culpa foi minha. Ele ficou irritado com algumas perguntas que fiz durante uma avaliação. Levei um chute antes de conseguir apertar o botão de alerta. Já aconteceu antes. Levei um chute no saco da outra vez. Aquilo *sim* doeu.

— Pensei que você só ficasse sentado, escutando as pessoas falarem sobre a infância.

— Faço isso nas consultas regulares. Mas também passo um bocado de tempo no ambulatório. E no meio disso tudo, faço pesquisas e cuido da papelada. Daí as muitas horas de trabalho.

Deixei no balcão uma caneca de chá para ele e comecei a lavar a pequena montanha de louça suja que se acumulara na pia.

— Eu estava justamente pensando em cuidar disso aí — disse ele.

— Você pretendia fazer isso com uma mão só?

Ele me olhou e tomou um gole de chá.

— É incrível o número de coisas que a gente consegue fazer com só uma das mãos, se a gente se esforçar. Mas e aí, marcou uma consulta com Sanj?

— Sim. Bacana o pessoal de lá, hein? Tinha um velhinho na sala de espera já no sétimo sono, e eles o deixaram dormir ali tranquilamente. Achei legal da parte deles.

— Quem, George?

— Isso.

— Eu posso ir com você na quinta-feira, se quiser — ofereceu-se ele.

Olhei para ele; uma rápida olhada, partindo dos seus pés, enfiados nas meias, passando pela calça jeans e pelo suéter verde-escuro que combinava com seus olhos, até o rosto cansado e exaurido.

— Não, obrigada.

Após lavar a louça, esquentei no micro-ondas um chili com carne que ele havia preparado na semana anterior e deixado no congelador. Depois nos sentamos no sofá para comer. Ele me contou sobre os dois anos que passara viajando, no intervalo entre o mestrado e o doutorado. Em seguida foi até o quarto e trouxe de

lá um pen drive com centenas de fotos, para eu dar uma olhada se quisesse. Stuart disse que fazia tempo pretendia imprimi-las para organizá-las em um álbum, mas que acabava nunca fazendo isso. Falando sobre viagens, veio-lhe à lembrança uma comédia muito louca a que ele assistira na Austrália, e daí passamos para um DVD com a apresentação desse grupo na Opera House de Sydney, e, enquanto eu ria com ele em frente à TV, me dei conta de que estava começando a relaxar. Eu me sentia confortável e cansada e estava realmente começando a relaxar.

Quarta-feira, 17 de dezembro de 2003

QUANDO LEE ESTAVA TRABALHANDO, ELE SUMIA por alguns dias. De vez em quando me telefonava várias vezes por dia e enviava mensagens entre uma ligação e outra, perguntando como eu estava, dizendo que queria estar junto comigo, perguntando o que eu estava fazendo. Outras vezes, ficava claro que ele não tinha como usar o telefone, e eu me via sozinha.

Era fim de tarde de quarta-feira, eu estava voltando do trabalho com o céu já escuro. Desde sábado que eu não tinha notícias dele. Parei no supermercado e comprei algumas coisas para o jantar. Pretendia fazer um ensopado de frango e guardar um pouco para o dia seguinte.

Eu tinha passado o domingo e a segunda-feira conferindo inúmeras vezes no celular se ele tinha ligado. Na terça, só fiz isso algumas vezes. Hoje praticamente nem olhei para o telefone. Será que ele está bem? Enquanto escolhia frutas e legumes, me peguei tentando lembrar há quanto tempo ele não dava notícias. Qual fora o período mais longo em que ficara ausente, desde que havíamos nos conhecido? Alguns dias, uma semana, mas, em geral, ele não passava mais que um ou dois dias sem entrar em contato. Eu tinha lhe enviado uma mensagem na noite de segunda-feira, mas não recebera resposta. Resolvi telefonar, porém o celular dele estava desligado. Isso não era exatamente estranho; quando estava trabalhando, era comum ele desligar o telefone, ou então não havia como carregá-lo no lugar onde se encontrava.

Era estranho não tê-lo por perto. Apesar de me sentir algumas vezes sufocada pela sua presença, ao mesmo tempo ele me dava segurança. Agora que eu estava de volta à minha solidão, me sentia exposta, desprotegida, vulnerável. No supermercado, não consegui ignorar a impressão de estar sendo observada.

Quando cheguei em casa, larguei as compras na cozinha e acendi as luzes, me senti melhor. Havia uma chamada não atendida no telefone fixo; um número não identificado. Pensei que talvez

fosse Lee, tentando falar comigo, mas ele teria tentado primeiro o celular. Preparei meu jantar cantando sozinha, ansiosa por relaxar na banheira com um livro nas mãos. Quando terminei de fazer a comida, peguei os talheres na gaveta da cozinha e me sentei no sofá para comer.

Se alguma coisa acontecesse com Lee durante seu trabalho, será que eu algum dia descobriria? Será que ficaria sabendo? Ele me garantiria que nenhuma das pessoas com quem trabalhava tinha qualquer conhecimento sobre mim. Era "melhor assim, mais seguro". E se ele se ferisse? E se ele se envolvesse em outra briga, mais séria, e acabasse sendo esfaqueado ou levando um tiro? Eu saberia algum dia?

Lavei e sequei a louça ainda pensando nele, onde ele poderia estar, o que estaria fazendo. Guardei os talheres na gaveta, e então algo me pareceu estranho. As posições dos garfos e das facas haviam sido trocadas. Eu acabara de colocar lá dentro os talheres que havia usado e vi que pareciam fora do lugar: um garfo em meio às facas, uma faca em meio aos garfos.

Aquilo não estava assim de manhã. Ou estava? Tentei me lembrar de quando preparara as torradas. Onde eu tinha pegado a faca? Deveria estar no lugar certo, senão eu teria passado a manteiga com um garfo.

Peguei os talheres e os troquei de posição.

Eu não conseguia entender o que acontecera. Fui até o banheiro, no andar de cima, para preparar meu banho, mas assim que acendi a luz, eu notei: o cesto de roupas sujas havia passado do lado esquerdo da pia para o direito. Aquilo me chamou a atenção imediatamente.

Coloquei-o de volta no lugar.

Alguém estivera ali.

Fui de um cômodo para o outro, procurando mudanças, procurando coisas fora do lugar. Levei uma hora examinando tudo e, quando terminei, ainda não estava convencida de ter procurado direito. Será que eu estava ficando louca? Eu não me esqueceria de ter mudado algo de lugar, ou trocado a disposição da minha gaveta de talheres. E por que eu faria algo assim? O cesto de roupas mal

cabia naquele lado — não havia espaço suficiente entre a pia e a banheira.

A questão na minha cabeça não era tanto quem havia estado ali — não havia o menor indício de que alguém houvesse arrombado o apartamento, portanto, quem quer que tivesse sido, tinha a chave, o que significava que só podia ter sido Lee. A questão principal era: por quê? Por que ele entraria na minha casa só para mudar as coisas de lugar?

Continuei examinando o apartamento, no caso de encontrar em algum lugar um bilhete explicando aquilo, que talvez tivesse caído no chão quando ele fechara a porta depois de sair. Não achei nada.

Quarta-feira, 12 de dezembro de 2007

POR UM INSTANTE, QUANDO ACORDEI, EU não tinha a menor ideia de onde estava. Parecia que eu estava soterrada sob um monte de casacos, como se tivesse ido a alguma festa maluca e acabasse bêbada em um quarto qualquer.

O choque me fez dar um berro, um grito estrangulado. Tentei me levantar, mas me enrosquei nos casacos e cobertores, desabei de joelhos no carpete e me reergui no exato instante em que um vulto entrou no meu campo de visão. Isso sim me fez gritar, um grito de verdade.

— Cathy?

Era Stuart. Com um simples olhar, percebi que ele estava só de short, e segurando o braço deslocado.

Eu estava na sala dele. Tinha acordado toda enroscada no sofá. Ainda estava usando a roupa com que fora trabalhar, a saia e a blusa completamente amassadas, os sapatos jogados de qualquer jeito no chão. Ao lado havia um cobertor todo bagunçado e, em cima dele, uma confusão de casacos: o meu casaco preto, de lã, o marrom de Stuart e um terceiro bem pesado, do tipo que se usa para escalar montanhas.

Meu coração estava acelerado; minha respiração, ofegante.

— O que... o que eu estou fazendo aqui?

— Está tudo bem — disse ele. — Você caiu no sono. Não quis acordá-la.

O relógio de parede na cozinha marcava seis e meia — começava a clarear lá fora.

Eu não conseguia me lembrar de ter adormecido, apenas de estar sentada no sofá com Stuart, assistindo a um DVD de um humorista que ele vira ao vivo quando fora à Austrália, gargalhando e até chorando de rir.

Minha respiração aos poucos foi voltando ao normal e meu coração se acalmando.

— Eu tenho que ir — falei.

— Sinto muito. Não tive a intenção de assustá-la.

Olhei-o de cima a baixo, ali de pé na cozinha, só de short — por sorte ele não dormia nu.

Calcei os sapatos desajeitadamente, meu equilíbrio ainda precário. Apanhei meu casaco em meio àquela pilha e coloquei os outros amontoados sobre o sofá.

— Olhe, me desculpe por... você sabe... por essa bagunça — consegui dizer enfim. — Seu braço está melhor?

— Para ser franco, está doendo horrores. Daqui a pouco vou tomar mais alguns analgésicos.

— Eu tenho que ir — repeti.

— Tudo bem.

Ele abriu a porta, e ao sair eu olhei para trás, pensando como foi idiota a ideia dele de não me acordar ontem à noite, e ao mesmo tempo lembrando de quando ele saiu correndo de seu quarto ao me ouvir gritar.

Quinta-feira, 18 de dezembro de 2003

— CATHERINE, QUERIDA!

Sylvia abriu a porta da casa de Maggie, pois evidentemente era ela a anfitriã, ainda que não morasse mais ali, e me abraçou bem forte.

Enquanto isso, ela olhava inquisitivamente por sobre meu ombro.

— Ele está preso no trabalho — falei, à guisa de explicação. — Lamento. Mas deve chegar logo, espero.

— Preso no trabalho? — repetiu ela. — Ele está roubando as joias da coroa ou o quê?

Eu ri.

— Provavelmente.

Entrei na sala e cumprimentei a todos. Claire e Lennon estavam no sofá, ele parecendo ligeiramente constrangido por ela estar deitada no seu colo, as pernas estendidas sobre o braço do sofá; ele estava sentado rígido, enquanto ela ria, rouca, de alguma coisa que Louise acabara de falar.

— Catherine! Já era hora — disse Louise, levantando-se do chão num movimento ágil e desenvolto. Depois de me dar dois beijinhos, ela disse: — Claire já está torta.

— Claire, você é mesmo muito fraca para bebida.

— Eu sei, eu sei — retorquiu ela, ainda com lágrimas no rosto de tanto rir. — Não, sério, Lou, não faça isso comigo. Eu quase fiz xixi nas calças.

Ainda com o traseiro de Claire no seu colo, Lennon arregalou os olhos.

— Mas e ele, cadê? — perguntou Charlie.

Charlie era o caso do momento de Lou. Um tanto intelectual demais para ela, todas nós achávamos, com aquele cabelo comprido, um papo sobre conscientização e os cigarros que ele próprio enrolava.

— Ele está preso no trabalho — repeti. — Falou que não precisa esperar por ele.

— E quem falou em esperar? — disse Charlie. — Francamente, não era a minha intenção.

Seu babaca, pensei, mas fiquei calada.

Max, o marido de Maggie, estava na cozinha discutindo com ela, de uma maneira não muito discreta, sobre a quantidade de coentro que haviam colocado em alguma coisa que fumegava no fogão.

Dei um beijo nos dois e eles continuaram se bicando, como se eu não estivesse ali.

Stevie surgiu do banheiro.

— Cadê o cara? — perguntou ele, me dando dois beijinhos no rosto.

— Mas vocês, hein?, francamente. Não vão encher o saco dele quando ele chegar, não é?

— Depende. Se ele for muito gostoso... — disse Sylvia, me oferecendo uma taça de vinho do tamanho de uma panela.

Em consideração à preferência monocromática de Maggie, Sylvia estava vestindo uma saia zebraada sobre meias arrastão vermelhas que somente alguém com pernas como a dela poderia usar. Mas a temática do preto e branco se restringia apenas à saia, porque sua blusa tinha vários tons de roxo e vermelho. Como sempre, ela estava incrível.

Stevie era uma das várias amigadas coloridas de Sylvia — particularmente, meu preferido, e fiquei feliz em vê-lo. Ele era casado, mas ia para a cama feliz com qualquer mulher que lhe chamasse a atenção, e o mesmo fazia sua esposa, Elaine. Sylvia e ele dormiam juntos de vez em quando, e, entre uma aventura e outra, às vezes saíam apenas para se divertir — vestidos. Elaine também saía com a gente, mas com menos frequência. Muito divertida, ela. Certa vez Sylvia me contou que, após uma noite especialmente agitada, acordara entre Stevie e Elaine, agarrada aos dois na cama king size do casal.

A campainha soou e todos olharam para mim, ansiosos. Lancei para eles um olhar que dizia “por favor, se comportem”, mas, quando abri a porta, eram Sam e Sean.

— Ué, ele não veio? — exclamou Sam assim que pisou na sala.

— Puta que pariu — exclamei. — Sério mesmo, gente, vocês podiam manear um pouco.

Mas me arrependi no momento em que disse isso. Por que eu estava tão tensa? Aqueles eram os meus melhores amigos — ou pelo menos as meninas eram—, pessoas com as quais eu passara praticamente toda a vida. Há anos enchíamos o saco uma das outras quando o assunto era namorados, há muito tempo mesmo; se qualquer uma delas tivesse chegado à casa de Maggie aquela noite com um cara novo e mais ou menos sério, eu provavelmente teria ficado tão curiosa quanto todas elas estavam.

— Sylvia, esse troço aí que você está vestindo é de zebra de verdade? — perguntou Sam.

— Claro que não, meu amor. Comprei em Harrogate.

— Mas é pele de animal.

Maggie fez o possível para atrasar o jantar, mas meia hora depois Max começou a resmungar, então nos sentamos à mesa, todos falando ao mesmo tempo, passando o pão, o vinho, as colheres e travessas com legumes um para o outro. Fiquei sentada em um silêncio sofrido ao lado da única cadeira vazia, colocando comida no meu prato e desejando estar longe dali.

Quarta-feira, 12 de dezembro de 2007

AVISTEI STUART NA HIGH STREET, TODO torto tentando carregar umas sacolas de compra com um braço só, a outra manga do casaco pendendo vazia do outro lado. Ele estava de costas para mim, seguindo na direção da Talbot Street, e avançava lentamente.

Eu deveria ter ido atrás dele na mesma hora, oferecido uma ajuda e desfrutado de sua companhia pelos cem metros restantes até chegar em casa.

Obviamente, não fiz nada disso. Optei por me esconder sorrateiramente no recuo da entrada de um salão de beleza por alguns minutos, depois fingi apreciar a vitrine de uma livraria, mantendo a cabeça baixa até que ele dobrasse a esquina e sumisse de vista.

O problema não era só a vergonha de ter berrado feito louca só porque tinha acordado no seu sofá. Quanto mais eu pensava nisso, pior me parecia. Stuart era um profissional de saúde, um doutor em saúde mental ainda por cima. Ele representava tudo e todos que eu passara os últimos três anos tentando evitar. Ele tinha cheiro de hospital e emanava autoridade como se fosse uma fragrância: pessoas que dizem o que os outros devem fazer, que os diagnosticam, prescrevem remédios, tomam decisões pelos outros, conduzindo a vida alheia por um caminho que podem controlar.

Arrisquei uma olhada para a direita, procurando-o em meio ao monte de gente vestida com enormes agasalhos e carros, ônibus.

— Achei que tinha visto você. Como vai?

Virei-me bruscamente para o lado esquerdo e o vi diante de mim, agora com mais uma sacola além das que ele já estava carregando antes.

— Vou bem, obrigada. Caramba, isso parece pesado.

— Só um pouquinho.

Ele provavelmente seguira em outra direção enquanto eu não estava olhando e entrara na farmácia da esquina. Hesitei por um instante, sabendo que não poderia simplesmente deixá-lo carregar

aquelas sacolas sozinho até em casa e me dando conta de que isso significava que eu não poderia fazer meu caminho habitual de volta, passando pelo beco atrás do prédio.

— Está indo na mesma direção que eu? — perguntou ele, sorrindo.

Eu me senti irracionalmente mal-humorada, sobretudo pela minha patética tentativa de evitá-lo e pelo fato de eu não ter entrado em uma livraria e me escondido direito. Considerei a possibilidade de dizer que não, dar a desculpa de que estava indo me encontrar com alguém, mas às vezes era mais simples capitular.

— Deixe que eu carregue isso para você — falei quando nos pusemos a caminhar.

— Não precisa — resistiu ele.

— Pelo menos algumas, então.

— Tudo bem. Obrigado.

Ele então me entregou duas das sacolas mais leves e continuamos andando.

— E o seu ombro?

— Hoje está um pouco melhor, eu acho. Mais tarde deve voltar a doer mais. Saí só para comprar leite.

Seguimos caminhando silenciosamente por alguns minutos. Eu estava nervosa, como se quisesse sair correndo de repente. Ele mantinha uma distância respeitosa de mim, tanto que algumas pessoas que vinham na nossa direção acabavam passando entre nós dois. Eu me perguntei se ele estava tendo dificuldade em acompanhar meu ritmo.

— Sua consulta está marcada para amanhã, não é? — perguntou ele enfim.

Diminuí um pouco o ritmo, para que ele me alcançasse. Eu não estava a fim de conversar sobre isso no meio da High Street.

— É. Amanhã.

— E você está tranquila quanto a isso?

— Acho que sim.

Atravessamos a rua e entramos na Talbot Street. Havia menos gente ali, e a calçada era mais estreita.

— Desculpe se a assustei aquele dia. Eu deveria ter acordado você, eu acho.

— Eu é que não deveria ter pegado no sono. Não se preocupe, não vai acontecer novamente.

Senti seu olhar em mim, mas mantive os olhos à frente.

— Sei que não deve ser fácil para você — disse ele.

Foi a gota-d'água. Eu me virei e o encarei, e nisso as sacolas balançaram bruscamente, batendo nas minhas pernas.

— Não, Stuart, você não sabe de nada — retruquei. — Não faz ideia. Você acha que sabe de tudo só porque espia todo dia dentro da cabeça das pessoas. Pois então. Você não sabe nada do que se passa dentro da minha.

Pode ser muito bem que ele estivesse acostumado a reações destemperadas assim, acostumado a ser desafiado, mas talvez não na calçada em frente ao seu prédio. Ele parecia perplexo, e por instantes tive a impressão de que lhe faltavam palavras, então aproveitei a oportunidade:

— Até logo — falei, colocando as sacolas no chão. Ele teria de carregá-las sozinho até em cima.

— Aonde você vai?

— Não faço ideia — respondi, já me afastando. — Só não estou a fim de voltar para casa ainda.

Ouvi quando ele abriu e depois bateu a porta, e só então olhei para trás. Ele tinha entrado. Eu

estava quase alcançando o beco, e durante alguns instantes pensei em ir até lá e verificar se estava tudo bem em casa, mas estava com muita raiva. Sentia-me agitada, meus nervos tensos como um elástico esticado ao máximo.

Quinta-feira, 18 de dezembro de 2003

NEM OUVI TOCAREM A CAMPAINHA, MAS de repente notei que Maggie saíra da mesa e agora voltava com Lee a seu lado.

— Oi — disse ele. — Estou bem atrasado; me desculpem.

Houve um momento, um breve momento, de silêncio e perplexidade, enquanto todos o observavam, seu terno cinza-escuro, seu cabelo louro, seus olhos azul-claros... seu sorriso cordial. Em seguida, todas as garotas começaram a falar ao mesmo tempo.

Sylvia, sentada à cabeceira da mesa, levantou-se de um pulo e abraçou-o, enquanto os demais se levantavam, esperando para cumprimentá-lo ou com um beijo no rosto ou com um aperto de mão. Eu fui a última, é claro, mas fiquei meio presa do outro lado da mesa. Quando ele finalmente pôde se sentar, me beijou e depois deu uma piscadela, sussurrando “desculpe”.

Era como se houvesse um incêndio dentro de mim. Já fazia uma semana que não o via, e, durante esse tempo, em mais de uma ocasião eu o imaginara morto dentro de uma vala. Eu me sentira sozinha e abandonada. Tinha a impressão de estar sendo seguida, vigiada. Mas agora, de repente, tudo estava ótimo: meu namorado lindo e sexy estava de volta, e eu quase me esquecera de como ele era maravilhoso.

Todos relaxaram. Louise contava alegremente sobre uma vez, no Queen’s Head, em que Claire tinha rido tanto que acabara se mijando toda e tendo que secar a calcinha no secador de mãos; Stevie falava com Lee sobre o carro que acabara de comprar; e eu mal me continha de tão exultante. O jeito dele — tão lindo, tranquilo e sereno; seu jeito ao sorrir para todos e se desculpar pelo atraso; o fato de ele ter, não sei como, arranjado tempo para comprar uma garrafa de Cristal para Sylvia e, para Maggie, um buquê de rosas brancas; e, acima de tudo, a maneira como as garotas haviam olhado para ele, abismadas, com uma espécie de

veneração... E ali estava ele, sentado ao meu lado, dando atenção integral a Stevie, sua mão direita sob a mesa, na minha perna.

Escutei meu celular vibrar dentro da bolsa e procurei o aparelho em meio aos outros objetos. Pensei que fosse uma mensagem atrasada de Lee, avisando que estava a caminho.

Era de Sylvia. Que estranho.

Os olhos dele são dessa cor mesmo ou isso é lento?

Com uma só mão, digitei a resposta:

Hahaha, são naturais.

Olhei para ela, no outro extremo da mesa, conversando animadamente com Max, que enfim começava a se acalmar e a perder um pouco daquela vermelhidão que sempre surgia no seu rosto quando ele se estressava.

Claire estava começando a ficar com as bochechas bem coradas.

— Você vai dar um tempo na bebida, não vai, Claire? — perguntou Sam, olhando-a incisivamente. — Ninguém aqui quer uma reprise daquela sua performance no Cheshire.

— Não seja má — respondeu Claire, amuada. — Aliás, isso me lembra que você não contou para

eles o que aconteceu com Jack no Cheshire, contou?

— Nossa, foi engraçado demais.

— Conte — insistiu Claire, e depois ela mesma começou a história, sem parar para respirar: — Jack estava no Cheshire já completamente chapado, e sabia que ia acabar vomitando a qualquer momento...

— Que nem você está agora — disse Lennon.

— ...Aí ele correu para o banheiro masculino — emendou Sam, visto que Claire estava com dificuldades para se controlar—, e ele estava com tanta pressa que simplesmente empurrou a porta de uma das cabines... Lá dentro tinha um pobre coitado cagando, que tomou o maior susto da vida dele quando Jack apareceu

empurrando a porta na cara do sujeito. Só que Jack não conseguia mais segurar...

— ...Ou talvez ele estivesse tão torto que nem percebeu que a cabine não estava vazia — acrescentou Claire, lágrimas escorrendo dos seus olhos.

— Então ele acabou vomitando em cima do azarado do cara...

— Meu Deus, e isso não é nem o mais engraçado da história...

— Mas assim que conseguiu fazer uma pausa para respirar, ele pensou, espere aí, acabei de vomitar em um desconhecido, no lugar dele eu ficaria bem putto, aí ele achou que o ataque seria a melhor defesa, então deu um soco na cara dele e saiu correndo do banheiro.

Todos riam agora, exceto Charlie.

— Meu Deus — exclamou Claire —, preciso fazer xixi. Já volto.

— Então quer dizer — perguntou Charlie, com ar sério — que ele deixou um desconhecido todo vomitado e depois ainda deu um murro no rosto do cara? Sem qualquer motivo?

— É, foi tipo isso — respondeu Sam, enxugando os olhos.

— Alguém me passa o molho da carne? — concluiu Charlie.

— Charlie, você é um chato — disse Louise.

— Tenho certeza de que já o vi antes, Lee — dizia Stevie. — Será que nos conhecemos do trabalho ou de algum outro lugar?

— Acho que não. Estou trabalhando como segurança na porta do River — disse Lee. — Talvez seja de lá.

— Pode ser. Aliás, você já conhece o seu novo concorrente? Bem impressionante, o lugar. O Red Divine. Fomos lá na sexta-feira.

— Não conheço. Para falar a verdade, não sou muito de ir a boates. Depois de tanto tempo vendo o que sobra no fim da noite...

— Faz muito bem — exclamou Max, do outro lado da mesa. — É o que eu vivo repetindo para esse pessoal aqui: cresçam e gastem dinheiro em coisas sensatas, ou melhor ainda, façam alguns investimentos.

— Ah, cala a boca, seu velho resmungão — disse Maggie, brincando. — Ignorem o vovô, meninas. Ele esqueceu como é se divertir.

— Eu me divirto bastante, muito obrigado.

— Fazendo palavras cruzadas e escutando música clássica no rádio, claro que sim.

Comemos e conversamos, e de vez em quando a mão de Lee ia para debaixo da mesa, afagava minha coxa e ficava ali, quente e pesada, sem exigir retribuição.

Quando acabei de comer, segurei sua mão sob a mesa e a apertei. Ele me lançou um olhar inquisidor. Seus olhos eram realmente muito lindos, muito claros. Todos estavam entretidos em suas conversas, sem prestar atenção em nós dois.

Sussurrei no seu ouvido:

— Você esteve lá em casa hoje?

Ele pareceu confuso.

— Eu estava trabalhando. Por quê?

— Parece que alguém mudou os garfos e as facas de lugar.

Ele me olhou como se dissesse *Por que é que alguém faria isso?*, mas ao mesmo tempo notei um sutil tremor em seus olhos.

— Você fez isso de brincadeira? — perguntei.

— Só queria que soubesse que estou cuidando de você.

Senti meu rosto ruborizar. Não sei por que de repente fiquei tão desconfortável.

— Você poderia ter deixado um bilhete — falei.

— Seria muito óbvio — respondeu ele, com uma piscadela e um sorriso.

Tomei o restante do meu vinho e pensei sobre aquilo por um momento, rindo de alguma coisa que Sylvia dissera.

O polegar de Lee acariciava o dorso da minha mão, delicadamente, me dando arrepios.

— Lee — falei em voz baixa.

— Hum?

— Não faça mais isso. Por favor.

— Isso o quê?

— Não mude as coisas de lugar. Por favor. Ok?

Sua expressão se anuviou por um instante, mas ele concordou. Alguns minutos após, quando Maggie recolhia nossos pratos, ele soltou minha mão. Depois disso, não tocou mais nela por toda a noite.

Quinta-feira, 13 de dezembro de 2007

A CLÍNICA ESTAVA MAIS CHEIA DO que da outra vez, mais gente aguardando, mais barulho. Sentei-me em um canto, os joelhos apertados um contra o outro, tentando lembrar por que eu estava fazendo aquilo comigo mesma. Bem à minha frente, um homem tossia toda hora sem colocar a mão na frente. Um bebê em um pijama imundo pegava da caixa de brinquedos uns blocos de montar e os atirava no irmão, enquanto a mãe os ignorava e conversava com a mulher ao seu lado sobre fibroides e *The X Factor*. Mais de uma vez pensei em me levantar e ir embora. Afinal de contas, eu não estava exatamente doente — havia muitas pessoas ali em um estado claramente pior do que o meu. Eu estava tomando o tempo deles.

— Cathy Bailey? — chamou uma voz vinda de um corredor lateral, e quando ergui o olhar vi o homem que me chamara me esperando.

Levantei-me de um salto, como se tivesse sido picada por um inseto.

Segui o Dr. Malhotra pelo corredor até uma sala que exalava o desagradável cheiro de desinfetante e antisséptico para mãos à base de álcool.

— Você é amiga de Stuart? — Foi a primeira coisa que ele me perguntou.

— Isso — respondi, me perguntando como ele sabia disso.

— Gente boa, ele.

Sanjeev Malhotra era baixo e magro e estava vestido de maneira elegante: calça preta e camisa e gravata cor-de-rosa, além de uma barba bem aparada e óculos modernos.

— Em que posso ajudar? — perguntou ele.

Contei-lhe sobre as verificações das portas e janelas e sobre os ataques de pânico. Falei que estava piorando. Ele me perguntou se alguma vez eu pensara em machucar a mim mesma. Respondi que não. Ele me perguntou se alguma coisa tinha acontecido para

desencadear essas crises e eu lhe falei sobre Robin. Depois, é claro, tive que contar sobre todo o resto. Tentei resumir essa parte. Falei que estava me esforçando para superar isso tudo.

Ele digitou algumas coisas no computador. Assim como Stuart fizera, ele me disse que eu deveria me dirigir ao Centro Comunitário de Saúde Mental para uma avaliação; que eu provavelmente conseguiria marcar uma consulta com eles para dali a algumas semanas.

E era só isso, pelo visto.

— Ouvi dizer que Stuart está fora de combate por um tempo — disse ele, no final.

— Ele deslocou um ombro.

— Que pena. Bom, pelo menos temos mais chances de ganhar no domingo.

Peguei o ônibus de volta à Talbot Street. Eu me sentia estranha, como se tivesse apenas sonhado com aquilo tudo, e um pouco nauseada. Tudo o que eu queria era chegar em casa e começar minhas verificações. Tinha a impressão de que hoje seria difícil conseguir fazer tudo certo.

Segunda-feira, 22 de dezembro de 2003

ÚLTIMA SEGUNDA-FEIRA ANTES DO NATAL, compras ao fim do dia, a reta final para os dois dias de festividades e comércio fechado.

Eram seis e meia da noite e o centro da cidade ainda fervilhava. Troquei de roupa no trabalho, me preparando para sair à noite com as meninas, e fui procurar um presente para Lee antes de ir encontrá-las no Cheshire. Ele havia trabalhado aquela semana; não no River, mas naquele outro emprego, o inominado, que o afastava de mim por dias seguidos e o deixava totalmente diferente, exausto e ocasionalmente mal-humorado.

Na Mark & Spencer, dei uma olhada nas camisas masculinas, buscando algo que eu conseguisse imaginá-lo usando, algo que realçasse o azul de seus olhos.

Eu estava completamente entretida, sonhando com o Natal e cantarolando "Santa Baby", que tocava baixinho compondo o som ambiente da loja, quando um vulto apareceu bem à minha frente e parou.

Ergui os olhos e vi que era Lee, com um ar triunfante.

Soltei um gritinho, enquanto ele me abraçava forte e depois me beijava demoradamente na boca. Tinha gosto de menta.

— Pensei que você estivesse trabalhando — falei enquanto nos sentávamos à mesa do café que tinha dentro da loja, minutos depois.

— E estou — respondeu ele. — É só um pequeno intervalo.

O café estava sossegado, só nós, um jovem casal perto da porta, um casal idoso com um bule de chá entre eles e duas pessoas que comiam porções de *fish and chips* ao lado da grande janela que dava para a High Street, decorada com iluminação natalina. Atrás do balcão, os funcionários faziam a limpeza e embrulhavam coisas em filme plástico.

— Senti sua falta ontem à noite — disse ele. — Não conseguia parar de pensar em você. E na sua boceta molhadinha.

Senti que fiquei vermelha, e olhei ao redor. Ninguém suficientemente próximo para ouvir, mas, ainda assim, ele não baixara a voz para dizer isso.

— Você está molhadinha agora? — perguntou ele, sem desviar os olhos dos meus.

Não consegui me conter:

— Estou começando a ficar.

Ele se recostou na cadeira e olhou para baixo rapidamente. Eu estava começando a me sentir um pouco desconfortável. Inclinando-me para a frente por sobre a mesa, segui seu olhar e vi o que ele esperava que eu visse.

— Sério, Lee. Aqui não.

Por um momento pensei que ele fosse argumentar, me forçando a pôr a mão sob a mesa, mas em vez disso ele suspirou e se endireitou na cadeira.

— Aonde você vai vestida desse jeito?

— Vou encontrar Louise e Claire no Cheshire.

Ele continuou olhando para mim, e, finalmente, acabei rindo.

— O quê? O que foi?

— Encontrou o que estava procurando? Nas lojas?

— Isso é segredo.

— Você esteve em várias. Burton, Principies, Next, e agora aqui.

— Você estava me seguindo?

Ele deu de ombros, mas repentinamente seu sorriso atrevido voltou. Eu não sabia ao certo se ele estava me provocando.

— Digamos apenas que sou um dos muitos homens que ficaram babando ao ver você com essa saia.

— Bem, pelo menos você é o único que tem a sorte de brincar com o que está por baixo dela — falei.

Ele terminou seu café e se levantou.

— Tenho que voltar ao trabalho — disse ele, inclinando-se e me beijando com vigor. — Não volte tarde.

O casal de idosos perto da janela se levantou, arrastando as cadeiras e pegando suas inúmeras sacolas de compras, quando

uma funcionária do café se aproximou deles e perguntou se poderia recolher as bandejas.

Fiquei sentada um instante, a xícara de café nas mãos, me perguntando se eu realmente queria ir ao Cheshire afinal de contas, quando de repente ele reapareceu, se colocando como um muro de tijolos entre todo o restante do café e eu.

— Tire a calcinha.

Olhei para ele.

— Você está brincando.

— Não estou brincando. Tire. Ninguém vai perceber.

Com o mínimo de movimentos possível, ergui a saia e descii a calcinha até os joelhos, depois me contorci um pouco para baixá-la até os calcanhares, passá-la pelos sapatos e escondê-la na mão o mais rápido que consegui.

— Pode me dar — disse ele, estendendo a mão aberta.

— Para quê? — Mas a entreguei assim mesmo.

Ele colocou a mão no bolso do casaco e me beijou de novo, delicadamente desta vez.

— Boa menina.

Fiquei sentada, imóvel, os joelhos grudados, olhando fixo para a frente até ter certeza de que ele tinha ido embora. Só então me levantei. Eu me sentia tonta, receosa e excitada, tudo ao mesmo tempo.

Já estava cansada de fazer compras. Peguei a primeira camisa azul que vi, levei-a até o caixa e paguei.

Segui pela High Street rumo ao Cheshire, desviando das pessoas em seu frenesi consumista, contornando as filas de gente esperando o ônibus, sentindo o frio da noite penetrar por sob minha saia

— uma sensação agradável, em outras circunstâncias—,o tempo todo pensando que ele ainda devia estar me vigiando, e me perguntei se aquilo era uma espécie de teste. Será que eu deveria encontrá-lo na multidão? Tentei disfarçar, olhando de relance os rostos, espiando dentro das lojas, das ruas transversais, mas não devo ter sido discreta o suficiente. Apesar de achar bem estranho, bem impróprio, estar ali no frio de dezembro com uma saia curta e

sem calcinha, eu ainda experimentava uma sensação inegável de travessura com aquela aparição inesperada, e quase me arrependi de não ter tocado nele por baixo da mesa quando tive a chance.

Quinta-feira, 13 de dezembro de 2007

FAZIA UMA HORA E MEIA QUE eu chegara em casa, e minhas verificações iam bem mal. Cada vez que eu achava que tinha feito tudo certo, ressurgia a incerteza, o medo. Não havia sentido em fazer aquilo se não fosse para fazer direito. Àquela altura minhas mãos tremiam e eu mal enxergava em meio às lágrimas — e eu nem passara da porta.

Dessa vez ouvi os passos, a porta dele se abrir e se fechar, e fiquei imóvel, prendendo a respiração, tentando não fazer barulho.

Ele bateu de leve na porta, mas ainda assim tomei um susto.

— Cathy? Sou eu. Você está bem?

Eu não conseguia responder, só ofegava e soluçava.

Pensei ouvir um suspiro profundo.

— Você não está bem — disse ele. — O que aconteceu?

Ainda trêmula, tomei fôlego e falei:

— Nada, está tudo bem.

— Pode abrir a porta?

— Não. Quero ficar sozinha.

— Eu só quero ajudar, Cathy.

— Você não pode me ajudar. Vá embora.

Comecei a chorar mais intensamente, agora não só apavorada como também furiosa, morrendo de raiva por ele estar ali, por não me deixar entrar em colapso.

Ele não iria embora.

Finalmente, tentei me levantar, me apoiando na maçaneta. Pelo olho mágico vi seu rosto distorcido pela lente. Não havia mais ninguém no corredor.

Minhas mãos tremiam. Girei a chave no alto da porta; a correntinha levou mais tempo. O ferrolho de baixo, ainda mais. Quando enfim a porta estava totalmente destrancada, meus joelhos cederam e eu desabei no chão.

Ele empurrou a porta e entrou, trazendo consigo o ar gelado e o cheiro do inverno. Fechou a porta e sentou-se ao meu lado. Não

se aproximou demais, apenas ficou sentado perto de mim.

De início, não consegui olhar para ele.

— Tente inspirar e segurar o ar nos pulmões — disse ele, baixinho.

Eu tentei. Só saiu um monte de soluços.

— Eu estou... Eu... estou tão cansada... Não consegui... não consegui fazer... não consegui verificar...

— Eu sei — disse ele. — Tente se concentrar na sua respiração, em mais nada. Só na sua respiração, por enquanto.

Eu tentei. Sentia um formigamento nos dedos. Meu rosto também formigava.

— Consegue segurar minha mão? — E ele a estendeu com firmeza.

Estiquei o braço, toquei sua mão, puxei o braço de volta, toquei-a novamente, e ele segurou minha mão na sua, que estava fria, gelada.

— Sinto muito pelas minhas mãos geladas. Agora tente novamente se concentrar na sua respiração. Consegue olhar para mim?

Tentei isso também. Minha respiração continuava descontrolada. Se eu não conseguisse estabilizá-la, acabaria desmaiando.

— Pense apenas na sua respiração. Respire junto comigo. Inspire, segure o ar. Não solte. Isso

mesmo. Agora expire. Ótimo, vamos lá, mais uma vez...

Levou uma eternidade, mas no final consegui me recuperar. A sensibilidade começou a voltar às minhas mãos. Minha respiração se acalmou, tomei o controle novamente. Eu segurava sua mão com tanta força que parecia estar me afogando.

— Muito bem — disse ele, bem baixinho. — Você conseguiu.

Balancei a cabeça, ainda não me sentindo totalmente capaz de falar. As lágrimas continuavam escorrendo. Virei-me para ele e olhei-o nos olhos, seus olhos gentis, me fitando sem qualquer julgamento. Aproximei-me um pouco mais dele, e ele de mim, esticando as pernas, as costas apoiadas na porta, e então me aproximei ainda mais, e ele colocou o braço ileso sobre meus

ombros e eu encostei o rosto no seu peito, que estava quente e tinha seu cheiro. Ele pôs a mão na minha cabeça e acariciou meu cabelo.

— Está tudo bem, Cathy — disse ele, e senti a voz ressoar no seu peito. — Está tudo bem. Você está segura. Está bem.

Eu estava tão cansada que quase poderia ter adormecido ali, no chão, perto dele, desde que ele não me soltasse. Abri os olhos e tudo que vi foi sua camisa de algodão azul e o tecido se movendo de leve quando ele respirava. Achei que eu precisava me mexer. Tudo começava a doer, e o medo fora substituído por um gradual e paralisante constrangimento.

Então finalmente ergui a cabeça, e ele se afastou de mim de maneira delicada.

— Vamos — disse Stuart —, vamos arrumar um lugar mais confortável para você dormir.

Ele ficou de pé e me ajudou a levantar, depois me conduziu até o sofá. Sentei-me e me enrosquei feito um novelo. Queria que ele se sentasse ao meu lado. Se o tivesse feito, eu teria me aninhado ao seu corpo novamente.

— Quer um chá? — ofereceu ele.

Aceitei, tremendo.

— Obrigada.

Ouvi o ruído da água enchendo a chaleira, o tilintar das canecas. Ele abrindo as portas dos armários, procurando o chá. Depois, a porta da geladeira. A chaleira começando a chiar. Era estranho ter ele ali. Ninguém jamais havia entrado no meu apartamento desde que eu me mudara, exceto pelo bombeiro hidráulico no dia em que o maldito cano estourou.

Quando o ouvi colocar as canecas sobre a mesa de centro à minha frente, eu já tinha começado a cochilar.

— Você vai ficar bem a partir de agora? — perguntou ele.

Sentei-me direito, pegando a caneca. Minhas mãos já não tremiam mais, mas minha voz estava rouca, e minha garganta, arranhando.

— Vou — respondi. — Vou ficar bem. Obrigada. Obrigada pelo chá.

Ele me observou enquanto eu bebia. Também parecia exausto.

— Você já comeu?

— Já — menti. — Como vai seu ombro?

Ele sorriu.

— Doendo.

— Lamento por tudo isso. Como você soube?

— Ouvi você chorando.

— Você deveria ter me deixado chorando.

Stuart balançou a cabeça.

— Não podia fazer isso. — Ele tomou mais um gole de chá. —
Estão ficando piores, os ataques de pânico? Mais freqüentes?

— Acho que sim.

Ele assentiu com a cabeça.

— Esse foi bem forte?

Dei de ombros.

— Já tive piores.

Ele estava me olhando fixamente, me avaliando, como se fosse um maldito médico. Era exatamente assim que olhavam para mim no hospital, como se esperassem que eu fizesse alguma coisa, dissesse alguma coisa, demonstrasse um sintoma ou outro de modo que pudessem enfim concordar sobre o que havia de errado comigo.

— Sinto muito, pensei que você fosse melhorar. E Sanj... ele é um cara legal, de verdade. Às vezes pode parecer um pouco distraído. O que ele disse?

— Foi tranquilo. Ele foi legal. Vai me encaminhar para uma avaliação ou algo assim. Do que ele estava falando quando disse que agora, com você fora de combate, eles teriam uma chance de vencer no domingo?

Stuart riu.

— Aquele safado. Eu sou do time de rúgbi do hospital. Sanj acha que eu sou uma espécie de obstáculo para ele.

Terminei de beber meu chá junto com ele.

— Bom, mas você conseguiu — disse ele, olhando para mim.
— Você deu o primeiro passo.

— É.

Tínhamos estabelecido contato visual, e agora eu não conseguia desviar o olhar.

— Quer me contar como foi que começou? — perguntou ele, tão baixo que quase não escutei.

— Como começou o quê?

— O que desencadeou tudo isso?

Não respondi.

Depois de um momento, ele perguntou:

— Quer que eu fique por aqui até você dormir?

Balancei a cabeça.

— Não precisa, sério. Vou ficar bem agora. Obrigada.

Logo depois ele se foi. Eu estava me sentindo mais desperta e queria que ele me abraçasse novamente. Para ser franca, queria que ele me abraçasse bem apertado e ficasse ali comigo, mas não era justo lhe pedir isso. Então ele foi embora, eu tranquei a porta e fui para a cama.

Agora preciso pensar em um jeito de seguir em frente com isso. Encarar o resto da minha vida. Um dia de cada vez, um passo após o outro. Não posso continuar assim por muito mais tempo. Não posso.

Quarta-feira, 24 de dezembro de 2003

ATÉ O NATAL, TUDO CORREU BEM.

Quer dizer, não totalmente. Namorar alguém cujo emprego o afastava às vezes durante vários dias não era nada legal, não mesmo, mas quando ele estava comigo, tudo era ótimo. Quando ia ficar fora por um tempo, ele me avisava antes. E quando reaparecia, eu ficava tão ridiculamente aliviada em vê-lo voltar inteiro para mim que qualquer queixa se desfazia no ar.

Ele agora praticamente morava comigo. Eu saía para trabalhar e ele ficava limpando a minha casa, fazendo um ou outro reparo, preparando o jantar para quando eu chegasse.

Quando ele estava fora, eu sentia uma saudade que nem imaginava ser capaz de existir. Toda noite eu me perguntava se ele estaria bem, e se eu algum dia ficaria sabendo caso algo de ruim lhe acontecesse. Embora ele geralmente voltasse morto de cansaço e de fome e precisando de um bom banho, nunca mais apareceu à minha porta ferido. Fosse lá o que tivesse acontecido daquela vez, eu queria acreditar que agora ele tomava mais cuidado, por minha causa.

Não era a primeira vez na vida que eu passaria a véspera de Natal sozinha. Lee estava trabalhando em algum lugar — esse ano era a sua vez, dissera. Ele tentara se livrar, para poder passar um tempo comigo. Disse também que tentaria voltar mais cedo, mas às dez da noite na véspera do dia de Natal não havia sinal dele.

Foda-se, pensei.

Não demorei muito para me arrumar. Meu vestido predileto, salto alto, um toque rápido de maquiagem, o cabelo preso no alto com algumas mechas caindo, e eu estava pronta.

Lá pelas dez e meia cheguei no Cheshire. Sam e Claire já estavam lá, várias doses à minha frente

— eu precisaria me empenhar para alcançá-las. Claire já encontrara um candidato em potencial para a pós-noitada em seu

quarto, embora ele parecesse bem jovem e estivesse bêbado demais para conseguir uma boa performance.

— Não achei nada de mais nesse cara — gritei, acima de Wizzard cantando “I Wish It Could Be Christmas Every Day” pela milionésima vez desde o mês de outubro.

— Também não, mas repare só no amigo dele — gritou Sam em resposta, apontando com o gargalo de sua garrafa de cerveja para um canto onde um cara mais sombrio e muito mais interessante observava os dois, com uma expressão difícil de decifrar.

— Ele é simpático?

— Até agora não parece muito.

O amigo veio até nós e se apresentou, e na verdade parecia até ser um cara bacana. Chamava-se Simon e era do Exército, disse ele no meu ouvido. Partiria para o Afeganistão em duas semanas. Enquanto o escutava, olhei para os olhos de Sam, que pareciam cheios de encanto — e de um ligeiro desgosto, já que seu deus do sexo de olhos escuros parecia estar dando muito mais atenção a mim.

— Simon — berrei no ouvido dele —, esta é Sam. Eu já estou de saída. Feliz Natal!

Dei-lhe um beijinho rápido no rosto, acho que para desejar sorte, pisquei o olho para Sam e fui procurar onde eu havia deixado meu casaco.

A Cheshire já era, então. E eu ainda não estava nem tonta, pensei, enquanto percorria a Bridge Street batendo meus saltos e tentando ver se o Hole In The Wall não estava cheio demais. Por sorte, eu estava com um casaco por sobre o vestido, pois começava a chover. Não fazia tanto frio a ponto de nevar, mas ainda assim eu estava congelando, e por um instante me perguntei se não teria sido melhor ficar em casa, afinal de contas.

— Não, cara, não vou fazer porra nenhuma. Nem pensar. Vai se foder!

Pude ouvir uma discussão vinda de um beco, e algo me fez olhar naquela direção. Três homens pareciam estar brigando, um deles mais bêbado do que os outros. Estava meio escuro. Devia ser

uma venda de drogas, pensei distraidamente, cabisbaixa, e continuei andando sem dar mais importância ao assunto.

Havia uma fila para entrar no Hole In The Wall, mas bem pequena. Abriguei-me debaixo da marquise do supermercado ao lado, junto a outras pessoas que eu conhecia vagamente.

Naquele exato instante, vi dois dos três homens que estavam discutindo no beco passarem ali pela Bridge Street.

Um deles era Lee.

Ele não se virou, apenas seguiu andando, rindo de algo que o outro cara dizia, as mãos enfiadas nos bolsos da calça jeans.

Justo naquele momento, um bando de jovens embriagados saiu para a calçada e partiu em busca de um bom kebab. O barulho lá de dentro ecoou para a rua com eles, uma música natalina, para variar, junto com uma rajada de ar quente e o cheiro de cerveja e suor.

— Você vai entrar ou não? — perguntou o segurança, segurando a porta para mim.

Foda-se, pensei. Depois de dar um beijinho de Natal no rosto do segurança, penetrei no calor e no caos.

Sexta-feira, 21 de dezembro de 2007

ESTA NOITE, QUANDO VOLTEI DO TRABALHO, havia um bilhete para mim.

Ao vê-lo, sorri. O papel havia sido deixado ao lado da porta, do lado de fora do meu apartamento. Stuart deve ter pensado que eu poderia me incomodar se ele o jogasse por sob a porta, deixando-o dentro do apartamento em si, portanto o deixara do lado de fora, sabendo que ninguém mais passaria ali em frente além dele.

Peguei-o antes de começar a verificar a porta e guardei-o no bolso do casaco, mas só fui lê-lo uma hora e meia depois, quando enfim me sentei na sala.

C., espero que esteja bem. Tenho pensado em você. Que tal um drinque no sábado? Bj, S.

Sim, quero muito, foi a primeira coisa que me veio à cabeça, e isso me fez rir. Eu, sair para tomar um drinque? Com um homem que sabia que eu tinha problemas mentais e me vira em pleno ataque de pânico? Devo estar melhorando.

Eu vinha praticando respirar fundo, como sugeria um dos textos que Stuart imprimira para mim. Já havia tentado isso antes, no ano passado, quando tudo estava indo de mal a pior, mas naquela época os ataques de pânico e os pensamentos tenebrosos se infiltravam em mim, e eu já entrava em pânico antes mesmo de conseguir tentar me acalmar. Então eu era invadida pelo pânico porque não estava conseguindo respirar direito, não estava fazendo aquilo certo, e as coisas só pioravam ainda mais.

Agora que eu estava mais consciente das razões que desencadeavam essas crises, talvez a técnica da respiração funcionasse. Assim, todas as noites após chegar do trabalho, eu tinha uma nova regra para cumprir em meu regimento diário. Depois de verificar todo o apartamento, eu me sentava no chão da

sala, fechava os olhos e respirava. Lentamente, inspirando e expirando. Forcei-me a começar com três minutos. Marcava no timer da cozinha. No começo era uma dificuldade imensa manter os olhos fechados por tanto tempo; todo ruído me desconcentrava. Nas primeiras vezes, me vi presa pelo meu velho perfeccionismo, pelo desejo de controlar minha vida, ou seja: eu me censurava por estragar tudo se abrisse os olhos antes de o timer soar ou se virasse a cabeça para a janela, atraída por algum som da rua.

É assim que tudo começa. Eu faço alguma coisa que parece ser uma boa ideia. Afinal de contas, trancar as portas e janelas é uma boa ideia, certo? E aí, por alguma razão, um dia eu cometo algum erro, e isso não é nada bom, porque se você pretende fazer alguma coisa para o seu próprio bem, é melhor fazer direito, caso contrário não tem sentido em fazer. Então eu começo a me atormentar e a imaginar tudo de ruim que pode acontecer se eu fizer aquilo errado, se eu estragar tudo, como já estraguei tantas outras coisas na minha vida inútil.

Assim, da primeira vez que tentei os exercícios de respiração, nada saiu direito e eu acabei tendo que fazer duas vezes, falhando em ambas, e depois fui verificar todo o apartamento de novo três vezes, para compensar.

Tudo isso era simplesmente um saco, e me peguei pensando se consultar um médico e entrar mais uma vez em contato com hospitais e afins havia sido de fato a melhor maneira de ir em frente. Eu estava indo bem, não estava? Eu ainda estava viva, não estava?

Tentei novamente, mais tarde, antes de ir dormir, e da segunda vez não foi tão ruim assim. Na verdade, enquanto eu respirava profundamente, me surpreendi pensando em Stuart, me lembrando de sua mão na minha; dele falando comigo, me ajudando a respirar, sentado ali no chão gelado; de sua voz reconfortante, calma, da ansiedade em seus olhos. Então de repente o timer soou: eu conseguira ficar três minutos sem abrir os olhos.

Fazia tempo que eu não dormia tão bem como dormi aquela noite.

Coloquei o bilhete de Stuart no chão, à minha frente. Cruzei as pernas, passei um momento atenta aos ruídos dentro do apartamento e lá fora, e então fechei os olhos e comecei. Inspirar. Expirar. Inspirar. Expirar. Imaginar Stuart comigo era o único jeito de fazer aquilo funcionar, concluí. Caramba, se funcionava assim, já devia ser uma coisa boa, não? Então parei de imaginá-lo naquele chão frio e me visualizei subindo a escada, entrando em sua sala, relaxando na maciez dos sofás amplos e confortáveis. Era um dia ensolarado e quente, o sol se infiltrava pela janela e banhava seu rosto, e ele pusera uma das mãos no meu braço e estava me dizendo tudo que já me dissera antes, e mais algumas outras coisas.

— Eu estou aqui. Está tudo bem, você está segura. Agora, respire. Puxe o ar, depois solte. De novo: puxe o ar... depois solte. Isso mesmo, você está indo muito bem. Puxe o ar. Solte.

Cinco minutos depois, abri um olho e vi as horas no relógio da cozinha.

Eu tinha me esquecido de acionar o maldito timer.

Quarta-feira, 24 de dezembro de 2003

CHEGUEI EM CASA QUASE DUAS DA MANHÃ. Tive companhia na maior parte do caminho de volta: três rapazes embriagados e duas das namoradas deles vinham por acaso na mesma direção que eu, então me juntei a eles, batendo papo com uma das meninas, Chrissie, que descobri ser prima de Sam.

Depois só precisei seguir sozinha por um curto trecho da Queen's Road; e não foi de todo ruim. O vento amainara um pouco, e, embora estivesse gelado, eu havia bebido vodca suficiente para me manter parcialmente aquecida. E meu casaco de lã era quente e aconchegante. Eu bem que poderia tomar uma boa xícara de chá quando chegasse em casa, eu estava pensando, e depois ficar na cama até bem tarde amanhã...

Havia alguém sentado à entrada da minha casa. Ele se levantou quando me aproximei.

Lee.

— Por onde você andou? — perguntou ele.

Peguei minhas chaves no fundo da bolsa.

— Saí — respondi. — Não estava a fim de ficar em casa. Faz tempo que você está aqui?

— Dez minutos. — Ele me deu um beijo no rosto. — Vamos entrar? Estou congelando aqui fora nesse frio do cão.

— Por que você não usou sua chave?

— Você me disse para não fazer isso, lembra?

— O quê?

— Você falou para eu não entrar e bagunçar as suas coisas.

— Não foi isso que eu quis dizer. Claro que você pode entrar.

No corredor, ele me virou e me empurrou para a parede, abrindo meu casaco, sua boca invadindo a minha. Seu beijo foi vigoroso, seco, com o seu sabor — não de álcool. Ele não estava bêbado, então. Apenas enérgico.

— Não consegui parar de pensar em você hoje — sussurrou ele no meu pescoço, sua mão deslizando pelo cetim do meu

vestido. — Este seu vestido me deixa louco.

Soltei seu cinto e abri sua calça, descendo-a um pouco por sobre seu traseiro. Bem aqui no corredor, pensei comigo mesma. Um lugar tão bom quanto qualquer outro.

— Só me diga — falou ele, gemendo com a boca encostada no meu cabelo—, me diga que você não trepou com nenhum outro cara usando esse vestido.

— Não — respondi. — Só você. Ele é seu. Eu sou sua.

Sábado, 22 de dezembro de 2007

HOJE FEZ UM DIA LINDO, ACHO que é um presságio. Além do mais, é um dia par, o que significa que sair para tomar um drinque é uma excelente ideia.

Ele estava esperando por mim quando bati na porta. Fora minha sugestão avisar a ele quando eu estivesse pronta; assim ele não teria que esperar meia hora enquanto eu verificava tudo em casa. Eu concluía meu ritual de verificações e tudo havia saído bem.

— Como vai seu ombro? — perguntei.

— Melhor — disse ele. Não estava mais de tipóia. — Os remédios finalmente começaram a fazer efeito.

A High Street ainda fervilhava de gente fazendo compras, aproveitando os últimos dias antes do Natal, mas Stuart me conduziu por uma rua lateral, depois seguimos por uma ruela estreita. No final da passagem havia um pub, com o reconfortante nome de Rest Assured (Repouso Garantido), e um quadro negro do lado de fora dizia "boa comida". Ele abriu a porta para mim.

O lugar acabara de abrir, éramos os primeiros clientes. Era um bar pequeno, com dois sofás confortáveis ao lado de uma lareira que começava a se inflamar, queimando os pedaços de jornais amassados, antes de receber as toras de lenha organizadamente empilhadas no alto. Luzes pisca-pisca pendiam em torno do bar, e um pinheiro de verdade no canto havia sido decorado com bom gosto: fitas prateadas e brancas ao redor. E, ainda bem, não havia nenhuma música natalina tocando.

Ele me entregou uma taça de vinho e eu afundei no sofá, perto da lareira. Estendi as mãos para aquecê-las, mas o calor que o fogo emanava ainda era pouco.

— Você parece cansado — falei quando ele se sentou à minha frente. — Tem dormido direito?

— Para ser franco, não. Mas estou acostumado. Quando volto tarde do trabalho costumo ter muita dificuldade para dormir.

Tomei um gole de vinho, sentindo-o subir direto à cabeça. O que será que Stuart tinha que me dava tamanha segurança, a ponto de eu me permitir beber?

— Tenho praticado aquele lance de respirar fundo — falei. — Tinha um capítulo inteiro sobre isso naqueles papéis que você me deu.

Stuart se inclinou para a frente e colocou seu copo de Guinness na mesa entre nós.

— É mesmo? Isso me parece promissor. Você só precisa continuar praticando, até se tornar instintivo. Assim vai conseguir fazer sempre que necessário, sem nem precisar se concentrar muito.

Assenti.

— Nunca fui muito boa em relaxamento, mas estou indo bem até agora.

Ele ergueu seu copo.

— Pois então brindemos a um novo começo.

Houve um momento de silêncio. Estava começando a me dar sono.

— Você voltou a ter algum problema com aquele gerente de vendas babaca? — perguntou ele.

Balancei a cabeça em negativa.

— Felizmente, não o tenho visto. Não faço a menor ideia de como vou reagir quando isso acontecer, mas não vou me preocupar com isso agora. — Pensei sobre o assunto por alguns instantes.

— Nunca cheguei a lhe agradecer de verdade por... bem, você sabe. Por me livrar dele. E por ser sincero comigo sobre as coisas. Se não fosse por isso, eu provavelmente ainda estaria em alguma sarjeta. Sinto que estou progredindo, finalmente.

Ele sorriu.

— Não precisa agradecer. Na verdade, *eu* é que deveria dizer obrigado a *você*.

— A mim? Por quê?

Ele suspirou e me olhou por um instante. Parecia tentar decidir se deveria dizer o que estava pensando.

— Não estava muito animado quando me mudei para cá. Eu não queria sair de onde morava, na verdade, mas foi preciso. Só que agora, não sei, eu me sinto à vontade aqui. E acho que grande parte disso se deve a você.

— Eu? Mas por quê?

Stuart deu de ombros, e eu percebi que ele parecia um pouco sem graça.

— Não faço a menor ideia. Mas fico ansioso para vê-la.

Ele começou a rir, visivelmente envergonhado, e de repente eu me dei conta de que ele gostava de mim. Gostava de verdade, e estava tentando me falar isso sem me assustar.

Eu queria dizer, *Mas você mal me conhece* — só que não era verdade. Ele me conhecia muito melhor do que qualquer colega de trabalho meu, e eu já não tenho mais nenhuma amiga.

Com a voz bem baixa, como se viesse de algum outro lugar, eu me ouvi dizendo:

— Você faz com que eu me sinta segura.

O clima mudou um pouco depois disso. Não sei se eu tinha simplesmente bebido demais — quase uma taça inteira, caramba — ou se era o fato de o pub ter repentinamente ficado cheio, o balcão lotado de gente. Stuart ficou olhando para mim por um bom tempo, e eu sustentei seu olhar.

Alguém apareceu para recolher nossos copos, o que quebrou o encanto.

— Mais uma taça? — perguntou ele, e, embora eu já fizesse menção de me levantar para pegar as bebidas, ele fez um gesto para que eu voltasse a me sentar.

O sofá era confortável, eu poderia muito bem pegar no sono ali mesmo.

— Tem gente aqui? — perguntou uma voz, uma moça com uma senhora logo atrás: mãe e filha em uma excursão consumista, a julgar pelas sacolas de lojas.

— Tem sim, mas podem se sentar, há bastante espaço — respondi, dando um tapinha no sofá ao meu lado, me perguntando por quanto tempo eu conseguiria aguentar até que toda aquela exposição pública me afetasse.

Apanhei o casaco de Stuart do sofá da frente e o deixei no encosto do sofá onde eu estava. Tive que resistir ao desejo de cheirá-lo, o que me fez rir. Meu Deus, eu já estava bêbada. Só poderia beber mais uma taça. Uma única.

Stuart voltou depois de uma eternidade, lançou um olhar rápido para as duas mulheres — elas conversavam sobre um tal de Frank, que, segundo elas, cometera um tremendo erro ao deixar Juliette

— e sentou-se ao meu lado. Não era um sofá muito espaçoso.

Na verdade, era um teste. Se eu conseguisse fazer aquilo, se conseguisse suportar sua presença tão próxima de mim, e em um local público, se conseguisse manter uma conversa — ou ao menos algo semelhante a isso — com aquele homem que eu ainda mal conhecia e no entanto, instintivamente, de quem já gostava e em quem confiava, então talvez algo pudesse acontecer. Em algum momento, no futuro.

— Você está bem? — perguntou-me ele.

Em relação a quê?, quis perguntar, mas ele se referia ao fato de estar sentado tão perto de mim, sua perna tocando a minha. Afora Robin pressionando seu corpo contra o meu e Stuart cuidando de mim durante o ataque de pânico, era a primeira vez que eu tinha algum contato físico com um homem desde *e/e*.

— Estou ótima — respondi, imaginando como minhas faces deveriam estar vermelhas. — Eu estava só pensando... Como é possível que eu me sinta... Não sei. Eu não tenho medo ao seu lado. Com todo mundo, eu sinto medo. Qualquer um. E no entanto, não sinto medo com você. E não sei nada sobre você.

Ele sorveu a metade de seu copo de cerveja de uma só vez e o pousou decididamente na mesa à frente.

— Fico feliz que você não sinta medo ao meu lado. Não tem por que sentir.

Ele pegou minha mão. Olhei para meus dedos, entrelaçados aos seus, me perguntando como ainda poderiam estar frios quando o restante de mim estava tão quente, e pensando vagamente sobre como suas mãos eram grandes e fortes, as unhas curtas. Procurei o

pânico, mas não o encontrei. Meu coração batia acelerado, mas sem temor.

— Quanto a não saber nada sobre mim... Ok, eu preciso lhe contar algumas coisas. Tenho pensado em fazer isso faz algum tempo, mas não tive oportunidade. Então vamos lá.

Eu ia comentar que eu nunca lhe dava a oportunidade de falar sempre que nos víamos, mas felizmente consegui ficar de boca fechada.

— Antes de mudar para cá, eu morava em Hampstead com minha namorada, Hannah. Quer dizer, ela era minha noiva, eu acho, não namorada. Eu pensava que fôssemos felizes, mas, pelo visto, não éramos.

Ele parou bruscamente, olhando para minha mão enlaçada à sua. Apertei-a de leve.

— E o que aconteceu?

— Ela me traía com outra pessoa. Um cara do trabalho. Ela engravidou e abortou. Eu só descobri depois que tudo tinha acontecido. Foi... difícil.

— Que horrível... — falei, e pude sentir a dor emanando dele como uma fragrância.

Com o polegar, ele acariciou o dorso da minha mão, de maneira suave. Fiquei arrepiada.

— Então imagino que você ainda não esteja totalmente pronto para outro relacionamento, não é?

— perguntei com ousadia, tentando abrandar um pouco a questão com um sorriso.

Nada como expor as coisas, falei para mim mesma. Só Deus sabe como eu ficaria se tomasse mais vinho.

Felizmente, ele retribuiu meu sorriso.

— É. Não estou muito pronto. — Ele terminou sua cerveja, depois olhou novamente para nossas mãos e acrescentou: — Mas algo me diz que você também não está pronta para isso.

Balancei a cabeça. Pensei bastante e, por fim, tudo que consegui dizer foi:

— Não sei se algum dia vou estar.

— Foi tão ruim assim? — ele quis saber.

Assenti. A única vez em que falei sobre isso foi quando a polícia veio me interrogar, e, mesmo então, só respondi realmente às perguntas diretas, não oferecendo detalhe algum sobre o que acontecera. Eles tentaram me fazer falar no hospital. Aprendi quais partes eu podia lhes revelar, o que eu deveria dizer para que ficassem contentes, para mostrar a eles que eu estava me recuperando, na esperança de que me deixassem sair dali e não me enchessem mais a paciência. Quando enfim me liberaram, deveriam ter me oferecido acompanhamento, mas isso nunca aconteceu. Eu não teria comparecido, de qualquer maneira. Eu só queria sair correndo, correr o mais rápido possível e nunca olhar para trás.

Não imaginava, nem sequer por um segundo, que eualaria sobre isso agora, mas começou a sair da minha boca, como se fosse outra pessoa falando e eu estivesse apenas sentada, escutando.

— Eu fui atacada.

Ele ficou calado por um momento. Então:

— Eles acharam a pessoa que fez isso?

Confirmei com a cabeça.

— Ele está preso. Foi condenado a três anos.

— Três anos? Não é muito.

Dei de ombros.

— É só uma medida de tempo, certo? Três anos, trinta anos. Ele podia nunca ter sido pego. Pelo menos isso me deu tempo suficiente para escapar.

Quinta-feira, 25 de dezembro de 2003

DIA DE NATAL, ACORDEI COM O sol brilhando. Lee não estava na cama ao meu lado. Ouvi barulho no andar de baixo, panelas e refratários se entrecrocando, ressoando junto com a dor na minha cabeça. Olhei para o despertador — nove e meia.

Tentei me sentir animada, feliz, cheia do espírito natalino, mas no momento minha cabeça precisava de cuidados.

Adormeci novamente, e, quando acordei, Lee estava ali com uma bandeja de café da manhã.

— Acorde, linda — disse ele.

Sentei-me na cama e tentei ignorar minha cabeça.

— Uau! — exclamei.

Havia torradas, suco e, como se eu já não tivesse bebido o bastante nas últimas vinte e quatro horas, champanhe.

Lee tirou a camiseta e a calça jeans e voltou para a cama, para o meu lado, pegando um pedaço de torrada e o colocando na boca.

— Feliz Natal — disse ele.

Dei-lhe um beijo. Depois, outro, até quase derrubar a bandeja, e então me sentei direito para beber um pouco de suco.

— Eu não estava bem, ontem — disse ele.

Olhei para ele, surpresa.

— Não? Por quê?

Ele me olhou intensamente.

— Fiquei louco de ciúmes por você ter saído com aquele vestido. Eu agi mal, me desculpe.

Houve uma longa pausa, interrompida somente pelo barulho da sua mastigação.

— Por que você tem essa coisa com vestidos vermelhos? — perguntei.

Ele deu de ombros.

— Não é que eu tenha uma atração especial por *todos* os vestidos vermelhos. Só o seu. Com você dentro.

— Eu o vi ontem à noite no centro — falei. — Você estava discutindo com alguém em um beco.

Ele não falou nada, apenas colocou a bandeja na lateral da cama.

— Parecia alguma transação de drogas — insisti. — Algo do tipo. É isso que você faz? Tráfico?

— Não faz sentido você me perguntar isso, Catherine. Você sabe que eu não vou responder.

— Seu trabalho me assusta — disse.

— É por isso que eu não falo sobre isso com você.

— Se você se machucasse... tipo, se machucasse de verdade... será que eu ficaria sabendo? Alguém me ligaria avisando?

— Eu não vou me machucar.

— Mas e se acontecer?

— Eu não vou me machucar — repetiu ele.

Ele pegou o copo vazio da minha mão e o colocou na mesa de cabeceira, em seguida me fez deitar e me beijou.

— Lee, minha cabeça está me matando.

— Vou fazer você se sentir melhor — disse ele.

Não melhorou em nada, é claro, mas valeu a pena tentar.

Sábado, 22 de dezembro de 2007

SOLTEI SUA MÃO E TOMEI UM GOLE , deixando o frescor do vinho me preencher. Eu me sentia um pouco enjoada, não sei se por causa do vinho ou por causa daquele assunto.

— Acho que estou um pouco bêbada — falei, com um sorriso.

Ele me olhou como se me avaliasse.

— Bom, você está um pouco corada...

— Vamos embora?

De repente eu não queria mais estar fora de casa. Duas taças? Francamente, eu estava ficando velha. Anos antes, teria bebido a noite toda e ainda acordaria ótima no dia seguinte.

Quando chegamos lá fora, o ar frio me atingiu de tal forma que fez minhas pernas tremerem.

Stuart pôs o braço em meus ombros.

— Opa. Você está bem?

Era mais uma pequena hesitação interna, e acho que ele não percebeu. Eu o queria. Eu o queria muito, mas era como se meu corpo não estivesse disposto a me deixar ficar ao seu lado.

— Eu estava pensando sobre o que você falou antes, sobre socializar. De que o tratamento para o TOC me daria mais tempo para socializar.

— Sei.

— Pois é, agora estou percebendo que o seu tipo de socialização é muito menos ameaçador do que aquele a que estou acostumada.

— Meu tipo? Isso foi uma tentativa de elogio?

Eu ri.

— Talvez. Eu nem sempre fui assim — falei, meu queixo batendo de leve, enquanto seguíamos, por entre a multidão, de volta para a Talbot Street.

— Não? — indagou ele, rindo. — Antes você era sóbria?

Dei-lhe uma cutucada de leve, depois recoloquei seu braço sobre meus ombros o mais rápido possível, para não perder o

equilíbrio.

— Não, quero dizer que eu era uma grande obcecada por festas e bares e tal. Saía todas as noites. Bebia muito. Nunca estava em casa. Uma estupidez, na verdade.

— Por que estupidez?

— Eu me arriscava o tempo todo. Ficava bêbada e acabava na casa de estranhos, ou levava alguém para a minha. Às vezes eu acordava em algum lugar sem a menor ideia de onde tinha estado ou do que tinha feito. Quando penso nisso agora, mal consigo acreditar que eu ainda esteja viva.

— Fico feliz que esteja.

— Aposto que você queria ter me conhecido naquela época, não? — falei, brincando.

Ele me apertou e disse:

— Só por tê-la conhecido, já fico feliz.

Minha nossa, pensei, pare de ser assim tão bacana comigo. Não vou aguentar. Eu não mereço.

— Olhe — falei —, eu já fui internada à força. Duas vezes. Acho melhor você ficar sabendo.

— Depois de ter sido atacada?

— A primeira vez foi logo depois. Eu tinha recebido alta após me recuperar fisicamente. Acho que eles não tinham ideia do que estava realmente se passando pela minha cabeça. Nem eu mesma estava cuidando direito de mim. Então acabei fazendo uma cena em uma farmácia vinte e quatro horas e chamaram os homens de jaleco branco. Não sei bem quem eram.

— Provavelmente os paramédicos, talvez com alguma ajuda da polícia — disse ele.

— Depois disso, levou cerca de um ano para o caso ser julgado. Então eu tive uma espécie de recaída; essa foi a segunda vez.

— Você recebeu alguma ajuda profissional? Terapia?

Dei de ombros.

— Não importa. Estou aqui agora, pelo menos. Eu melhorei muito, sabe? Muito.

Ele assentiu com a cabeça.

— Entendo.

— Só queria que você soubesse — falei. — Caso...

— Caso...?

— Caso faça alguma diferença.

Havíamos chegado ao prédio. Ele abriu a porta para mim. No corredor, ficou parado e me disse, calmamente:

— Verifique uma vez. Só uma vez.

Lancei-lhe um olhar que queria dizer, *Vou verificar a porra da porta quantas vezes me der na telha, muito obrigada*, mas só o fiz uma vez. E uma vez me pareceu o bastante, porque ele estava ali.

Ele subiu a escada na frente e parou ao lado da porta do meu apartamento, se afastando um pouco a fim de não bloquear meu caminho.

— Obrigado por aceitar sair comigo — disse ele.

Fiquei imóvel por um instante, olhando para ele, sentindo o abismo entre nós como um vácuo e desejando o transpor.

Não sei quem tomou a iniciativa, se foi ele ou se fui eu, mas de repente ele me abraçou, meus braços o envolveram, por dentro do seu casaco, apertando-o o mais forte que eu podia. Uma de suas grandes mãos afagava minha cabeça, pensei como aquela sensação era estranha, e me dei conta de que meu cabelo agora estava curto. E não comprido. Era como se eu percebesse que não era mais aquela pessoa. De repente quis que meu cabelo crescesse outra vez, só para saber como seria sentir seus dedos passando por entre os fios, segurando minha cabeça.

Ele soltou o ar, como se suspirasse, e eu ergui a cabeça e o beijei. De início, ele não retribuiu — ficou imóvel, só por um instante. Então a mão que estava acariciando minha cabeça desceu até o meu rosto, seus dedos proporcionando uma sensação fria na minha pele ardente, e ele me beijou também. Sua boca tinha um gosto remoto de Guinness. Senti que meus joelhos começavam a ceder, e seus braços apertaram minha cintura com mais intensidade. Ele parecia muito forte, apesar do ombro machucado.

Eu deveria estar entrando em pânico. Eu deveria estar terrivelmente apavorada, pensei. Mas não estava. Não queria que ele me soltasse.

Ele se afastou e olhou para mim, uma das mãos nas minhas costas, a outra no meu rosto. Talvez ele esteja tentando ver até que ponto estou bêbada, pensei, curiosamente. Mas não era isso. Havia ansiedade naqueles olhos verdes. Ele queria saber se eu estava bem.

Evidentemente eu estava ótima, porque ele me beijou de novo, e acho que com mais vigor do que pretendia — sua barba por fazer roçando minha boca.

Aos poucos, ele foi me soltando, e, com relutância, retirei a mão das suas costas, que havia alcançado adentrando não sei como por sob sua camisa. Ele deu um passo para trás de modo a poder me olhar.

Pensei: *Não ouse se desculpar pelo que acaba de acontecer. Não venha se desculpar, droga.*

— Você quer entrar? — perguntei, olhando de relance para a porta do apartamento.

Eu queria tirar sua roupa e queria que ele fizesse sexo comigo. Ali mesmo, naquele exato instante; acho que teria sido capaz até de lhe pagar por isso.

Houve um longo silêncio, que se tornava pior a cada instante. Então ele balançou a cabeça.

Parecia estar debatendo consigo mesmo sobre o que fazer, e aquela espécie de luta interior foi vencida de repente, pois ele deu um passo para a frente e me beijou outra vez, desta vez um beijo rápido, na minha face ardente, e sussurrou:

— A gente se vê amanhã.

Então ele se virou e subiu a escada para seu apartamento, dois degraus de cada vez. Ouvi sua chave girar, a porta se abrir e se fechar e, depois, só havia silêncio, e me vi sozinha do lado de fora do meu apartamento, como se tivesse acabado de chegar do trabalho.

Exceto que eu estava balançando um pouco, como se houvesse um vento forte, e precisava desesperadamente fazer xixi.

Quinta-feira, 25 de dezembro de 2003

MEU CELULAR TOCOU QUANDO AINDA ESTÁVAMOS enroscados um no outro. Eu o desliguei com facilidade, para me concentrar no corpo de Lee e em seu ritmo, mas ele fez uma careta e eu o senti tenso, distraído.

— Essa porra desse telefone — esbravejou ele, passando a mão na testa.

— Não se preocupe — falei. — Esqueça isso. Não pare.

Aquilo mudou o clima. Ele me afastou energicamente, me agarrou pelo cabelo e me virou de bruços. Soltei um grito de dor súbita, mas ele pareceu nem ouvir, forçando uma penetração por trás. Tentei me soltar, mas ele puxou minha cabeça na sua direção e continuou, com ainda mais força.

Só levou um minuto. Ouvi seu grunhido ao gozar, depois ele saiu de dentro de mim, desceu da cama imediatamente e foi para o banheiro, batendo a porta com tanta violência que os vidros da janela tremeram.

Fiquei ali, deitada, com o couro cabeludo doendo no local em que ele puxara meu cabelo. Eu ouvia meu coração bater forte no peito. Que porra era essa? Ouvi o chuveiro sendo ligado.

Quando o telefone tocou novamente, atendi.

— Querida! Feliz Natal.

Era Sylvia.

— Oi, querida, tudo bem?

— Ainda não. Não estou tão bêbada quanto gostaria. E você?

— Ainda é meio-dia e meia — respondi, olhando as horas. — Você já começou?

— Claro. Não me diga que ainda está na cama.

— Talvez.

— Bom — disse ela, ressentida—,provavelmente eu também estaria se tivesse Lee para me fazer companhia.

— Fique à vontade — respondi —, ele está bem irritado essa manhã.

— Sei. Quer que eu vá até aí e dê um jeito nisso?

— Não, não precisa — respondi, rindo ao imaginar a cena. — O que vai fazer hoje?

— Você sabe, as coisas de sempre... Minha mãe quer que eu ajude a preparar o almoço, eu quero estrear as minhas roupas novas. A velha história.

Desliguei o telefone um pouco depois e me vesti. Uma calça jeans desbotada, um suéter e meias grossas. Lá embaixo, a cozinha estava uma bagunça, migalhas de pão e saquinhos de chá dentro da pia. Eu já havia lavado metade da louça, cantando uma música natalina junto com o rádio, quando Lee apareceu. Estava só de calça jeans, mais nada. A parte superior de seu corpo estava tensa, a pele úmida. Ele me segurou pela cintura, me dando um susto.

— Você está bem? — perguntei.

Ele enterrou o rosto no meu pescoço.

— Aham. Só com raiva dessa porra de telefone. Quem era?

— Sylvia.

— Eu deveria imaginar.

— Você me machucou, sabia?

Girei envolta em seus braços para olhá-lo.

— Machuquei como?

— Você puxou meu cabelo, doeu muito.

Ele abriu um sorriso estranho e afagou minha cabeça.

— Então me desculpe. Não gosta de um pouco de brutalidade?

Considerarei a questão.

— Acho que não. Não dessa maneira.

Ele me soltou e deu um passo para trás.

— Toda mulher gosta de brutalidade — disse ele. — As que dizem que não são mentirosas.

— Lee!

Mas ele apenas riu e foi para a sala. Talvez estivesse brincando, no final das contas, pensei, talvez não acreditasse no que disse. Passei os dedos pelo meu cabelo, das raízes até as pontas. Vários fios saíram na minha mão. Olhei para aquele monte de cabelo e joguei fora na pia da cozinha.

Domingo, 23 de dezembro de 2007

MAIS UM DOMINGO, E ESTÁ NUBLADO, portanto tecnicamente deverá ser um bom dia. Talvez eu vá correr um pouco mais tarde.

Naquele exato momento, porém, tudo me parecia uma grande e bela porcaria.

Depois que ele me deixou em pé à porta do meu apartamento e subiu a escada, me senti como se tivesse bancado a maior idiota. Era uma espécie de consciência embotada, e eu ainda me sentia excitada e confusa sob o efeito das duas taças de vinho (duas taças! Quem diria...), mas agora — sob a luz fria de uma manhã de dezembro nublada e tempestuosa, só consigo pensar em como lhe contei toda alegre que fui internada involuntariamente, não apenas uma, mas duas vezes, e em como ele ficou estático quando o beijei, como escapou dos meus dedos em garras e subiu correndo a escada, o mais rápido que suas pernas podiam levá-lo.

Mas que merda eu achava que estava fazendo? Ele deve ter pressentido o desespero jorrando de mim. Não é de se estranhar que eu seja uma total desequilibrada. Não é de se estranhar que eu não consiga sair de casa sem verificar tudo quarenta vezes. Agora não sou apenas uma doida, sou uma doida *desesperada* que precisa tanto de sexo que praticamente pula em cima do único homem que demonstrou algum interesse no último ano. E como se as coisas pudessem ficar ainda piores, esse homem é psicólogo — se alguém pode dizer que sabe o que é loucura, esse alguém é ele.

Quando entrei em casa, vi meu reflexo no espelho. Meu rosto estava molhado de lágrimas, que eu deveria estar derramando sem me dar conta enquanto ele me beijava. Sob as lágrimas, minhas bochechas estavam causticamente vermelhas. Eu não parecia uma mulher que acabara de ser beijada menos de um segundo antes, mas uma mulher que acabara de levar um pé na bunda.

O que, de certa maneira, era verdade.

Pensando por uma perspectiva mais positiva, porém, tudo isso me proporcionou uma distração tão grande das minhas aflições

normais que consegui verificar o apartamento só uma vez ontem à noite. Uma única vez.

No entanto, não consegui dormir. Fiquei horas deitada, repassando tudo o que ele dissera e tudo o que eu dissera, tentando analisar os fragmentos em que achava que ele tinha tentado me dizer que gostava de mim, e tudo o que eu tinha conseguido dizer soava horrível, podendo ser interpretado de outra maneira: que ele não estava pronto para um relacionamento (o que *e/e* também disse), tampouco eu (o que *e/e* também disse), e que ele passou um mau bocado com a ex-noiva. Nas entrelinhas de tudo isso, parecia possível ler que ele precisava da minha companhia e gostava de estar comigo porque, claramente, se nenhum de nós dois queria um relacionamento, então ele estava em perfeita segurança passando algum tempo comigo, sem que eu pulasse em cima dele. Tudo isso ele disse pouco antes de eu pular em cima dele.

Merda.

Lá pelas três da manhã, saí da cama, liguei o aquecedor e fiquei uns dez minutos sentada, tremendo, só de camisola, segurando uma xícara de chá. Quando comecei a me sentir mais aquecida, decidi praticar uma daquelas sessões de respiração. Afinal, por que não? Não tinha mais porra nenhuma para fazer.

Dessa vez me esforcei seriamente para fazê-lo sem pensar em Stuart. Pensar nele naquele momento podia piorar as coisas, em vez de melhorar. É claro que quanto mais eu tentava *não* pensar nele, mais impossível isso se tornava. Olhei para o teto, escutando um estrondoso silêncio em meus ouvidos, e me perguntei se ele também estaria tendo dificuldade para dormir. Nesse caso, ele devia estar deitado lá em cima pensando no que me dizer da próxima vez que me visse. *Hã... Oi, então, pois é, eu sei que retribuí o seu beijo, mas, sério, eu preferiria raspar minhas sobrancelhas a beijá-la novamente. Será que você poderia não pular desesperadamente em cima de mim? MUITÍSSIMO obrigado.*

Tentei até bolar uma réplica digna: *Eu não vou deixar que isso me atrapalhe. Estou me recuperando do TOC. Vou melhorar a cada dia e estou me recuperando porque eu posso me curar. Ele só*

apontou para o problema; não é ele que está me fazendo melhorar, eu é que estou me ajudando.

Depois disso, tentei mais uma vez o exercício respiratório e dessa vez consegui. Só por três minutos, e foi um alívio quando o timer soou. Eu me senti de fato mais calma depois, então voltei para a cama e, quando começou a clarear lá fora, finalmente adormeci.

Hoje de manhã, quando acordei, por um instante só conseguia me lembrar da sensação de ser beijada, do gosto delicioso de Stuart, como ele foi intenso, afetuoso e como eu me senti segura em seus braços, mas depois me lembrei de todo o contexto e me senti enjoada. Após minha xícara de chá das oito horas, tomei coragem e saí para correr. Eu me equipei toda, com moletom e tênis, de olho na janela para vigiar as nuvens que ameaçavam chuva. Isso acabaria comigo, pensei, e seria merecido; meia hora correndo sob a chuva, ou, melhor ainda, sob uma saraivada de granizo, seria muito bem feito para mim.

Verifiquei as portas e janelas três vezes, o que não foi ruim, mas, para um fim de semana, tampouco bom. Usei um enorme alfinete de fralda para prender a chave dentro do meu bolso, confirmei que se estava seguro e então, por fim, saí de casa.

A ventania estava mais forte do que eu imaginara, e para chegar ao parque eu teria que correr contra o vento a maior parte do percurso. Quando enfim alcancei o portão, meu rosto estava dormente. Lá dentro, consegui correr até o alto do morro, respirando até meu peito começar a doer, e depois recuperei o fôlego no alto, apreciando a vista que se estende até a margem do rio, o Canary Wharf e o Domo. As nuvens avançavam rapidamente no céu, que estava ficando mais escuro e tempestuoso a cada minuto.

Comecei a descer o morro, completando um circuito do parque, e cheguei de volta ao portão no momento em que as nuvens se romperam e grossas gotas de chuva gelada começaram a cair. Pensei em me abrigar sob o toldo do café, que estava fechado, mas não gosto de ficar no parque mais tempo do que o necessário,

ainda mais nessa espécie de meia-luz, que impede de ver quem vem pela frente. Então continuei correndo.

E, obviamente, quando alcancei a Talbot Street, a chuva diminuíra, agora apenas chuviscava. Eu estava encharcada, meu cabelo todo espetado por conta da chuva e do meu próprio suor, minhas bochechas doendo devido ao frio.

Assim que cheguei ao prédio, encontrei a porta da frente aberta e Stuart saindo. Ele estava tão ocupado verificando se a porta estava bem fechada que não me viu imediatamente, e, por um instante, considerei a possibilidade de me esconder atrás da porta da garagem vizinha.

Tarde demais.

— Oi — disse ele, e sua voz soou tão alegre e cordial que fiquei perplexa.

— Oi — respondi, ofegante, lamentando não ter corrido um pouquinho mais rápido e chegado em casa antes de ele sair.

— Estou indo comprar algumas coisas para o café da manhã. Quer ir comigo?

— Hum... Preciso mudar de roupa — falei, desajeitadamente.

— Tudo bem — disse ele, reparando no meu moletom ensopado. — Vá vestir umas roupas secas. Quando estiver pronta, suba até lá em casa. Bacon com ovos, que tal?

— Maravilha — respondi.

Ele sorriu para mim e se foi.

— Stuart — chamei.

Ele se virou, as chaves na mão.

— Só queria dizer... hã... obrigada. Pela noite de ontem. Por... você sabe... Não ter entrado. Por ter me dispensado. Acho que o vinho me subiu um pouco à cabeça, me desculpe.

Ele pareceu confuso.

— Eu não a dispensei.

— O quê? — exclamei. — Não?

Ele deu um passo na minha direção e pôs a mão no meu braço, como havia feito na véspera, para me acalmar.

— Não, não dispensei. Só não queria me aproveitar de você.

— E não é a mesma coisa?

— Não, não é a mesma coisa de jeito nenhum. Eu não dispensaria você.

Ele sorriu, enquanto meu coração batia forte, e não era por causa da corrida. Então ele disse:

— Nos vemos daqui a pouco.

E partiu na direção da High Street. Fiquei ali parada, prendendo a respiração e observando-o até ele dobrar a esquina.

Quinta-feira, 25 de dezembro de 2003

JANTAMOS EM UM SILÊNCIO QUE CONSIDEREI desconfortável. Lee tinha preparado a comida — peru, batatas assadas, molho para carne e até molho de cranberry. Ele estava usando um chapeuzinho de papel que viera em um *cracker* de Natal e me observava enquanto bebia.

Eu estava com raiva, mas não sabia ao certo por quê. Tinha esperado tanto por aquilo, o Dia de Natal, pensando como seria incrível ter alguém para passar a data comigo, e no entanto, agora me pegava pensando que de certa forma preferia que ele não estivesse ali. Será que havia algo que eu pudesse dizer para fazê-lo ir embora, sem provocar uma discussão?

Será que era por ele ter dito que mulheres gostavam de brutalidade? Pensei sobre isso por um momento, mas não senti a menor fagulha de raiva. Talvez ele até tivesse razão. Não me agradara, era verdade, mas em outras circunstâncias eu poderia ter outra opinião a respeito.

Não, não era isso. Era a sensação de que Lee estava *tomando posse*.

Eu havia subido para trocar de roupa e, ao descer, vi que ele tinha me trancado do lado de fora da cozinha. Lee argumentou que abriríamos nossos presentes após o jantar, não antes. Eu só precisava me sentar no sofá com minha taça de champanhe e ser paciente, segundo ele. Acabei me sentindo uma convidada em minha própria casa.

Eu pretendia solucionar esse desconforto ficando totalmente embriagada, e já estava progredindo bem nesse sentido.

— Está uma delícia — falei, mais para quebrar o opressivo silêncio do que por outro motivo.

— Que bom que você gostou. — E ele voltou a encher minha taça.

— Posso abrir meus presentes agora, por favor? — falei quando ele acabou de comer.

Minhas pernas estavam tão bambas que ele teve que me ajudar a sair da mesa. Deixei-me cair no chão ao lado da árvore de Natal, rindo que nem uma boba, e ele sentou-se ao meu lado.

— Acho que vou ter que ajudá-la, não é? — disse ele, entregando-me um pequeno presente retangular lindamente embalado.

— Não — retruquei, agarrando o presente com mais força do que necessário. — Posso me virar, muito obrigada.

Levou uma eternidade, e mais algumas taças de vinho, para abrir os pacotes. Alguns CDs de uns artistas de quem eu nunca ouvira falar, uma pulseira que brilhava no meu pulso, uma bolsa de couro e uma caneta-tinteiro prateada com meu nome gravado. Depois, Lee acendeu algumas velas sobre a lareira e, tomando vinho mais lentamente do que eu, abriu seus presentes. Os dele eram em menor número, basicamente porque eu também tinha ganhado alguns das minhas amigas. Fiquei observando- o abrir os embrulhos — a maioria roupas, além de uma loção pós-barba e um novo telefone celular. Ele parecia satisfeito com tudo, bem satisfeito... Ou talvez fosse o vinho afetando meu discernimento.

Então abri uma caixa e encontrei uma lingerie em meio a um monte de papel de seda e, é óbvio, tive que experimentar imediatamente, me despindo com dificuldade, arrancando minha calça jeans com os dedos entorpecidos pelo vinho até ele me ajudar, e, é claro, acabei não vestindo a lingerie porque de repente estávamos fazendo amor outra vez no chão, ao lado do meu arremedo de árvore de Natal, de quase um metro de altura, com as pálidas luzinhas brancas e algumas bolas de vidro.

Enquanto ele me penetrava e eu arquejava, meus ombros roçando no tapete, eu me senti fora de mim, nauseada, e me lembrei de todas as vezes em que eu estive com caras que mal conhecia ao final de tantas e tantas noitadas.

Perguntei a mim mesma, em um momento de lucidez repentina, se aquilo estava certo. Será que ele era a pessoa ideal para mim? Não seria aquilo somente o resultado final de várias noites em que eu voltara para casa bêbada com um homem que acabara de conhecer? Trepando com alguém no tapete da sala,

meus dedos e lábios entorpecidos de tanto álcool? Fingindo um orgasmo no final, por já estar cansada demais para aguentar aquilo por muito tempo, esperando que ele gozasse logo porque eu queria ficar sozinha, queria dormir. Queria vomitar.

Lee deve ter sentido meu desconforto, porque ele reduziu o ritmo e puxou minha cabeça. Abri os olhos. Ele estava bem em cima de mim, sua expressão indecifrável. Seu cabelo estava molhado de suor, a testa brilhando, a luz das velas lançando sombras sobre sua face.

— Catherine — disse ele num sussurro.

— Hum?

Pensei que ele fosse me perguntar se eu estava me sentindo bem, e eu já estava preparando meu sorriso mais encorajador para animá-lo a acabar logo com aquilo, pois assim eu poderia beber um pouco d'água, ir deitar em algum lugar tranquilo e ficar em paz sentindo a sala girar.

— Casa comigo, Catherine?

Essas palavras me chocaram mais do que qualquer outra coisa que ele poderia ter dito.

— O quê?

— Casa comigo?

Mais tarde, horas depois, deitada na cama com mais uma trepidante dor de cabeça, eu me dei conta de que a resposta perfeita teria sido beijá-lo, retomar o controle e levá-lo a continuar aquilo que estava fazendo, uma boa tática de retardamento para ganhar tempo para pensar. Mas meu cérebro estava banhado em vinho, e, em vez disso, hesitei por mais tempo do que deveria.

Ele saiu de dentro de mim e sentou-se apoiando as costas no sofá.

Consegui me sentar, quase caindo.

— Posso pensar antes de responder? — perguntei.

Lee estava olhando para mim e, para meu pavor, havia lágrimas saindo de seus olhos. Ele chorava

— aquele cara durão cujo trabalho envolvia dar uns trancos nas pessoas em um beco, aquele homem que agarrara meu cabelo

e me dissera que as mulheres gostavam de brutalidade—,ele estava realmente chorando.

— Ah, Lee. Não chore. — Sentei-me no seu colo com uma perna para cada lado, enxugando seu rosto com os dedos, inclinando sua cabeça para poder beijá-lo. — Está tudo bem. Eu só não estava esperando, só isso.

Mas eu subestimei sua vergonha. Alguns momentos depois, ele se vestiu, me beijou e se foi.

— Tenho que trabalhar amanhã — disse ele, gentilmente. — Até mais.

— Mas você bebeu, Lee. Não vá dirigindo.

— Vou pegar um táxi — respondeu ele.

Era o que eu queria, afinal de contas — alguns momentos antes, eu tinha desejado que ele se levantasse e fosse para casa, me deixando em paz, e agora ele se fora. *Tome cuidado com o que você deseja, Catherine*, eu disse a mim mesma.

Tome cuidado.

Domingo, 23 de dezembro de 2007

DEPOIS DE TOMAR BANHO E PASSAR dez agonizantes minutos pensando qual seria a roupa mais apropriada para vestir e ir tomar o café da manhã com alguém que havia beijado na noite anterior, o cheiro do bacon começou a descer pela escada, passando por sob a porta e entrando no meu apartamento.

Consegui trancar minha porta, conferir uma só vez e subir a escada. A ânsia de voltar e verificar novamente era forte, mas eu estava contando com o fato de que passar um tempo na companhia de Stuart iria manter meu cérebro ocupado com coisas agradáveis.

Ele havia deixado a porta aberta, mas eu bati assim mesmo.

— Olá?

— Estou aqui — ouvi-o gritar, e segui o som pela casa.

Estava bem claro ali, a luz do sol penetrando pelas grandes janelas da sala. Ele havia montado uma árvore de Natal em um canto e colocado lâmpadas pisca-pisca em volta das janelas. Parecia um lugar acolhedor, hospitaleiro e festivo. Empilhados sobre a mesa de centro havia alguns jornais de domingo. Sobre a pequena mesa da cozinha, um bule, uma bandeja com torradas quentes e um pote de geleia de laranja.

— Chegou na hora certa — disse ele.

Stuart colocou dois pratos sobre a mesa. Sentei-me à sua frente e me servi de chá, acrescentando leite de pouquinho em pouquinho, até alcançar a cor certa.

Eu sentia uma felicidade tão desenfreada e inexplicável que não conseguia tirar o sorriso do rosto. Ter alguém ali comigo, tão perto, com quem pudesse passar um dia como aquele... isso me bastava. Foi até um pouco difícil mastigar, com aquele sorriso inextinguível. Então arrisquei uma olhada para ele, e encontrei seus olhos fixos em mim.

— Você parece feliz — disse ele, curioso.

— Eu estou — respondi, sorrindo, entre uma garfada de bacon e um pedaço de torrada besuntada com a gema mole do ovo.

Ele ficou vermelho, eu não sabia por quê. Acabei me lembrando da noite passada.

Mudei de assunto sem o menor jeito:

— Você é ótimo na cozinha. Mesmo com um ombro imobilizado.

— Eu estava pensando sobre isso hoje de manhã — disse ele.

— Isso o quê?

— Hã... O que você vai fazer no Natal?

Dei uma risada sarcástica.

— Absolutamente nada, igual ao ano passado. Vou ficar em casa assistindo a esses programas natalinos horrorosos na TV.

— Convidei Al para um almoço de Natal. Ele não tem ninguém para passar o dia. Quer vir também? Poderíamos ficar todos juntos. O que acha?

— Você não tem família, alguém com quem devesse passar o Natal?

Ele balançou a cabeça, mastigando.

— Na prática, não. Eu poderia ir para a casa da minha irmã, mas ela mora em Aberdeen. Ralphie foi fazer um mochilão pelo mundo de novo. Além disso, vou estar de plantão amanhã e no dia vinte e seis. Tive sorte em conseguir folgar no dia de Natal, aliás.

Terminei meu chá e me perguntei se seria falta de educação pegar mais.

— Esse é o mesmo Al de quem você me falou antes, não é? O grande especialista mundial em TOC? E você quer que eu passe o Natal com ele?

— Hã... quero. E comigo. Então, você vem?

— É muita gentileza sua. Posso pensar no assunto?

— Claro.

Quando acabamos de comer, ficamos sentados na sala ensolarada tomando o restante do chá. Eu me sentei no tapete cor de marfim, espalhei o *Sunday Times* no chão, ao meu redor, e me deixei absorver por outros lugares do mundo, pelo trauma de outras pessoas, por outros mundos, outras vidas.

Ele sentou-se no sofá com o *Telegraph*, ocasionalmente lendo algo em voz alta para mim e rindo.

Quando minha perna começou a ficar dormente, dobrei cuidadosamente o jornal e me sentei ao seu lado no sofá, com uma revista. Havia um artigo sobre TOC. Normalmente eu evitaria ler algo assim, porque diz respeito diretamente a mim, mas dessa vez achei fascinante. Era sobre personagens famosos da história que haviam sofrido de TOC e sobre como esse transtorno foi frequentemente confundido com excentricidade. Mostrei a matéria a Stuart. Ele se aproximou de mim e ficou lendo por sobre meu ombro. Eu podia sentir sua respiração na minha pele.

Percebi que estava tensa, me perguntando se ele me beijaria outra vez e ao mesmo tempo temendo não conseguir lidar com esse tipo de situação sem a reconfortante presença do álcool na minha corrente sanguínea. Mas ele se levantou de súbito e foi até a cozinha para preparar mais chá, e nesse instante o sol se escondeu atrás de uma nuvem, escurecendo a sala.

— É melhor eu voltar para casa — falei.

Pensei que Stuart não tivesse me escutado. Alguns minutos depois, ele retornou com o bule de chá, colocando-o com cuidado sobre a mesa de centro, em meio aos suplementos dos jornais e os cadernos de classificados.

— Bom, você pode ir se quiser. Mas eu estava meio que torcendo para que você ficasse um pouquinho mais.

— Mesmo?

— Você repete muito isso — disse ele, deixando-se cair ao meu lado no sofá. — Como se não acreditasse em mim.

— Você está me olhando pelos olhos de um psicólogo — retruquei, franzindo as sobrancelhas.

— Eu sou um psicólogo.

— Ah, é? Pensei que não estivesse de plantão hoje.

— Por que você está brava?

— Porque você está começando a me analisar.

Ele cobriu um sorriso com a mão.

— E porque isso significa — continuei — que você sabe como funciona minha mente, mas eu não faço a menor ideia do que *você* está pensando no momento, e isso está me dando nos nervos.

Ele começou a encher novamente minha xícara, sem dúvida sabendo perfeitamente que mais um pouco de chá — que foi ficando exatamente da cor certa — me impediria de levantar e ir embora.

— Eu o beijei ontem à noite — deixei escapar, irritada. Eu não fazia a menor ideia do que aquilo queria dizer.

— Sim — disse ele.

— Senti que minha vida estava mudando.

Ele me encarou com aqueles olhos verdes, esperando que eu continuasse.

— Sim.

— Mudanças sempre me deixam apavorada.

— Entendo.

— *Sim? Entendo? É só isso?*

Ele deu de ombros, recusando-se a corresponder ao meu tom de voz exaltado.

— Estou concordando com você. É claro que as mudanças assustam. Mas você as supera, e essa você também vai superar. Não vai?

Fiquei sem palavras, sentindo a sala girar. Aquilo não estava dando certo. Como eu tinha conseguido passar de incrivelmente alegre há alguns minutos para esse ponto? Devo ter algum imenso botão interno de autodestruição.

— Eu não sei o que você quer de mim — falei, com a voz triste.

Ele voltou a fazer o contato visual, que eu tanto temia: vai que ele conseguisse ver como eu me sentia? Mas o que me surpreendeu repentinamente foi a expressão em seus olhos, o modo como ele me fitava.

— Cathy — disse Stuart —, foi apenas um beijo.

Minhas faces estavam queimando.

— Você acha que não significou nada?

— Não foi isso o que eu disse.

— Como você fica tão à vontade com conversas embaraçosas?

Ele riu.

— Talvez porque eu tenha mais conversas difíceis do que fáceis.

Eu tinha a impressão de que, qualquer coisa que eu dissesse, ele revidaria com uma resposta inteligente, então mordi o lábio. Contato visual: outra coisa na qual ele era excelente. Mas ele venceu o combate dessa vez. Eu senti medo de que, se olhasse dentro de seus olhos por tempo demais, eu fosse acabar chorando, então tomei o resto do meu chá e, decidida, coloquei a caneca sobre a mesa.

— É melhor eu ir embora, de verdade — falei. — Obrigada pelo café da manhã, estava ótimo.

Ele me acompanhou até a porta.

— Você é sempre bem-vinda.

Stuart tinha razão, é claro. Foi apenas um beijo, apenas uma conversa, apenas um café da manhã. Enquanto eu verificava a porta, as janelas, as gavetas da cozinha e tudo mais, ponderei sobre o que ele dissera e me perguntei qual era a parte que eu estava tendo tanta dificuldade em entender.

Quarta-feira, 7 de janeiro de 2004

— OI, LINDA.

— Cacete! Lee, assim você me mata do coração.

Eu já estava em seus braços no momento em que terminei a frase, no ar frio do estacionamento do trabalho. Eu saíra tarde, sem prever nada de mais excitante do que o trânsito moroso ao voltar para casa na hora do rush, e lá estava ele, me esperando ao lado do meu carro. O estacionamento estava precariamente iluminado, quase às escuras.

Ele me beijou calma e delicadamente.

— O que está fazendo aqui? — perguntei.

— Acabei cedo — respondeu ele. — Resolvi fazer uma surpresa. Vamos sair para algum lugar.

— Posso passar em casa para me trocar?

— Você está perfeita desse jeito.

— Não, sério, trabalhei o dia todo, prefiro mudar de roupa...

— Entre.

Ele abriu a porta de um carro estacionado logo atrás do meu.

— Gostei do carro — falei, me sentando no banco da frente. — O que houve com o seu?

— Eu vim direto do trabalho — disse ele. — É o carro para uso profissional.

— Entendo. E qual seria esse trabalho?

Não recebi resposta para essa pergunta, é claro. Ele estava elegantemente vestido, com um terno escuro e uma camisa cinza-escuro por baixo, de barba feita. Eu me perguntei se ele teria vindo direto do trabalho ou se havia passado na academia. O carro não tinha nada que o distinguisse de qualquer outro. Nenhum CD à vista, nem tíquetes de estacionamento, muito menos algum adesivo com permissão para estacionar no trabalho colado ao para-brisa.

Tomamos um caminho que levava para fora da cidade.

— Para onde estamos indo?

— Para um lugar um pouco diferente.

Ele apoiou a mão na minha coxa enquanto dirigia, sem tirar os olhos da pista. Aquele contato repentino me deixou um pouco excitada, apesar do meu imenso cansaço. Ele levantou minha saia para poder tocar a pele da perna. Por um instante pensei que iria ainda mais longe, mas ele ficou por ali, a mão descansando sobre minha coxa. Coloquei minha mão sobre a dele.

— Estamos com tempo de sobra — disse ele depois de um momento. — Podemos dar uma paradinha. O que acha?

Ele não estava falando em parar para admirar a paisagem, é claro, embora tenha ao menos esperado até encontrar um lugar razoavelmente interessante. Era um estacionamento no alto de um morro. O lugar fechava à noite, mas felizmente não tinham se preocupado em trancar o portão. Seguimos com o carro por uma trilha escura através das árvores até alcançarmos uma clareira. As luzes da cidade se estendiam pelo vale lá embaixo.

Lee soltou seu cinto de segurança e olhou em volta, para a semiescuridão lá fora. Havia outro carro estacionado em um canto, mas sem sinal algum de pessoas dentro dele, embora estivesse escuro demais para vermos com nitidez.

Foi bem desconfortável dentro do carro, mesmo com os bancos totalmente deitados, então acabamos indo para fora e nos apoiando na porta do carro, minha saia levantada até a cintura, a calcinha arrancada e jogada em algum lugar. Seu rosto contra meu peito, minhas mãos em seu cabelo, e eu sem saber se tremia de frio ou de excitação, com os saltos dos sapatos afundando na terra macia.

— Eu não devia estar fazendo isso — disse ele por fim, sua voz um mero suspiro contra meu pescoço.

— Por que não?

Ele ergueu a cabeça. Estava tão escuro que eu mal conseguia vê-lo, apenas sentia aquela massa sólida contra meu corpo, distinguindo seu cabelo claro sendo agitado pela brisa.

— Não consigo parar de pensar em você — disse ele. — Só o que penso o dia todo é quantos minutos faltam para eu estar com você de novo.

— Isso é bom, não é? — sussurrei, beijando sua bochecha e o lóbulo da sua orelha.

Ele balançou a cabeça.

— Não quando eu deveria estar me concentrando no meu trabalho. É como uma traição. Não gosto disso.

— Você quer dizer traição no sentido de dormir com outra pessoa?

Ele riu.

— Eu não durmo com mais ninguém. Só com você. Eu não penso no trabalho quando estou com você, e não deveria pensar em você quando estou no trabalho.

Ele então se afastou de mim e ajeitou o terno. Do bolso do paletó, retirou um tecido escuro embolado.

— Acho que é sua.

Abri a porta do carro e entrei, fugindo do frio.

— Espere um pouco. Não era essa a que eu estava usando.

— Claro que não — respondeu ele. — Eu trouxe uma nova para você. Achei que fosse precisar.

— E o que aconteceu com a outra?

Ele deu de ombros.

— Não sei. Deve estar em algum lugar deste estacionamento.

— Você tem uma lanterna? Não posso simplesmente largar minha calcinha no estacionamento.

— Não, não tenho lanterna. — Ele ligou o carro. — Vamos embora. Estou morrendo de fome.

Meia hora depois, estávamos em um lindo pub, bem antigo, à beira do rio, esperando por uma

mesa com uma taça enorme de vinho tinto na mão e uma lareira me aquecendo. Eu olhava sem pressa o cardápio enquanto Lee, sentado à minha frente, me observava com um sorriso maroto nos lábios.

Eu pressenti primeiro. Uma repentina tensão nele. Pelo canto dos olhos, eu o vi se enrijecer.

Ergui o olhar e notei que Lee observava alguém, ou alguma coisa, atrás de mim. Instintivamente, me virei para olhar. Havia apenas as mesas do saguão do pub, cheias de gente jantando.

— Merda — disse ele, baixinho.

— Lee? O que houve?

— Não olhe. — O tom de sua voz era gélido. Então, no momento seguinte, ele se levantou. — Espere aqui, ok? Já volto.

Olhei ao redor e o vi se dirigindo ao banheiro. Eu me sentia nauseada. Quem ele vira? Outra mulher? Ignorando suas instruções, virei-me para observar o saguão, e fiquei esperando vê-lo voltar. A porta dos banheiros se abriu, mas não era Lee — dois homens, o primeiro de terno, uma mochila pequena no ombro, e o segundo mais velho, vestido de modo mais casual, com uma jaqueta de couro preta e calça jeans. Eles riam de alguma coisa. Esperei que se sentassem a alguma mesa, mas em vez disso eles vieram bem na minha direção. Eu me encolhi na cadeira e voltei a me concentrar no cardápio enquanto eles passavam por mim seguindo até a porta do pub, onde apertaram as mãos. O homem de jeans desapareceu, indo para o estacionamento.

Quando Lee voltou, minutos depois, estava falando ao celular, e sentou-se novamente à minha frente.

— Certo. Ok. Encontro você lá fora — disse ele, desligando o telefone e o guardando no bolso do paletó.

— Lee, o que está havendo?

— Sinto muito. Vamos ter que sair e esperar um pouco dentro do carro.

— O quê?

— Preciso encontrar uma pessoa. Não podemos esperar aqui.

— Você está brincando!

Ele se inclinou na minha direção e colocou a chave do carro na minha mão.

— Cale a porra da boca e vá para o carro. Encontro você em um minuto.

Saí andando furiosamente e bati a porta do carro ao entrar, embora não houvesse ninguém ali para presenciar a força do meu ódio. Sozinha no carro, abri o porta-luvas na esperança de encontrar alguma explicação, mas estava vazio. Completamente vazio.

Pouco depois, vi a porta lateral do pub se abrir e distingui a silhueta de Lee vindo na direção do carro. Ele abriu a porta e entrou, trazendo consigo um pouco do frio ar noturno.

Lancei-lhe um olhar de expectativa.

— Esse pub é uma bosta — disse ele, todo animado. — Vamos achar um lugar melhor.

— O quê?

Ele apertou as têmporas e fechou os olhos, como se eu estivesse lhe causando dor de cabeça.

— Ok — disse ele—,o que vai acontecer é o seguinte: daqui a alguns minutos, vai chegar um pessoal aqui. Eu vou falar com os caras e explicar o que acabou de acontecer, e aí, se tivermos sorte, eu e você vamos embora daqui e encontraremos outro lugar para jantar.

— E se não tivermos sorte?

— Aí eu vou ter que ajudar esse pessoal. E você vai ficar dentro do carro, abaixada, sem abrir a boca.

— Você vai ou não vai me explicar o que é que está acontecendo, droga?

— Quando tudo estiver terminado. Prometo.

Ele me beijou no escuro. Ofereci apenas o rosto, mas ele virou minha cabeça e buscou boca, a outra mão penetrando sob o meu casaco, apalpando minha blusa.

Um carro entrou de ré na vaga ao lado. Vi três vultos lá dentro, embora estivesse escuro demais para enxergar direito.

— Certo — disse Lee, calmamente. — Você fica aqui, ok? Não saia do carro, está entendendo?

Assenti. Ele saiu e entrou no outro veículo. A luz interior não se acendeu quando a porta foi

aberta. Fiquei observando as figuras dentro do carro, mesmo sem conseguir enxergá-las com clareza. Pareciam estar discutindo alguma coisa, mas eu não conseguia ouvir nada. Alguns minutos depois, as quatro portas se abriram e eles saltaram do carro. Lee me deu um sorriso e uma piscadela. Eu não estava com bom humor para retribuir. Eles todos foram até a porta lateral do pub e entraram, parecendo amigos a fim de tomar umas cervejas.

Estava frio ali dentro. Considerei a possibilidade de ligar o carro, apenas para me aquecer um pouco. Ou o rádio, talvez. Por um breve instante, cheguei a pensar na possibilidade de sair dali e dirigir até em casa, deixando-o com o pessoal dele. Não era somente nosso jantar romântico que havia sido grosseiramente interrompido, o pior era o jeito como ele tinha vociferado ordens para mim. Comecei a ensaiar mentalmente a bronca que eu daria em Lee quando aquele... aquela merda que eu não sabia o que era tivesse acabado.

Mas então a porta lateral do pub se abriu de supetão e foi uma confusão total.

Sentei-me mais para a frente a fim de ver melhor, mas depois recuei de novo, quando o homem que eu vira mais cedo saiu correndo na direção do carro, mochila no ombro, seguido de perto por Lee e um segundo homem com um capuz. Lee parecia estar berrando alguma coisa; ele se jogou sobre o cara com a mochila, ambos caindo no chão, e no mesmo instante abriram a porta outra vez e mais dois

homens saíram correndo.

Agora, ao lembrar isso, vejo que eu não fazia mínima ideia do que estava acontecendo. Foi só quando vi Lee enfiando a mão no bolso e pegando algo que parecia ser uma corda, amarrando os pulsos do homem às costas, e o sujeito de capuz sendo arrastado de volta da rua, com dois dos amigos de Lee segurando-o de cada lado, que finalmente a ficha caiu e notei que se tratava de uma espécie de *captura*.

Lee estava prendendo o homem de mochila.

Segunda-feira, 24 de dezembro de 2007

HOJE FOI O DIA EM QUE tudo saiu completamente errado. O dia em que meu frágil mundo desabou.

Acabei o trabalho às quatro. Era uma campanha de recrutamento para um novo depósito que estava sendo construído para estocar os produtos na propriedade industrial adjacente à sede da empresa farmacêutica na qual eu trabalhava. O depósito deveria ficar pronto em abril, e já havíamos contratado a maior parte dos gerentes. Agora faltavam os supervisores e os operários, a maioria dos quais poderia ser recrutada localmente. Os anúncios nos jornais sairiam durante as primeiras seis semanas do ano-novo. Caso não conseguíssemos candidatos suficientemente qualificados nesse período, então recorreríamos a agências de emprego.

Fui pegar o metrô em uma estação bem longe do trabalho, na Kingston Street, a menos de um quilômetro de casa. Escolhi um caminho circundante, passando pelo beco, de modo a poder conferir as cortinas pelos fundos, depois por um trecho da Talbot Street para chegar à porta do prédio. Eu fizera o esforço consciente de repetir o mesmo itinerário de metrô na volta para casa por dois dias consecutivos, e estava restringindo ao máximo minhas verificações. Agora eu demorava cerca de uma hora pela manhã — com certeza bem melhor do que antes.

A poucos passos de alcançar a porta do prédio, ouvi um grito atrás de mim e me virei, assustada. Era Stuart, vindo correndo pela Talbot Street.

— Chegou cedo hoje — falei.

— É, felizmente. Como vai?

— Bem, obrigada.

Houve uma pausa. Como é que eu iria verificar a porta com ele ao lado?

— E então, quer ir beber alguma coisa lá em casa?

— O quê? Agora?

— É. Agora.

— Eu ia...

— Ah, vamos logo.

No corredor de entrada, ele me deixou verificar a porta uma vez, enquanto esperava com impaciência.

— Tem correspondência para você aqui — disse ele, apontando para a mesinha.

A interrupção me fez ranger os dentes de raiva. Se ele continuasse falando comigo, ficaríamos ali a noite toda.

— Deixe só eu acabar isso, depois eu vejo.

É claro que quando eu estava quase terminando, a porta do 101 se abriu e a Sra. Mackenzie apareceu, resplandecente, de avental florido e chinelo.

— É você, Cathy?

— E eu — disse Stuart.

— Que bom! Vocês dois juntos.

Ela me olhou incisivamente, como fazia ao me flagrar em meio à verificação da porta. Ficamos os três parados por um momento, olhando um para o outro.

— Bom, não posso ficar aqui batendo papo o dia todo — disse enfim a Sra. Mackenzie—, senão não faço mais nada.

Ela entrou; Stuart e eu nos olhamos.

— Ela faz isso com você também? — perguntou ele, em um sussurro.

Assenti.

— Cuidado para não mencionar algo sobre o Natal, ela detesta essas festividades.

— Eu sei. Fiz essa besteira semana passada. Tome, sua correspondência.

Era um envelope impresso, com meu nome. Além dos quadradinhos de marcar opções, a única informação era um nome — Sam Hollands — e os números de um telefone celular e de um fixo, com a seguinte mensagem:

FAVOR TELEFONAR IMEDIATAMENTE

Ele o entregou a mim antes de eu me dar conta, e, é claro, com todas aquelas interrupções, a porta não tinha sido verificada corretamente e eu teria de começar aquela chatice toda de novo.

— A porta está trancada, Cathy — disse ele gentilmente ao ver minha expressão. — Não podemos passar a noite aqui. Vamos subir e beber alguma coisa.

— Não posso deixar assim.

— Pode, sim. Vamos.

— Por que você está com tanta pressa assim de repente?

— Eu não estou com pressa — retrucou ele.

Ele estava tão sereno, tão impossivelmente calmo, que aquilo começou a me irritar.

— Então por que não vai na frente e me deixa terminar?

— Não vou me render às exigências do TOC.

Eu caí na gargalhada.

— Você o quê?

— Cathy, você não precisa de palavras de encorajamento minhas. Você vai conseguir superar esse problema. Se eu continuar me envolvendo nos seus rituais de verificações, ainda que seja só esperando que você os termine, você não vai se sentir tão motivada para tratar disso.

— Puta merda. Maldito psicólogo.

— Sim, é o que eu sou, como você fica lembrando o tempo todo. Mas na verdade eu já terminei meu expediente por hoje e gostaria de subir com você agora mesmo para beber alguma coisa. Venha.

Ele me fez subir à sua frente. Eu segurava com força o pedaço de papel. Não me virei para olhar mais uma vez a porta da rua. No segundo andar, parei e fiquei observando a porta do meu apartamento. A necessidade de entrar e verificar tudo era muito forte.

— Vamos, Cathy. Não pare — disse Stuart, que continuara subindo.

— Preciso telefonar para essa pessoa, essa tal de... — olhei para o bilhete — Sam Hollands.

— Pode telefonar lá de casa — sugeriu ele.

Como continuei parada, ele desceu os degraus até onde eu estava.

— Seu apartamento está tão seguro quanto você o deixou hoje de manhã, certo?

Antes que eu tivesse tempo para ponderar sobre isso, ele pegou minha mão.

— Vamos subir — disse ele.

Só então eu consegui me mexer.

O apartamento de Stuart era mais quente que o meu, e bem claro com todas as luzes acesas. Ele acendeu o forno e começou a se ocupar na cozinha.

— Vamos tomar uma xícara de chá ou uma garrafa de vinho? — perguntou ele.

— Vinho, eu acho — respondi. — Quer que eu abra?

Ele me entregou uma garrafa que apanhou na geladeira e eu achei as taças no armário.

— É melhor você telefonar para essa tal de Sam Hollands — disse ele —, antes que se esqueça.

Sentei-me no sofá da sala com o papel na mão, olhando-o com receio. Àquela hora da noite, não valia a pena tentar o número fixo, que era provavelmente de um escritório. Então liguei para o celular. Tocou inúmeras vezes. Finalmente, alguém atendeu. Era uma voz feminina:

— Detetive Sam Hollands.

Detetive?

— Olá, aqui é Cathy Bailey. Recebi seu recado.

— Aguarde um instante, por favor.

Ouvi sons abafados, vozes ao fundo, como se a detetive Hollands estivesse comprimindo o telefone contra o corpo ou coisa parecida.

Senti meu coração acelerando, a boca seca. Uma náusea tomou conta de mim. Merda, o que a polícia queria comigo? Não podia ser algo bom, podia?

— Alô. Desculpe por fazê-la esperar, Srta. Bailey. Cathy, é isso? Obrigada por me ligar.

Mais ruídos abafados.

— Muito bem. Eu trabalho no setor de Violência Doméstica do distrito de Camden. Liguei para lhe falar sobre Lee Brightman.

— Sim? — Minha voz quase sumiu.

— É apenas um aviso, na verdade. Só queria que soubesse que Lee Brightman vai ser liberado na sexta-feira, dia 28.

— Mas já? — Ouvi minha voz como se viesse de longe, de muito longe.

— Infelizmente, sim. Ele forneceu um endereço em Lancaster, portanto acho que você não precisa se preocupar em vir a cruzar com ele na rua ou algo assim. Eu recebi de Lancaster alguns detalhes sobre ele, caso precise de informações.

— Ele... ele sabe onde me encontrar?

— Não, a menos que você tenha lhe dito. Nós com certeza *não* revelaremos nada. Não tenho dúvidas de que ele não irá tão longe, Cathy, não há motivos para se inquietar. Se ficar preocupada, telefone para nós. Pode ligar para este número mesmo, ou para o outro que eu lhe dei, a qualquer hora, se estiver com algum receio. Está certo?

— Obrigada — consegui articular, antes de desligar.

Sentei-me e fiquei esperando acontecer. Senti que chegava até mim como uma onda, o pânico. Acho que eu ainda esperava quando ouvi o som, um gemido, agudo e terrível, e por um segundo me perguntei de onde vinha, até ficar sem ar e perceber que estava vindo de mim mesma. Eu me encolhi no sofá, tentando ficar o menor possível. Tentando desaparecer.

São momentos assim que identifico como perigosos. O medo que permeia minha vida de repente atinge um patamar mais elevado e minha existência se torna um esforço inútil, um desafio árduo demais.

Tudo ficou um pouco borrado por alguns instantes. Vi Stuart sentando-se ao meu lado, mas toda a sala tremia como se estivesse acontecendo alguma espécie de terremoto. Senti seu braço em torno de mim, ouvi-o dizer algo — *respire?* Mas eu não conseguia detectar os detalhes — empurrei-o um pouco antes de sentir ânsia de vômito, e ele apanhou a cesta de lixo e a ergueu bem na hora em que comecei a vomitar.

Em seguida havia apenas o som da minha respiração, ou nem isso — apenas uma palpitação no mesmo ritmo dos tremores, um estremecimento totalmente além do meu controle. E meus dedos formigavam, mas era tarde demais, e o chão se moveu na minha direção.

Quarta-feira, 7 de janeiro de 2004

LEE PRATICAMENTE NÃO FALOU COMIGO DURANTE todo o caminho de volta para casa.

Ele tinha parado para comprar batatas fritas numa lojinha da Prospect Street. O pacote estava bem na minha frente, ainda fechado, sobre a mesa de jantar, o odor me deixando com água na boca, apesar de eu ter perdido inteiramente o apetite. Estávamos no meu sofá, no escuro. Ele me fizera sentar e depois me pusera no seu colo. Eu estava rígida e fazendo cara feia, como uma criança mimada. Nem conseguia me lembrar do que exatamente havia me deixado tão furiosa.

— Precisamos conversar sobre isso — disse ele gentilmente. Tinha colocado o braço em volta dos meus ombros, afundado o rosto no meu pescoço.

— Já deveríamos ter falado sobre isso há muito tempo, Lee.

— Você tem razão. Sinto muito. E sinto muito por tudo que aconteceu hoje.

— Quem era ele? O homem com a mochila?

— Era um dos nossos alvos. Faz semanas que eu o estou seguindo. Não imaginava que estivesse usando aquele pub como um ponto de venda, é óbvio, ou nunca a teria levado até lá.

— Então você é policial?

Ele assentiu.

— Por que simplesmente não me contou isso antes?

Ficamos em silêncio. Contra a minha vontade, eu estava amolecendo. Ele estava brincando com a minha mão, alinhavando seus dedos com os meus, levando-a até seus lábios para poder beijá-los.

— Eu não esperava que isso acontecesse — explicou ele. — Não costumo fazer isso, me apaixonar pelas mulheres. Não passo tanto tempo com alguém a ponto de precisar contar alguma coisa. Não é fácil falar sobre esse tipo de trabalho, você sabe. Eu fico

infiltrado a maior parte do tempo. É mais fácil fazer isso sem que ninguém saiba.

— Parece perigoso — comentei.

— Tudo foi melhor do que deve ter parecido. Estou acostumado.

— Era o que você estava fazendo naquela outra noite, quando chegou aqui todo ensangüentado? Pensei que tivesse sido uma briga.

— Sim, era isso. Daquela vez as coisas não saíram muito bem. Mas isso não acontece com muita frequência. Na maioria das vezes eu fico só sentado dentro de um carro esperando alguma coisa acontecer, ou em reuniões dentro de salas abafadas, ou tentando responder a trezentos e-mails. — Ele se mexeu, levando a mão às costas. — Tem um tijolo aqui embaixo de mim. O que é isso?

Era minha agenda. Eu a jogara no sofá junto com a bolsa ao chegar.

Soltei-me dele e me levantei.

— Vou pegar as batatas — falei. — Quer alguma coisa para acompanhar? Ou alguma bebida?

— Não — eu o ouvi responder.

Liguei a chaleira. Se havia algo de que eu precisava naquele exato momento, era uma boa xícara de chá.

— Você se importa se eu der uma olhada? — perguntou ele.

Trouxe o chá alguns minutos depois, e ele havia acendido as luzes. Minha agenda estava aberta no seu colo, e ele a estava folheando.

— O que está fazendo?

— Fiquei curioso. Quem são todas essas pessoas?

No final da minha agenda havia um monte de cartões de visita dentro de um compartimento separado.

— São só pessoas que conheci em conferências, coisas assim — respondi. — Você não deveria olhar isso.

— Por que não? — ele quis saber, mas fechou a agenda e a devolveu para mim.

— Sou gerente de recursos humanos, Lee. Tem coisas aí relativas ao quadro de funcionários. Reuniões disciplinares, coisas

desse tipo.

Ele sorriu.

— Tudo bem. As batatas ainda estão quentes? Estou morrendo de fome.

Segunda, 24 de dezembro de 2007

EU ME RECUPEREI LENTAMENTE, MEU ROSTO apoiado no carpete, o cheiro de vômito no nariz.

Quase imediatamente voltei a entrar em pânico. Stuart tentou fazer com que eu respirasse bem devagar. Ele me segurou, afagou meu rosto, falou calmamente comigo, mas de início não funcionou. Eu não conseguia sequer ouvi-lo. Vomitei outra vez. Felizmente, eu estava conseguindo inspirar ar o suficiente para não desmaiar de novo, mas de certo modo a inconsciência seria melhor.

Finalmente, ouvi sua voz:

— Preste atenção em mim. Respire comigo, Cathy, vamos. Não quero ter que pedir socorro. Respire comigo. Você consegue, vamos lá.

Levou um bom tempo até que eu me acalmasse um pouco e conseguisse escutá-lo direito, entender o que ele estava dizendo. Stuart trouxe algumas roupas suas para mim, uma calça de ginástica e uma camiseta, pois não queria que eu ficasse sozinha no meu apartamento, e além do mais, eu não estava em condições de descer mesmo. Eu me sentia tão fraca que mal conseguia me levantar, então ele me acompanhou até o banheiro, onde me deixou para que eu me despisse e tomasse um banho de banheira, que ele preparara para mim. Ele ficou esperando ao lado da porta entreaberta, conversando comigo enquanto eu ficava sentada, tremendo, tentando não olhar para mim mesma, tentando não olhar para as cicatrizes e o que elas significavam.

Eu sentia como se *e/e* estivesse de volta à minha cabeça. Quer dizer, ainda não: mas à espreita. As imagens dele, aquelas que eu lutava para evitar, ainda estavam lá. Tinham perdido um pouco da sua capacidade de me machucar. Mas agora...

Usei o sabonete líquido de Stuart, minhas mãos tremendo tanto que derrubei o frasco dentro d'água, mas já tinha conseguido pegar uma quantidade suficiente para fazer espuma, e tentei me livrar do mau cheiro do vômito que impregnava meu cabelo e meu

corpo. O aroma do sabonete, curiosamente familiar, me ajudou a me sentir um pouco melhor. Joguei água no rosto e enxaguei a boca com a água do banho, cheia de sabão.

— Eu estava me lembrando da primeira vez que a vi — dizia Stuart, sua voz tão próxima que era como se ele estivesse sentado ao meu lado, mas na verdade a voz entrava pela porta. Ele estava sentado no chão do corredor. Eu podia ver suas pernas estendidas. — Aquele corretor de imóveis foi entrando com a maior violência; você devia estar no meio das suas verificações. E me olhou com uma raiva...

— Eu não me lembro; foi?

Meu queixo estava batendo. Minha garganta doía. Eu tinha chorado? Sentia como se tivesse.

— É, foi.

— A porta estava destrancada. Tinham só encostado.

Ele riu.

— Coitada de você. Como conseguia se virar com essa gente deixando a porta destrancada? Meu Deus. — O tom de sua voz então mudou: — Você estava me olhando com uma espécie de horror, afinal, alguém tinha cruzado a porta quando você estava bem no meio das suas verificações. Achei você a garota raivosa mais linda que eu já tinha visto.

Retirei o tampão do ralo com os dedos entorpecidos. Fiquei ouvindo o ruído da água escoando. Já ouvira aquele barulho da minha cama, no apartamento de baixo, aquele sibilar e gorgolejar, e eu me perguntava por que ele estaria tomando banho às três da manhã.

— Eu não sou linda — falei, olhando para as cicatrizes no meu braço esquerdo, as mais profundas no alto das pernas. As piores ainda estavam avermelhadas, a pele ainda esticada e irritada.

— Acho que isso cabe a mim decidir. Já acabou?

Consegui me levantar e me enrolar em uma toalha, que ainda estava um pouco úmida por conta do banho que ele tomara de manhã. Eu me sentia exausta, esvaziada de toda energia, e me sentei na banheira, esperando minha pele secar sozinha. Não queria me tocar.

— Você vai ficar bem se eu for ligar a chaleira? — perguntou ele. O som de sua voz me assustou.

— E pode me dar suas roupas, vou colocar na máquina.

— Tudo bem — respondi, em um sussurro grave.

Eu estava quase completamente sem voz. Isso me fez lembrar o dia seguinte, quando a polícia tentava me interrogar e eu não conseguia falar. Passei três dias chorando. Eles tiveram que esperar alguns dias até minha voz voltar e eu conseguir falar direito. A essa altura, é claro, ele já havia falado muita coisa.

Vesti a camiseta e a calça que Stuart deixara ali para mim. Ficou estranho, ambas tão largas que precisei segurar a cintura da calça para ela não cair. Eu me sentia seminua, ainda mais com os braços expostos. As cicatrizes eram horríveis. Eu não queria que ele as visse. Atrás da porta do banheiro havia um roupão pendurado, azul-marinho. Quando o vesti, tive que dar duas voltas no meu corpo, e o comprimento ia quase até o chão. Melhor assim.

Encontrei-o na cozinha. A máquina de lavar estava batendo minhas roupas. Senti um leve odor de alguma espécie de desinfetante. Ele colocou uma xícara de chá sobre a mesa da cozinha e eu me sentei, achando estranha a sensação dos meus pés descalços no chão de ladrilhos. Antes, eu nunca teria tirado nem as meias no apartamento dele, muito menos toda a roupa.

— Quer conversar? — perguntou ele.

— Acho que eu não consigo — respondi.

— Você pode me dizer o que falaram ao telefone?

Pensei um pouco, testando as palavras dentro da minha cabeça antes de pronunciá-las:

— Ela disse que ele vai ser solto no dia 28.

— O homem que atacou você?

— É.

Ele assentiu.

— Ok. Muito bem — disse Stuart, como se eu fosse uma ótima aluna que houvesse acabado de solucionar uma equação matemática complicada.

— Ela disse que ele vai para um endereço em Lancaster. E acha que ele não vai aparecer por aqui.

— Ele sabe onde você mora?

— Acho que não. Eu me mudei. Três vezes. Daquela época, só mantenho contato com uma pessoa, além da polícia. Wendy.

— Você acha que Wendy pode estar correndo algum perigo?

Pensei sobre isso alguns instantes, depois balancei a cabeça.

— Acho que ele não sabe que ficamos amigas. Eu nunca tinha falado com ela até o dia em que ela me encontrou. Depois disso, ele foi preso. Mas ela foi testemunha no julgamento.

Bebi um pouco do chá. Senti dor na garganta, mas a sensação foi mágica. Percebi que eu começava a me acalmar quase que imediatamente.

— Você vai ficar bem — disse ele, de maneira afetuosa. — Você está segura agora. Nunca mais ele vai machucá-la.

Tentei sorrir. Eu queria acreditar nele, queria confiar nele. Não, eu *já* confiava nele. Afinal, estava sentada na sua cozinha, vestindo suas roupas.

— Você não pode ter certeza disso.

Ele pensou um pouco e, depois, respondeu:

— Não, não posso. Mas você não está mais sozinha nisso. E você pode escolher se livrar desse homem ruim, e continuar melhorando e se fortalecendo a cada dia até não sentir mais medo, ou pode deixar que ele continue prejudicando-a. A escolha é sua.

Eu estava sorrindo, contra minha vontade.

— Vai passar a noite aqui? — perguntou ele.

Pesei as opções. Eu queria ir para casa e começar a verificar as portas e janelas, mas ao mesmo tempo estava com medo. Estava com medo de ficar lá. Estava com medo de ficar em qualquer lugar sem Stuart.

— Vou — respondi.

— Eu durmo no sofá.

— Não, eu não me importo. Você precisa de uma cama confortável — falei, apontando para seu ombro.

— Você entrou em pânico da última vez que dormiu no meu sofá.

— Acho que tem menos chances de eu entrar em pânico se dormir no seu sofá do que se eu acordar na sua cama.

— Se você diz. Está com fome?

Eu não estava, mas o ensopado que ele colocara no forno horas antes havia começado a ferver, então o comemos com as tigelas no colo, molhando pedaços de pão no caldo. Estava quente e apimentado, ardendo na minha garganta. Mas gostoso. Ele trouxe a garrafa de vinho que eu acabara não abrindo, e o tomamos.

— Na verdade não é uma boa ideia — disse Stuart, terminando sua primeira taça.

— O quê?

— O álcool. Você passou por uns momentos difíceis, e eu preciso acordar bem para fazer o almoço de Natal amanhã.

— Mas está delicioso.

Ele se virou para mim e sorriu. Parecia esgotado, os olhos escurecidos.

— Hoje, no trabalho, passei o tempo todo pensando que quando chegasse em casa ia encher a cara.

— Por quê? — perguntei.

— O último Natal foi uma bela porcaria, para falar a verdade. Estou tentando superar isso. É claro que ficar bêbado não é a solução, mas achei que poderia ajudar.

— O que aconteceu no último Natal?

Ele encheu novamente sua taça e completou a minha, embora eu só tivesse tomado alguns goles.

— Foi quando tudo começou a dar errado com Hannah.

— Sua noiva?

Ele assentiu.

— Eu tinha preparado o jantar de Natal. Éramos quatro: eu, Hannah, o irmão dela, Simon, e a namorada dele, Rosie. Simon era meu melhor amigo na faculdade, foi assim que eu a conheci. Mal tínhamos acabado de comer e ligaram para Han. Ela nem estava de plantão, mas disse que era uma emergência e que iria assim mesmo. Simon ficou bem irritado com ela, tentou argumentar, mas ela o mandou calar a boca, pegou o casaco e saiu. Simon ficou furioso, e eu não conseguia entender, e falei para ele que não tinha importância. Foi aquele constrangimento, e aí eles foram embora

logo depois e eu fiquei sozinho até ela voltar, às três da manhã. Dormi no sofá esperando por ela.

Ele se virou para me olhar e franziu o cenho ante a lembrança.

— Uma bela porcaria de Natal, realmente. Han tinha prometido passar o Natal com ele, o cara com quem ela estava saindo. Simon sabia de tudo. Ele estava a ponto de me contar, eu acho; foi por isso que Rosie o forçou a ir embora. Ela não queria estragar meu Natal.

— Quando você descobriu?

— Só em julho. — Ele se recostou no sofá e terminou sua taça de vinho. — Não quero falar sobre isso — concluiu ele, terminantemente.

Stuart lavou a louça enquanto eu assistia ao telejornal da noite. Então ele trouxe seu edredom para mim e me cobriu. Era imenso.

— Eu tenho um saco de dormir no armário — disse ele. — Você fica com isso.

— Obrigada — falei.

Meu olhar encontrou o dele por um momento e senti meu coração acelerar. Se ele tivesse tentado me beijar novamente, não sei o que eu teria feito. Mas ele apenas sorriu e voltou para o quarto. Fiquei ouvindo-o perambular pelo apartamento, apagando as luzes da cozinha e acendendo a do corredor. Eu me deitei no sofá sob o enorme e macio edredom, que cheirava a sabão em pó e, bem discretamente, a sua loção pós-barba. Nem por um segundo acreditei que fosse conseguir dormir. Fiquei ali deitada, pensando sobre minha insônia, até que adormeci.

Sábado, 17 de janeiro de 2004

A FESTA DE SYLVIA FOI NO Spread Eagle, um dos nossos pubs preferidos, que foi palco de noitadas incríveis ao longo dos nossos anos juntas. Sylvia tivera um relacionamento ioiô com o gerente, com mais idas do que voltas, mas tinham conseguido manter a amizade entre uma briga e outra.

Fomos de táxi até o Spread Eagle, e Lee estava no maior mau humor.

— Escute, a gente não precisa ficar muito tempo se você não quiser. Sério. Só uma hora ou duas, ok?

— Tanto faz.

Se ele não estivesse tão bonito, acho que eu o teria mandado à merda. Eu não conseguia decidir se ele ficava melhor de terno, barbeado e com aquele perfume divino, ou se o preferia de calça jeans, com cara de que precisava de um banho. Ele estava entre os dois extremos aquela noite, calça jeans e uma camisa azul-marinho que deixava seus olhos com mais brilho e mais azuis do que nunca, e — pelo menos — estava limpo. Quando nos dirigíamos para a porta, de braços dados para enfrentar a multidão que saía, ele pegou minha mão e a apertou.

Tudo por causa daquele maldito vestido.

Quando ele saía do chuveiro, enxuto e audaciosamente nu, andando pelo meu quarto com aquele jeito confiante que somente um homem com seu tipo físico é capaz de exibir, eu estava entrando no vestido preto de veludo.

— Você vai assim?

Ele deslizou a mão em torno da minha cintura, pressionando seu corpo contra o meu.

— É o que parece — respondi, rindo.

— Por que não o vermelho?

— Porque vamos ao Spread Eagle. É um pub. E não dos mais elegantes. Não posso usar um vestido de cetim vermelho. Seria um

exagero.

Então ele olhou dentro do armário e tirou o vestido vermelho do cabide, uma joia colorida e cintilante em meio a tantos pretos e roxos. Por um instante pensei que fosse lançá-lo na minha direção, mas em vez disso ele sentou-se na cama, abrindo os botões das costas do vestido, um de cada vez.

— Lee?

Parecia que ele se esquecera da minha presença ali. Ele se levantou, aconchegou o rosto no meu pescoço, passando a língua sobre minha pele, respirando no meu ouvido, me deixando toda arrepiada.

— Vista o vermelho — pediu ele suavemente.

— Lee, não posso. De verdade. O que tem de errado com este?

— Nada. É lindo. Você é linda. Mas você fica bem de vermelho.

— Eu fico bem de preto também — retruquei, observando nosso reflexo no espelho da porta do armário. — Não fico?

Ele subiu a mão pela parte posterior da minha coxa, e deu a volta para a frente, me fazendo derreter. Então, com a outra mão, levantou meu vestido e, antes que eu me desse conta, me conduziu na direção da cama, me despindo pela cabeça. Caí sobre o cobertor, rindo, enquanto ele chupava minha barriga e me ajudava a me livrar das mangas do vestido.

Deixei-o me despir. Permiti que dedicasse toda a sua atenção ao meu corpo por mais uma meia hora, então, depois que ele se vestiu e desceu, coloquei novamente o vestido preto e fiquei pronta no momento exato em que o táxi chegou. Ele não falou comigo durante todo o caminho até o pub.

Quinta-feira, 25 de dezembro de 2007

QUANDO ABRI OS OLHOS NA MANHÃ de Natal, a luz do sol entrava pela janela, banhando meu rosto, me dando a impressão de que era verão. Eu podia ouvir Stuart na cozinha, mexendo nas panelas, e então, bruscamente, me lembrei de que era Natal, e que Alistair chegaria em poucas horas.

Ele viu quando ergui o corpo para me sentar no sofá.

— Oi — disse ele. — Feliz Natal. — Ele vestia uma calça jeans e uma camiseta cinza de estilo desbotado. — Vou ligar a chaleira.

— Melhor eu me levantar — falei, ainda enrolada no edredom até o pescoço.

Ele sentou-se no sofá ao meu lado, fazendo uma breve careta por conta do incômodo no ombro.

— Eu estava pensando — começou ele, seus olhos fixos em mim. — Posso telefonar para Alistair e desmarcar com ele, se você quiser.

— O quê? Cancelar o Natal?

— Se você preferir ficar sozinha, sabe? Depois do que aconteceu ontem. Tenho certeza de que ele vai entender.

Sorri para ele.

— É muita gentileza sua, mas não tem problema. Sério mesmo.

Puxei o edredom um pouquinho, de repente tomando consciência da pouca roupa que eu estava usando. Eu começava a me lembrar de ter passado mal e de ter tido um ataque de pânico na véspera.

— Então é melhor você se vestir — disse ele, animado. — Quer que eu desça para buscar algumas roupas para você ou vai usar as de ontem? Já estão limpas.

Eu me imaginei indo ao meu apartamento e decidindo sozinha o que vestir. Se não fosse pelo sol brilhando lá fora, acho que teria sido necessário ele descer comigo. Olhei para a janela, para os

raios de sol se infiltrando no interior. Nada de ruim poderia acontecer num dia como aquele.

— Estou bem, eu acho. Vou descer só para me vestir e já volto.

— Traga algumas coisas suas — disse ele, se levantando.

— Algumas coisas minhas?

— É, escova de dentes, por exemplo. Quer dizer, se quiser dormir aqui de novo hoje.

Eu não pretendia passar a noite lá. Na verdade, teria sorte se algum dia eu conseguisse sair de novo do meu apartamento. Eu iria passar no mínimo as duas horas seguintes verificando tudo, pensei, para só depois tocar nas roupas perfeitamente dobradas no armário e nos sapatos.

Tudo certo no apartamento. Apesar de estar frio lá dentro, porque normalmente eu estaria no trabalho àquela hora, portanto o aquecimento central desliga automaticamente às seis. As cortinas estavam perfeitas, do jeito que eu as deixara; tudo estava como deveria estar. Dei uma olhada geral, verificando todos os detalhes, pensando em como era estranho fazer isso vestindo somente a camiseta e a calça de ginástica de Stuart, larga na cintura.

Assim que terminei de verificar tudo pela terceira vez, tomei um banho para despertar e lavei o cabelo, deixando-o razoavelmente apresentável. Olhei dentro do armário, me perguntando se eu tinha alguma coisa que não me deixasse com cara de cinquenta anos, ou que não fosse uma tentativa de me esconder debaixo de um monte de pano sem graça.

Por fim, encontrei uma blusa preta justa que costumo usar no trabalho sob o paletó, e uma saia preta com o comprimento certo para parecer bem ousada. E uma meia-calça também preta. Fiquei parecendo uma aprendiz de ninja. Finalmente, no fundo da gaveta, achei um casaco de caxemira num tom claro de cor-de-rosa. Pelo menos isso cobriria minhas cicatrizes dos braços. Em vez de abotoá-lo, amarrei a ponta na cintura.

Olhei com tristeza para todos os meus sapatos tão sóbrios, todos perfeitamente adequados para serem usados com calça,

todos ideais caso eu decidisse sair correndo, mas não exatamente bonitos.

Ora essa, eu nem precisava de sapatos. Estava indo apenas até o andar de cima.

Enxuguei o cabelo com a toalha e me maquiei um pouco, só um pouco, pois não queria assustá-lo. Depois de tudo isso, dei uma olhada no espelho. Eu estava bem estranha, e bem magra. Não era eu. Se ele vier me buscar, pensei, talvez nem sequer me reconheça.

Eu não queria pensar sobre isso. Achei uma bolsa, coloquei dentro dela algumas coisas, como escova de dentes, calça de ginástica, uma camiseta e uma calcinha limpas. Só o suficiente para não ter que voltar mais tarde, caso não estivesse a fim.

Deixei a bolsa bem ao lado da porta, de modo a ficar à mão, e comecei as verificações.

Sábado, 17 de janeiro de 2004

O SPREAD EAGLE ESTAVA CHEIO DE gente, a maior parte amigos de Sylvia do *Lancaster Guardian*. O barulho era altíssimo e havia até um DJ, embora a música fosse abafada pelos berros e gargalhadas. A julgar pela balbúrdia e pelo estado das pessoas presentes, eles tinham começado a beber bem cedo.

Sylvia estava atraindo todas as atenções ao lado do balcão, ainda mais linda e exótica do que costuma estar, com uma saia cor de carmim e uma blusa de seda verde-esmeralda que combinava com seus olhos, aberta até o último botão de modo a revelar uma boa parte do vão entre seus seios e de seu sutiã cor de cereja. Quando me viu, ela soltou um gritinho agudo, se livrou dos homens de terno que a cercavam e foi correndo me abraçar. Senti o cheiro de seu perfume caro, misturado ao de gim e torresmo.

— Ah, meu deus! Dá para acreditar? Eu estou realmente indo trabalhar no **DAILY MAIL!** Puta que pariu!

Nós duas demos pulinhos de alegria e, depois, eu me lembrei de Lee e me coloquei de lado.

Sylvia deu um passo para frente com seu mais pudico sorriso, estendeu a mão para Lee e fez uma breve reverência.

— Olá novamente, Lee.

A seu favor, devo dizer que Lee respondeu com um de seus sorrisos e deu-lhe dois beijinhos no rosto. Mas isso claramente não era o bastante para ela, que se jogou em seu pescoço e o honrou com um abraço. Ele olhou para mim por sobre o ombro de Sylvia e deu uma piscadela.

Depois disso, ele pareceu mais relaxado. Dei uma volta pelo pub, falando com várias pessoas que eu conhecia, bebendo muito mais do que deveria, aceitando drinques de meros conhecidos e de gente que eu nunca vira antes na vida. De vez em quando eu dava uma olhada para Lee, e ele parecia tranquilo, a maior parte do tempo conversando com Carl Stevenson, que era o editor do jornal de Lancaster quando Sylvia começara lá. Mais tarde eu o vi em um

grupo com Sylvia, que se alternava entre conversar com ele e com as outras pessoas. Ele me viu olhando na sua direção e sorriu, piscando o olho outra vez.

Reclamou tanto e já se passou uma hora, pensei, achando graça ao ver Lee ao balcão batendo um papo animado com Len Jones, o editor da página policial. Ele tinha ficado atrás de Sylvia insistentemente no verão anterior, apesar da existência de uma Sra. Annabel Jones, que mais de uma vez ameaçara castrá-lo com uma tesourinha de unhas.

Eu me aproximei de Lee e me envolvi em seu braço.

Ele retribuiu me dando um beijo com cheiro de cerveja acima da orelha.

— Ah, não sabia que o seu par era essa megera! — disse Len, erguendo descuidadamente uma caneca de cerveja na minha direção.

— Oi, Len — falei.

— Cath, minha querida. Tudo bem com você? E por que não veio falar comigo antes?

— Vim aqui exatamente para falar com você, na verdade — respondi. — E não para tentar descolar mais uma bebida com Lee, claro que não.

Ele captou a mensagem e chamou o barman, entregando-lhe uma nota de dez libras e recebendo em troca um copo de vodca, enquanto Len murmurava alguma coisa sobre dar um pulo no banheiro.

— E então, está se divertindo? — perguntei bem alto em seu ouvido.

Ele assentiu, olhando nos meus olhos. Eu estava ficando especialista em interpretar suas reações. Sabia exatamente o que ele estava pensando, e aquilo me deu uma fraqueza nas pernas. Sem desviar os olhos dele, coloquei a mão deliberadamente na parte da frente de sua calça jeans, sentindo como ele estava duro. Dei uma apertada para avaliar, e vi seus olhos se fecharem e seu rosto pegar fogo. Então o soltei e tomei um gole da minha vodca.

— Você sabe me provocar — murmurou ele no meu ouvido.

— Espere só até voltarmos para casa.

Vi nos seus olhos que ele não estava disposto a esperar tanto.

Para ser franca, eu estava curtindo um pouco demais aquele lance de provocação. Fui dançar com Sylvia, que tirara seus sapatos Louboutin e agora se divertia descalça naquele pedaço de chão que fazia as vezes de pista de dança.

Vi que ele nos observava, e Sylvia também reparou, tanto que me puxou para si e me deu um intenso beijo na boca.

— Que safada que você é, Sylvia! — gritei quando ela finalmente me soltou.

— Não resista — gritou ela de volta. — Não tem a menor chance de um *ménage à trois* antes de eu cair fora dessa cidade?

Eu ri e lancei um olhar na direção dele. A expressão em seu rosto era impagável.

— Hum — respondi —, o que acha que ele diria se eu fizesse essa proposta?

Ela abraçou minha cintura e nós duas nos viramos, olhando fixamente para ele.

— Ele é gostoso pra cacete — disse ela.

— Eu sei, e é todo meu!

Rimos e nos abraçamos, e pulamos loucamente ao ritmo de “Lady Marmalade”.

Não tive a atenção exclusiva de Sylvia por muito tempo, pois ela foi arrastada por dois rapazes suados que eu não conhecia. Acho que nem eram do jornal, mas ela não parecia estar se importando com isso.

Lee havia desaparecido. Fiquei na pista, praticamente sustentada pelos corpos ao meu redor, meus ouvidos zumbindo com o barulho, em parte desejando estar vestindo algo mais leve do que aquele vestido de veludo.

Finalmente, percebi que não podia continuar ali, pois precisava ir com urgência ao banheiro, mas, ao ver o tamanho da fila, entrei no toalete masculino.

— Não estou olhando — falei, desviando o olhar dos poucos caras em pé diante do mictório, e me tranquei em uma cabine, onde me empoleirei, me aliviando.

Quando terminei, saí em busca dele, seguindo resolutamente por entre os corpos embriagados. Ele estava de novo apoiado no balcão, batendo papo com Len.

— Pode nos dar licença um minutinho? — gritei educadamente, ao que Len ergueu as sobrancelhas e assentiu, virando-se para o balcão para pedir mais uma cerveja.

Puxei Lee pela mão e, passando pelo corredor dos banheiros, o conduzi até a área externa do pub. Havia um monte de gente junto à porta tomando um ar fresco, mas conduzi-o para mais longe, passando por um portão que dava em um parque infantil adjacente. Aquele lugar ficava fervilhando no verão, mas agora estava deserto e muito, muito escuro.

Não precisei arrastá-lo; na verdade, quando Lee percebeu para onde eu o estava levando, ele assumiu o controle, e eu é que passei a ser puxada.

Tropecei em um monte de grama e apoiei o traseiro em uma mesa de piquenique. Levantei a saia do vestido, feliz por ter decidido usar meias sete oitavos em vez de meia-calça e por ter deixado minha calcinha na lixeira do banheiro masculino.

Eu mal conseguia enxergar seus contornos, aquele vulto recortado pelo vago fulgor alaranjado do horizonte, mas ouvia sua respiração. Enfiei um dedo na cintura da sua calça e o puxei na minha direção, abrindo a fivela do cinto, desabotoando e abrindo o zíper, enquanto uma de suas mãos percorria a parte interna da minha coxa. Ouvei seu gemido quando ele percebeu que eu estava sem calcinha.

Ele me beijou, com vigor, me forçando a abrir a boca e depois se afastando para dizer no meu ouvido, sua voz um sussurro rouco:

— Sua putinha safada...

— Cale a boca — respondi, a boca colada na sua. — Aposto que agora você está feliz com esse vestido, não está?

Levou mais tempo, porque ele tinha bebido. Por mais que eu estivesse curtindo aquela penetração enérgica em meio ao frio ar noturno, em parte comecei a temer que alguém escutasse o barulho que estávamos fazendo. Outra parte de mim, e não uma

parte insignificante, começava a se preocupar com possíveis farpas entrando na minha bunda.

Então ele saiu de dentro de mim e me virou de costas, me deitando sobre a mesa com uma das mãos enquanto, com a outra, erguia meu vestido até a cintura. Em seguida me penetrou novamente, um som escapando por entre seus dentes cerrados. Ser pressionada contra a mesa estava me deixando um pouco sem ar. Eu podia sentir nos dedos o líquen áspero que cobria a madeira, ao me escorar a cada movimento. Ele segurava meus quadris, empurrando-me contra a mesa, suas mãos me apertando com força e me machucando.

Entre uma estocada e outra, ouvi outros ruídos — será que vinham dele? Pareciam bem distantes. E então — sem dúvida — a risadinha de uma mulher. Alguém mais estava se divertindo em um passeio noturno, e aquele parquinho parecia ser a escolha da vez. Eu não sabia se devia falar alguma coisa ou não, e fiquei um tanto tensa; isso claramente provocou o efeito desejado, pois exatamente nesse momento ele gozou, me penetrando com tanta força que minha barriga foi pressionada violentamente contra a extremidade da mesa, o que gerou uma pontada aguda de dor.

Imediatamente ele saiu de dentro de mim e fechou a braguilha da calça, me deixando ali para me levantar sozinha, me ajeitar e arrumar meu vestido. Então escutei Lee limpar a garganta, no mesmo instante em que dois vultos surgiram por trás do corredor — a saia cor-de-rosa visível apesar da escuridão. E atrás de Sylvia — segurando sua mão como se fosse uma corda de segurança — vinha Carl Stevenson, todo encabulado e limpando a boca com o dorso da mão.

— Boa noite — disse Sylvia, com um risinho, piscando o olho para mim e voltando para o pub.

De mãos dadas, saímos pelo portão lateral, que dava para o estacionamento, depois demos a volta

até a frente do pub para pegar um táxi. Eu estava tremendo novamente.

— Por que vocês, mulheres, nunca usam casaco, cacete? — disse ele, me abraçando.

— Tenho você para me aquecer — respondi, dando-lhe um beijo no pescoço.

Essa parte da noite foi legal. O percurso de táxi para casa foi legal, em especial quando ele enfiou a mão sob o meu vestido e ficou me acariciando com o dedo até chegarmos em casa.

Quando chegamos, porém, algo mudou.

— Acho que vou tomar um banho — falei, tirando os sapatos e jogando-os dentro do armário sob a escada. Ele ficou em pé na sala, a expressão fechada, as mãos nos bolsos.

— Eu vou para casa — disse ele.

Voltei até a sala, achando que eu não tinha escutado direito, pois meus ouvidos zumbiam.

— Você falou que vai para casa? Por quê? Não vai ficar aqui?

Eu me aproximei dele e enlacei sua cintura. Ele manteve as mãos nos bolsos por um instante, depois me pegou pelos braços e me afastou, de modo gentil porém firme.

— O que houve? — perguntei, um sentimento de angústia tomando o lugar da sensação de estar alegremente bêbada.

Finalmente, ele me olhou nos olhos, e os dele estavam sombrios, com um travo de ira que eu nunca vira antes.

— “O que houve”? Você não faz mesmo a menor ideia? Puta merda.

— Lee, me fale, droga. O que foi que eu fiz?

Ele balançou a cabeça, tentando clarear as ideias.

— O que significa aquilo que aconteceu? Você sai do banheiro masculino e acidentalmente deixou a calcinha lá dentro?

— Eu só entrei lá porque havia uma fila para o banheiro feminino. Eu e Sylvia sempre fazemos isso quando está lotado — falei, minha voz um fiapo.

— Sylvia! — exclamou ele. — Esse é outro problema! O que foi aquilo de vocês ficarem se pegando na pista? Uma passando a mão na outra?

— Pensei que você acharia erótico — falei, sentindo as lágrimas enchendo meus olhos. Aquilo estava indo muito mal. — Eu não faço nada desse tipo com ela. — Obviamente, não era um bom momento para sugerir um *ménage*.

— Ah, caralho, não comece a chorar — rosnou ele. — Não me venha com essa maldita choradeira.

Tentei engolir minhas lágrimas.

— Lee! Eu tirei a calcinha no banheiro porque sabia que, saindo dali, ia direto procurar você.

— É? E como eu posso ter certeza disso? Você podia estar dando para qualquer um lá dentro. Sua piranha imunda.

Aquilo foi demais.

— Não fale comigo dessa maneira só porque de repente você ficou nervosinho! Não ouvi você se queixar enquanto estava me comendo no parquinho.

— E você chamou sua amiguinha até lá para assistir a porra toda!

— Eu não sabia que ela estava ali!

— Vocês sempre fazem isso, não é? Uma fica assistindo à outra. Puta que pariu!

— Não!

O que não era bem verdade. Já tínhamos feito isso sim, uma ou duas vezes, de curtição. Era um desafio: ver quem conseguia levar alguém até o parquinho primeiro. Mas não aquela noite...

— Lee...

Toquei seu braço carinhosamente, tentando trazê-lo de volta para mim, tentando acalmá-lo, mas ele me repeliu.

— Poxa, me desculpe. Não foi bem assim... Lee...

Tentei tocá-lo de novo, e dessa vez ele me empurrou com força, com as duas mãos. Caí no sofá, sem ar.

Ele respirou fundo, contendo a raiva, e me deu as costas.

— É melhor eu ir embora.

Fiquei sentada no sofá, repentinamente atordoada com a força de sua fúria e devastada ante a perspectiva de perdê-lo.

— É, é melhor mesmo.

Depois que ele se foi, passei uma hora tomando um demorado banho quente, depois andando de um cômodo para o outro, pensando em tudo que ele dissera, refletindo sobre como meu comportamento havia sido interpretado. Eu não tinha feito sexo com ninguém, não havia sequer flertado com ninguém, e Sylvia não

contava, pois era a minha melhor amiga. Ele simplesmente não estava batendo bem. Mas, depois, lembrei que ele não conhecia ninguém lá além de mim, e eu o abandonara sozinho e passara a noite me divertindo com as pessoas, rindo e brincando, sacudindo o cabelo, fazendo charme. E me agarrando com Sylvia na pista. Ah, meu Deus.

Passei a hora seguinte encolhida no sofá, abraçando os joelhos, o olhar vazio pregado na tela da TV, sem absorver coisa alguma, os efeitos do álcool agora se dissipando e dando lugar apenas a um enjoo.

No momento em que eu estava pensando em ir para a cama — muito embora soubesse que não conseguiria dormir—, ouvi uma leve batida na porta. E então tudo ficou bem novamente, porque lá estava ele, a luz do corredor iluminando seu rosto, as lágrimas, o sofrimento, o terrível sofrimento exposto em seus olhos. Ele veio hesitante na minha direção, dizendo:

— Catherine, me desculpe, me desculpe...

Acolhi-o em meus braços e o fiz entrar, beijando-o ternamente, beijando suas lágrimas derramadas. Ele estava gelado. Tinha andado sem parar. Tirei suas roupas e o coloquei sob o chuveiro, e foi quase uma reprise daquela primeira noite, quando ele chegou vacilante à minha casa, com o supercílio sangrando e três costelas fraturadas.

— Eu sinto muito — sussurrou ele quando deitei ao seu lado na cama, tentando lhe transmitir um pouco do calor do meu corpo.

— Não, Lee, você tem razão. Eu vacilei, me desculpe. Nunca mais vou fazer isso.

E quando fizemos amor, ele foi muito delicado comigo.

Horas depois, deitada no escuro do meu quarto, eu escutava sua respiração, regular e profunda. A pergunta que estava na minha cabeça desde o momento em que eu vira aqueles olhos tristes pela primeira vez foi finalmente articulada, em um sussurro:

— Quem partiu seu coração, Lee? Quem foi?

A resposta demorou tanto que pensei que ele estivesse dormindo... E então veio o nome, sussurrado como um encantamento, um feitiço:

— Naomi.

Na manhã seguinte, eu havia esquecido de onde tinham vindo aqueles machucados nos meus braços. Mas nunca me esqueci daquele nome, tampouco a maneira como ele o pronunciou, com tanta reverência: um sopro, um suspiro.

Terça-feira, 25 de dezembro de 2007

QUANDO SAÍ PARA VOLTAR AO APARTAMENTO de Stuart, ouvi vozes antes mesmo de entrar. Tinham deixado a porta aberta, algo que normalmente teria me desestabilizado por completo, mas, enfim, a casa não era minha.

Stuart estava na cozinha. Quando viu que eu me aproximava pelo corredor, tendo fechado a porta com firmeza ao entrar, ele parou de falar no meio da frase e ficou me observando.

Então, ao chegar à cozinha, lá estava finalmente Alistair Hodge.

— Ah, essa deve ser a fantástica Cathy; ouvi falar muito sobre você. Como vai?

— Muito bem, obrigada. Prazer em conhecê-lo.

Apertei sua mão e aceitei a taça de vinho que ele me ofereceu, pensando imediatamente que eu precisava ir com calma na bebida.

— Venha se sentar aqui comigo, e vamos ver se conseguimos encontrar alguma música animada para ouvir.

Olhei de soslaio para Stuart, que ficou para trás enquanto Alistair me conduzia até a sala. Ele sorriu e deu uma piscadela, depois voltou a preparar a comida.

Alistair era um homem de porte largo, tinha um jeito bem relaxado e o seu cabelo estava ficando grisalho precocemente, como o meu. Sua barriga imensa estufava a camisa de algodão e repousava sobre o cós da calça de veludo marrom. Apesar de sua ampla circunferência, ele parecia bem ágil, e levantou-se alegre do sofá para ir pegar mais alguns CDs da coleção de Stuart quando acabamos de ver os que estavam ali.

— Stuart, meu camarada, você não tem nenhuma música natalina.

— Veja se encontra alguma na TV — respondeu Stuart.

— Devo admitir que eu também não tenho nenhum CD de Natal — comentei.

— Ah, mas que pena. Não consigo entrar no espírito da festa sem as músicas típicas dessa época.

Ele trocou várias vezes de canal até encontrar um coro de meninos gorjeando, suas bocas em círculos angelicais, as sobrancelhas no alto da testa.

Minhas faces estavam começando a ficar coradas. E eu tinha bebido só meia taça de vinho.

— Como vai esse ombro? — gritou Alistair na direção da cozinha.

— Melhor. Sarando.

Ele se inclinou conspiratoriamente para perto de mim.

— Ele contou para você o que aconteceu?

— Só disse que um paciente lhe deu um chute.

— Ah, então você não conhece a história na íntegra. Eu devia imaginar. Ele é praticamente um herói, o nosso Dr. Richardson. Estava entre uma enfermeira e um paciente cada vez mais agressivo. Conseguiu derrubar o cara no chão...

— É exagero dele — disse Stuart, aparecendo de repente com a garrafa de vinho e enchendo nossas taças.

— ...e o dominou com só uma das mãos, até chegar ajuda.

Olhei para Stuart.

— Não é comum acontecerem coisas assim — disse ele. — A maioria dos meus pacientes mal tem condição de se mexer. Raramente atendo algum mais violento.

Alistair ergueu as sobrancelhas. Olhei de um para o outro.

— De qualquer maneira, Al, chega de falar de trabalho. Duvido que Cathy esteja a fim de ouvir todos os detalhes hediondos, não é mesmo?

— Ele contou sobre seu prêmio?

— Não — respondi.

Stuart soltou um ruído de contrariedade e voltou para a cozinha.

— Ele recebeu o prêmio Wiley, pela pesquisa sobre o tratamento de depressão em jovens. É a primeira vez que um psicólogo atuando no Reino Unido recebe esse prêmio. Ficamos todos *muito* orgulhosos dele no departamento... Ok, ok. Vou parar

com esse assunto agora. Eu *sabia* que você não tinha contado para ela, Stuart, tive que falar.

— Vocês trabalham juntos? No mesmo setor? — perguntei.

— Ah, não, hoje em dia não mais. Eu trabalho no Centro de Transtornos de Ansiedade e Traumas. Fica em outro prédio. Stuart atua em transtornos de humor e depressão, além de dar plantão na emergência. Mas ele começou junto comigo. Filho da puta inteligente.

— Eu estou ouvindo — disse Stuart da cozinha.

— Eu sei, meu garoto, é por isso que estou sendo tão bondoso nos meus comentários.

Alistair voltou a contemplar, na TV, o interior magnífico da capela da King's College, em Cambridge, e eu fui ver como estava Stuart na cozinha.

— Posso ajudar em alguma coisa?

— Não, está tudo sob controle.

Ele acabou me encarregando de pôr a mesa, embora fosse uma mesa pequena, para duas pessoas, com certo esforço, para três. Abri outra garrafa de vinho, já que a primeira parecia estar no fim. Alistair levava alguns *crackers* natalinos, então coloquei um sobre o jogo americano de cada um e voltei para me sentar ao lado de Alistair.

Finalmente, quando eu estava prestes a desmaiar de fome e a padecer com o aroma delicioso, Stuart anunciou:

— Está servido.

A comida estava incrível. Stuart havia preparado um pernil de cervo com um encorpado molho de ameixa, acompanhado de legumes, pastinacas e batatas assadas, e pudim Yorkshire. A carne derretia deliciosamente na boca. O vinho estava começando a me aquecer e a me deixar mais embriagada do que deveria.

Estouramos nossos *crackers* e rimos das piadas horrorosas, tomamos mais vinho e, por fim, comemos a sobremesa quando já eram seis da noite e já estávamos todos de barriga cheia. Alistair tinha repetido, estava sempre comendo e mastigando enquanto Stuart e eu nos entreolhávamos e sorriamos, como se tivéssemos uma piada interna.

Obriguei Stuart a ficar sentado no sofá enquanto eu e Alistair lavávamos a louça, embora ele não tenha me obedecido por muito tempo: em poucos minutos foi sentar-se à mesa da cozinha, de onde ficou nos observando e participando da conversa. Eu contava a Alistair sobre os prazeres de trabalhar com o setor farmacêutico e sobre como eu andava ocupada recrutando funcionários para o novo ano que se iniciaria. Parecia tudo extremamente enfadonho em comparação do assustador mundo das clínicas de saúde mental, mas eles me ouviram assim mesmo. Stuart cortou mais um pedaço de pernil e embrulhou em um papel de alumínio para Alistair levar para casa.

Quando terminamos de arrumar tudo, preparei chá para nós. Lá fora estava escuro e começara a chover, os pingos batendo forte nos vidros. Era uma ótima noite para se ficar em casa.

— O almoço estava delicioso — proclamou Alistair, estufando sua enorme barriga como um troféu e dando-lhe tapinhas indulgentes.

— Que bom — disse Stuart. — Embora o horário de almoço já tenha passado há muito tempo.

Alistair instalara-se jovialmente no sofá, entre nós dois.

— Não vou demorar — disse ele, dando uma piscadela conspiratória para mim. — Tenho certeza de que vocês dois preferem ficar a sós.

Senti minhas bochechas enrubescerem, e ouvi Stuart tossir.

— Somos apenas amigos — apressei-me em dizer.

— Claro — concordou Alistair, que abriu um amplo sorriso.

— Como está a circulação dos ônibus hoje? — perguntou Stuart, casualmente.

— Em horários bem esporádicos, para falar a verdade — respondeu Alistair. — Um absurdo. Natal ou não, as pessoas precisam se locomover.

— Você vai conseguir chegar tranquilamente em casa hoje?

— Hum? Ah, vou. Espero que sim.

Houve um longo silêncio.

— Acho que está na hora de eu voltar para casa — falei.

De repente tive a terrível impressão de que Stuart estava tentando se livrar de Alistair por alguma razão. Nós três juntos havíamos bebido três garrafas e meia de vinho, e a sala parecia estar girando. E se ele estivesse planejando tomar alguma iniciativa? Pensei na noite anterior, quando dormi no seu sofá, coberta pelo seu edredom, vestindo suas roupas.

— O que você tem para fazer amanhã, Al? — Mais uma tentativa de Stuart.

— Nem me fale, tenho que terminar uns relatórios e coisas do tipo. Descanso que é bom, nada.

— Melhor não deixar para muito tarde, então.

— Hum? — Alistair olhou para Stuart. — Ah! Claro. É verdade. Tenho que ir embora. Caramba, já está tarde assim? — Ele se levantou surpreendentemente rápido.

— Também tenho que ir — falei.

— Bem, querida, acho que nos veremos novamente em breve.

— Hum. Claro. Imagino que sim.

— Esperarei ansioso.

Com o rosto ardendo, peguei o casaco de Alistair, e Stuart, sua bolsa. Então Stuart disse que eles se veriam na próxima semana e que poderiam aproveitar e tomar um café e discutir sobre uma coisa ou outra, e antes que eu percebesse Alistair havia sido enxotado e Stuart o acompanhara até a porta do prédio. Fiquei na cozinha, jogando o peso do corpo de um pé para o outro, tentando não desabar.

Eu ouvia o eco das vozes vindo lá de baixo:

— Foi um almoço fantástico, Stuart, de alto nível realmente. Muito obrigado pelo convite...

— Foi ótimo você ter vindo, de verdade...

— E... — Ele baixou a voz, mas não o bastante para me poupar do que disse em seguida: — Agora entendo por que você fala tanto de Cathy. Ela é mesmo um encanto. Fantástica. Muito melhor que Hannah. Você se deu bem, camarada. Sorte sua. Ok, é melhor eu enfrentar esta chuva...

Em seguida ouvi o ruído da porta se fechando e, um momento depois, o som de seus passos na escada, dois degraus de cada vez.

Fiquei ali, imóvel, meu coração disparado.

— Você está bem? — perguntou ele.

— Eu me sinto um pouco... Não sei, um pouco bêbada, eu acho.

Ele me olhou meio desconfiado.

— Você ficou muito pálida de repente. Sente-se um pouco.

— Não — resisti. — Vou para casa.

— Tem certeza? Fique mais um pouquinho.

— Não.

— Cathy? O que houve? Eu pensei...

— Não!

Saí em disparada dali, meus pés deslizando pelo chão do corredor, e abri a porta. Desci a escada segurando o corrimão, procurando a chave toda atrapalhada, abrindo a porta com força, batendo-a ao

entrar, meu coração acelerado.

Horas depois, tendo terminado todas as verificações, exausta e recém-saída do banho, me acomodei no sofá e enviei uma mensagem para Stuart:

*Me desculpe por agora há pouco. Obrigada pelo almoço. Bjs,
C.*

Esperiei um bom tempo por uma resposta. Chegou quase meia hora depois. Apenas duas palavras; mais do que eu merecia, mas assim mesmo fiquei decepcionada.

Tudo bem.

Sexta-feira, 30 de janeiro de 2004

LIGUEI PARA SYLVIA EM JANEIRO, UMA semana após ela começar no seu novo emprego. Da primeira vez, caiu na caixa postal. Resolvi enviar uma mensagem de texto, mas não conseguia encontrar as palavras ou colocá-las na ordem certa. Era um dia ruim para fazer aquilo; minha cabeça parecia que ia explodir e eu estava sem dúvida com os hormônios à flor da pele, pois não parava de chorar.

À noite tentei de novo, e dessa vez ela atendeu. Estava em parte esperando ouvir ao fundo os ruídos de um bar, mas estava tudo calmo.

— Oi, Sylvia, sou eu.

— Oi, Catherine, tudo bem?

— Tudo bem. Como vão as coisas aí? Estou louca para saber. O emprego é o máximo? Você está podendo falar agora?

— Sim, está tranquilo. Vou sair daqui a uma hora mais ou menos, e estava só sentada fingindo ler umas coisinhas. Está tudo indo bem. Mas é bastante movimentado, frenético até. Bem diferente do *Lancaster Guardian*.

— E o apartamento?

— Bem, aí é outra história. Estou morando com uma pessoa que adora escutar os Carpenters a todo volume a porra do dia inteiro e um casal que ou está brigando aos berros ou trepando aos berros. Hoje passei o dia todo no jornal cantarolando “We’ve Only Just Begun”. Portanto, estou à caça de outro lugar para morar.

— Estou com saudades.

— Eu sei, meu bem. Também estou com saudades. E como vai Lancaster?

— Só chove.

— E o trabalho?

— Cansativo, agitado, estressante.

— E as meninas?

— Já faz um tempo que a gente não se vê.

— Como assim? Você anda doente ou o quê? Não tem saído?

— Tenho saído com Lee. Mas não vejo as garotas faz muito tempo.

Houve uma longa pausa no outro lado da linha. Eu a ouvi remexendo no que mais parecia uma pilha de sapatos.

— Estou preocupada, Sylvia. Está tudo dando errado.

— Tudo o quê? — perguntou ela.

Ainda dava para ouvir um barulho e, depois, uma imprecisão abafada.

— Com Lee. É que... Às vezes fico com muito medo.

Finalmente ela parou o que estava fazendo.

— Por que está com medo? Não medo de Lee, é claro. Ele é um amor. Está com medo de perdê-lo?

Fiquei quieta por um instante, tentando encontrar as palavras.

— Nem sempre ele é um amor.

— Vocês andam brigando?

— Mais ou menos. Não sei. Eu ando cansada e ele está trabalhando muito. Quando consigo vê-lo, tem que ser sempre nas suas condições, e ele não quer que eu saia mais sem ele.

Sylvia suspirou.

— Mas vamos ser justas, meu bem, ele até que tem certa razão. Lembre-se de como você era, como nós todas éramos, quando ele a conheceu. Você saía toda noite, e com a única intenção de azarar os caras. Não me surpreende que ele fique com medo de deixá-la sozinha por aí.

Como eu não disse nada, ela prosseguiu:

— Agora você está em um relacionamento sério, querida. São outras regras.

Então adotou um tom mais brando:

— Lee é um homem bom, Catherine. Não se esqueça de que os seus outros namorados eram uns grandes babacas. Tenho certeza de que ele só quer protegê-la. E além de ser um gato, ele também ama você, de verdade. Todo mundo comentou isso depois daquele jantar. Ele está, é óbvio, completamente apaixonado por você. Todas as mulheres sonham com isso. Quisera eu ter alguém assim. Quem dera ter o que você tem.

— Eu sei.

Eu estava tentando impedir que minha voz denunciasse minhas lágrimas.

— Olha, amiga, tenho que ir agora. Por que não me liga no fim de semana?

— Ligo, sim. Divirta-se. E se cuide, viu?

— Pode deixar! Então, tchau. Tchau, gata.

E ela desligou.

Quarta-feira, 26 de dezembro de 2007

Tudo bem.

Eu havia verificado o apartamento tantas vezes nas últimas vinte e quatro horas que estava cansada demais para continuar. O alívio que isso costumava me dar não veio, mas ao menos não me senti em pânico. Eu estava pensando em Stuart e me perguntando se eu havia estragado tudo. Será que o único amigo que eu tinha voltaria a falar comigo algum dia?

Ele não compreendia. E como poderia? Ele não fazia a menor ideia.

De qualquer maneira, eu estava lhe fazendo um favor. Ele também já fora magoado, havia sido traído por Hannah. Não precisava de alguém como eu para mais um relacionamento atormentado.

Hoje de manhã ouvi vozes aqui no prédio. Fui sorratamente até a minha porta e tentei distinguir alguma coisa do que estavam dizendo. Era Stuart e a Sra. Mackenzie, lá embaixo.

— ...se protegendo do frio?

Não entendi direito o que ela respondeu. Ela parecia falar continuamente, como se não fizesse uma pausa entre as frases. Pensei em abrir a porta para ouvir melhor, mas aí eu teria que verificar tudo outra vez.

Então a risada dela, e ele rindo também.

— Muita coisa aconteceu desde então, não é mesmo? — dizia ele.

Depois, novamente a Sra. Mackenzie — palavras soltas, de vez em quando uma frase que eu reconhecia de nossas breves conversas junto à porta:

— ...não quero tomar seu tempo... coisas para fazer...

E Stuart:

— Se precisar de qualquer coisa, pode falar comigo, viu? É só me chamar...

Em seguida o som de seus passos subindo a escada, ofegante, e eu grudei no olho mágico. Será que eu só queria ter certeza de que era ele? Ou estava desesperada para vê-lo, para saber se estava bem?

Seu vulto entrou no meu campo de visão, distorcido pela lente do olho mágico. Ele carregava um saco de supermercado com metade de uma bisnaga aparecendo. Eu queria que ele parasse, hesitasse, olhasse de relance para a minha porta, mas ele não fez nada disso. Continuou subindo até chegar ao seu andar, dois degraus de cada vez.

Segunda-feira, 2 de fevereiro de 2004

MINHA FELICIDADE IA E VINHA COMO um sopro espectral. Durante todo o mês de janeiro meu estado emocional se alternava entre a expectativa de Lee voltar dos seus períodos de ausência por causa do trabalho, cheia de saudade, e a vontade incontrolável de que ele fosse embora de novo.

Quando abri a porta, a primeira coisa que me veio à mente foi que Lee havia entrado na minha casa outra vez e mudado as coisas de lugar. Havia um cheiro, uma emanção que eu não sabia de onde vinha. A atmosfera ali dentro estava gelada, estranha. Gritei “Oi, Lee”, mesmo sabendo que ele estava trabalhando, pois havia me enviado algumas mensagens mais cedo. No entanto, eu não descartava a possibilidade de que tivesse saído cedo para me fazer uma surpresa, então entrei cautelosamente na sala, para o caso de ele estar escondido em algum lugar, pronto para saltar sobre mim.

Não estava tudo revirado, como se espera de uma casa que foi arrombada. Foi só quando notei que meu notebook havia sumido, assim como o cabo da bateria, que olhei para a porta dos fundos e vi que estava ligeiramente aberta, a tranca destruída por fora, como se alguém tivesse tentado perfurar a fechadura.

Peguei meu celular na bolsa e liguei para Lee.

— Oi — atendeu ele. — E aí?

— Acho que alguém invadiu minha casa — falei.

— O quê?

— A porta dos fundos está aberta. Meu computador sumiu.

— Onde você está agora?

— Na cozinha, por quê?

— Não toque em nada. Entre no carro e me espere lá, entendeu? Estou a caminho.

— Devo ligar para a polícia?

— Eu faço isso. Chego aí em um minuto. Tudo bem? Catherine?

— Ok, ok. Eu estou bem.

Sentada no meu carro lá fora, comecei a tremer e chorar. Não pelo computador. Mas pela ideia de que alguém havia estado lá dentro, arrombado a minha casa e remexido nas minhas coisas. Alguém que ainda poderia estar lá.

O carro da polícia chegou poucos minutos antes de Lee, e, embora eu estivesse no meio do meu relato do que acontecera, Lee veio, cumprimentou o policial e ambos entraram, me deixando lá fora, junto do carro. Meia hora depois, um veículo branco da perícia criminal chegou e uma investigadora se apresentou a mim, mas esqueci seu nome logo em seguida. Entrei em casa com ela e lhe mostrei a tranca arrombada e a mesa de jantar, de onde meu notebook havia desaparecido.

Pouco depois disso, Lee e o policial uniformizado desceram do segundo andar da casa. Todos apertaram-se as mãos e riram de alguma coisa e em seguida o policial foi embora.

Fiz um chá para a perita, enquanto ela colhia impressões digitais e removia amostras de algumas superfícies. Aquilo tudo me parecia bastante aleatório.

Quando ela se foi, voltei a chorar.

— Ah, Lee, me desculpe — falei quando ele me abraçou.

— Tudo bem. Está tudo bem. Eu estou aqui.

— Não consigo suportar a ideia de que alguém entrou na minha casa — falei.

— Chamei um chaveiro para consertar a tranca. Ele já deve estar chegando. Não se preocupe. Quer que eu fique aqui com você esta noite?

— Você devia estar trabalhando, não é?

— Não tem problema. Só vou precisar deixar o celular ligado, caso aconteça alguma coisa, ok?

Concordei com a cabeça.

Mais tarde — horas depois—, com a tranca da porta já substituída, Lee e eu estávamos fazendo amor na cama, delicadamente desta vez, com toda a calma. Fiquei me perguntando quem teria sido, pensando que, fosse quem fosse, essa pessoa devia ter estado ali, em nosso quarto. Em que mais teria tocado?

Lee foi tão meigo comigo, tão carinhoso, que por fim acabou conseguindo desviar meus pensamentos do que acontecera, e me deixei levar pelas sensações criadas por seus dedos e sua boca.

Quando finalmente abri os olhos, ele estava observando a expressão em meu rosto com um sorriso nos lábios.

— Você deveria fazer isso mais vezes — murmurou ele.

— Isso o quê?

— Se soltar assim.

— Lee, promete que não vai embora?

— Vou ficar aqui. Pode dormir se quiser. — Ele passou o dedo pela minha têmpora e desceu até a face. — Você pensou na minha proposta?

Será que valia a pena fingir que eu não sabia do que ele estava falando?

— Pensei, sim.

— E...?

Abri os olhos e olhei para ele toda sonolenta.

— Continue propondo. Um dia vou surpreender você com um sim.

Ele sorriu e afagou meu rosto, um toque longo e suave que começou pela face e terminou na coxa. Disse que me amava, sua voz diluída num sussurro. Eu o amava quando ele era assim, gentil, calmo, feliz.

Sexta-feira, 28 de dezembro de 2007

ACORDEI PASSANDO MAL HOJE. MAL CONSEGUI chegar ao banheiro a tempo. Passei alguns minutos ao lado do vaso, me perguntando se havia comido algo estragado, ou se não seria uma reação tardia à quantidade de álcool que eu tinha ingerido no Natal.

Foi quando eu estava sentada ali no chão do banheiro, trêmula, que me lembrei. Ele seria solto hoje.

Eram umas cinco horas, ainda estava escuro lá fora. Quando consegui me levantar, escovei os dentes e tentei voltar para a cama, mas não consegui. Meus pés tomaram o caminho da porta.

Eu sabia que estava trancada, mas precisava verificar mesmo assim. Enquanto conferia, uma- duas-três-quatro-cinco-seis vezes, eu dizia a mim mesma que estava trancada. Eu tranquei ontem à noite. Lembro-me de ter trancado. E depois verificado. Por horas e horas. Ainda assim, podia não estar trancada, talvez eu tivesse me enganado. E se eu a tivesse aberto sem me dar conta? E se eu não tivesse feito as verificações direito, se estivesse distraída?

Tudo de novo. Desde o início.

A presença dele está muito forte hoje. Sinto seu cheiro, sinto-o no ar. Eu me lembro da sensação de esperar que ele voltasse, sabendo que não podia fazer nada para escapar, que de nada adiantava correr ou resistir. Era mais fácil simplesmente me entregar.

E agora?

Terminei de verificar a porta, mas alguma coisa ainda me incomodava.

Eu teria que recomeçar. Meus pés estavam congelados, meus pelos todos arrepiados. Eu devia ter ido buscar um casaco e um par de meias. Mas tinha alguma coisa errada. A porta podia muito bem estar totalmente aberta, e ele do outro lado, esperando. Esperando algum deslize meu.

Verifiquei outra vez, bem concentrada, já começando a ficar arfante, o coração martelando em meu peito. Eu não conseguia me desvencilhar da imagem dele em pé, bem do outro lado, esperando que eu terminasse as verificações, esperando que eu me afastasse só para poder se aproveitar de uma falha minha.

Isso era ruim, muito ruim. O telefone estava na cozinha, Stuart, no trabalho, e além do mais eu não falava com ele nem o via desde *aquela* mensagem de texto... Eu não conseguia me afastar da porta, não conseguia sequer ir até o meu quarto.

Só mais uma vez, eu disse a mim mesma, com severidade. Mais uma vez e chega. Mais uma vez e vou poder me afastar da porta sem medo. Tentei respirar fundo, controlar os soluços, tentei prender o ar no pulmão, tentei pensar na voz de Stuart.

Concluí uma série de verificações e então parei.

Eu estava começando a me acalmar, minha respiração ia ficando mais branda. Aproveitando a oportunidade, voltei para o quarto, sem olhar para as cortinas, e rastejei de volta para a cama. Eu sentia contrações na barriga e tremia de frio. O relógio de cabeceira marcava sete e vinte. Eu passara duas horas ocupada com a porta.

Saí da cama outra vez e peguei um par de meias e o casaco de lã com capuz, depois fui até a cozinha e liguei o aquecedor.

Achei o telefone e liguei para o trabalho. Eu nunca havia faltado, mas hoje seria uma exceção. Nunca que eu seria capaz de sair de casa.

Consegui segurar o impulso de fazer as verificações por meia hora, mas então resolvi que precisava abrir as cortinas e lá fui eu de novo. Felizmente, tive que parar às oito para preparar meu chá obrigatório.

Sentei no sofá com a caneca de chá e peguei o livro que estava lendo. Era um dos livros sobre TOC que Stuart me recomendara. Um dos capítulos aconselhava a identificar as compulsões, todas as regras, e listá-las em ordem de importância. Apanhei minha agenda e fui procurar papel e caneta.

Levou um tempo enorme, muita reflexão, um bocado de escreve, rabisca e recomeça, mas no final a lista ficou assim:

COMPULSÕES

Verificar a porta do prédio

Verificar janelas e cortinas

Verificar a porta do meu apartamento

Verificar a gaveta da cozinha

A EVITAR

Roupas vermelhas

A polícia

Lugares cheios

REGRAS

Horários para tomar chá

Fazer compras só em dias pares

Contar os passos

A porta do prédio só poderia ser a primeira da lista. Ocorreu-me então que, desde que Stuart fora morar ali, por alguma razão eu parecia ter transferido para ele essa responsabilidade. O que fez com que eu me perguntasse se seria possível sair do fundo daquele poço passando, gradualmente, parte das responsabilidades de verificação para ele, e se isso não seria injusto por algum motivo.

Olhei para o relógio: oito e meia.

Será que as cadeias tinham um horário fixo para a soltura dos presos? Será que ele já tinha sido liberado àquela altura? Como ele estaria fisicamente? Ainda teria algum dinheiro? Para onde iria?

Fechei os olhos e tentei pensar em outra coisa.

Quanto tempo levaria? Quanto tempo até que ele me encontrasse? Tentei imaginá-lo saindo da prisão, indo para algum lugar, para a casa de um amigo, talvez, bem capaz de ele ainda ter um monte de amigos. Talvez encontrasse outra pessoa, outra mulher. Ou quem sabe tivesse mudado durante esse tempo na prisão. Talvez nem fosse atrás de mim, afinal de contas.

Agora eu estava apenas mentindo para mim mesma.

Ele iria atrás de mim, era apenas uma questão de tempo.

Consegui alcançar o banheiro bem na hora, enjoada outra vez.
Não restara nada, apenas dor.

Terça-feira, 24 de fevereiro de 2004

O INCIDENTE DE ARROMBAMENTO MUDOU MUITA coisa para mim. Nunca mais me senti segura depois disso, mesmo quando Lee estava comigo. Sem ele por perto, ou quando eu estava fora de casa, passeando ou trabalhando, ou mesmo no carro, indo para o trabalho ou voltando, eu continuava com a impressão de estar sendo vigiada. Em casa, sozinha, a impressão era a de que havia mais alguém lá dentro.

E não ajudava em nada o fato de sumirem pertences meus com uma frequência cada vez maior. Não fosse pelo arrombamento, eu poderia achar que os tinha apenas colocado em outro lugar, mas havia coisas que eu não usava constantemente e tinha certeza de onde as guardara; meu passaporte, por exemplo. Estava dentro de uma mochila velha, no fundo do armário, junto com uma carteira com notas de euro, que também havia desaparecido. Além de um antigo diário. Por que haviam levado isso, eu não fazia ideia, mas que sumira, sumira. Um telefone celular velho, que nem sequer funcionava mais — que ficava na estante de livros da sala.

Cada objeto que sumia era quase como ter minha casa arrombada novamente.

Lee disse que isso era normal em incidentes desse tipo. Era preciso uma busca meticulosa, segundo ele. Muita gente não fazia ideia do que havia sido levado de suas casas. Ele contou que várias residências haviam sido arrombadas na minha área nos últimos meses, e que algumas foram alvo desse tipo de crime mais de uma vez.

Sempre que não estava trabalhando, ele passava a noite comigo e, às vezes, mesmo quando estava de serviço, aparecia inesperadamente lá em casa, quase me matando de susto ao entrar com a chave que eu lhe dera. Certa noite ele chegou imundo, suas roupas fedendo como se ele tivesse passado várias noites dormindo nas ruas. Depois de se despir na sala, deixando as roupas ali empilhadas em uma trouxa malcheirosa, foi direto tomar um banho.

Quando desceu, estava com um cheiro muito melhor, assim como sua aparência. Preparei um jantar para ele e depois fizemos amor na sala, terna e afetuosamente. Ele ficou me escutando contar coisas sem importância que tinham ocorrido no trabalho, afastou os cabelos do meu rosto afogueado, beijou minha testa suada e disse que eu era a coisa mais linda de sua semana. Depois ele vestiu outra vez aquelas roupas imundas e saiu para a noite.

Passei os dois dias seguintes sozinha, sem receber nenhum aviso, recado ou telefonema, e então, na terça-feira, saí mais cedo do trabalho. Tive a impressão de que alguém havia entrado na minha casa de novo. Não fazia ideia do que me levava a pensar assim; a porta estava trancada com duas voltas na chave, e as janelas bem fechadas, mas havia algo diferente ali. Verifiquei tudo antes mesmo de tirar o casaco, procurando o que é que estava fora do lugar. Nada, nenhum indício. Talvez eu tivesse imaginado aquilo, aquela presença, aquela sensação de que Lee havia estado ali. Talvez fosse o meu desejo se manifestando.

Preparei o jantar e depois liguei para Sam, para bater papo. Assisti a um programa vazio na televisão. Então lavei a louça e guardei tudo, enquanto cantarolava junto com o rádio.

Às quinze para a meia-noite desliguei a televisão e resolvi ir para a cama. De repente, a casa ficou dolorosamente sossegada sem aquele barulho. O aquecimento central tinha sido desligado automaticamente uma hora antes, e fazia frio.

Verifiquei a porta da frente e a dos fundos, apagando as luzes por onde eu passava. Abri um pouquinho as cortinas da sala, e nisso pensei ter visto algo lá fora: um vulto, uma sombra atravessando a rua — perto da casa que tinha levado meses e meses para ser vendida. Uma forma volumosa, como um homem, estava de pé no espaço escuro entre a frente da casa e a garagem.

Esperei que se movesse, para que meus olhos se adaptassem à escuridão e eu enxergasse o que era.

Mas o vulto não se mexeu, e quanto mais eu estreitava os olhos para enxergar, mais eu me convencia de que era só um

arbusto, uma árvore ou algo parecido, e que ficava com uma forma estranha no escuro, só isso.

Fechei a porta da sala, acendi a luz ao pé da escada e subi devagar. Tirei a roupa, vesti um pijama e escovei os dentes. Acendi o abajur ao lado da cama e puxei o cobertor.

Foi nessa hora.

Caído na cama debaixo do edredom, brilhando, todas as suas cores em contraste com o lençol branco, estava um retrato. Uma fotografia.

Fiquei olhando por um instante, meu coração disparado.

Era a impressão de uma foto digital, uma foto minha. Eu a peguei, minhas mãos tremendo tanto que a imagem ficou turva, muito embora eu a reconhecesse e soubesse exatamente o que retratava: eu nua, naquela mesma cama, as pernas afastadas, meu rosto afogueado, fios de cabelo colados no suor do meu rosto, meus olhos fixos na câmera com uma expressão de pura lascívia, pura sedução, bruto desejo.

Ele tirara aquela foto em um de nossos primeiros fins de semana juntos; no mesmo dia em que enfrentamos a ventania na praia, em Morecambe, o fim de semana em que ele me disse pela primeira vez que me amava. Estávamos brincando com a câmera, tirando fotos um do outro. Mais tarde nos divertimos revendo todas, e ele me deixou apagá-las do cartão de memória. Mas, obviamente, ele fizera uma cópia antes.

Por um momento olhei nos meus próprios olhos, me perguntando que tipo de pessoa eu era então, a pessoa que quisera tanto aquilo. Eu parecia muito feliz. Tinha a expressão de quem está apaixonado.

Quem quer que fosse aquela pessoa, ela não era eu agora. Rasguei a foto em pedacinhos, joguei- os dentro do vaso e dei descarga. Os minúsculos pedaços flutuaram alegremente na superfície, dançando como confetes ao vento.

Quarta-feira, 9 de janeiro de 2008

CAROLINE FINALMENTE VOLTOU AO TRABALHO HOJE, após longas férias com seus filhos. Eu estava ao telefone quando a vi entrar no meu escritório; ela acenou com a mão bronzeada na minha direção.

— Ei, você está ótima — falei, indo na sua direção. — Foi bom lá?

— Fantástico. — Ela estava toda vestida em cores outonais, desde o cabelo castanho- avermelhado até a pele bronzeada, a saia verdejante e o casaco da cor de folhas secas. — Fez sol todos os dias, as crianças adoraram, eu consegui ler quatro livros deitada na beira da piscina. E conheci um cara chamado Paolo.

— Não... Jura?

— Aham, e ele também era fantástico.

Descemos até a cantina, embora ela não tivesse nem tirado o casaco.

— Nem imagino a quantidade de e-mails que devo ter para ler — disse ela. — E as coisas por aqui, muito ruins?

— Na verdade, não. Mas acho que vai começar a ficar pesado na próxima semana. O presidente vem para falar sobre o novo depósito.

Caroline soltou um gemido.

— Preciso de chocolate.

Sentamo-nos com nossas canecas de chá junto à janela, observando lá fora a imensa paisagem verde permeada de alguns arbustos coloridos aqui e ali.

— E como foi o seu Natal? — perguntou ela, mordendo um muffin de chocolate.

— Foi ótimo.

— Passou com Stuart?

— Almoçamos juntos. Nós dois e um amigo dele chamado Alistair — acrescentei, antes que ela se empolgasse demais.

— Só um almoço?

— Só um almoço.

Ela ficou me olhando por um tempo.

— Mas não deu muito certo — falei.

— Como assim?

— Eu escutei quando o amigo dele comentou sobre mim. Acabei me assustando um pouco, só isso. Então fui embora meio apressada. Acho que ele ficou magoado. Desde então a gente não se falou mais.

Tinham se passado duas semanas. Eu imaginava que ele estivesse em casa, indo trabalhar todos os dias, mas não o via mais. Ele não batia à minha porta nem enviava mensagens no celular. Para ser sincera, isso não me surpreendeu, depois que saí correndo no Natal; na verdade, eu não me espantaria se ele estivesse procurando outro lugar para morar. Afinal de contas, quem precisa de uma maluca no andar de baixo?

— Pensei que você tivesse se dado bem dessa vez — disse ela, sorrindo.

— Não — respondi. — Mas está tudo bem. Prefiro ir levando a vida sozinha.

Caroline afagou minha mão, me deixando com algumas migalhas de muffin.

— Aposto que não foi nada — disse ela. — Você sabe como são os homens, às vezes tão sensíveis que chega a ser ridículo.

Não respondi de imediato, apenas tomei um gole de chá.

— Mas você ainda não me falou sobre esse Paolo. Ele é jovem e lindo de morrer?

— Ah, meu Deus. Nem te conto. Era um garçom do hotel. Muito brega, mas pelo menos foi bem prático, nem precisei deixar as crianças com a minha mãe por mais do que uma hora a cada vez que nos encontrávamos. Ela achava que eu ia passear com uma garota que conhecemos, Miranda. Foi cômico.

Voltamos para o escritório meia hora depois. Subi a escada pensando em Stuart, desejando que chegasse logo a hora de voltar para casa.

Sexta-feira, 27 de fevereiro de 2004

NOITE DE SEXTA-FEIRA, NOVE HORAS, EU e Lee íamos sair. Mais tarde, ele me prometera, poderíamos ir ao Red Divine encontrar as meninas, que estavam aproveitando a noite também.

Nunca antes eu havia ansiado tanto por uma noitada e, ao mesmo tempo e em igual medida, tido tanto medo do que viria pela frente. Finalmente eu iria conhecer o Red Divine, iria passar a noite dançando, rindo e conversando com minhas amigas e Lee estaria bem ao meu lado o tempo todo. Eu queria ficar com ele; mas não aquela noite.

Quando chegamos à boate, já passava das onze. Apesar da fila, que se estendia quase até a esquina da Bridge Street, o segurança avistou Lee e fez sinal para que passássemos pelo acesso VIP. Ao entrar, houve vários apertos de mãos, tapinhas nas costas e saudações gerais entre Lee e os cinco ou seis gorilas de terno que tomavam conta da porta. Fiquei de boca fechada, bem quieta ao seu lado, tremendo de frio.

Por algum motivo, não tinha havido discussão sobre o que eu vestiria essa noite. Escolhi um vestido preto e curto com alças finas e detalhes em lantejoulas na bainha. Ele olhou para a roupa no cabide e disse:

— Você só vai com esse se colocar uma meia-calça.

Justo, pensei. Estava mesmo frio demais para ir com as pernas de fora.

Ao entrar na boate, tirei o casaco e o deixei na chapelaria. Lee voltara para falar com alguém na porta, um homem mais baixo que ele, de barba, que acabara de chegar. Talvez fosse o proprietário, pensei; eu vira uma foto dele no jornal. Barry? Brian? Algo assim.

Pensei em passar logo pelas portas espelhadas, atrás das quais parecia haver barulho, luzes e ar quente, e encontrar as garotas, pegar uma bebida, começar a relaxar sem ele, mas logo descartei a ideia. Era melhor esperar.

Depois de um instante ele foi até mim e me segurou pelo braço, me beijando no rosto e me conduzindo através daquelas magníficas portas espelhadas.

A boate era enorme, dispondo de vários ambientes com pistas de dança e bares instalados nos cantos mais inusitados, o que significava que, apesar de imenso e lotado, passava uma curiosa impressão de intimidade. Grande parte da arquitetura da igreja havia sido conservada, com alguns bancos encostados nas paredes e arcadas entre um ambiente e outro. E, como dissera Sylvia, uma janela gigante em vitral iluminado acima de um dos bares. Depois dali, o espaço se abria bruscamente para o que outrora havia sido a nave da igreja, com o DJ ocupando o local que abrigara o altar. O lugar era repleto de sons e luzes incríveis, tomado por pessoas dançando; sobre suas cabeças, dois trapézios balançavam desfraldando um tecido de seda vermelho acima do alcance das pessoas e duas dançarinas de maiôs vermelhos e chifres oscilavam para frente e para trás, no mesmo ritmo da música, para minha surpresa. Em torno desse espaço emergiam sacadas em meio aos arcos de pedra; pessoas com copos nas mãos se debruçavam sobre um corrimão cromado, observando as que dançavam lá embaixo.

Seguimos por entre a multidão, meu coração no ritmo das batidas graves da música, e eu procurando incessantemente pelas garotas. Lee só soltou minha mão quando paramos em um dos bares mais calmos para comprar bebida. Eu fiquei de costas para ele, a fim de encontrar um espaço para dançar e relaxar.

Senti alguém cutucando meu ombro. Era Claire, finalmente. Abracei-a.

— Esse lugar é incrível, não é? — berrou ela no meu ouvido.

— É sim! Cadê Louise? — berrei de volta.

Claire deu de ombros e apontou vagamente na direção da pista principal.

— E Lee? — perguntou ela.

Apontei para trás de mim. Ele já a vira, e perguntou, por gestos, se queria alguma coisa para beber.

Ela balançou a cabeça em negativa e ergueu uma garrafa com um canudo enfiado no gargalo.

— Ele é mesmo uma graça — gritou ela.

Instantes depois, ele voltou com nossas bebidas. Tomei quase metade do meu copo rapidamente, e então entreguei-o para Lee e peguei Claire pela mão.

— Vamos dançar?

Olhei para ele, pedindo permissão. Ele não sorriu, mas também não me impediu. Eu sabia que ele ficaria observando todos os meus movimentos.

Claire e eu conseguimos chegar à pista principal. Dançar fez com que eu me sentisse melhor. Por um momento, duas músicas talvez, até me esqueci de que Lee estava lá. Nesse período voltei a ser dona do meu nariz, e as coisas tinham voltado a ser como eram antes, quando eu podia dançar como quisesse, falar com qualquer um, paquerar, conversar, beber até cair se estivesse a fim.

Então dei uma olhada para as sacadas no alto e lá estava ele, o paletó escuro tornando-o quase invisível no breu daquela alcova, o piscar das luzes iluminando-o apenas por uma fração de segundo, para logo em seguida a escuridão tragá-lo novamente. Eu preferia que ele ficasse conversando com alguém, ou observando casualmente o ambiente em volta, ou pelo menos que parecesse estar se divertindo. Mas ele estava apenas com aquele olhar fixo — em mim.

Sorri para ele, mas Lee não retribuiu. Talvez nem estivesse me olhando.

Comecei a sentir um pouco de náusea.

Louise, que nos encontrara na pista de dança, me observava. Ela segurou meu braço e gritou algo no meu ouvido, mas não entendi nada por conta da música.

Nem precisava. De repente, alguém enlaçou minha cintura por trás e começou a roçar na minha bunda. Dei um pulo e me virei: era Darren, um colega de trabalho de Louise, com quem tive um caso passageiro no ano anterior. Ele me deu um beijo rápido acima da orelha e parecia feliz em me ver, mas seu sorriso sumiu logo que viu minha expressão.

Consegui esboçar um sorriso, me afastei um pouco dele e continuei a dançar. Darren continuou perto de nós, o que,

considerando quanto a pista estava lotada, era de fato bem perto. Quando finalmente tomei coragem, arrisquei uma olhada para a sacada lá em cima.

Ele desaparecera.

Por instantes pensei em aproveitar a chance.

— Lou — gritei —, onde fica o toalete?

— Você o quê? — Ela levou a mão em concha à orelha, como se fosse adiantar alguma coisa.

Peguei-a pela mão e puxei-a para longe da pista, mas foi tarde demais. Do aglomerado de corpos

que nos pressionavam de todos os lados, de repente senti alguém me tocar de modo exageradamente íntimo, depois um braço envolveu minha cintura e uma mão tocou meu peito com firmeza, me puxando para trás, o hálito quente na minha nuca, sua língua repentinamente na minha pele, sua voz alta e ainda assim pouco audível no meu ouvido:

— Aonde você vai?

Louise soltou minha mão e foi arrastada de volta para o meio da pista, enquanto eu dançava por alguns momentos com meu namorado, que ainda me segurava por trás, de modo que eu não podia ver seu rosto. Apesar de todos os corpos ao redor, eu sentia o dele, que eu conhecia tão bem, em total contato com o meu. Repousei a cabeça em seu ombro, e, com a mão livre, ele afastou o cabelo do meu pescoço para poder me beijar ali, me morder. Ele enroscou no pulso meu cabelo comprido como se fosse uma espessa corda preta, puxando minha cabeça para trás, expondo ainda mais meu pescoço, até que eu só conseguisse ver as luzes oscilando no teto abobadado, o movimento incessante dos dois

trapézios me dando a impressão de que eu estava girando.

Meus joelhos começaram a ceder. Ele me tirou do meio da multidão, me levando por um corredor estreito até chegarmos em um canto escuro. As pessoas passavam de um lado para outro, berrando por causa do barulho do ambiente, rindo, nos ignorando completamente. Ele me pressionou contra a parede com seu corpo, uma das mãos segurando meu rosto enquanto me beijava. Com a outra mão ele segurava meus pulsos acima da cabeça,

pressionando minhas costas na parede de pedra. Senti algo se cravando em minha pele e tentei me soltar. Ele apertou ainda mais meus pulsos. Eu não queria ser beijada, me sentia claustrofóbica e em pânico.

— Quero que você me chupe — disse ele, sua voz ressoando grave contra a minha garganta.

— Não — respondi, bem baixo, para que ele não pudesse ouvir.

Ele tentou me fazer ajoelhar, mas eu resisti. De repente, sua mão segurou firme meu rosto e ele me puxou para a luz que vinha de um outro ambiente.

— Não estou me sentindo bem — gritei.

Ele me olhou desconfiado.

— Acho que preciso vomitar — expliquei.

Ele deve ter acreditado, pois me conduziu ao longo do corredor até os toaletes, onde me soltou; fui jogada lá dentro pela força do momentum.

Estava surpreendentemente calmo ali, a música soando distante, com uma batida sossegada. Um monte de garotas se amontoavam em torno dos espelhos e das pias, pegando bocados de hidratante dos frascos apesar do ar úmido.

A última cabine estava livre; entrei cambaleando, bati a porta e a tranquei. Sentei e chorei. Minhas pernas estavam bambas. Eu me encolhi, abraçando os joelhos, e fiquei soluçando.

Passaram-se alguns minutos, ou talvez apenas segundos. Eu queria estar em qualquer outro lugar do planeta, menos ali. Peguei um pedaço de papel higiênico, enxuguei o rosto e vi as manchas do rímel e do delineador no papel e minha mão tremendo. O que havia de errado comigo? Quando é que tudo começara a dar tão errado?

— Catherine! — ouvi Louise gritando, e então uma batida na porta da cabine. — Você está aí, amiga? Abra a porta. Você está bem?

Destranquei a porta. Ela entrou, viu meu rosto e trancou novamente a porta. Depois, se agachou ao meu lado, segurou minha mão e a apertou, tentando me fazer parar de tremer.

— O que houve, amiga? O que está acontecendo?

— Eu... eu não estou me sentindo bem — respondi, voltando a soluçar.

Ela me abraçou, e meu rosto mergulhou em um monte de cabelos seus. Ela cheirava a perfume, fixador de cabelo e suor. Eu a amava, mas ao mesmo tempo queria que fosse Sylvia.

— Está tudo bem, tudo bem — entou ela, me embalando delicadamente. Depois, pegou mais papel higiênico e enxugou meu rosto. — Quer que eu vá chamar Lee? Para ele levá-la para casa?

Balancei a cabeça com tanta força que a cabine começou a girar ao meu redor.

— Não — respondi. — Vou melhorar. Só preciso de um instante.

Ela afastou meu cabelo do rosto, tentando me fazer olhar nos seus olhos.

— O que está acontecendo, amiga? Você está fora de si. O que houve, hein?

— Está tudo errado — consegui dizer antes de as lágrimas voltarem. — Eu não posso... Eu não aguento mais.

Outra batida na porta.

— Lou? Sou eu, abra.

Era Claire. Louise destrancou a porta e Claire entrou, se encolhendo atrás da porta para conseguir fechá-la. Três garotas se apertando dentro de um cubículo em que só cabia uma. Já fazia um bom tempo que não saíamos juntas assim. A sensação de estar ali com minhas amigas conseguiu extrair de

mim um sorriso débil.

— Pronto, já está melhor — disse Claire. — Você só estava precisando de mim, não é mesmo? Louise, você é mesmo uma inútil. Venha cá, meu bem.

Ela afastou Louise e me acomodou no meio de seus seios orgulhosamente GG e cem por cento naturais, até eu realmente não conseguir mais respirar.

— Pare com isso. Vai sufocar a garota, não está vendo?

Depois de um tempo, nós três estávamos rindo. Eu tinha parado de chorar e nem me sentia mais enjoada. Então demos um abraço coletivo e saímos dali.

— Precisamos de uns retoques — disse Louise, remexendo em sua bolsinha em busca de alguma maquiagem de emergência.

Ambas examinaram meu rosto devastado.

— Mas então, o que está havendo? — perguntou Claire. — Você sabe que pode contar para a gente. Seja o que for, vamos ajudá-la a sair dessa.

— É que... Sei lá. Não sei direito. O trabalho está uma merda. Eu vivo cansada. Não ando dormindo muito bem. Vocês sabem... E Lee. Não me sinto segura em relação a ele.

— Que marcas são essas?

Claire segurava minhas mãos e observava as marcas vermelhas em meus pulsos sob a luz fria do teto. Nos pontos em que ele os pressionara contra a áspera parede de pedra havia longos arranhões, alguns vestígios de sangue.

— Não sei — falei —, devo ter me machucado em algum lugar.

Louise e Claire trocaram olhares numa fração de segundo, enquanto eu fiquei parada para que Louise terminasse de passar o delineador nos meus olhos.

— Pronto. Linda como sempre — disse ela depois de um instante, e me virou para o espelho.

Por um momento eu não me reconheci.

— Vamos, Lee deve estar se perguntando o que estamos fazendo aqui — disse Claire. — Eu falei que vinha ver como você estava.

— Ele está esperando? — perguntei.

— Está aí fora. Ele foi me procurar. Disse que você estava se sentindo mal.

— Ah.

Continuei parada no mesmo lugar.

— Você tem muita sorte, Catherine — disse Claire, me abraçando outra vez. — Ele é bonito pra cacete e está na cara que adora você. Quem me dera encontrar alguém assim.

— Ele... Às vezes, ele é intenso demais — falei.

De repente o banheiro ficou novamente cheio de mulheres, todas se empurrando em volta da pia e gritando umas com as outras.

Louise me deu um beijo no rosto.

— Ele não é exatamente tudo que a gente sempre quis? Um cara que olha nos olhos, que espera do lado de fora do banheiro até você sair... A gente se acostumou demais a seja lá qual for o contrário de intenso. A gente se acostumou demais a esses caras que não dão a mínima. Você encontrou alguém que não só se preocupa como considera você a maior prioridade da vida dele. O mundo não existe sem você. Tem ideia de como isso é incrível? Encontrar um cara assim?

Eu não sabia o que dizer, é claro, mas elas não precisavam de resposta: já estavam avançando em meio a lantejoulas, saltos altos e vestidos pretinhos básicos na direção da porta, onde, conforme disseram, ele estava me esperando.

Forcei o melhor sorriso que consegui e lá fui eu, um passo de cada vez, pensando no que poderia acontecer mais tarde e no que eu poderia fazer para evitar o pior.

Sábado, 12 de janeiro de 2008

STUART E EU ESTÁVAMOS INDO ATÉ O metrô. Ainda era bem cedo, mal amanhecera, as ruas estavam calmas, porque era sábado e já estávamos de pé e fora de casa.

— Pensei que você não quisesse mais falar comigo — confessei finalmente, tentando acompanhar seu passo. Meu queixo batia de frio.

— Como assim? O que a fez pensar isso?

— Achei que estivesse zangado depois da maneira como eu saí da sua casa no Natal.

— Ah, por isso? Não, não mesmo. Acho que eu tinha bebido vinho demais. Além do quê, isso foi há tanto tempo!

Ele me mandara uma mensagem na véspera. A primeira desde o seu *Tudo bem*.

Algum programa para amanhã? Se não tiver, vou levá-la pra um passeio. Às 7 da manhã. Bjs, S.

Meia hora depois estávamos na Estação Victoria, consultando o painel eletrônico. Eu vestia o enorme casaco de Stuart, aquele que parecia servir para explorar o Ártico, porque ainda estava extremamente frio e eu não conseguia me aquecer. O casaco ia até meus joelhos. Eu devia estar parecendo uma criança, mas pelo menos tinha parado de tremer. Ele também colocou em mim um gorro e luvas de lã.

Finalmente começava a clarear, um frágil sol de inverno lá fora, se insinuando sob as nuvens cinzentas e sombrias. A estação ainda estava vazia naquela manhãzinha de sábado, apenas alguns turistas e uns pombos corajosos ciscando migalhas no chão, que um faxineiro solitário varria com seu carrinho automático. Fiquei observando-o por alguns instantes. Ele parecia estar indo deliberadamente na direção das pessoas que olhavam o painel

eletrônico no alto, aguardando informações, fazendo com que elas pegassem suas bagagens e saíssem dali.

— Plataforma quatorze — disse Stuart. — Vamos.

O trem estava aquecido. Nós nos sentamos um em frente ao outro e depois, quase imediatamente, tive que me desvencilhar do enorme casaco e do gorro. Fiquei só com meu suéter de lã. Stuart guardou o casaco no bagageiro acima dos assentos.

— Vou ter que carregar esse casaco o dia todo, não? — falei.

— Que nada. Espere só para ver. Vai estar ventando forte, e você vai é agradecer por tê-lo trazido.

Ele tinha razão, é claro. Estava frio e ventava na estação de trem de Brighton, mas à medida que caminhávamos em direção ao mar, a ventania foi ficando ainda mais forte. Quando chegamos à beira-mar, tive que puxar o capuz sobre o gorro e Stuart segurou firme minha mão, para o caso de o vento tentar me levar. O mar estava escuro e agitado, o vento, embranquecido pela espuma, respingava água sobre nossos rostos. Ficamos ali um momento, agarrados aos corrimãos azuis que nos separavam dos cascalhos e das águas agitadas. Era possível sentir a força da natureza.

Stuart disse alguma coisa que eu não consegui ouvir, as palavras eram varridas de sua boca e levadas para longe. Então ele pegou minha mão e fomos procurar abrigo nas ruas mais afastadas.

Ainda era cedo, mas assim mesmo as lojas estavam cheias de gente, todos de olho nas liquidações de janeiro. Empurrei Stuart para o interior de uma loja de artigos de acampamento e comprei outro gorro, um menorzinho e de cor azul-marinho, que vinha com um par de luvas grátis.

Assim Stuart podia ter o seu de volta. Andamos um pouco por lá e acabamos encontrando o caminho para a área de Laines. Ainda estava movimentada, principalmente por conta do espaço estreito entre as lojas, contudo o vento abrandara e a atmosfera era mais amena.

Apesar disso, eu tinha a sensação de que Lee ia aparecer a qualquer momento.

Já havia acontecido duas vezes. Um homem loiro e corpulento de casaco azul passara por nós no trem — não cheguei a ver seu

rosto, mas sua silhueta bastou para me assustar. E quando estávamos observando o mar, um homem e uma mulher passaram com um cachorro, um pastor alsaciano; não era possível que fosse ele, afinal, com uma mulher e um cão, sem chance, mas ainda assim me senti mal.

Já eram quase dez horas — hora do chá. Encontramos um café, ali mesmo em Laines, bem em frente a uma pracinha onde um músico de rua se apresentava exposto ao ar frio, luvas sem dedos para poder tocar o vilão, uma voz rouca, sem percussão ou banda para acompanhar. Nós nos sentamos a uma mesinha de madeira escura, com cadeiras também de madeira, escondida em um cantinho aconchegante. Dividíamos uma cafeteira e um bule de chá. Então um homem passou pela nossa mesa e se dirigiu ao final do café. Eu me encolhi toda na cadeira e virei a cabeça.

— O que foi? — perguntou Stuart. — O que houve?

Eu me recompus.

— Não é nada não, me desculpe. O que você estava dizendo?

— Foi aquele homem? — perguntou ele, baixando a voz.

Assenti.

— Está tudo bem, de verdade; me desculpe.

— Qual era o nome dele?

Não respondi de imediato. Desviei o olhar, tentando descobrir se eu estava preparada para aquilo, para falar sobre o assunto. Ele continuava a me olhar, firme e persistente. Não desistiria tão fácil. Tampouco iria me pressionar, mas não desistiria.

— Lee — falei. — O nome dele era Lee.

Ele assentiu com a cabeça.

— Lee. Você o vê em toda parte, não é?

— Sim.

Eu estava observando minha mão, apoiada na perna, as unhas cravadas na pele.

— É assim mesmo — disse ele. — Faz parte do processo, da cura.

— Eu o via mesmo quando ele ainda estava preso. É por isso que não saio muito de casa.

Ele sorriu.

— Você precisa deixar esses pensamentos virem — disse ele.
— Não tente combatê-los. Deixe que surjam na sua mente, aceite-os, não se sinta mal ou culpada. Tudo faz parte do processo. Lutar contra isso só vai tornar tudo muito mais difícil.

Por cima do meu ombro, ele olhou para o homem que eu vira.

— Está lendo o jornal. Por que não olha para ele?

Encarei Stuart como se ele tivesse ficado completamente louco. Mas sua expressão não mudou.

— Eu estou aqui com você. Não tem problema. Vamos lá, olhe.

Eu não conseguia acreditar que estava realmente fazendo aquilo, mas me virei e aos poucos dirigi o olhar até os fundos do café: outras mesas de madeira escura, casais comendo assim como nós, uma família com duas crianças tomando sorvete, por incrível que pareça, e por último, um homem louro lendo o *Daily Express*, uma caneca fumegante à sua frente.

Fiquei engasgada, querendo instintivamente desviar o olhar, me esconder. Mas continuei olhando. Não era ele. Eu já sabia que não era ele, mas isso não impedira o medo ou pânico repentino. Agora eu via que não era ele. Era um homem mais velho, o cabelo mais grisalho do que louro, a pele enrugada em torno dos olhos, o rosto mais fino. E não tão corpulento quanto Lee; na verdade, sem o

casaco, era até bem magro.

Ele deve ter sentido a intensidade do meu olhar, pois ergueu os olhos do jornal. Por um momento nos fitamos, e ele sorriu. Ele realmente sorriu para mim. Então de repente aquele homem não tinha mais semelhança alguma com Lee, era apenas um desconhecido, um cara simpático saboreando seu café e sorrindo para mim.

Retribuí o sorriso.

— Melhor agora? — perguntou Stuart, quando me virei de volta.

— Melhor — respondi.

— Você pode fazer isso, sabia? É mais corajosa do que pensa.

— Talvez — falei, tomando meu chá. Estava quente e delicioso.

Eu ainda sorria quando saímos do café para continuar nosso passeio. Apesar dos fracos raios, o sol alegrava o dia. Descemos em direção ao píer.

O vento amainara um pouco, mas ainda soprava com vontade no píer. Nós nos sentamos sob um abrigo no lado mais calmo e ficamos observando as ondas e as gaivotas que tentavam se equilibrar sobre o corrimão. O horizonte estava carregado de imensas nuvens negras; atrás de nós, o sol iluminava tudo, seu reflexo nas pranchas de madeira produzindo um brilho fascinante.

— Friozinho, hein? — comentou um senhor ao passar por ali, com o chapéu enfiado até as orelhas, de onde tufo de cabelo grisalho se agitavam freneticamente. As lentes dos seus óculos estavam cheias de respingos das ondas do mar.

— É, um pouquinho — respondi.

Ele caminhava de mãos dadas com a esposa. As mãos dos dois eram velhas, a pele manchada e enrugada, a aliança da mulher já bem fina na espessura e larga em seu dedo. Ela tinha a face rosada e os olhos azuis, e um lenço florido prendia seu cabelo e protegia suas orelhas.

Ele riu, apontando para uma jovem gaivota cheia de pontos marrons e com enormes pés palmados, que decolou do corrimão e investiu corajosamente contra a ventania.

Andamos até onde conseguimos. As atrações do parque de diversões estavam quase todas fechadas, as lonas enceradas sacudindo ao vento e os bancos encharcados. Caminhar pelo outro lado do píer foi loucura — o vento açoitando nossas calças, os respingos da água do mar nos atingindo horizontalmente, como chuva. O fantasma do West Pier flutuava na superfície do mar bravio como os ossos de um monstro marinho morto há muito tempo.

Voltamos para o outro lado e andamos em direção à beira-mar novamente. Entramos em uma lanchonete com fumegantes pratos de *fish and chips*, repleta de gente com o casaco molhado, todos rindo de tamanha ventania. Comemos uma grande porção de

batatas fritas com a mão mesmo, sentados do lado de fora, enquanto as gaivotas guinchavam e piavam ao nosso redor, esperando que deixássemos cair alguma migalha. Pensei que uma delas ia acabar arrancando uma batata da minha mão.

Stuart me contava histórias sobre passeios pela costa que ele fizera quando criança: máquinas caça-níqueis ao final do píer, pernas bronzeadas e redes de pesca esticadas com hastes de bambu.

— O que aconteceu com seus pais? — perguntei.

— Minha mãe morreu de câncer quando eu tinha quinze anos. Meu pai mora perto de Rachel. Ele está bem. Levando a vida. A última vez que o vi foi há alguns meses, rapidamente. Vou visitá-los mês que vem, tenho alguns dias de folga.

— Rachel é a sua irmã?

— É. Mais velha e muito mais inteligente. E quanto aos seus pais?

— Morreram em um acidente de carro. Eu estava na faculdade.

— Deve ter sido difícil. Lamento.

Assenti.

— Nenhum irmão? — perguntou ele.

— Não. Só eu.

Estávamos quase terminando de comer as batatas, restando apenas as mais durinhas no fundo da embalagem. Ignorando os avisos para não alimentar as gaivotas, Stuart esvaziou o conteúdo no chão e jogou o papel na lata de lixo.

— Estou a fim de fazer uma viagem — disse ele quando estávamos indo embora, subindo a montanha. — Vamos procurar alguns panfletos de agências.

Sexta-feira, 27 de fevereiro de 2004

ELE ME LEVOU IMEDIATAMENTE PARA CASA , o que foi bom e ruim ao mesmo tempo. Eu já não sabia mais o que queria.

Não nos falamos durante todo o trajeto no táxi, embora ele estivesse segurando minha mão, com afeto mas também com firmeza. Fiquei virada para a janela, olhando para fora sem prestar muita atenção ao que via, enquanto as gotas de chuva escorriam pelo vidro, brilhando feito joias alaranjadas sob o efeito dos postes de luz.

Ele pegou as chaves e abriu a porta para mim, me deixando entrar primeiro. Não sentei, e ele tampouco. Vi de relance a expressão em seu rosto, e, para minha surpresa, ele me pareceu tão devastado que não consegui olhar para ele de novo.

— Acho que a gente devia dar um tempo — falei.

Assim que essas palavras saíram da minha boca, senti um grande alívio.

— O quê?

— Eu disse que...

— Eu ouvi. Só não sei se consigo acreditar. Por quê?

— É que... Eu só preciso de um pouco de espaço. Quero sair mais com as minhas amigas. Quero mais tempo para mim mesma. Para pensar.

Então me sentei, bem na beirada do sofá, os joelhos colados um no outro. Eu podia sentir a tensão no ar, subindo como a maré.

— O meu trabalho já lhe dá bastante tempo para você mesma.

— Eu sei. E isso é bom. Mas não gosto de voltar para casa e descobrir que você entrou aqui enquanto eu estava fora. Quero que me devolva as chaves.

— Você não confia em mim?

— Eu gosto de ter o meu próprio espaço, só isso. Gosto de saber onde estão as coisas.

— E o que isso tem a ver com a gente, porra?

— Você tem vindo aqui na minha ausência. Deixa recados. Como aquela foto debaixo do cobertor, por exemplo.

— Pensei que você fosse gostar. Você não se lembra de quando eu tirei aquela foto? O que estávamos fazendo? Eu me lembro. Lembro disso o tempo todo.

— Eu lembro que você disse que a tinha apagado. O que, obviamente, você não fez.

Ele não respondeu.

— Eu tenho andado assustada, Lee. Desde que arrombaram a casa. Não gosto que você entre aqui quando eu não estou. É como se a casa não fosse mais minha.

Ficamos em silêncio. Eu podia vê-lo com a minha visão periférica, em pé ao meu lado, perto da porta. Não movera um músculo sequer, nem tirara o casaco. Ele era como uma sombra sólida, um fantasma sombrio, um pesadelo.

— Você está é a fim de voltar a trepar com qualquer um, com todo mundo — disse ele, com extrema frieza. — É isso o que você quer.

— Não — respondi. — Só quero um pouco de espaço, nada mais. Não quero sair com ninguém além das minhas amigas. Eu só quero... pensar. Ter certeza do que eu quero.

Então, de forma brusca, ele deu um passo à frente e acho que devo ter me retraído ou parecido assustada, pois quando voltei a olhar para Lee, ele estava imóvel novamente. Sua expressão mostrava calma, serenidade, mas seus olhos estavam cheios de ódio. Sem dizer mais nada, ele deu um passo para trás e saiu. Depois ouvi a porta do prédio sendo aberta e fechada novamente com um leve estalo.

Ele se fora.

Fiquei sentada por um momento, imóvel, esperando algo acontecer. Não sei o quê. Talvez imaginasse que ele fosse voltar. Talvez voltasse para me bater, ou atirar alguma coisa em mim, ou gritar e me insultar.

Depois de um tempo me levantei e subi para trocar de roupa, tirando aquele vestido preto ridículo com aquelas lantejoulas ridículas, já decidida a nunca mais voltar a usá-lo, a fazê-lo

desaparecer na primeira oportunidade que pedissem doações de roupas para caridade, por mais caro que tivesse custado. O vermelho também. Queria me livrar de ambos.

Somente horas depois, quando eu estava deitada na cama, ainda plenamente desperta, me perguntando que diabo havia acontecido, e como, foi que me dei conta de que ele não havia me devolvido minha chave.

Segunda-feira, 14 de janeiro de 2008

CAROLINE E EU ESTÁVAMOS A CAMINHO de Windsor para uma reunião com a direção geral. Ela falaria sobre orçamentos, e eu estava lá para apresentar os planos de recrutamento para o novo depósito que seria aberto em janeiro. Caroline estava dirigindo e falando sobre o trabalho, enquanto seguíamos pela rodovia M4. Eu estava exausta e minha garganta doía.

Sair do escritório nunca me faz bem. É um transtorno para minha rotina. Eu já estava planejando as verificações que faria ao voltar para casa, dizendo a mim mesma que precisava fazer tudo direitinho, para não passar a noite toda no processo, ainda mais considerando que Stuart escutaria o barulho lá de cima.

— Você parece esgotada, querida — disse ela.

— Pareço?

— Dormiu tarde, foi?

— Na verdade não. Acho que estou ficando gripada.

Voltei a olhar pela janela do carro. Se ao menos eu conseguisse dormir, só por alguns minutos, eu me sentiria melhor.

— Como vão as coisas com aquele homem simpático do andar de cima?

— Bom, ele não parou de falar comigo, ao que parece. Fomos passear outro dia.

— Hum, promissor.

— Foi ótimo.

— Você não parece muito empolgada.

— Somos apenas amigos, Caroline — respondi.

— Sei. E eu sou o Papai Noel.

Eu ri, apesar do estado de espírito em que me encontrava.

— Ele não está interessado em nada além disso, pode acreditar.

— Vocês dois podiam parar com essa enrolação e ir logo ao que interessa.

— Olhe — repliquei—, não vai acontecer nada. Se fosse para acontecer, já teria acontecido. Eu até gosto dele, pelo menos acho que gosto. Mas prefiro ficar sozinha.

— Você não se sente solitária às vezes?

— Não.

— Pois eu sim. Desde que Ian me deixou. É terrível, na verdade. Eu tento segurar a barra por causa das crianças, mas, sabe, quando chega o fim de semana e elas ficam com o pai, a casa me parece muito deserta. Estava pensando em entrar para um clube ou algo parecido. O que acha?

— Você quer dizer um clube para solteiros? Uma agência de encontros?

Suas bochechas coraram.

— Bem, por que não? Não é fácil achar um cara bacana, não é mesmo? Eu pensei que talvez... bem...

— Talvez o quê?

— Talvez você quisesse ir comigo.

Olhei para o perfil de Caroline enquanto ela continuava atenta ao trânsito, os dedos segurando com força o volante. Pensei em algo para dizer.

— Chegamos — anunciou ela, entrando no estacionamento. — Pronta para enfrentar os leões?

Sexta-feira, 12 de março de 2004

Nos PRIMEIROS DIAS, ME SENTI ESTRANHAMENTE vazia, oca, como se eu tivesse feito algo grandioso e ainda não houvesse absorvido minha façanha. Ao mesmo tempo, sentia medo. Passei a trancar a porta da frente, dando duas voltas na chave, toda noite, assim que chegava. Ao entrar, procurava indícios da presença dele lá dentro, mas não havia nada fora do lugar. Pelo menos nada que eu percebesse.

Pensei que tudo havia sido bem fácil — que talvez ele houvesse entendido, quem sabe não tivesse agido tão mal assim, e me peguei pensando que talvez eu tivesse cometido um erro; ele era ótimo na cama, capaz de tornar o sexo diferente, excitante, a cada vez que fazíamos. Considerei a possibilidade de enviar uma mensagem, pedindo-lhe para voltar, mas acabei guardando o telefone na bolsa, escondendo-o de vista, e o deixei lá dentro.

Depois daquela noite, fiquei duas semanas sem vê-lo. Eu chorava à noite, sentindo saudade dele de um jeito bem estranho. O problema era comigo, eu concluía, com aquela fobia de compromissos; não espantava que tivesse sido difícil para ele ficar comigo. Não espantava que ele tivesse ido embora sem olhar para trás. Enviei-lhe algumas mensagens que ficaram sem resposta. Quando ligava para seu celular, caía direto na caixa postal.

Duas semanas depois que terminamos, recebi um telefonema de Claire.

Eu estava no trabalho, concluindo uma apresentação que precisava ficar pronta aquela tarde, quando de repente Claire me ligou. Achei sua voz esquisita, tensa. Ela perguntou como eu estava.

— Estou bem, querida. E você?

— Eu só acho que você cometeu um engano terrível, só isso.

Eu a ouvi chorando, ou quase, embora ela se esforçasse para conter as lágrimas.

— Um engano? Do que você está falando?

— Com Lee. Ele me contou que você terminou com ele. Não acreditei. Que motivos você tinha para fazer isso?

Eu estava a ponto de responder, mas ela não me deu tempo de pronunciar nem uma só palavra.

— Ele me contou que ia levá-la para viajar. Disse que estava tão ansioso, que você tinha mudado a vida dele, que o fazia feliz como ele achava que nunca mais poderia ser. Você sabe o que aconteceu com a última namorada dele, Catherine? Ele lhe contou sobre Naomi? Sabia que ela se matou? Deixou um bilhete pedindo que Lee fosse vê-la para ter certeza de que seria ele a encontrar o seu corpo. Ele nunca superou isso. Disse que ainda tem pesadelos. E aí ele contou que você terminou tudo porque estava a fim de voltar a sair e ver os seus amigos... Como pôde fazer uma coisa dessas, Catherine, como pôde fazer isso com ele?

— Espere, Claire. Não foi bem assim...

— Você tem ideia? — prosseguiu Claire, e agora ela estava chorando, soluçando entre as palavras, lutando para pronunciá-las; eu podia imaginá-la perfeitamente, seu rosto lindo maculado de raiva, grossas lágrimas escorrendo incontrolavelmente pelas suas faces. — Você faz *ideia* de como isso é injusto? Eu daria tudo para ter um homem como Lee. Daria qualquer coisa, qualquer coisa no mundo, para ter alguém tão dedicado a mim quanto ele é a você. Ele *ama* você, Catherine, mais do que qualquer coisa. Você tem tudo, porra, simplesmente tudo, e está jogando fora e... e partindo o coração dele. Não posso suportar isso.

— Não é bem assim, não mesmo — consegui dizer.

Ela enfim tinha dito tudo que queria, e agora só conseguia soluçar e fungar sem parar. Pelo menos não desligara.

— Você não sabe como é estar com ele. Ele me segue o tempo todo. Entra na minha casa quando não estou...

— Você deu a *chave* a ele, Catherine. Por que foi dar a porra da chave se só queria que ele entrasse quando você já estivesse em casa?

Não havia uma resposta para essa pergunta. Até eu percebia que o problema não parecia tão grave quando colocado dessa maneira.

— Sabe o que torna tudo ainda pior? Mesmo depois do que você fez com ele, mesmo depois de partir o coração do cara, ele ainda está completamente apaixonado por você. Ele me contou tudo o que você disse a ele e logo depois me pediu para perguntar, caso a gente se encontrasse, se você não quer encontrá-lo no River. Ele voltou a trabalhar lá. E disse que queria vê-la, saber se você estava bem. Que não iria à sua casa porque você não queria. E aí, você vai?

Respondi que pensaria no assunto.

Com certeza era mais ou menos isso o que ela queria, pois logo em seguida desligou, mas não sem antes completar com um último desaforo:

— Ainda não consigo acreditar que você fez isso. Espero que esteja orgulhosa de si mesma.

Depois desse telefonema, comecei a chorar, fechando a porta do escritório e pedindo a Deus que

ninguém entrasse. Claire nunca falara comigo daquele jeito. Era uma grande companheira, alguém que entendia que as amigas sempre vinham antes dos namorados, que qualquer coisa que um cara dissesse provavelmente não era confiável, sobretudo quando o cara estava falando mal de uma amiga.

Passei o resto do dia me sentindo um lixo. Terminei minha apresentação o mais rápido possível e fui entregá-la sem o menor ânimo. As palavras de Claire giravam sem parar na minha cabeça. Eu devia ter agido realmente mal, para ela falar comigo daquela maneira. Pensei no que ela dissera, que ele estava infeliz sem mim, o quanto me amava. Pensei na última namorada dele, Naomi: ele nunca mais a tinha mencionado desde que suspirara seu nome no meio da noite, e por que tinha falado sobre ela com Claire, e não comigo? Por fim, pensei que ele realmente devia ter sofrido muito, mas que tinha voltado a ser *feliz*. Eu o fizera feliz.

Saí do trabalho assim que a apresentação chegou ao fim, alegando dor de cabeça — o que era verdade. Fui para casa e chorei mais um pouco, pensando em Claire e em como poderia perder uma amiga das mais queridas e antigas. Mais tarde, depois de passar horas deitada na cama pensando nisso tudo, troquei o

pijama pelo vestido vermelho. Já não me caía tão bem quanto da última vez que eu o usara, estava folgado na cintura e no busto, como se uma pessoa mais gorda o tivesse esticado sem que eu notasse. Mas mesmo assim o vesti. Passei um pouco de maquiagem no rosto e fui ao River procurá-lo.

O que eu queria de verdade, apesar de tudo, era repetir a performance da noite em que ele me comeu no escritório do River. Queria que ele me olhasse como se eu fosse a criatura mais perfeita que já vira, queria que me pegasse pela mão e me puxasse pelo corredor até aquela sala, como se não conseguisse esperar nem mais um segundo para estar dentro de mim.

Ele estava conversando e rindo com Terry, o supervisor da portaria, quando passei pela fila em direção à entrada VIP. Senti meu coração se apertar ao vê-lo, o cabelo louro e curto, bem rente à cabeça, ainda improvavelmente bronzeado apesar do frio e da chuva; aquele terno preto bem-cortado, definindo os músculos e as linhas de seu corpo em forma.

— Oi — falei.

— Catherine. O que está fazendo aqui?

Ele tentava aparentar frieza, mas eu podia ver a reação em seus olhos.

— Achei que você poderia me deixar entrar para eu encontrar as minhas amigas — respondi, com um sorriso e uma piscadela quase imperceptível.

Terry apareceu.

— Lamento, meu anjo. Está lotado. Você vai ter que esperar na fila, como todo mundo.

Mofar na fila em meio àquele mundo de gente não era bem o que eu pretendia.

— Tudo bem — falei. — Vou para outro lugar, então.

Lancei outro olhar demorado para Lee e segui na direção do centro da cidade.

Na verdade, peguei o primeiro táxi que passou e fui direto para casa. Como eu já adivinhava, lá pelas três da madrugada ouvi baterem à porta.

— Por que não usou sua chave? — perguntei ao abrir a porta.

Não tive tempo de perguntar mais nada, e ele também não iria responder.

Segurando meus braços, ele me empurrou para trás até a sala, sem se dar o trabalho de acender a luz ou fechar a porta. Sua respiração estava ofegante, e senti seu rosto úmido ao tocá-lo. Eu o beijei, lambendo suas lágrimas. Ele soltou um soluço grave e devorou minha boca, me beijando com tanta intensidade que senti gosto de sangue. Com um grunhido, ele me jogou com força no sofá, e antes que eu pudesse dizer algo ele já tinha aberto meu pijama com um puxão e desabotoado a calça de seu terno com tanta pressa e afobamento que ouvi o botão pulando. Só tive tempo para pensar: isso vai doer, e logo ele estava me comendo. Quando ele me penetrou, eu gritei.

Se eu disse não? Não dessa vez. Se ele me estuprou? Não exatamente, não dessa vez. Afinal de contas, eu abri a porta para ele. Mais cedo eu fora à boate com a intenção de fazê-lo me comer. Era o que ele estava fazendo agora, e achei que não tinha o menor direito de me queixar.

Mas machucou. Ficou um corte na parte interna do lábio, de quando sua boca invadira a minha; no dia seguinte eu me sentia tão dolorida que mal conseguia andar. Mas ele estava de volta, pelo menos por algumas horas; quando acordei, de manhã, ele já havia ido embora.

Quarta-feira, 23 de janeiro de 2008

É HORA DE RECUPERAR O FOCO.

Fiz minha avaliação médica hoje, e com isso senti ter virado uma nova página.

O Centro Comunitário de Saúde Mental fica em uma rua ao lado da Willow Road. Um prédio que pela fachada parece igual a qualquer outro, não muito diferente do meu: janelas salientes e majestosas e uma porta precisando de um retoque na pintura. Na coluna do portão, havia uma placa de bronze com o nome do lugar, e nas janelas da frente vários cartazes informando sobre tudo, desde Programas Antitabagistas até Grupos de Autoajuda para Depressão Pós-Parto.

Estava chovendo, o que fazia o lugar parecer bem mais sombrio do que deveria ser em dias de sol. As janelas pareciam chorar.

Abri a porta, e logo na entrada estava o balcão da recepção e uma escada para o andar de cima. Atrás do balcão, a antiga sala principal do imóvel estava apinhada de mesas e mulheres folheando papéis, passando-os de uma bandeja para outra, conversando e bebendo de suas canecas. As paredes eram cobertas de cartazes. Alguém que chegasse ali em busca de alguma informação específica teria grande dificuldade de encontrá-la.

— Tenho hora marcada para uma avaliação — falei para a mulher ao balcão.

— É no segundo andar. Sotaque diferente, o seu, hein? De onde você é?

Ela devia ter quase cinquenta anos; seu cabelo grisalho e comprido estava penteado para trás em uma longa trança, com alguns punhados de fios soltos que formavam uma espécie de nuvem ao redor do seu rosto.

— Do norte — respondi.

Qualquer pessoa em Londres aceitava essa resposta sem questionar, como se o norte fosse uma massa disforme que

começava em algum lugar depois das autoestradas.

Essa mulher viria a se tornar uma exceção.

— Você é de Lancaster — disse ela, felizmente sem esperar minha confirmação. — Eu morei lá durante vinte anos, antes de vir para cá. Aqui pagam melhor, mas as pessoas não são tão simpáticas.

Olhei para a sala cheia de gente atrás dela e vi seis ou sete senhoras escutando cada palavra com expressão de censura.

Subi a escada. Lá em cima havia um pedaço de papel dobrado na ponta, colado à parede, com as palavras “CCSM: à esquerda” escritas com marcador preto. Seguindo por um curto corredor à esquerda, deparei com outra recepção, esta recém-pintada em tons reconfortantes de bege e violeta. Não havia ninguém ao balcão, então me sentei em uma cadeira confortável para esperar. Eu tinha chegado antes da hora marcada.

Uma mulher surgiu por uma porta à direita. Vestia uma blusa larga e calça jeans, o cabelo amarrado em uma maria-chiquinha. Ela usava uma argolinha no lábio e tinha um lindo sorriso, cheio de dentes perfeitamente alinhados e brancos.

— Oi — disse ela. — Você deve ser Cathy Bailey, não?

— Isso.

— Ele já vai atendê-la. Meu nome é Deb, sou enfermeira do setor de psiquiatria — disse a mulher, ainda sorrindo. — Você trouxe o questionário?

— Hã... sim — respondi, vasculhando minha bolsa.

Deb pegou os papéis.

— Isso adianta as coisas, sabe?

Fiquei esperando. Da parte do corredor que eu não conseguia ver, veio o barulho de uma porta se

abrindo e de passos cada vez mais próximos, até surgir um homem que perguntou:

— Cathy Bailey?

Levantei-me e o acompanhei. Eu só pensava em Stuart. Enquanto o psiquiatra me fazia perguntas, eu pensava nele o tempo todo. O médico se chamava Lionel Parry. Tinha a aparência de um texugo maltosquiado, uma barba cinza e preta se metamorfoseando

imperceptivelmente em cabelos pretos e cinzas nas laterais da cabeça e brotando copiosamente de suas orelhas. Quando ele me perguntou quanto tempo eu levava verificando a porta, quanto tempo verificando as janelas, as gavetas e tudo mais, cogitei mentir. Parece tão idiota essa história ridícula de verificar as portas. Sei que não faz sentido. Mas não consigo evitar.

Então eu disse a verdade. Algumas vezes leva horas. Às vezes chego muito atrasada ao trabalho, por causa disso, e tenho que ficar até depois da hora para compensar. Vida social? Não me faça rir. Para minha sorte, eu nem tenho vontade de sair mesmo.

Em seguida ele me perguntou sobre Lee. Conteí sobre os flashbacks que surgem na minha mente, pensamentos repentinos, como lampejos de memória, de coisas que ele fez. Coisas que eu tento esquecer. E todo o restante. Os pesadelos, os ataques de pânico, continuar acordada às quatro da madrugada, assustada demais para voltar a dormir. As coisas que eu tentava evitar: eventos sociais, lugares movimentados, a polícia, roupas vermelhas.

Ele ouvia e anotava tudo, olhando para mim de vez em quando.

Eu tremia.

Não estava chorando, ainda não; falar sobre aquilo só fazia com que eu me sentisse perturbada.

— Tenho praticado exercícios de respiração — falei afobadamente. — Para tentar controlar o pânico. Às vezes funciona.

— Isso é ótimo. Então já sabe que é você quem manda. Se você consegue controlar o pânico às vezes, então só precisa de prática e de algumas outras técnicas para conseguir mantê-lo sob controle o tempo todo. Você já deu o primeiro passo, está se saindo muito bem.

— Obrigada. Foi Stuart, na verdade, não eu.

— Stuart?

— Um amigo. Ele é psicólogo.

— Ele pode ter lhe mostrado o caminho, mas foi você quem fez a escolha de tentar controlar o pânico. Ninguém mais poderia fazer isso, só você mesma.

— É, acho que sim.

— E não se esqueça, se você já fez isso antes, significa que pode repetir outras vezes. E que pode exercer um controle também sobre esses seus rituais de verificações. Não será algo imediato, vai levar certo tempo, mas você vai conseguir.

— E então, qual o próximo passo?

— Vou recomendar uma terapia cognitivo-comportamental. Além disso, acho que você pode experimentar alguma medicação para ajudar nos ataques de pânico. Mas é preciso algum tempo para fazer efeito, portanto não se preocupe se não perceber algum resultado imediatamente. Leva algumas semanas.

— Eu já tomei remédio antes. Prefiro ficar longe deles se for possível.

— Eu dei uma olhada nas respostas do seu questionário, e os remédios que você tomou no hospital eram diferentes. Estes agora não vão deixá-la letárgica ou entorpecida. Eu gostaria que você os experimentasse porque sua avaliação indica que pode haver alguns elementos de transtorno de estresse pós-traumático, ou TEPT, assim como um transtorno obsessivo-compulsivo.

— Stuart disse que seria ótimo se eu pudesse ser encaminhada ao Dr. Alistair Hodge.

— Justamente o que eu ia sugerir. Ele tem consultório aqui e no Maudsley. Você vai receber uma notificação por correio e depois é só telefonar para a secretária dele. Acho que vai conseguir marcar uma consulta em breve, espero. Enquanto isso, vou pedir a Deb que lhe dê o número do atendimento de emergência, para o caso de você vir a precisar. Mas duvido que venha a ser necessário.

— Quanto tempo o senhor acha que vai levar? Para eu melhorar?

Ele deu de ombros.

— Difícil de estimar. As pessoas são diferentes. Mas você deverá notar algumas mudanças positivas em poucas sessões. Tem que estar disposta a fazer um esforço. É como uma porção de coisas na vida: quanto mais você se dedicar, melhores resultados terá.

Quando finalmente saí de lá, estava escuro. A chuva enfim cessara. O trânsito estava totalmente parado, provavelmente algum acidente na Circular Norte engarrafando tudo. Havia vários ônibus passando, mas demorariam a chegar a qualquer lugar.

Eu sentia que tinha acabado de dar um passo decisivo, mas como se não fosse possível voltar atrás de forma alguma. Era isso o que mais me assustava, depois dos hospitais, por causa de todo o período em que eu ficara sem controle sobre minha própria vida, completamente entregue às mãos de desconhecidos nos quais eu não confiava e dos quais não gostava, obedecendo a seus horários e a suas instruções, a que horas deveria comer e a que horas dormir ou ir ao banheiro.

Quando recebi alta da minha segunda internação no hospital, eu pensei que preferiria morrer a voltar para aquele lugar. Então fui embora de Lancaster, com um sorriso enorme e insípido e promessas vazias de procurar uma clínica de saúde mental em Londres o mais rápido possível. Afastei-me dos médicos, enfermeiras, serviços sociais e daquele sistema aterrador que não fazia sentido algum para mim. Aquilo tudo já tinha cumprido seu propósito. Tinha me colocado de pé e conseguido ver, de repente, que na verdade eu não havia morrido, ainda estava bem viva, e que era melhor me recompor e seguir em frente. Não foi a primeira vez que pensei que teria sido mais agradável se eu *tivesse* morrido, em vez de ter que enfrentar aquele processo de recuperação. Mas quando deixei Lancaster percebi que, se alguém ia controlar a minha vida, esse alguém tinha que ser eu. Não havia alternativa. Então assumi o controle, passei a monitorar cada minuto do meu dia, cronometrando as coisas obsessivamente, contando meus passos, planejando horários para tomar chá; aquilo me deu um propósito, me deu um motivo para colocar um pé à frente do outro a cada dia, por mais podre, sombria e solitária que eu me sentisse.

Não quero abrir mão disso. Ainda que por pouco tempo, é o que me dá a sensação de estar segura.

Terça-feira, 16 de março de 2004

LEVEI UM SUSTO COM MEU CELULAR tocando. Eu tinha ficado um bom tempo sentada esperando alguma coisa, esperando que ele voltasse, que me ligasse, sonhando com isso e ao mesmo tempo temendo que acontecesse. Mas no visor não apareceu o nome de Lee, e sim *Sylvia Cel.*

— Sylvia? — atendi, tentando parecer o mais alegre possível.
— E aí, tudo bem?

— Tudo bem, querida. E você, como está?

— Tudo bem. Como vai a vida aí em Londres?

— Foi realmente uma pergunta, como você está?

Por um momento não consegui responder, apertei o aparelho com força e fiquei olhando para um ponto fixo na parede, tentando me concentrar ao máximo para não desabar.

— Tudo bem — repeti.

— Louise me contou que você anda um pouco estranha. Ela está preocupada com você.

— Estranha? Como assim? Não ando nada estranha.

Sua voz estava curiosamente calma, e extremamente relaxada em se tratando de Sylvia.

— É só isso, ora, ela está preocupada. Disse que você tinha umas marcas nos braços. Que vocês saíram juntas mês passado mas você foi embora em menos de meia hora. E Claire falou que Lee chorou no ombro dela outro dia, que vocês tiveram uma briga, sei lá.

Como eu fiquei calada, ela insistiu:

— Catherine? Alô?

— Estou aqui.

— Quer que eu dê uma passada aí, querida? Posso ir no fim de semana, ficar um dia com você, talvez.

— Não, não. Sério. Eu estou bem. É só que... as coisas não estão muito bem com Lee.

— O que está acontecendo?

— Ele... Ele... Sylvia, é que ele às vezes me dá medo. Ele me intimida um pouco. Não gosto disso.

Houve uma longa pausa. Eu tinha conseguido. Admitira que meu relacionamento perfeito com o homem perfeito não era tão perfeito quanto todas elas pensavam. E agora tudo ficaria bem, porque Sylvia sabia, e ela diria justamente as palavras certas para fazer tudo melhorar, a melhor amiga do mundo. Eu sabia que ela falaria algo solidário, que me diria para dispensá-lo, sair daquele relacionamento, mandá-lo à merda, usando exatamente essas palavras, e deixá-lo no passado, sem nunca olhar para trás. Nunca.

Quando ela voltou a falar, fiquei tão chocada que, por alguns instantes, esqueci de respirar.

— Catherine, talvez você devesse procurar ajuda.

— O quê?

— Você está passando por um momento difícil, muito estresse no trabalho, muita pressão, não é mesmo?

Não respondi. Não conseguia acreditar no que estava ouvindo.

— Sei que Louise está preocupada com você — continuou ela.

— Todas nós estamos. E Lee também. Acho que você deveria procurar um médico, falar sobre isso. Ou então com alguém no trabalho, talvez?

— Espere um pouco — eu a interrompi. — Lee está preocupado comigo?

Ela hesitou.

— Querida, ele a ama. Ele acha que é só uma questão de saudade, por eu ter ido embora, mas eu sei que é mais do que isso. Ele diz que você anda se machucando. Por favor, não fique zangada, amiga, não quero aborrecê-la quando estou tão longe e não posso fazer nada para ajudar...

Escutei minha voz aumentar de volume, alcançando uma nota aguda de histeria:

— Sylvia! Ele está me aterrorizando, porra! Ele me diz como devo me vestir. Quando posso sair. Por mais que vocês tentem maquiagem essas coisas, não é um relacionamento normal!

Ela ficou em silêncio.

— Não sei o que foi que ele contou para vocês, mas é mentira, entendeu?

— Não fique irritada, Catherine, por favor, eu...

— Não fique irritada? — repeti. — O que você quer que eu diga, cacete? E desde quando você e Lee ficam se falando por telefone?

— Ele falou com Louise, ela disse a ele que estava preocupada com você. Louise me ligou ontem à noite, e depois ele me ligou também. Só estamos preocupados com você, Cathy. Você está se comportando de um jeito muito estranho, e só queremos que você volte ao normal...

— Não acredito que estou ouvindo isso. Isso não pode estar acontecendo.

— Ouça, querida, Lee disse que tem feito o possível para que você fique bem, mas eu continuo achando que seria melhor se você falasse com alguém. Catherine, me escute. Quero que você procure ajuda. Se quiser posso conseguir os contatos para você.

Afastei o telefone do ouvido e encarei o aparelho por um instante, em um misto de horror e fascinação, depois encerrei a ligação e o lancei com toda a força na parede. Ele se partiu em pelo menos três pedaços, a parte principal atingindo o carpete com um som débil e estranho, como um animal ganindo.

Coloquei a mão na boca para me impedir... de quê? De gritar? Não sobrara mais ninguém. Ninguém. Agora era somente ele e eu.

Quarta-feira, 23 de janeiro de 2008

O ÔNIBUS SE ARRASTAVA PELO TRÂNSITO de fim de tarde. Estava escuro, mas a cidade cintilava: as vitrines das lojas, as luzes nos postes, os faróis dos veículos, tudo brilhava, refletindo as ruas molhadas pela chuva. Dentro do ônibus estava quente e úmido, os vidros embaçados, o ar cheio do odor de centenas de pessoas e dos estofados imundos.

Não gosto de falar ao telefone no ônibus, mas estava desesperada para contar para ele. Mantive o tom de voz baixo.

— Oi, sou eu.

Sua voz soava muito, muito longe.

— Como foi?

— Foi bom. Quer dizer, foi difícil também. Mas eu consegui. Ele vai me recomendar a Alistair. E me receitou um remédio.

— Qual?

— Não sei, a receita está na minha bolsa. Ele disse que era um tal de IS alguma coisa.

— ISRS. Inibidor Seletivo de Recaptação de Serotonina.

— Isso. Ele acha que eu tive um transtorno de estresse pós-traumático, além do TOC.

— Que bom.

— Bom?

— Quer dizer, que bom que ele acha isso. Eu também achei que fosse. Mas não sou eu quem deve avaliar sua condição.

— Verdade. Como vai o trabalho?

— Vai bem, eu acho. De qualquer maneira, já acabei por hoje.

Um homem do outro lado do corredor do ônibus me olhava fixamente. Não se parecia nem remotamente com Lee, mas ainda assim conseguiu me deixar nervosa. Era jovem, com cabelo liso e mal-aparado na região em torno das orelhas, cicatrizes no nariz e na boca. Seus olhos fundos e de pálpebras escuras estavam pregados em mim.

Na parada seguinte, mais algumas pessoas saltaram e eu pensei em descer do ônibus e percorrer o restante do caminho a pé. Mas o homem do outro lado do corredor se levantou também e eu achei que fosse saltar, então fiquei onde estava. Em vez de descer, porém, ele ficou de pé no corredor até o ônibus voltar a andar, e então sentou-se à minha frente.

Ele exalava um cheiro de mofo, como se usasse roupas molhadas esquecidas dentro da máquina de lavar por dois dias. Havia manchas na sua nuca e a cada dois segundos ele fungava — não desobstruindo o nariz, mas como se estivesse farejando o ar.

No ponto seguinte, saltei do ônibus. Pensei que o homem fosse me seguir, mas ele continuou sentado. Fiquei parada ali no ponto, sob a chuva, vendo o ônibus se afastar e pude vê-lo pela janela, seu olhar ainda fixo em mim.

Sexta-feira, 19 de março de 2004

A CAMINHO DE CASA, PAREI NA agência dos correios do centro da cidade e peguei um formulário para tirar passaporte. Aproveitei para dar uma olhada nas lojas enquanto estava por lá, procurando roupas mas sem experimentá-las. Simplesmente não estava a fim de voltar para casa, ainda não. Lee estava trabalhando naquele dia e eu não recebera uma mensagem de texto nem um telefonema dele desde a véspera.

Quando abri a porta, imediatamente tive aquela impressão de que havia algo errado. Não era uma corrente de ar, um cheiro, ou qualquer coisa tangível. Meu carro estava na entrada e não havia sinal do de Lee ou de algum outro por perto. Eu simplesmente sabia que alguém tinha entrado ali na minha ausência.

Fiquei parada sobre o tapete da entrada um instante, a porta ainda aberta, me perguntando se deveria entrar ou voltar para o carro e sair dali. O corredor estava vazio, eu podia vê-lo por completo até a cozinha — tudo estava conforme eu deixara.

Não seja boba, eu disse a mim mesma. Ninguém esteve aqui, é só sua imaginação fértil, por causa do arrombamento.

Deixei a chave e a bolsa na cozinha e segui até a sala de estar. Chegando lá, parei de súbito. Lee estava sentado no sofá, vendo TV sem som.

Soltei uma exclamação de choque.

— Meu Deus, você quase me mata de susto!

Ele se levantou e veio na minha direção.

— Que porra é essa? Onde você andou?

— Estava na cidade — respondi. — Fui ao correio. E não fale assim comigo, não interessa aonde eu fui.

— Passou duas horas na porra do correio?

Ele estava a centímetros de mim. Eu podia sentir o calor do seu corpo, que emanava do mesmo modo a intensidade da sua ira. Suas mãos pareciam relaxadas ao lado do corpo, a voz equilibrada.

Assim mesmo, eu fiquei com medo.

— Se você continuar falando comigo desse jeito, vou sair de novo — falei, dando-lhe as costas.

Senti seus dedos agarrarem meu braço, e ele me puxou com tanta força que meus pés saíram do chão.

— Não me deixe aqui falando sozinho — disse ele, bem perto do meu rosto, seu hálito soprando quente na minha face.

— Sinto muito — murmurei.

Ele me soltou, e eu caí batendo na parede. No instante em que ele se afastou de mim, disparei até a porta da frente. Minhas chaves estavam na cozinha, mas não importava — eu precisava sair dali, sair correndo.

Mas não consegui. Ele foi o primeiro a alcançar a porta, e, antes que eu fizesse alguma ideia do que estava acontecendo, um golpe atingiu meu rosto, no canto do olho.

Caí no chão, ao lado da escada. Ele me olhava do alto. Eu estava tão chocada que não conseguia recuperar o fôlego, apenas soluçava, tocando o rosto para ver se estava sangrando. Então ele se agachou ao meu lado e eu me encolhi, tentando recuar, achando que iria me bater de novo.

— Catherine — disse ele, mantendo a voz baixa e uma calma estarrecedora. — Não me obrigue a fazer isso de novo, entendeu? É só voltar para casa na hora, ou me avisar aonde vai. Simples assim. É para o seu próprio bem. Existem pessoas muito perigosas lá fora. Eu sou o único que toma conta de você, e você sabe disso, não é? Então não dificulte as coisas para si mesma e faça o que eu digo.

Havíamos chegado a um ponto crítico. Era como se a minha tentativa de negar a realidade não pudesse mais se sustentar; eu agora sabia do que ele era capaz, o que poderia fazer e o que esperava de mim. Era como se uma porta tivesse sido batida com força na cara da antiga, ingênua e despreocupada Catherine. O que sobrou fui eu: aquela que sentia medo o tempo todo, que olhava para trás por achar que estava sendo seguida, aquela que sabia que, fosse lá o que o futuro lhe reservava, dificilmente seria algo bom.

Horas depois, quando finalmente tomei coragem para me olhar no espelho, vi que praticamente não havia marca em meu rosto. Embora na hora eu houvesse tido a impressão de que ele partira meu osso malar. Minha cabeça doía, mas na superfície, na pele, havia apenas um inchaço praticamente imperceptível e uma pequena marca vermelha. Como se ele nunca tivesse me agredido.

Quinta-feira, 31 de janeiro de 2008

SALTEI DO ÔNIBUS EM DENMARK HILL. Do outro lado da rua via-se o Hospital King's College, profusamente iluminado, e uma ambulância seguindo para o setor de emergência pela lateral do prédio, as luzes piscando e a sirene aos berros. Fiquei parada na faixa de pedestres, observando a ambulância, até me dar conta de que um carro havia parado para eu atravessar. Eu me dirigia ao Hospital Maudsley, um lindo prédio antigo logo do outro lado da rua, com pórticos imensos pintados em tons claros contrastando com os tijolinhos vermelhos.

Parei para observar o edifício por um momento, pensando que aquela fachada devia ser a mesma há cem anos, só com menos movimento, talvez. A última vez que eu tinha ido a um hospital antes disso foi quando entrei pelos fundos, dentro de uma ambulância, agachada e encolhida no canto. Eu prometera a mim mesma que nunca mais voltaria, nunca deixaria que me levassem daquele jeito novamente. Agora ali eu estava, diante de um hospital psiquiátrico, prestes a entrar pela portaria principal, como uma pessoa normal. Isso se eu conseguisse recobrar a coragem e sair do lugar.

— Procurando alguém?

Era Stuart. Ele vestia uma camisa clamando urgentemente por um ferro de passar, as mangas dobradas até os cotovelos, seu crachá preso no bolso do peito.

— Nossa, quer dizer que você ainda existe — comentei.

Na verdade fazia somente alguns dias que não nos víamos, por conta de várias alterações nos horários dele, e eu sempre ocupada no trabalho, mas pareciam anos.

— Vamos entrar? — perguntou ele depois de um instante.

Olhei para ele e, depois, para a entrada. Eu podia ver as pessoas lá dentro, andando de um lado para o outro.

— Não sei — falei.

— Podemos ir a outro lugar, se você quiser — respondeu ele, gentilmente—,mas não posso demorar.

Respirei fundo.

— Não, vamos entrar. Só não deixe que me impeçam de sair depois, ok?

Passamos pela entrada principal e seguimos por corredores sem fim, encontrando médicos, visitantes, representantes de laboratórios e assistentes hospitalares pelo caminho até, de repente, vemos um restaurante à esquerda.

— Eu só levo você a lugares bacanas — disse ele.

— Está ótimo aqui, não seja bobo.

Achamos uma mesa desocupada e ele foi buscar algo para nós. Observei-o na fila. As multidões sempre me deixam nervosa, mas ali tudo parecia pior. Era fácil identificar os funcionários do hospital, pois estavam nitidamente familiarizados com aquele ambiente; os outros, provavelmente visitando familiares, examinavam o quadro com o cardápio, em que praticamente todos os itens — exceto pela batata assada — estavam riscados, e debatiam sobre as poucas opções restantes, como alguns sanduíches ou um bolo envelhecido. Talvez algumas daquelas pessoas fossem pacientes.

Havia três pessoas atrás de Stuart na fila; um homem de costas para mim começava a me incomodar. Ele estava acompanhado, rindo e conversando com uma jovem, mas havia algo nele que me lembrava... a risada? Dava para ouvir de onde eu estava. Tentei me concentrar em Stuart, fixando meu olhar nele, mas o homem permanecia ali. Além do mais, ele era musculoso, tinha ombros largos. Comecei a me sentir um pouco enjoada.

Virei-me para a parede, me concentrando na sua tinta muito branca, tentando pensar em outras

coisas. Contando até seis. Está tudo bem. Não é ele.

— Queijo com salada ou presunto?

Era Stuart, pousando a bandeja na minha frente. Levei um susto.

— Queijo com salada, por favor — respondi.

Ele então me passou o sanduíche e começou a desembulhar o seu.

— Vamos sair no fim de semana? — sugeriu ele. — O que acha? Pensei no sábado. Parece vai fazer tempo bom. Eu tenho um jogo no domingo, se meu ombro estiver melhor.

O homem que eu vira atrás de Stuart na fila passou então por nós. Era mais parecido com Lee que aquele no café de Brighton. Mas mesmo assim olhei para ele. Isso mesmo. Olhei para ele, forçando meu cérebro a distinguir as diferenças.

Stuart acompanhou meu olhar, viu o homem sentando-se a algumas mesas dali, com seus amigos e a moça com quem estava conversando antes. Eles ainda riam.

— Aquele é Rob — disse ele. — Joga rúgbi comigo.

— Ah.

Olhei para Stuart e vi que ele me fitava fixamente.

— Tudo bem?

— Sim.

— Tem certeza?

— Claro.

— Você parece um tanto... pálida.

Tentei rir.

— Eu *sou* pálida. Mas estou bem, de verdade.

— Quanto tempo você gastou com as verificações hoje de manhã?

Dei de ombros.

— Não prestei atenção. — Ele continuou me olhando. — Stuart, é sério, eu estou bem. Pare com isso.

— Desculpe.

Quando acabamos de comer, voltamos pelo longo corredor, na direção da entrada. No saguão ainda havia muita gente indo e vindo. Eu mal podia esperar para chegar logo à porta, só pensando em sair dali e, perversamente, no que fariam se eu de repente começasse a correr, mas logo estávamos lá fora, no frio, e eu podia enfim respirar ar fresco, a fumaça do trânsito, ouvir os ruídos

exteriores e me sentir livre novamente. Eu só fui me lembrar da presença dele ali ao meu lado quando ele segurou minha mão.

Voltei meu olhar em sua direção, surpresa.

— Sei que não é o momento nem o lugar — disse ele —, mas eu queria lhe confessar uma coisa.

Esperiei que continuasse, olhando para sua mão segurando a minha. E me dei conta de que ele estava nervoso.

— Você se lembra de quando eu a beijei? E que no dia seguinte eu falei que tinha sido só um beijo? Você se lembra?

— Sim.

Eu estava com muito medo de enfrentar seu olhar, então me voltei para a rua: vi o trânsito fluindo no sentido sul, três ônibus indo na direção oposta e até então nenhum que estivesse indo no sentido do rio, na direção da minha casa.

— Não foi apenas um beijo para mim. Eu disse aquilo porque... Não sei. Não sei por que eu disse aquilo. Foi uma estupidez. Não paro de pensar nisso desde então.

Foi então que eu a vi.

No segundo andar do ônibus de número 68, seguindo na direção de West Norwood. Chamou

minha atenção a boina de um cor-de-rosa vivo, posicionada de um jeito todo garboso sobre a cabeleira loura. Sendo levada para longe de mim, mas me encarando intensamente.

Era Sylvia.

Eu me virei de volta para ele.

— O que você disse?

Sábado, 20 de março de 2004

LEE TINHA O SÁBADO DE FOLGA, então fomos novamente para Morecambe. Eu não estava com vontade de ir, mas era melhor do que ficar em casa. Meu rosto ainda se encontrava sensível e doía quando eu tocava, mas não dava para perceber nada. Ele conseguira me bater com força, a ponto de fazer meus dentes rangerem, sem deixar uma única marca.

O dia estava quente, o sol brilhando em um céu azul sem nuvens. O lugar estava cheio, de forma que levamos um bom tempo até encontrar uma vaga para estacionar. Por fim, fomos caminhando de volta até a cidade pela esplanada. No meio do caminho ele segurou minha mão. Eu ainda me sentia nervosa perto dele.

— Quero pedir desculpas por aquele dia — disse Lee. Era a primeira vez que ele mencionava o assunto.

— Pelo quê? — perguntei.

— Você sabe.

— Quero que você diga.

Talvez eu não devesse falar de um jeito tão desafiador. Mas ali, andando ao lado de outras pessoas, famílias, crianças de bicicleta, eu me sentia mais segura do que em minha própria casa.

— Pela nossa discussão.

— Lee, você bateu em mim.

Ele pareceu genuinamente perplexo.

— Eu não bati em você.

Parei de andar e o encarei.

— Está brincando comigo? Você me deu um soco no rosto.

— Pensei que você tivesse caído — disse ele. — De qualquer maneira, peço desculpas.

Provavelmente eu não conseguiria nada melhor do que aquilo. Seguimos andando por mais um

tempo. O calor me permitia tirar o suéter. A maré estava baixa e o mar parecia bem distante. Eu mal podia vê-lo além da extensão

de areia.

— Lee, também sinto muito — falei.

Ele levou minha mão à boca para beijá-la.

— Você sabe que eu te amo — disse ele.

Apesar de tudo, a expressão em seus olhos e seu sorriso meio hesitante quase conseguiram me enganar. Outra vez.

— Isso não está dando certo, Lee. Você me dá medo. Não quero mais ficar com você. Essa história não está fazendo bem a nenhum de nós, não acha?

Uma sombra cruzou seu rosto, e não era raiva; decepção, talvez? Pensei que ele fosse soltar minha mão, mas em vez disso ele a apertou com mais força.

— Não — disse ele calmamente. — Não faça isso. Da última vez, você se arrependeu.

— Verdade, mas desde então aconteceram algumas coisas.

— Que coisas?

— Para começar, você me bateu. E falou com Claire sobre mim, e com Sylvia. Ela acha que estou ficando louca, Lee. Isso não é justo. Ela é minha melhor amiga e você a colocou contra mim.

— O quê? — Ele deu uma breve risada. — Foi isso que ela falou para você?

Eu me sentia prestes a cair em lágrimas. Mas não queria chorar, não ali. Eu me sentei em um dos bancos. Ele sentou-se ao meu lado, pegando minha mão outra vez.

— Ela contou para você como foi que eu consegui o número do telefone dela? Foi ela que me deu naquela noite no Spread Eagle. Ela chegou para mim no bar e pediu que eu comprasse uma bebida, uma hora em que você estava sei lá onde. Eu comprei, e ela então apertou minha bunda, colocando um pedaço de papel no bolso do meu casaco, e falou para eu telefonar se ficasse entediado.

— Não acredito em você.

— Foi assim — continuou ele tranquilamente—, e você acredita em mim, sim, pois sabe como ela é.

Esfreguei o rosto raivosamente com as costas da mão.

— Venha cá — disse ele com delicadeza, me abraçando. — Não chore. Está tudo bem.

Ele me abraçou afetosamente, envolvendo-me com ambos os braços, minha cabeça aninhada em seu ombro. Com os dedos ele afagava meu cabelo, afastando os fios do meu rosto.

— Você não precisa ter medo, Catherine. Não deveria. É esse meu trabalho maluco. Não sou muito bom quando se trata de demonstrar meus sentimentos, fico tenso e irritado, e esqueço com quem estou falando. Sinto muito se eu a assustei.

Afastei-me dele, de modo a poder olhar nos seus olhos.

— E se eu chamasse a polícia, Lee? E se eu contasse o que você fez?

— O mais provável é que eles mandasse alguém tomar o seu depoimento, em seguida iriam arquivá-lo e nada mais aconteceria.

— Sério?

— Ou isso, ou então pode haver um inquérito interno bem demorado e eu perderia meu emprego e meu salário. — Ele afagou meu rosto com um dedo, enxugando a última lágrima. — Tenho uma coisa para você. Quero que aceite, incondicionalmente.

Era um anel, dentro de uma caixinha de veludo preta. Um anel de platina com um enorme diamante brilhando ofuscantemente ao sol. Eu não queria tocar naquilo, mas ele o enfiou na minha mão.

— Sei que foi um começo turbulento para nós dois — disse Lee —, mas vai melhorar, eu prometo. Daqui a alguns meses vou pedir transferência, tentar começar a fazer algo menos estressante, algo que me permita ficar mais tempo em casa. Por favor, diga apenas que vai pensar. Catherine? Você vai pelo menos pensar na minha proposta?

Eu já tinha pensado. Tinha pensado em tudo que precisaria fazer para impedir que ele me batesse novamente: chegar em casa na hora; avisá-lo caso saísse sem ele; me vestir da maneira que ele quisesse; e fazer exatamente o que ele me mandasse fazer.

— Tudo bem — respondi. — Vou pensar.

Ele então me beijou, ali, ao sol, e eu não me opus.

Sempre achei que mulheres que continuavam levando adiante um relacionamento violento e abusivo só podiam ser umas idiotas. Afinal, em algum momento elas deveriam ter percebido que as coisas tinham saído errado e que, de repente, haviam passado a

sentir medo do parceiro — e, sem dúvida, era este o momento de terminar a relação. Deixá-lo sem pensar duas vezes, foi o que sempre pensei. Que motivo elas teriam para continuar? E eu já vira mulheres na televisão ou em revistas dizendo coisas como “Não é tão simples assim”, e eu sempre pensava, claro que é, é simples, *sim* — apenas vá embora, afaste-se dele.

Somando-se a esse momento de percepção, um momento pelo qual eu já passara, notei que se afastar não era uma alternativa simples, afinal de contas. Eu tentara, e fizera a besteira de aceitá-lo de volta. O fato de ainda amá-lo, amar aquela parte gentil e vulnerável dele que estava lá dentro em algum lugar, era somente parte do problema; havia também o medo aterrador de como ele poderia reagir caso eu fizesse algo que acabasse provocando-o.

Agora não era mais uma questão de me afastar. Agora era preciso sair correndo. Era preciso fugir.

Sábado, 2 de fevereiro de 2008

FAZIA SOL E QUASE CALOR, ENTÃO pegamos o metrô na direção do rio e caminhamos ao longo da margem até ficarmos tão cansados que não conseguíamos dar nem mais um passo. Sentamos em um banco em frente à galeria Tate Modern e tomamos chá em copos descartáveis. Parecia o primeiro dia da primavera.

— Quando fui encontrar você no hospital, na quinta-feira, pensei ter visto alguém que eu conhecia.

— Lee?

— Não. Outra pessoa. Sylvia.

Stuart se inclinou para a frente no banco, ainda olhando para mim.

— Quem é Sylvia?

Desde quinta-feira eu vinha pensando sobre isso; em contar a ele. Pensando em como explicar.

— Ela era a minha melhor amiga, antes de tudo acontecer. Veio morar em Londres porque conseguiu um emprego incrível.

— Você perdeu contato com ela?

Assenti.

— Para falar a verdade, foi mais do que isso. Ela não acreditou em mim. Quando as coisas começaram a dar errado com Lee, tentei contar para ela. Eu precisava de ajuda. Não sei por que ela não me ajudou. Acabou que nunca mais falei com ela.

Ele esperou que eu prosseguisse, pondo seu copo descartável no chão de pedra, sob o banco. O restinho de chá ainda fumegava, evoluindo em belíssimas ondas.

— Eu tenho pensado no que você disse — continuei.

— Como assim?

— Sobre... o beijo.

— Ah. Eu não sabia nem se você tinha escutado, para ser franco.

— Você me pegou meio que de surpresa, só isso. Pensei que não estivesse interessado em mim.

Ele deu uma pequena risada.

— Eu devo esconder meus sentimentos melhor do que imagino.

Houve um momento de silêncio enquanto tentava encontrar o que dizer em seguida.

— Olhe — disse ele—, não se preocupe com isso. Sei que você está passando por um momento difícil. Não quero que isso nos impeça de sermos amigos.

— Não é isso — respondi. — Eu preciso lhe contar tudo. Preciso que você entenda o que aconteceu comigo. Antes de conhecer a história, não pode ter certeza do que sente por mim.

— Mas... Agora?

Fiz que sim com a cabeça.

— É melhor aqui fora — falei. — Aqui não vou desmoronar, com todas essas pessoas passando.

— Tudo bem.

— É uma coisa ruim.

— Pode contar.

Respirei bem fundo.

— Era um relacionamento ruim. E só foi piorando. No final ele quase me matou.

Houve uma longa pausa. Stuart olhou para mim, encarou as próprias mãos. Finalmente, ele perguntou:

— Alguém encontrou você?

— Wendy. Uma vizinha. Deve ter levado um tremendo susto.

— Eu sinto muito — disse ele, baixinho. — Sinto muito que você tenha passado por tudo isso.

— Eu estava grávida quando ele me agrediu. E só fui saber no hospital, quando me contaram que eu tinha perdido o bebê. Não sei se ainda posso ter filhos. Disseram que era pouco provável.

Ele olhou para o outro lado.

— Eu precisava contar isso a você — falei.

Stuart assentiu. Percebi que havia lágrimas em seus olhos. Coloquei a mão nas suas costas.

— Ah, meu Deus, por favor, não fique assim. Não queria deixar você desse jeito.

Ele me abraçou, me apertando contra si, e assim ficamos por alguns minutos.

— Sabe o que foi o pior de tudo? — prossegui finalmente, ainda com a cabeça em seu ombro. — Não foi ficar sentada naquele quarto esperando que ele voltasse para me matar. Não foi ter sido agredida, não foi a dor, nem mesmo o estupro; o pior foi que depois, ninguém, nem sequer minha melhor amiga, acreditava em mim.

Recostei-me no banco e olhei para o rio. Uma balsa deslizava lentamente, seguindo em direção à foz.

— Preciso que você acredite em mim, Stuart. Preciso disso mais do que jamais precisei de alguma coisa em toda a minha vida.

— É claro que eu acredito em você. Sempre vou acreditar.

Stuart enxugou as lágrimas e se aproximou para me beijar.

— Espere — falei, colocando o dedo sobre seus lábios. — Pense no que eu falei. Preciso saber que você vai conseguir lidar com isso.

— Ok.

Levantamos e começamos a andar de volta, na direção da ponte de Waterloo.

— Por que ela não acreditou em você? — ele quis saber. — Pelo visto ela não era realmente a sua melhor amiga.

— Por causa do jeito dele. Lee sabia encantar as pessoas. Com as minhas amigas então, era super gentil. Elas achavam que eu estava só sendo ingrata, que não era possível que ele fosse tudo aquilo que eu dizia que ele era. Depois Lee começou a falar com elas pelas minhas costas, contando mentiras sobre mim. Ele conversava com Sylvia, e minhas outras amigas também contavam a ela as coisas que ele dizia. Antes que eu me desse conta, estavam todas discutindo entre si sobre como eu tinha enlouquecido.

À nossa frente, um garotinho correu para alcançar o irmão mais velho e acabou caindo no chão. A mãe o ergueu e o limpou rapidamente, antes que ele começasse a chorar.

— E você a viu? Sylvia?

— Ela estava naquele ônibus que vai para o sul. No andar de cima.

— Ela viu você?

— Estava me olhando. Foi tão estranho...

— Isso a assustou?

— O quê? Ter visto Sylvia? Acho que não. Foi apenas um choque, vê-la novamente. Pensei que nunca mais nos encontraríamos e então, de repente, lá estava ela. Por mais que eu soubesse que ela estava em Londres, em algum lugar. Mas mesmo assim...

Estávamos quase na estação do metrô.

— Vamos para casa — disse ele, me puxando para um abraço. Era o que eu mais queria no mundo.

Sexta-feira, 2 de abril de 2004

ERA EXATAMENTE MEIO-DIA QUANDO ME LEVANTEI da mesa de trabalho, desliguei o computador e peguei meu casaco atrás da porta. O centro da cidade estava bem movimentado, como é normal nas sextas-feiras: repleto de gente fazendo compras, aposentados, mães, crianças pequenas, estudantes e pessoas que realmente deveriam estar trabalhando mas que por alguma razão inexplicável estavam na rua. O sol brilhava, e dias assim sempre atraem mais gente para o centro. Dava para sentir o cheiro do verão na brisa, embora ainda estivesse frio. Talvez fizesse um belo fim de semana.

Eu odeio multidões. Preferiria muito mais passear pelo centro da cidade sem ver uma alma viva sequer; mas hoje eu estava indo me encontrar com Sam.

Ela já me aguardava no café Bolero, sentada a uma mesa à janela.

— Vamos sentar nos fundos? Pode ser? Sempre fico com frio perto da janela.

Sam ergueu as sobrancelhas, mas apanhou a bolsa e o casaco e me acompanhou até as últimas mesas do café.

Eu não voltara ali desde que a nova direção assumira. Antigamente chamava-se Green Kitchen, uma lojinha vegetariana-vegana de produtos orgânicos locais, com um pequeno café nos fundos. Havia resistido por algum tempo, mas quando os estudantes partiram em suas longas férias de verão, a freguesia caiu. O local então fora reaberto sob o nome Bolero, logo depois do Natal, e, com a Promoção do Aposentado (chá e bolo de frutas cristalizadas por uma libra), os negócios iam bem melhor.

— Feliz aniversário — falei finalmente, dando-lhe um beijinho na bochecha. — Como vai?

— Estou ótima — respondeu ela.

Sam estava linda vestindo um suéter de caxemira vermelho, presente de seu novo namorado. Bem, não tão novo assim. Ela o

conhecera na véspera de Natal, no Cheshire. Mas ainda me parecia recente. Desde então só tínhamos nos visto uma vez.

— Vamos direto ao ponto: como você está?

— Direto ao ponto? O que quer dizer com isso? — perguntei. Eu não estava nem um pouco a fim de tocar naquele assunto assim tão cedo.

— Faz séculos que eu não a vejo — explicou ela. — Só queria saber.

A garçonete apareceu naquele exato instante, o que foi uma conveniente distração. Pedi um chá e uma torrada integral. Sam pediu um *ploughman's lunch* e um café com leite.

— Como vão as coisas entre você e Simon? — perguntei.

Esse tema deu conta da meia hora seguinte, até Sam chegar à metade da sua refeição. Ela ainda estava encantada com o novo namorado, com o futuro, talvez se casassem quando ele voltasse ao país de licença — e isso era tudo.

— E você? — perguntou ela enfim, sorvendo o que lhe restava de café. — Como vão as coisas com Lee?

— Ah, vão bem — respondi. — Tudo certo.

— Então ele ainda não a pediu em casamento nem nada assim dramático?

— Bem... sim. Mais ou menos.

— Mais ou menos?

Olhei de relance para a janela, só para checar.

— Ele está sempre me pedindo em casamento. Não passa uma semana sem que toque no assunto.

— O quê? E você ainda não aceitou? — Sam não iria esquecer aquilo tão fácil, dava para ver.

— Não tem por quê. Estamos bem assim, nos damos bem, com uma briguinha aqui outra ali, como todo mundo; por que mudar isso?

— Por que mudar? Pelo amor de Deus, você podia estar se casando! Vestido de noiva, lua de mel, presentes! Uma farra das boas com todos os seus amigos!

Dei de ombros.

— Não estou dizendo que isso nunca vai acontecer, mas é que estamos ocupados com outras coisas no momento. Ando muito atarefada no trabalho. Não quero me preocupar em organizar um casamento com tanta coisa acontecendo.

— Bem — disse Sam, afagando minha mão —, ele obviamente morre de amores por você, não é?

Mexi lentamente meu chá, observando os desenhos abstratos se distorcerem e retorcerem na superfície do líquido.

— É — respondi.

— Por que essa tristeza toda, então?

Eu não estava sendo uma boa companhia, pensei. Deveria estar animada e exaltando felicidade, como convém a um aniversário, mas não estava conseguindo enganá-la.

— É saudade de Sylvia — falei, o que era totalmente verdade, apesar do fiasco de nossa última conversa.

— Puxa vida, ela está em Londres. Não é o outro extremo do planeta.

— Nós duas andamos muito ocupadas.

— Eu soube da briga que tiveram.

— Soube, é?

Ela assentiu com a cabeça.

— Claire me contou. Ela acha que você anda muito estranha desde que conheceu Lee.

— Eu sei.

— E então, o que está acontecendo?

Dei de ombros, contemplando a possibilidade de contar a minha versão da história mas me perguntando se adiantaria de alguma coisa.

— Eu mesma não sei direito.

Eu não confiava em Sam. Não totalmente. Ela era a única com quem eu ainda mantinha algum contato, mas só esporadicamente. Como eu poderia saber se ela também não andara conversando com Lee? Talvez, assim que saíssemos dali, ela fosse telefonar para ele e relatar o que eu dissera, como estava minha aparência, o que eu comera. Alguém deixou cair um prato na cozinha; o barulho me

assustou. Quando olhei para Sam, não consegui decifrar sua expressão.

— Claire tem razão. Você mudou.

Balancei a cabeça e tomei o que ainda havia do chá.

— Não. Só estou estressada com o trabalho. Exausta. Sabe como é.

Ela se inclinou e afagou mais uma vez minha mão.

— Se quiser conversar, estou aqui. Você sabe disso, não sabe?

Consegui abrir um sorriso radiante para ela.

— Claro que sei. Mas eu estou bem. De verdade. Só preciso descansar um pouco, eu acho. Mas e aí, como foi ontem à noite? O Cheshire estava cheio? Dançaram muito?

— Ah, sim. A cidade estava fervendo, não sei por quê.

— É o final do ano letivo, hoje. Última noite para todos os estudantes encherem a cara, antes de voltarem para casa e ficarem sóbrios.

Sam riu.

— Mas não eram só estudantes, tinha muito mais gente. Eu vi Emily e Julia. Ela perguntou por você. Aquele Roger que trabalhava com Emily, também estava por lá. Lembra dele? Ele andava a fim de você uma época, não foi?

Dei um sorriso forçado.

— Infelizmente, sim. No final já estava meio chato. Sempre ligava para o meu trabalho.

— E Katie. Ela também perguntou por você.

— Que pena, parece que eu perdi uma noitada e tanto.

— Faz séculos que você não sai com a gente.

— Eu sei. Olhe — tentei desesperadamente mudar de assunto —, por que não vamos a Manchester no próximo fim de semana? Comprar uns sapatos novos, almoçar?

— No próximo eu não posso. Estou procurando apartamento. Mas eu ligo para você, ok? Podemos fazer isso em breve. É uma ótima ideia. Só não me deixe torrar todo meu dinheiro.

Eu paguei a conta, apesar da resistência de Sam. Como era seu aniversário, insisti. Ela era meu último elo com as antigas

amigas. Mesmo sem conhecê-la muito bem, ela era tudo que me restara.

Lá fora, no frio, ela me abraçou com tanta força que chegou a doer. Dava tapinhas nas minhas costas e me afagava, como se tentasse me esquentar por dentro.

— Nossa! Como você emagreceu! — exclamou ela.

— Eu sei. Fantástico, não?

Ela me olhou meio sem jeito.

— Você tem certeza de que está bem? Jura? Porque eu estou achando que tem alguma coisa errada.

— Sam, está tudo ótimo.

Não consegui jurar. Se ela me pedisse de novo, eu ia acabar desmoronando. Perderia totalmente o controle. Havia um limite para a quantidade de mentiras que eu era capaz de sustentar, e juramentos eram muito importantes para mim, algo que eu levava a sério.

— Tem certeza?

— Tenho.

Ela me abraçou novamente, me apertando bem onde não deveria. Tentei não me esquivar, mas doeu. Meu corpo inteiro estava dolorido.

— Você sabe onde me encontrar se precisar de mim, não é? — disse ela.

Confirmei com a cabeça, e depois Sam se virou e subiu a rua na direção da faculdade onde trabalhava. Será que ela tinha adivinhado? Ela sabia que havia algo de errado comigo, mas ainda não conseguia nomear o problema.

Eu sabia o nome, mas não podia dizê-lo.

Dei uma olhada em volta; quem sabe eu não conseguia avistá-lo? Mas não vi nem sinal dele. O que não significava que não estivesse ali. Algumas vezes ele estava, outras não. Eu não sabia mais distinguir. Simplesmente tinha a impressão de estar sendo vigiada o tempo todo, a cada minuto do dia. De vez em quando isso até tornava as coisas mais fáceis, menos arriscadas. Reduzia as chances de eu cometer um equívoco.

Contei meus passos de volta até o escritório: quatrocentos e vinte e quatro. Pelo menos alguma coisa boa.

Terça-feira, 12 de fevereiro de 2008

QUANDO CHEGUEI EM CASA ESSA NOITE, ainda não tinha escurecido totalmente. As manhãs estão clareando mais cedo também, minúsculas plantas brotando em qualquer pedacinho de terra na cinzenta Londres.

Fui indulgente com meu vício de voltar para casa por itinerários sinuosos, curtindo o crepúsculo, pensando no que preparar para o jantar.

Quando enfim cheguei à Talbot Street, o céu estava escurecendo e o frio aumentara. Segui pelo beco dos fundos, olhando para a parte de trás do prédio, para meu apartamento, a varanda e as cortinas. Examinei o portão, as dobradiças e o mato denso atrás.

As cortinas e persianas estavam exatamente como eu as deixara. Fitei o retângulo amarelado que era a minha janela, olhei fixamente, tentando enxergar lá dentro.

Tudo parecia perfeitamente normal, tal como eu deixara.

Cheguei ao final do beco e virei a esquina, voltando para a rua. Quando saí das sombras, um vulto passou por mim, do outro lado da rua, na direção contrária à do prédio. Alguma coisa na sua silhueta me fez parar e recuar novamente para as sombras.

Era Lee.

Do mesmo jeito que sempre era Lee quando eu via um homem grande, com aquele andar determinado, o cabelo louro, os ombros largos. Prendi a respiração e me forcei a olhar para o homem de novo, mas justo nesse momento ele virou a esquina no final da rua e atravessou para a High Street. Não deu tempo de vê-lo direito. Não é ele, falei para mim mesma. É só a sua cabeça lhe pregando outra peça. Não é ele. Nunca é ele. É apenas a sua imaginação.

Voltei pela Talbot Street em direção ao meu prédio tentando me livrar daquela impressão, tentando me sentir como alguns minutos antes: doida para comer alguma coisa, tomar um banho,

depois assistir a um filme ou a uma série, ficar atenta aos passos de Stuart na escada lá fora e, em seguida, dormir.

Entrei no prédio, fechei a porta e comecei a verificá-la, passando os dedos pelo contorno, sentindo o contato com o batente, vendo se o trinco estava bem encaixado, experimentando a maçaneta, uma, duas, três, quatro, cinco vezes. Verificando novamente, girando a maçaneta mais uma vez.

Terminei e fiquei esperando. Alguma coisa estava errada. Muito errada. Comecei tudo de novo, desde o início: porta, trinco, chave.

O que era? O que estava errado?

Não era a porta...

Olhei fixamente para a porta por um instante, todos os meus sentidos atentos, à espreita. E então virei lentamente a cabeça.

Olhei para a porta do apartamento do térreo.

Silêncio.

Meus pés não queriam sair do lugar, mas eu os forcei. Fui até a porta do 101 e bati, coisa que eu nunca fizera antes, que sequer me imaginara fazendo.

— Sra. Mackenzie? A senhora está aí?

Silêncio. Silêncio absoluto. Nada de *East Enders*, nem de noticiário nem programa algum. Olhei para trás, para o corredor com a mesinha bagunçada com uma pilha de cartas e afinal para a porta. Nada de errado. Ainda fechada.

Bati de novo, dessa vez com mais força. Talvez ela tivesse saído. Talvez tivesse ido a algum lugar, viajado ou algo assim; pensei nessas possibilidades, mas ao mesmo tempo sabia que algo havia acontecido a ela.

Engoli em seco, repentinamente aterrorizada. Coloquei a mão na maçaneta, mas logo a tirei. Fiz menção de pegar meu celular no bolso.

Uma imensa estupidez. O que eu diria? “Ah, oi, Stuart, você pode voltar para casa? É que a televisão da Sra. Mackenzie está desligada.”

Voltei a colocar a mão na maçaneta e a girei. A porta se abriu, e se escancarou sozinha antes que eu pudesse segurá-la, atingindo

a parede com um estrondo que ecoou até o último andar.

As luzes estavam acesas lá dentro. Senti uma rajada de ar tépido e o cheiro de comida passada.

— Olá?

Eu não estava esperando uma resposta. Entrei; dei um único passo, deixando a porta para trás. O apartamento dela era como o meu: a sala primeiro, após o corredor de entrada, e no mesmo ambiente, do lado direito, a cozinha, com a janela dando para o jardim; à direita de onde eu estava, o banheiro e o quarto. Eu ainda não conseguia ver a Sra. Mackenzie, então dei mais um passo. O tapete sob meus pés tinha estampas chamativas e estava bastante puído.

Lá estava a televisão na sala — enorme, não surpreendia que fizesse tanto barulho. Mas estava desligada, era apenas uma imensa tela escura.

Eu estava agora à altura da porta do quarto. Olhei para a direita e pude ver a luz acesa lá dentro, mas o cômodo estava vazio. Olhei para porta aberta atrás de mim, a escada que conduzia ao meu apartamento e, depois, ao de Stuart.

— Sra. Mackenzie?

Minha voz soou esquisita aos meus ouvidos, desafinada. Eu queria ouvi-la para me tranquilizar, mas saiu tão trêmula que acabei ficando ainda mais nervosa.

Dei mais um passo adiante, quase entrando na sala; vi à minha esquerda as janelas que davam para a rua, com as cortinas fechadas. À minha frente, na direita, a área da cozinha. Perto de mim havia uma pequena mesa de jantar, coberta por uma simpática toalha rendada, e um vaso com violetas posicionado bem no centro. As cortinas que davam para os fundos estavam abertas mostrando a escuridão lá fora.

Ela estava na cozinha. Vi apenas um pé calçado com um chinelo.

Corri até ela.

— Sra. Mackenzie! Está me ouvindo? A senhora está bem?

Ela estava deitada de lado, e havia sangue na lateral do seu rosto, mas ela estava respirando, embora com dificuldade; busquei

meu celular no bolso e liguei para pedir socorro.

— *Emergência; qual o serviço desejado?*

— Ambulância — falei.

Dei o endereço a eles, disse que a Sra. Mackenzie estava desmaiada, respirando com dificuldades, e mencionei o sangue na cabeça.

Segurei sua mão.

— Está tudo bem, Sra. Mackenzie. A ambulância está chegando, logo estará aqui. Consegue me ouvir? Está tudo bem agora, a senhora vai ficar bem.

Ela emitiu um som. Havia uma crosta na pele em torno dos seus lábios. Achei uma toalha de prato sobre o balcão, molhei-a na pia, torci, para que ficasse apenas úmida, e limpei sua boca.

— Está tudo bem, está tudo bem — falei baixinho. — Não se preocupe, vai dar tudo certo.

— Cath...

— Sim, sou eu. Não se preocupe, a ambulância está chegando.

— Ah... — Havia lágrimas em seus olhos. — Minha... cabeça...

— A senhora deve ter caído — falei. — Tente não se mexer, eles vão chegar em um instante.

Sua mão estava fria. Fui até o quarto, em busca de algo para cobri-la. Peguei uma manta de crochê que estava sobre a cama, aparentemente feita à mão, e levei-a comigo até a Sra. Mackenzie, colocando-a sobre seu corpo caído no chão da cozinha.

Ouvi uma sirene lá fora, bem distante, porém cada vez mais perto. Eu precisaria ir abrir a porta, mas por ora não conseguia sair dali.

— A porta... — disse ela, sua voz bem fraca.

— Tudo bem, Sra. Mackenzie. Vou abrir para eles. Não se preocupe.

— A porta... estava... estava... eu vi... lá fora...

A sirene se calou ao lado do prédio.

— Eu já volto, Sra. Mackenzie...

Corri até a porta da rua com as mãos trêmulas.

Uniformes verdes. Um homem alto e uma mulher baixa.

— É por aqui. Ela está caída no chão.

Dei passagem e deixei que fizessem seu trabalho.

— Você sabe o que aconteceu?

Só reparei que a paramédica parecia um tanto jovem; era menor do que eu e tinha o cabelo bem curto.

— Não, eu já a encontrei assim. Deve ter sofrido uma queda, não sei. Eu moro no andar de cima. Ela costuma abrir a porta para me dar um oi e sempre ouço a televisão ligada. Achei estranho que ela não aparecesse, então bati à porta...

Eu tinha a consciência de estar tagarelando como uma louca.

— Tudo bem, tente se acalmar — disse a moça. — Ela vai ficar bem, vamos cuidar dela. Você está tremendo. Está se sentindo tonta?

— Não, não, estou bem. Cuidem bem dela, sim?

Quando enfim a instalaram na ambulância, comecei a me acalmar um pouco. Fiquei à porta, vendo-os colocar a maca, a padiola, ou seja lá como chamem aquilo, na traseira do veículo.

Então ouvi alguém correndo pela calçada: era Stuart, vindo em direção ao prédio.

— Cathy! Meu Deus, pensei... — Ofegante, ele apoiou as mãos nos joelhos. — Vi a ambulância e pensei...

— Foi a Sra. Mackenzie. Quando entrei, percebi de repente que não estava ouvindo a televisão dela. A porta estava destrancada. Eu entrei e a encontrei caída no chão da cozinha.

— Ela está muito mal?

Os paramédicos estavam fechando a porta traseira da ambulância.

— Havia sangue na cabeça dela. Deve ter batido em alguma coisa.

Finalmente, a ambulância partiu pela Talbot Street.

— Venha — disse Stuart. — Vamos entrar.

Ele me deixou verificando a porta enquanto entrava no apartamento da Sra. Mackenzie a fim de apagar as luzes. Quando terminei, fiquei ali esperando por ele.

— O que está fazendo? — perguntei.

— Procurando a chave. Pode deixar, já achei.

Ele apagou as últimas luzes que faltavam e saiu para o corredor. Depois de trancar a porta, colocou a chave no bolso.

— Ela tem família? Amigos?

— Não que eu saiba. Nunca vi ninguém — respondi.

Chegando ao meu andar, nós dois paramos.

— Quer subir para beber alguma coisa? — propôs ele.

— Ok.

Preparei um chá na cozinha de Stuart enquanto ele tomava banho.

Eu me sentia deslocada, ali à mesa da cozinha dele com a caneca nas mãos. Lembrei-me da Sra. Mackenzie deitada no chão, tentando falar, tentando me dizer alguma coisa. A porta... Alguma coisa em relação à porta.

Ela tinha visto algo lá fora.

Será que ela vira o mesmo que eu? Uma silhueta, a figura sombria de um homem? Eu me lembrava do vulto se afastando, o sujeito parecido com Lee. Será que ele tinha ido ao meu apartamento? Será que ela o vira à porta e acabara se assustando?

— Tente não se preocupar — disse Stuart, entrando na cozinha. — Tenho certeza de que ela vai ficar bem. Podemos visitá-la amanhã, se você quiser.

De camiseta e calça jeans, ele estava com uma aparência agradável e cheirando a sabonete. Ao vê-lo, as lembranças de todas as figuras malvadas e os vultos sombrios evaporaram da minha mente. Todas as vezes que eu acreditara ter visto Lee nas últimas semanas acabara sendo apenas fruto da minha imaginação. Por que seria ele desta vez?

Entreguei-lhe sua caneca de chá, que já estava esfriando. Para mim estaria intragável.

— Obrigado.

Ele sentou-se à minha frente e, antes que eu tivesse tempo de virar o rosto, me capturou em seu olhar.

— Vou para Aberdeen na quinta-feira — disse ele enfim.

— Visitar sua família?

— É. Aniversário do meu pai. Sempre vou lá essa época do ano. — Ele colocou cuidadosamente a caneca sobre a mesa. — Eu

ia perguntar se você não gostaria de ir comigo.

De repente me senti ardendo por dentro.

— Mas imagino que esteja muito em cima da hora.

— Acho que sim.

Além de ser um convite assim sem mais nem menos. Então por que me chamar quando já é tarde demais para que eu possa aceitar? Isso supondo que eu quisesse ir com ele, claro.

— E sexta-feira tenho a minha primeira consulta.

— Ah, é claro. Eu tinha esquecido.

Você não esqueceu, pensei, porque eu nem cheguei a lhe contar. E, não sei por que, mas duvido que Alistair tenha mencionado isso para você. Não havia motivo. Seria absurdo criticá-lo por isso. Fiquei furiosa outra vez, e não por uma boa razão.

— Eu queria que soubesse que tenho pensado no que você me contou — disse ele.

Não respondi, apenas terminei o chá, para esconder meu embaraço. Eu me sentia tensa e incomodada, como se estivesse usando uma blusa dois tamanhos menores do que o meu.

— Acho que devemos ir com calma — continuou ele. — Antes quero ter certeza de que você está melhorando.

— Ah, que bondade a sua — retorqui, ácida.

— Cathy...

— Que tal irmos com calma... assim como estamos indo agora? — continuei, me levantando tão bruscamente que quase derrubei a cadeira. — E que tal irmos com mais calma ainda, e simplesmente desistir dessa história?

— Eu não quero isso.

— Bom para você. E quanto ao que eu quero?

— O que *você* quer?

— Eu quero... Eu só quero me sentir *normal*. Só para variar um pouco. Quero voltar a me sentir uma pessoa normal, droga.

Não conseguia mais olhar para ele ali sentado, relaxado e seguro de si, então me virei e andei até a porta.

— Cathy, espere, por favor.

Virei-me e o encarei.

— Eu não tenho a menor ideia dos seus verdadeiros sentimentos — falei.

— Quando eu achar que você está em condições de escutar, eu direi o que sinto.

— Às vezes você consegue ser um puta de um paternalista pedante, Stuart.

— Tudo bem — disse ele, dando um passo na minha direção, e depois, mais outro. — Então você quer saber o que eu sinto.

Assenti, finquei o pé no chão e ergui o queixo, tão furiosa que me sentia capaz de encarar qualquer munição que ainda lhe restasse, qualquer golpe verbal ou físico.

— Você vai me ouvir?

— Vá em frente.

E aí ele me beijou.

Aquilo me pegou totalmente desprevenida. Ele me beijou, me pressionando na parede daquele corredor frio, suas mãos envolvendo meu rosto. Quando eu pensava que ia acabar, ele voltava querendo mais. Seu corpo estava quente e firme contra o meu, exercendo uma pressão que me sustentava na parede. Ele era muito mais alto do que eu, e também mais alto do que Lee, tinha um físico mais atlético. Eu deveria ter ficado aterrorizada. Deveria ter reagido igual a quando Robin fez mais ou menos o mesmo, na High Street, dois meses atrás. Mas, em vez disso, senti meu corpo se desdobrando, descontraindo, meus membros retesados começando a relaxar e meus dedos gelados se aquecendo.

Depois de um bom tempo, Stuart deu um passo brusco para trás e me olhou com a sobrancelha erguida, desafiador.

— Ah — falei.

Ele recuou mais um passo, na direção da cozinha, para me dar espaço.

— É assim que eu me sinto — disse ele.

— Entendi.

Ele então abriu um sorriso, um sorriso imenso e feliz.

Pigarreei e falei:

— Bom, acho que é melhor voltarmos a falar sobre isso algum dia desses. Outra hora, talvez.

- **É.**
- Talvez quando você voltar da Escócia.
- Por mim tudo bem.
- Agora eu vou para casa.
- Ok. A gente se vê semana que vem.

Segunda-feira, 5 de abril de 2004

HOJE MINHA MÃE ESTARIA COMPLETANDO SESSENTA e cinco anos. Sempre me pergunto como seria sua aparência se ainda estivesse viva, e se sairíamos para almoçar ou se eu faria para ela uma sessão caseira de mimos. Quem sabe passar o fim de semana em alguma outra cidade? Será que seríamos boas amigas, a ponto de eu poder telefonar para ela só para bater um papo, ou em busca de conforto, ou para ouvir uma voz amiga?

Sinto saudades.

Se ela estivesse aqui, minha vida talvez fosse totalmente diferente. Se ambos não tivessem morrido no meu último ano de faculdade, talvez meu comportamento fosse outro. Talvez não me embebedasse toda noite, não dormisse com qualquer um, não usasse drogas, não acordasse na casa de desconhecidos me perguntando onde estava e o que tinha feito na noite anterior. Talvez tivesse conseguido um diploma melhor; poderia ser uma diretora-executiva agora, comandando uma organização global em vez de lidando com os recursos humanos de uma fábrica de plásticos.

Talvez não tivesse ido ao River naquela primeira noite, no Dia das Bruxas, com aquele vestido de cetim vermelho, o coração aberto e pronto para ser despedaçado. Ou não tivesse usado aquele casaco, que ainda guardava no bolso a nota fiscal do último chá que eu tomara na lanchonete da academia. Talvez não tivesse deixado a notinha no bolso, onde ele poderia vasculhar e descobrir um jeito de me encontrar. Talvez nunca mais o tivesse visto.

Talvez tivesse conseguido escapar.

E mesmo agora, se meus pais estivessem vivos, talvez eles tivessem conseguido fazer com que eu me afastasse dele. É provável que tivessem percebido antes que ele era perigoso. Será que eu teria lhes dado ouvidos? Pode ser que não.

Se minha mãe estivesse viva, talvez agora eu estivesse casada, com alguém gentil, de vida estável, honesto; talvez tivesse

um filho, ou dois, quem sabe três.

Não leva a nada ficar imaginando o que poderia ter acontecido. *Hoje vai ser o começo da minha resistência*, eu decidi, como decido todos os dias, até ele aparecer na minha casa, entrar sem pedir licença e passar a controlar tudo.

Mas hoje foi diferente.

Eu recebera um e-mail de Jonathan Baldwin. Não lembrei de imediato quem era ele. Fizemos um curso de um mês de duração juntos, quatro anos atrás, em Manchester. Parecia ser um cara extrovertido, entusiasmado, dávamos boas risadas juntos, e acho que me recordo de ter-lhe dito para mantermos contato, embora isso não tenha ocorrido. Ele escreveu para o meu e-mail do trabalho, assim do nada, para saber como eu estava. Disse que ia abrir em Nova York uma filial da sua empresa de consultoria e queria saber se eu conhecia alguém para lhe indicar. Respondi dizendo que iria pensar e depois lhe informaria. Aquilo me pareceu uma espécie de aviso. Pensei que talvez Nova York pudesse ser uma solução.

Lee estava à minha espera quando cheguei em casa.

Não na entrada, como um dia ele chegou a fazer — não, estava lá dentro, na cozinha, preparando o jantar para nós dois. Ele fazia isso antes, e se fosse antigamente eu teria adorado. Hoje, quando abri a porta e senti o cheiro de comida, só me deu vontade de sair correndo. Mas correr não me levaria a lugar algum.

Ele entrava na minha casa quando bem entendia, ia e vinha a seu bel-prazer. Eu me lembrei da época em que isso era uma questão importante para mim, não faz muito tempo. Eu queria então meu próprio espaço, uma porta que pudesse trancar e ter certeza de que ninguém passaria por ela sem a minha autorização. Lembro-me de ter-lhe dito que queria meu espaço de volta, de ter-lhe pedido a chave, e que ele me deixou ali falando sozinha. Lembro que ele simplesmente saiu andando e foi embora, sem nem discutir.

Quando penso naquela época, não consigo acreditar que ele tenha desistido assim tão facilmente, e que fui uma burra, uma grande idiota, em voltar a procurá-lo. Eu poderia ter escapado. Se o

tivesse deixado em paz, se o tivesse evitado completamente,
voltado a sair com as minhas amigas, eu poderia estar livre hoje.
Mas não.

Quarta-feira, 13 de fevereiro de 2008

STUART TELEFONOU À UMA E MEIA da tarde. Eu estava no trabalho, sentada com Caroline, conversando sobre os candidatos às vagas no depósito.

— Alô?

— Oi, sou eu. Está podendo falar?

— Claro.

— Acabei de visitar a Senhora Lá do Térreo.

— Como ela está?

— Não muito bem. Parece que está inconsciente desde que foi hospitalizada. Fizeram várias radiografias. Ela deve ter batido a cabeça com mais força do que pensavam.

— Que horrível.

— Eles me perguntaram se eu conhecia algum parente próximo dela.

— Eu não conheço ninguém.

Caroline me lançou um olhar interrogativo, querendo saber se deveria sair. Fiz sinal para que permanecesse sentada.

— Podíamos tentar a imobiliária. Talvez tenham algum nome nos arquivos, quem sabe?

— Vou tentar telefonar para eles hoje à tarde — disse Stuart.

— Se você não puder, deixe que eu ligo.

— Tudo bem, eu lhe aviso.

Houve uma breve pausa. Eu me perguntei se ele andava pensando naquele beijo. Eu pensava bastante.

— A que horas é o seu voo amanhã?

— Cedo. Volto domingo à noite. Vai sentir minha falta?

Eu ri.

— Não, claro que não. A gente mal tem se visto durante a semana, você está sempre trabalhando.

— É, talvez eu devesse começar a reavaliar minhas prioridades.

— Talvez.

Ele estava flertando comigo? Parecia que sim. Fiquei pensando como seria essa conversa se ele estivesse sentado ali ao meu lado, no lugar de Caroline.

— Posso ligar para você amanhã?

Ele definitivamente estava flertando comigo.

— Aposto que você vai ter coisa melhor para fazer.

— Até parece. É só meu pai e Rachel.

— Mesmo assim. Foi você quem disse que quase não vê sua família. Aproveite enquanto estiver por lá. E também podia aproveitar para descansar um pouco; você tem trabalhado demais.

— Eu queria saber como foi a sua consulta com Alistair. Como está se sentindo em relação a isso?

— Foi bom. Para ser sincera, estou tentando não pensar no assunto.

— Eu ligo para você amanhã à noite. Se não quiser falar comigo, é só desligar o telefone.

— Talvez eu faça isso. Dependendo do meu estado de espírito. Olhe, preciso voltar ao trabalho. Boa viagem para você. A gente se vê semana que vem.

— Ok.

Desliguei.

— Deixe-me adivinhar — disse Caroline. — Era Stuart?

— Nossa vizinha do térreo sofreu uma queda uma noite dessas; foi levada em uma ambulância. Stuart foi visitá-la. Ela não está indo muito bem.

— Puxa, que pena.

— Vou tentar visitá-la amanhã à noite, talvez até lá ela já esteja melhor.

— Ele vai sair de férias ou o quê?

— Vai a Aberdeen ver o pai e a irmã.

— Você estava sendo bem durona com ele — disse ela.

— Estava? Não estava. Você acha?

Ela ergueu as sobrancelhas em resposta.

— Ele me perguntou se eu ia sentir falta dele — falei, tentando me lembrar se eu havia imaginado aquele tom diferente

na voz dele.

— É claro que você *vai* sentir falta dele.

— São só quatro dias, Caroline, pelo amor de Deus. Ele trabalha tanto que às vezes fico a semana inteira sem vê-lo, não vai ser diferente só porque ele estará em Aberdeen.

— E ele vai ligar para você?

— Diz ele que sim.

— Então é isso — disse ela. — Se ele ligar para você todos os dias até voltar de Aberdeen, você vai saber.

— Vou saber o quê exatamente?

— Que ele está apaixonado por você.

Fiquei assustada por um instante. Eu não tinha pensado nesses termos antes. Pensava em Stuart como alguém em quem podia confiar, alguém que compreendia o que podia estar se passando na minha cabeça, até mesmo como alguém que me achava bonita e provavelmente estava a fim de sexo. Mas não como alguém que pudesse estar apaixonado por mim. Não alguém por quem eu pudesse estar apaixonada.

— Você por acaso é vidente, é? — falei, rindo de sua expressão solene.

— Anote o que estou dizendo — retrucou ela. — Você vai ver.

Sexta-feira, 9 de abril de 2004

PENSEI QUE LEE ESTIVESSE TRABALHANDO, MAS ele chegou bêbado. Entrou com a própria chave quando eu estava assistindo ao jornal na televisão. Por um breve instante me senti feliz — eu voltara a ter vontade de vê-lo, estava ansiosa para recomeçar tudo da maneira certa, relaxada, alegre, para nos divertirmos como um casal.

Em vez disso, ele entrou tropeçando, quase caindo ao passar pela porta, e, ao me levantar para ir até ele, recebi um soco violento no rosto, caindo de costas na mesinha lateral.

Fiquei tão perplexa que não me mexi, continuei ali no chão por um instante, o rosto no carpete, me perguntando o que raios havia acontecido. Depois senti a cabeça toda doendo, uma dor excruciante: ele me agarrou pelo cabelo e me puxou, colocando-me de joelhos.

— Piranha — disse ele, ofegante. — Sua puta barata... Você não passa de uma piranha.

Com a mão esquerda ele me esbofeteou, o que fez minha face arder. Só não caí outra vez porque ele continuava a me segurar pelo cabelo.

— O que foi que eu fiz? — gemi.

— Você ainda não entendeu, hein, sua vadia? — Sua voz era glacial, e eu sentia dali seu bafo de cerveja.

Ele soltou meu cabelo e, antes que eu caísse novamente ou me reerguesse, me deu uma joelhada no nariz, com tanta força que pude senti-lo se quebrando. Eu berrei, e tentei rastejar para longe dele, tentei me levantar, ainda aturdida. Meu rosto estava coberto de lágrimas, unindo-se ao sangue que saía do nariz e do lábio aberto.

— Você é minha, é minha puta. Vai fazer exatamente o que eu mandar. Está entendendo?

Eu chorava, agarrada à perna da mesa de jantar com os dedos escorregadios, os olhos fechados. Senti quando ele puxou meu

cabelo novamente, arrastando-me para longe da mesa, e ouvi uma voz, que deve ter sido a minha, implorando:

— Por favor, me solte, por favor...

Ele abriu a calça com a mão esquerda e foi cambaleando até o sofá, me puxando pelo cabelo como se eu fosse uma boneca de pano, enquanto eu tentava ficar de pé para diminuir a pressão sobre meu couro cabeludo.

Com um suspiro, ele sentou-se pesadamente no sofá, sua calça agora na altura das coxas, seu pau duro — como se ele ficasse excitado em me ver abalada e sangrando — e me mandou chupá-lo.

Soluçando, com sangue nas mãos e na boca, obedeci. Eu queria arrancar o pau dele com os dentes e cuspi-lo na sua maldita cara. Queria dar um soco tão forte no seu saco que seus testículos teriam que ser removidos cirurgicamente.

— Olhe para mim, sua piranha de merda. Eu mandei olhar para mim!

Ao erguer o olhar, vi duas coisas que me aterrorizaram. Primeiro, o sorriso, a expressão em seu olhar, me dizendo que eu estava exatamente do jeito que ele queria, e que aquilo não estava perto de acabar; e, segundo, o canivete de cabo preto a apenas alguns centímetros do meu rosto.

— Faça isso direito — disse ele —, ou corto fora a porra do seu nariz.

Obedeci, fazendo o melhor que podia, com sangue, ranho e lágrimas escorrendo do meu rosto sobre sua genitália, e ele não me cortou — não dessa vez, pelo menos.

Precisava fugir. E precisava fazer isso sem que ele percebesse, porque só teria uma chance.

Quinta-feira, 14 de fevereiro de 2008

Na QUINTA-FEIRA, APÓS O TRABALHO, PEGUEI o metrô em direção à margem sul do rio. Comprei algumas flores em um quiosque em Victoria, frésias e rosas, depois peguei o ônibus para Camberwell, até o Hospital King's College.

Saltar do ônibus no mesmo lugar onde eu vi Sylvia não muito tempo atrás fez com que eu me sentisse um pouco estranha. Fiquei olhando ao redor, esperando vê-la novamente, mas é claro que não a vi. Nem dentro de um ônibus, tampouco andando na rua. Era estranho, também, me encontrar tão perto do local de trabalho de Stuart e ainda assim a centenas de quilômetros de distância dele.

Levei uma eternidade para achar o setor; entrei pela porta principal e acabei chegando a um prédio adjacente ao ponto de ônibus, na calçada oposta ao Maudsley. Encontrei a Sra. Mackenzie em um quarto isolado dos outros pacientes na Enfermaria Byron. Ela estava ou dormindo ou inconsciente, respirando ruidosamente com a boca entreaberta. Estava bem mais magra, ou talvez fosse apenas impressão minha; de qualquer forma, parecia pequenina, como uma criança, perdida naquela cama imensa. Na mesinha ao lado já havia flores em um vaso, belos narcisos silvestres. Ao lado do vaso, um cartão.

— Olá, Sra. Mackenzie — falei baixinho, ao mesmo tempo querendo e não querendo acordá-la.

— Eu trouxe mais flores. Como está se sentindo?

Que pergunta estúpida. Sentei-me numa cadeira ao lado da cama e segurei sua mão, que estava surpreendentemente quente, o dorso marcado pelas várias agulhas que haviam sido introduzidas sob sua pele.

— Sinto muito não tê-la encontrado antes — continuei. — Uma pena que eu não estava lá na hora.

Tive a impressão de sentir um leve aperto na minha mão. Pressionei a dela de leve.

— A senhora caiu? Foi um acidente? — Minha voz tremia um pouco. — Talvez tenha tomado um susto, ou algo assim. Talvez tenha visto alguém ou alguma coisa que a assustou.

Sem dúvida alguma senti outra contração, como se ela estivesse dormindo e sua mão se mexesse por vontade própria.

— A senhora agora está em segurança aqui — falei. — Vão cuidar da senhora. E nós estamos tomando conta de tudo, Stuart e eu. Não precisa se preocupar com nada.

Era difícil manter aquela conversa unilateral. Olhei para o cartão. Era uma reprodução artística de flores vermelhas com a mensagem “Com meus sinceros votos de melhoras” impressa no alto. Minha curiosidade foi mais forte. No interior, eu li:

Estamos torcendo por uma rápida recuperação. Com carinho, Stuart (301) e Cathy (201). Beijos.

Ora, ora, pensei. Com sorte, quando ela acordar, talvez se lembre de nós. Coloquei casualmente minhas flores no vaso de narcisos, em vez de sair em busca de outro, e o enchi de água na pia que havia ali ao lado.

— Tenho que ir — falei, apertando sua mão mais uma vez. — Outro dia eu volto, ok?

Meu celular tocou assim que voltei a ligá-lo. Estava no ponto de ônibus da Denmark Hill.

— Alô?

— Oi, sou eu.

— Oi, você.

— Eu disse que ia ligar, não disse?

— Disse. Como foi a viagem?

— Até que não foi ruim. E você, como está?

— Estou bem. Neste exato instante estou em frente ao Maudsley, esperando o ônibus.

— É mesmo? Foi visitar a Sra. M.?

— Exatamente. Ela estava dormindo.

— Disseram alguma coisa sobre o estado dela?

— Não vi ninguém. Só entrei e fiquei um minutinho lá com ela. Ouça, meu ônibus está chegando.

— Ah. E você não pode falar comigo de dentro do ônibus?

Eu estava na fila para embarcar, atrás de um casal de idosos e de um grupo de adolescentes carregando skates.

— Posso, mas prefiro desligar.

— Posso ligar mais tarde, então?

Eu ri.

— Se quiser...

— Quando?

— Daqui a algumas horas... Você sabe, tenho certas coisas a fazer quando chegar em casa.

Segunda, 19 de abril de 2004

NA PRIMEIRA VEZ QUE LEE ME machucou, quero dizer, na primeira vez que ele me deixou de fato fisicamente ferida, tive que faltar ao trabalho durante toda a semana seguinte. Fingi que estava resfriada — para ser franca, devo ter soado realmente um caco no telefone naquela manhã de segunda-feira. Levou uma semana para as marcas no meu rosto ficarem razoavelmente disfarçáveis com maquiagem. Só sobrou o corte no lábio, que acabou parecendo a crosta de um horrível machucado típico de uma gripe forte. Meu nariz, por sorte, não tinha sido quebrado, ou então, se o foi, não foi nada sério.

Desnecessário dizer que eu não procurei um médico.

Ele ficou comigo durante cinco dias. Na manhã seguinte, se manteve distante. Olhava para mim como se eu tivesse agido de um modo particularmente idiota e caído na rua. Assim mesmo, preparou uma sopa para mim e ajudou na limpeza dos machucados, esfregando meu rosto com surpreendente ternura.

No outro dia ele se comportou com uma delicadeza excepcional; me disse que eu era a única mulher que ele já amara. Disse que eu era dele, somente dele; que se qualquer homem algum dia olhasse para mim, ele o mataria. Disse isso com desdém, como se fosse uma observação casual, daquelas que se faz durante uma conversa sem muita importância, mas eu acreditei que ele seria capaz. Ele não estava brincando.

Por enquanto, eu era obrigada a fazer o jogo dele. Durante aqueles cinco dias, tentei ser o que Lee queria que eu fosse. Falei que pertencia a ele e a mais ninguém. Que fora um erro querer terminar nosso relacionamento. Que eu o amava.

Quando ele voltou ao trabalho, na noite de quarta, considerei minhas opções. Primeiro fiquei em casa, na cama, vendo TV e fingindo que nada havia acontecido. Esperando, e esperando um pouco mais, para o caso de ele voltar. Para o caso de aquilo ser um teste.

Eu queria chamar a polícia, mas sabia que ele olharia o meu histórico de ligações. Queria sair de casa, ir correndo à delegacia, na esperança de eles me protegerem. Mas isso não aconteceria, é claro. Ele seria interrogado, se eu tivesse sorte, e em seguida haveria alguma espécie de inquérito, durante o qual ele ficaria solto, livre para me espancar, livre para me matar. Não compensava correr o risco.

Na quinta-feira, chamei um chaveiro de emergência e troquei as fechaduras das portas da frente e dos fundos.

Foi nessa noite que, pela primeira vez, comecei a verificar tudo meticulosamente.

Na segunda-feira eu ainda não tivera sinais dele. Pensei que talvez tivesse ido embora para sempre; uma parte de mim tinha esperanças de que ele tivesse sentido remorsos pelo que fizera comigo, talvez mudado de opinião sobre nós, resolvido me deixar em paz.

Nessa época, eu ainda me sentia pelo menos parcialmente otimista.

Fui trabalhar na segunda-feira e recebi muitas demonstrações de solidariedade, coisa que eu na verdade nem merecia. Ninguém duvidou da gripe: eu perdera cerca de três quilos em uma semana, estava pálida e com os olhos fundos e ainda exibia aquela crosta de machucado no lábio. O inchaço desaparecera sobre o osso do nariz, e o ferimento podia ser facilmente escondido sob várias camadas de base.

Não fiquei até tarde; trabalhei só até umas quatro horas. Minha ausência de casa não foi prolongada.

Quando voltei, na tarde daquela segunda-feira, passei uns vinte minutos verificando todas as portas e janelas. Tudo estava em ordem; respirei bem fundo, aliviada.

Não verifiquei o quarto, é claro; achei que não fazia sentido.

Quando subi para me deitar, por volta das dez horas, encontrei sobre minha cama um pequeno molho de chaves brilhantes e um bilhete:

CONSEGUI CÓPIAS DE CHAVES PARA SUAS NOVAS
FECHADURAS.

ATÉ MAIS TARDE. BEIJOS.

Passei a hora seguinte, ou mais, vasculhando a casa de novo, as lágrimas escorrendo pelo meu rosto, tentando descobrir por onde ele havia entrado, mas não consegui.

Naquela noite tive meu primeiro ataque de pânico, o primeiro de muitos.

Sexta-feira, 15 de fevereiro de 2008

Não FUI TRABALHAR NA TARDE DE sexta-feira, pois era minha primeira consulta com Alistair. Eu tinha imaginado que ficaria mais nervosa do que de fato estava. Esperei no segundo andar do prédio, me lembrando do Natal.

A clínica estava mais movimentada hoje, várias pessoas aguardando serem chamadas, mas, felizmente, nem todas marcadas para Alistair. Havia diversas salas de consulta e um trânsito regular de pessoas entrando e saindo. Nenhum sinal de Deb e seu piercing no lábio; atrás do balcão da recepção da clínica, no primeiro andar, quem atendia hoje era uma senhora de complexão robusta, de uns cinquenta e tantos anos, o cabelo cinza-escuro e um crachá preso ao seu pesado casaco azul-marinho, indicando seu nome: Jean.

Ela não falara comigo, apenas perguntara meu nome. Não fazia contato visual com ninguém na sala de espera, apenas se concentrava na tela de seu computador e na caneta amarrada à mesa por uma longa e fina corrente.

— Cathy?

Tomei um susto e segui pelo corredor até a única porta aberta, por onde Alistair devia ter entrado rapidamente sem que eu o visse.

— Entre, entre. Como vai, querida? Que bom vê-la novamente.

Com essa recepção efusiva, eu estava quase esperando que ele se levantasse de um pulo e me desse um beijo no rosto, mas felizmente para ambos isso não aconteceu. Ele estava sentado em uma poltrona de couro, perto de outra igual e de um sofá. Parecia bem; sorria, e me convidou a sentar.

Escolhi a poltrona.

— Olá de novo — falei. — Chegou bem em casa aquele dia?

— Cheguei, sim. Consegui pegar um táxi bem na esquina, fiquei até surpreso com a minha sorte. Um motorista simpático.

Devo lhe agradecer pelo dia maravilhoso. E foi ótimo conhecê-la depois de tantas coisas boas que ouvi de Stuart.

Eu estava começando a ficar um pouco trêmula.

— Mas vamos lá — começou ele. — Dei uma olhada na sua avaliação. Você esteve com o Dr. Parry, não é mesmo?

— Isso.

— E ele receitou ISRS para você?

— Isso.

— Muito bem. E você está tomando há... deixe-me ver... três semanas?

— Mais ou menos isso.

— Esses remédios costumam a fazer efeito, às vezes. Pode levar um tempo até que você perceba alguma diferença.

— Não tenho me sentido entorpecida, pelo menos. Era disso que eu tinha medo.

— Sei. Bom, esses são muito diferentes dos medicamentos que você tomou antes, pelo que vi no seu formulário. São bem mais apropriados. Aliás, eu tenho a forte impressão de que você passou maus momentos por isso. Quer dizer, me refiro à última vez que você recebeu tratamento.

Fiquei calada.

— Na verdade eu nem deveria comentar isso, mas... hum. Enfim. O que me parece, querida, é que temos aqui dois problemas, coexistindo lado a lado. Sua avaliação indica que você está claramente sofrendo de TOC, em um nível que poderíamos classificar como de moderado a severo, segundo o esquema dos Sintomas Obsessivo-Compulsivos de Yale-Brown, a escala YBOCS. Mas o Dr. Parry observou, e estou tendendo a concordar com ele, que você tem também vários sintomas que se assemelham mais a um TEPT, que é um transtorno de estresse pós-traumático. Esses sintomas podem ser parecidos com os do TOC em termos de estresse, mas incluem elementos como lembranças repentinas, pesadelos, reações de susto exagerado e ataques de pânico.

Ele folheou as páginas à sua frente.

— E eu creio que você está sofrendo de tudo isso...

— É, acho que sim.

— E você diria que esses sintomas têm piorado?

— Têm piorado e melhorado. Quer dizer, eu sofri com alguns temores no começo de dezembro. E com alguns ataques de pânico e pesadelos bem fortes por uma ou duas semanas depois disso. E o TOC piorou, também. Depois tive uma melhora que durou algum tempo. Mas aí, na véspera do Natal, aconteceu uma coisa que me afetou novamente, deixando tudo um pouco sombrio outra vez. No momento não estou tão mal.

Alistair assentia, acariciando reverencialmente sua barriga como se ali dentro houvesse um bebê e não apenas seu almoço.

— É o pernicioso verme da dúvida, não é? Você sabe perfeitamente que a porta está trancada, a torneira está fechada, o interruptor está desligado, mas ainda fica aquela dúvida, e precisa voltar e verificar novamente...

Ele juntou seus papéis e escreveu algumas linhas sobre o que parecia ser um papel de rascunho dobrado.

— A boa notícia é que a terapia que podemos fazer vai ajudá-la tanto com o TOC quanto com o TEPT. Vai ser preciso força de vontade para praticar em casa, sozinha. E quanto mais você estiver disposta a se esforçar nisso, maiores as chances de ter resultados melhores. É provável que ocorram algumas recaídas no processo, mas com algum tempo e empenho você vai conseguir melhorar. Ok?

Concordei com a cabeça.

— Vamos começar pelo início. Você pode me contar um pouco como foi sua infância?

Eu então lhe contei, começando bem devagar, toda a lamentável história, conduzindo — mas sem nunca chegar a abordar o assunto — ao momento em que conheci Lee, o momento em que minha vida já precária deu uma guinada rumo à beira do abismo. Isso ficaria para mais tarde.

A primeira consulta durou uma hora e meia, mas a partir da semana seguinte seria apenas uma hora, a menos que eu sentisse necessidade de mais. Concordei em experimentar fazer exercícios em casa. Tentaria uma coisa chamada “exposição e prevenção de resposta”. A formidável ideia era me expor ao que eu percebia como perigo e então esperar até que a ansiedade diminuísse, sem

realizar nenhuma das verificações ou rituais que normalmente ajudariam a reduzi-la. Em teoria, a ansiedade diminuiria por iniciativa própria. E depois deveria repetir, uma, duas, três vezes.

Eu ainda me sentia um tanto cética, mas prometi tentar.

Meu celular tocou outra vez quando eu estava a quase dois quilômetros de casa ainda. As ruas estavam sossegadas, o trânsito calmo por já ter passado o horário de saída das escolas. Eu estava pensando em aproveitar o resto da tarde para correr, embora já estivesse começando a escurecer.

— Alô?

— Oi, sou eu. E aí, como foi?

— Tudo bem. Foi tranquilo. É isso que você faz?

— Basicamente. Não é lá grande coisa, viu?

— Acho que não, se você fizer todos os dias. Fiquei pensando que deve ser muito chato, ter que escutar todas essas coisas.

— Nem um pouco. As pessoas são diferentes, não se esqueça. Todo mundo chegou a um ponto difícil, mas veio de diferentes direções. O que você está fazendo agora?

— Estou indo para casa fazer três séries de verificações. Por quê?

— Eu ligo para você mais tarde, pode ser? Tenho que levar meu pai à loja de jardinagem. Só queria que... que você soubesse que estou pensando em você.

— Eu posso telefonar, se quiser. Quando acabar minhas verificações. Está bem assim?

— Está ótimo. Vou deixar o telefone por perto.

Uma das coisas sobre as quais eu conversara com Alistair não me saía da cabeça. A Teoria A e a Teoria B — era algo que eu precisava levar em consideração. Teoria A: de que, se de algum modo eu falhar na verificação das trancas, alguém poderá entrar. Não alguém simplesmente. Lee poderá invadir minha casa e eu não me darei conta disso. De que estarei realmente correndo um grande risco se minhas verificações não forem feitas corretamente. Teoria B: de que verificar as portas uma única vez é o bastante, e que verificá-las várias vezes não as torna nem um pouco mais seguras, e que a razão para verificá-las é simplesmente o fato de

eu estar extremamente preocupada, achando que corro perigo. As duas teorias estão em lados opostos, portanto ambas não podem ser verdadeiras. A teoria racional é, obviamente, a Teoria B: a de que o fato de verificar as portas e janelas inúmeras vezes não me dará mais segurança do que verificá-las uma só vez.

Ainda que eu aceite que a Teoria B é possível, como posso ter certeza de que seja a verdadeira? O único jeito, segundo Alistair, é realizar algum tipo de experiência científica a fim de saber qual das teorias se sustenta e qual se desintegra sob um exame minucioso.

É bem óbvio aonde tudo isso vai dar. Eu faço menos verificações, nada de ruim acontece, me levando a concluir que as verificações repetitivas não passam de uma ridícula perda de tempo e eu deveria parar com elas imediatamente.

Não sou uma idiota — até eu sei que é uma perda de tempo. Mas isso não basta para me fazer parar.

E o que me preocupa mais do que tudo é que esse “experimento científico” falhe ao não levar em conta que meus receios simplesmente não se baseiam em algum perigo ridículo que eu inventei.

Baseiam-se no fato de que Lee está lá fora, em algum lugar, me procurando.

Se já não tiver me achado.

Segunda-feira, 26 de abril de 2004

LEE PASSOU ALGUMAS HORAS AQUI EM casa, no domingo; antes disso estava trabalhando, ou seja lá o que for que ele faz quando não está aqui. Quando apareceu, na noite de domingo, pensei que iria me bater novamente, mas ele parecia bem feliz, satisfeito consigo mesmo, como se houvesse feito algo de muito sagaz.

— Por que você trocou as fechaduras? — perguntou ele casualmente enquanto comíamos.

Fiquei tensa.

— Nem sei, na verdade — respondi, fingindo bom humor. — Depois do arrombamento, sabe. Achei que seria mais seguro.

— Você ia me dar uma chave nova?

— É claro.

Ele riu, embora eu não visse graça alguma nisso.

Quando fui para o trabalho, hoje de manhã, mandei um e-mail para Jonathan Baldwin pedindo mais detalhes sobre o tipo de pessoa que ele estava procurando, e no final da tarde recebi uma resposta:

Catherine,

Que bom ter notícias suas. Para começar, estou procurando alguém que possa me ajudar na instalação de nossa sucursal em NY — o ideal seria alguém com experiência em consultoria, embora o mais importante é que tenha entusiasmo e responsabilidade, que seja suficientemente capaz de identificar as oportunidades quando surgirem. Lembro que, muitos anos atrás, você parecia ser o tipo de pessoa que acabaria comandando uma grande empresa em algum lugar.

Posso conseguir um visto de transferência LI e também alugar um apartamento no Upper East Side (nada espetacular, mas dispondo de uma varanda com vista para o sul, o que é realmente raro). E, no futuro, pode haver a chance de uma sociedade na empresa, se as coisas forem bem.

O problema é que eu preciso de alguém para ontem — toda hora me ligam de NY oferecendo oportunidades de negócios que sou obrigado a recusar por conta de meus compromissos por aqui, portanto, quanto antes eu conseguir mandar alguém para abrir um escritório lá, melhor.

Alguma sugestão?

*Abraços,
Jonathan*

Estou pensando se eu consigo fazer isso. Se desse para tratar tudo apenas por telefone e e-mail, conversar com ele enquanto estou no trabalho para discutir os detalhes, essa poderia ser minha chance de escapar. Eu poderia estar em Nova York antes que Lee descobrisse. Se eu pudesse ir para Nova York com um contrato de curta duração, mesmo que apenas por uns três meses, eu ganharia tempo para resolver o que fazer em seguida. Talvez conseguisse um ano sabático no trabalho.

Eu só preciso de um tempo para me livrar dele.

Sexta-feira, 15 de fevereiro de 2008

A HIGH STREET AINDA ESTAVA MOVIMENTADA . Na última esquina, dobrei na Talbot Street. Sentia-me cansada agora, e precisaria me concentrar ainda mais na verificação das portas, de modo a não cometer enganos.

Segui pelo beco, contornando o prédio. Olhei para as janelas lá em cima: a varanda, com os oito retângulos de vidro visíveis, e o quarto, com as cortinas e persianas bem fechadas. No apartamento de Stuart havia uma luz acesa no quarto. Eu tinha colocado um dos meus temporizadores lá. A luz se apagaria às onze horas. No andar de baixo, o apartamento da Sra. Mackenzie estava escuro. Tudo parecia normal. Continuei até o final do beco e depois dei a volta seguindo para a porta de entrada.

Quando entrei e fechei a porta, me dei conta de que eu era a única pessoa ali. E seria a única a dormir essa noite naquele prédio imenso. Sem a Sra. Mackenzie e sem Stuart. Só eu. Na noite passada, eu tinha ficado ao telefone com Stuart por horas, então tive a impressão de que ele estava aqui; não me senti sozinha. Hoje à noite, a impressão era outra.

Verifiquei a porta, passando os dedos pelo contorno em busca de algo estranho, algum calombo ou elevação, que pudesse indicar que haviam forçado a porta. Em seguida a tranca. Depois a fechadura. Girei a maçaneta, seis vezes para um lado e seis para o outro. Senti falta do som da televisão da Sra. Mackenzie. Senti falta de vê-la saindo para me cumprimentar.

Fiz uma pausa no final da primeira verificação. Era nesse ponto que ela costumava aparecer atrás de mim.

Não tenho certeza se senti algo ou se foi apenas impressão; uma corrente de ar, talvez, um aroma de comida preparada muito tempo atrás, um vento gelado. Virei-me lentamente e olhei para a porta do 101. Stuart e eu a tínhamos fechado, inclusive com chave, na noite em que a Sra. Mackenzie fora levada na ambulância. Stuart telefonara para a imobiliária contando o que havia acontecido. Eles

iam mandar alguém para buscar a chave, mas até então ninguém aparecera.

Franzi as sobancelhas, semicerrei os olhos. A porta parecia estranha.

Cheguei mais perto.

Estava ligeiramente aberta, uma lasca de escuridão aparecendo na moldura da porta. Senti novamente uma corrente de ar, desta vez não tive dúvida, um sopro de ar frio vinha lá de dentro.

Levei a mão à maçaneta e a porta se escancarou sozinha. Não estava trancada. Lá dentro tudo estava escuro, escuro como um túmulo.

Fechei a porta novamente, com firmeza. A tranca se encaixou e, quando tentei girar a maçaneta outra vez, não voltou a abrir. As chaves sobressalentes de Stuart estavam na minha bolsa. Ele deixara a do apartamento da Sra. Mackenzie no mesmo chaveiro que as suas.

Encontrei as chaves certas, enfiei a primeira na fechadura de cima e girei. Dei uma sacudida na maçaneta. Então girei a chave e vi que o encaixe do trinco estava firme. Ok, porta seguramente fechada e trancada agora. Se houvesse alguém lá dentro, precisaria de uma chave para sair.

Retornei até a porta do prédio para minha segunda série de verificações. No entanto, não estava funcionando, pois eu só conseguia pensar na porta do apartamento 101, agora às minhas costas. E se eu não a tivesse trancado direito? E se a porta tivesse aberto de novo enquanto eu estava aqui de costas? E se voltasse a abrir sozinha quando eu não estivesse olhando?

Verifiquei outra vez. Ainda estava trancada. Testei a fechadura.

Pela terceira vez verifiquei a porta da rua, para compensar. Finalmente me senti melhor. Subi a escada e entrei em casa. A luz da sala de jantar estava acesa, como eu a deixara, o restante do apartamento, frio e escuro. Esperei um instante bem ao lado da porta, atenta aos ruídos da casa, atenta

a algum som incomum, inusitado. Nada.

Comecei a verificar a porta do apartamento, me sentindo vagamente inquieta mas sem saber ao certo o motivo. Não conseguia me tranquilizar sabendo que estava sozinha ali no prédio. Completamente sozinha.

Quando terminei as verificações, já eram quase nove horas. Eu esperava que fosse achar algo de errado, mas estava tudo exatamente como deveria. Melhor assim.

Então finalmente me sentei e telefonei para Stuart.

— Oi, sou eu.

— Até que enfim, já estava perdendo a esperança! — Sua voz transmitia cansaço.

— Como vai seu pai?

Stuart suspirou e baixou um pouco a voz. Dava para ouvir vagamente a televisão ao fundo.

— Está bem, na verdade. Mas parece bem mais frágil do que da última vez que o vi. Tenho a impressão de que Rach não percebe, já que o vê todos os dias.

— Conseguiram ir à loja de jardinagem?

— Fomos, mas estava chovendo. Acabamos dando uma olhada só nas estufas, praticamente. Você não imagina a quantidade de plantas que esse homem consegue olhar sem ficar entediado. Como se fosse muito fresco lá dentro. Cathy, eu realmente estou com saudade de você.

— Mesmo?

Senti minhas bochechas corarem, e no mesmo instante percebi que eu também estava com saudade dele. Ainda que pouco nos víssemos durante a semana, o fato de ele estar longe doía.

— Mesmo. Queria que você estivesse aqui.

— Você vai estar de volta no domingo à noite. Passa rápido.

— Não passa nada. Não para mim, pelo menos. O que vai fazer no sábado?

— Não sei. Vou à lavanderia. Talvez correr um pouco. Já não faço isso há algum tempo.

Houve uma pausa.

— E então, foi tudo bem? A consulta com Alistair?

— Foi tranquilo. Tenho dever de casa para fazer. Registrar tudo. Aquelas coisas que você já sabe.

— E está se sentindo bem agora?

Eu sabia aonde ele queria chegar. Estava tentando avaliar a probabilidade de eu sofrer um ataque de pânico mais tarde pelo fato de ter discutido meus sintomas.

— Estou bem em relação a tudo isso. O que me deixa mais nervosa é estar aqui sozinha. Sem a Sra. Mackenzie lá embaixo e você lá em cima, sabe? Só eu e os fantasmas.

— Está tudo sossegado, você quer dizer.

— Isso. Ah, mas tem uma coisa. Nós trancamos a porta dela, não foi? Trancamos com a chave, certo?

— Sim. Por quê?

— Estava aberta quando cheguei. A porta da Sra. Mackenzie. Na verdade estava entreaberta.

— O pessoal da imobiliária deve ter vindo, então. Eles disseram que viriam, não foi?

— Disseram, mas deveriam ter trancado a porta, em vez de deixá-la aberta.

— Não devem ter se preocupado com isso, talvez. Mas aposto que agora a porta está muito bem trancada!

— Espero que sim.

— Cathy, você trancou. Está tudo bem.

Não respondi. Ele prosseguiu:

— Quando a gente se conheceu, você fazia tudo isso sozinha. Você se trancava todas as noites, verificava se todas as portas estavam bem fechadas, e ficava tudo bem. Você está bem agora, não tem diferença.

Tentei parecer animada:

— Claro, eu sei. Eu estou bem. Estou mesmo.

— Quer vir comigo a Aberdeen na próxima vez?

— Talvez. Se você me avisar com um pouco mais de antecedência.

— Rachel está louca para conhecer você.

— Stuart, sério. Você falou com ela sobre o TOC?

— Não. Por quê, deveria?

— Só quero que ela tenha plena noção do que esperar.

— O TOC não pertence a você, não é? É apenas um sintoma. Assim como o nariz escorrendo para um resfriado.

— Ótimo. O que, então, você andou contando para eles?

— Conteí que conheci uma garota de cabelo prateado e olhos escuros, que é divertida, esperta, encantadora e, de vez em quando, incrivelmente teimosa. Que é capaz de liquidar cinquenta xícaras de chá por dia e ficar encarando alguém com o olhar vitrificado.

— Agora sei por que estão ansiosos para me conhecer. Tentei segurar o bocejo, mas foi impossível.

— Você estava indo dormir?

— Estou muito cansada, me desculpe. Não dormi na noite passada e hoje voltei andando para casa, já que os ônibus estavam todos parados no engarrafamento.

— Você veio andando do hospital?

— Ah, não é assim tão longe. Eu gosto de caminhar. Bocejei novamente.

— Leve o telefone com você, quando for se deitar, ok? — disse ele.

— Por quê?

— Se acordar no meio da noite, ligue para mim, certo?

— Não quero acordá-lo. Não é justo.

— Não me incomoda. Se você estiver acordada, quero ficar acordado com você.

— Stuart. Tudo isso é muito esquisito.

— Esquisito? Como assim?

— Quando você voltar, no domingo, as coisas não vão ser mais as mesmas, não é? Tudo mudou. Desde aquele dia.

— Você quer dizer desde que eu beijei você?

— Isso.

— Tudo mudou, você tem razão. Eu estava realmente decidido a manter distância, para que você pudesse se concentrar na sua recuperação. Acho que não vou conseguir mais. Isso a assusta?

— Não sei. Acho que não.

— Meu voo chega às nove e pouco da noite. Posso passar aí quando chegar em casa? Vai ser tarde.

Aquele era o momento, o instante decisivo.

Hesitei antes de responder, sabendo o que significaria se eu dissesse sim, e o que poderia significar se eu dissesse não.

— Cathy?

— Sim. Venha me ver. Não importa que seja tarde.

Sexta-feira, 21 de maio de 2004

LEE VAI TRABALHAR DURANTE TODO O fim de semana; só para variar, ele me avisou com antecedência. Não sei se é um teste, para ver se tento escapar. Tenho certeza de que ele não sabe nada sobre Nova York, então acho que ainda está meio que esperando que eu tente fugir de alguma outra maneira. Chegou até a dizer que eu deveria sair à noite, encontrar meus amigos.

Durante as últimas semanas ele agiu, mais do que nunca, como se nosso relacionamento fosse normal. Não se mostrou violento comigo; não apareceu inesperadamente, sequer me fez exigências além do razoável. Foi até gentil: cuidou de mim quando peguei um resfriado na semana passada, preparava o jantar e ainda fez algumas compras para a casa. Se eu não tivesse visto seu outro lado, acho que estaria satisfeita com o modo como nosso relacionamento está evoluindo.

As coisas ficaram melhores quando lhe contei que estava pensando em tirar um ano sabático no trabalho. Fiz isso como uma precaução de segurança; caso alguém do trabalho telefonasse, ou se eu deixasse escapar algum comentário, já haveria uma explicação pronta. E, é claro, ele sempre quis que eu deixasse meu emprego, desde o início. Pensei que fosse porque ele quisesse me ver com maior frequência, mas é claro que já era uma questão de controle, mesmo naquela época.

Eu o conheço tão melhor agora! Quando estou no trabalho, ele me telefona nas horas mais estranhas do dia. Se ao voltar à minha mesa vejo que há uma chamada dele não atendida, preciso ligar de volta imediatamente. Ele sempre me pergunta se vou estar fora da empresa, se tenho alguma reunião — conhece minha agenda melhor do que eu. Certa vez fui convocada para uma reunião com a diretoria que durou várias horas; quando liguei de volta para Lee, esperava que ele estivesse furioso comigo, mas não; como vim a descobrir mais tarde, ele foi até meu trabalho, viu meu carro no estacionamento, abriu-o com sua cópia da chave (ele agora tem

cópias de todas as minhas chaves; não que eu tenha dado, mas mesmo assim ele tem) e conferiu a quilometragem, vendo, assim, que eu não fora a lugar algum sem lhe avisar. Ele sabe exatamente quantos quilômetros meu carro está marcando e qual a distância da minha casa para o trabalho e vice-versa. Não posso me desviar do meu itinerário.

Decidi não desafiá-lo em relação a nada disso. Sei que é errado. Sei que ele me tem completamente sob controle. O fato de eu saber tudo isso é minha rebelião particular. Ele não sabe o que se passa na minha cabeça. Não sabe que estou procurando uma oportunidade para fugir, ou que eu sei que só posso tentar isso uma vez. Ele vai me matar, sei que vai, se eu cometer um erro.

Tenho mantido contato com Jonathan. Resolvi ser bem direta e lhe expus por que ele deveria considerar me escolher para aquele cargo em Nova York. Não me recordo de ter dito a ninguém que queria abrir minha própria empresa um dia, mas não me surpreenderia se tiver falado isso em estado de embriaguez, em um daqueles jantares pós-conferências. De qualquer maneira, não me importa qual seja o trabalho — ainda que eu pretenda me esforçar bastante—, é uma rota de fuga o que estou procurando. Felizmente, tudo deverá ser tratado por e-mails no trabalho, absolutamente nada precisa ser enviado ao meu endereço pessoal — não há necessidade. Quando a segunda via do meu passaporte chegou, uma semana atrás, levei-o para o trabalho e o guardei na gaveta de lá.

Estou torcendo para que Jonathan me aceite, porque estou praticamente dando meu plano como certo. Receio não ser capaz de preservar minha sanidade caso isso não funcione. Faz muito tempo que minha fatura do cartão de crédito não vem mais pelo correio, assim, se eu precisar reservar um voo, Lee não ficará sabendo. Verifico meus e-mails no trabalho. Depois do arrombamento, não me preocupei em substituir meu notebook. Não julguei necessário.

Portanto, por ora, ele pode me vigiar o quanto quiser; meus dias em Lancaster estão contados.

Logo estarei livre.

Domingo, 17 de fevereiro de 2008

OUVI OS PASSOS DE STUART NA escada, arrastando sua mochila, batendo com ela na parede. Eu estava no sofá, sentada em cima dos pés, com meias, meus nervos vibrando como uma cerca eletrificada. Quando o ouvi, me perguntei se deveria deixá-lo primeiro guardar a bagagem em casa, descansar um pouco, tomar um banho, beber alguma coisa ou seja lá o que for que as pessoas fazem quando chegam de viagem. Pensei se ele não teria se esquecido de vir me ver, muito embora tivéssemos falado sobre isso na noite de sexta-feira, embora ele tivesse mencionado isso de novo ontem à noite, embora tivesse me enviado uma mensagem de texto do aeroporto de Heathrow para dizer que o avião havia pousado e que ele estava a caminho.

Então me lembrei de seu ombro e, sem pensar duas vezes, corri até a porta, destranquei tudo e a abri.

Stuart acabara de chegar ao meu andar.

Ele estava um pouco ofegante, a mochila a seus pés parecendo uma presa conquistada em alguma caçada, sua mão agarrada a uma das alças, como se estivesse pronto para arrastá-la a seu covil.

— Cara, essa merda está pesada pra cacete.

— O que tem aí dentro?

— Uma porção de livros. Não sei o que me passou pela cabeça para trazê-los de volta. Estavam na garagem de Rachel.

Encarei-o por um instante.

— Quer ajuda para levar isso lá para cima?

Ele não respondeu de imediato. Parecia ter-se esquecido de onde estava e o que estava fazendo. Como se estivesse desorientado.

— Posso entrar? — perguntou finalmente.

Assenti e lhe dei passagem. Ele deixou a mochila onde estava, largada no chão.

Fechei a porta assim que ele entrou e iniciei o processo de verificação, contando o mais rápido que podia sem cometer erros, enquanto Stuart esperava em pé atrás de mim.

Por fim, ele disse:

- Cathy, tenha paciência. Isso é uma tortura.
- Estou fazendo o mais rápido que posso.
- Sério. Por favor. Deixe isso para lá. Está trancada.
- Quanto mais você falar, mais tempo vou levar, portanto cale a boca, ok?

Ele aguardou. Devia estar contando junto comigo, porque assim que terminei a primeira sessão de verificações e antes que pudesse começar outra, ele se aproximou por trás de mim e passou o braço pela minha cintura. Não me esquivei. Ele apoiou a cabeça na minha, seu hálito quente no meu cabelo. Olhei para seus braços me cingindo. Virei-me lentamente e ergui a cabeça a fim de poder olhar para ele, a expressão em seus olhos difícil de definir.

— Você está nervoso — comentei.

Ele sorriu.

— Isso é tão óbvio?

— Não tem problema — disse, e o beijei.

Depois daquele primeiro beijo, tudo ficou mais fácil. Levei-o até meu quarto. Ele começou a me despir e então nossos corpos se entrelaçaram e eu mesma acabei tirando minha roupa.

O quarto estava escuro, a única luz vinha da sala, mas mesmo assim tive vergonha das cicatrizes. Ele deve tê-las sentido, no escuro, ao passar as mãos sobre minha pele. Mas não disse nada. Deve tê-

las sentido com a boca ao me beijar, com a língua. Mas não disse uma palavra.

O mais estranho foi o que eu senti, senti tudo. Normalmente não sinto nada, apenas irritação, desconforto, rigidez, dor. A superfície do meu corpo é entorpecida pelas cicatrizes, muitas das quais são insensíveis a estímulos — as terminações nervosas foram afetadas, creio eu. Quando ele me tocou, eu senti tudo. Foi como ganhar uma pele nova.

Terça-feira, 25 de maio de 2004

JONATHAN LIGOU ONTEM PARA MEU CELULAR ; felizmente, não havia ninguém no escritório naquele momento. Era para ser uma espécie de entrevista, mas notei imediatamente que se tratava de mera formalidade. Tentei imaginar seu rosto, porém não consegui ligar a voz a uma imagem. De qualquer maneira, eu estava nervosa, embora tentasse não transparecer. Exagerei um pouquinho minha experiência em consultoria administrativa — bem, acho que funcionou. Ele disse que faria um contrato temporário de três meses comigo, só para começar. Se eu gostasse do trabalho e ele ficasse satisfeito com meu desempenho, poderíamos estender esse prazo. Ele reservou meus voos e me enviou por e-mail os horários — vou precisar pegar as passagens no aeroporto.

No final do dia, fui ver minha chefe e pedi demissão. Como tinha um crédito de férias a meu favor, só vou precisar trabalhar mais duas semanas na empresa. Ela não ficou contente. Dei a desculpa, para sair logo de sua sala, de que precisava encontrar um novo gerente de RH, mas na verdade meu coração dava pulos de alegria.

E assim, hoje realizei uma das minhas raras aparições em público. Embora eu quisesse ir até o correio para comprar alguns dólares, relutei em ir direto até lá, pois Lee poderia estar me vigiando. Ele deveria estar trabalhando em algum lugar, mas isso não significava que não estivesse também me seguindo. Já fizera isso antes; e com tanta frequência que eu o via em todos os lugares por onde passava. Provavelmente a maioria das vezes era minha imaginação, mas nem sempre.

Fiquei enrolando na farmácia por algum tempo, fingindo examinar os testes de gravidez — isso deveria enganá-lo, no caso de estar me observando — e, depois, as maquiagens.

Meu voo seria às quatro da tarde de uma sexta-feira, onze de junho — meu último dia de trabalho na Inglaterra seria na véspera. Resolvi comprar uma mala para deixá-la no trabalho, e ir levando

de casa, sorrateiramente, alguns itens importantes, como roupas, uma ou duas de cada vez, e um pouco mais quando ele não estivesse por lá. Poderia guardar a mala no almoxarifado da empresa — felizmente, eu era a única pessoa que ia ali. Não era o ideal, eu nunca havia arrumado uma mala de viagem desse jeito antes, mas teria que ser assim. Levaria apenas o mínimo necessário e compraria roupas novas em Nova York.

Mas ainda havia um monte de coisas minhas em casa. Não dava para pegar tudo e depois fingir que eu estava apenas fazendo uma limpa no armário — muito arriscado. Com meu salário em Nova York, eu poderia manter alugada a casa em Lancaster, por enquanto. Talvez, em alguns meses, eu pudesse voltar, devolver o imóvel e carregar de vez todas as minhas coisas. Só precisava de alguns meses, apenas o suficiente para ele me esquecer e seguir seu caminho.

Arrisquei uma olhada por cima do balcão e lá estava ele: bem do outro lado da loja, perto da entrada — de terno, eu notei; talvez tivesse alguma reunião importante.

Eu tinha que fingir não tê-lo visto, embora sentisse vontade de acenar para ele. Contudo, meus planos de ir até o correio estavam arruinados. Vou tentar novamente amanhã — posso alegar que preciso buscar uma encomenda para uma amiga, algo do tipo.

Sexta-feira, 22 de fevereiro de 2008

ACORDEI DE REPENTE, PASSANDO DO ESTADO de sono profundo para o de totalmente desperta, o coração acelerado, em questão de segundos.

Eu me encontrava na cama de Stuart e tudo estava absolutamente escuro. Nem um som, exceto o de sua respiração, ao meu lado. Coloquei todo o meu corpo em alerta, me esforçando para identificar o som que havia me acordado.

Silêncio.

Olhei para Stuart, para o contorno de seu corpo iluminado pela penumbra da janela, para a curva pálida de seu ombro. Ainda estava me acostumando a dormir com ele, embora tivéssemos passado juntos todos os minutos possíveis desde que ele voltara de Aberdeen. Toda vez que eu despertava e ele estava ali, eu levava alguns minutos para me acalmar e me lembrar.

Eu havia sonhado com Sylvia. Stuart estava comigo, nós dois nus, fazendo amor na cama como se estivéssemos totalmente sozinhos, assim como havíamos feito algumas poucas horas antes. No meu sonho, eu olhara para cima e ela estava lá, à porta, a boina vermelha bem justa sobre o cabelo louro, sua boca fina, um sorriso vil.

Então ouvi de novo, aquele som. Mas não ali dentro — era lá fora. Saí da cama e fui discretamente até a janela do outro lado, no caminho pegando a camiseta de Stuart que estava pendurada atrás da porta e a vestindo, para me cobrir.

Ainda não tinha amanhecido, estava tudo perfeitamente escuro, o céu mal começava a ficar cinzento. Olhei pela lateral da janela saliente na direção do jardim dos fundos: o muro era um retângulo sombrio, uma forma regular com as moitas e os arbustos embaixo. Não dava para enxergar dali o pequeno galpão de depósito, por causa da minha varanda no andar de baixo. Eu me inclinei sobre o parapeito da janela e observei a escuridão, já começando a relaxar quando, repentinamente, algo se moveu.

No mesmo instante Stuart, ainda deitado, disse algo, me dando o maior susto.

— O que está fazendo? Volte para a cama.

— Tem alguém lá fora — sussurrei em um tom de urgência.

— O quê? — Ele se levantou da cama, se espreguiçou um pouco e foi até mim. — Onde?

— Lá embaixo — murmurei. — Perto do depósito.

Afastei-me um pouco da janela, para que ele pudesse enxergar.

— Não estou vendo nada. — Ele pôs o braço sobre meus ombros e bocejou. — Você está gelada, volte para a cama.

Ao ver minha expressão, ele voltou a olhar pela janela e, para meu terror, levantou a persiana. O barulho foi como a porta do inferno se abrindo.

— Olhe — disse ele de súbito, apontando lá para baixo.

Um vulto disparou e passou entre o portão e o gramado, mas certamente não era uma figura humana.

— Uma raposa — disse ele. — Era uma raposa. Agora venha aqui.

Ele baixou a persiana de novo, tirou a camiseta que eu estava vestindo e me levou de volta para o calor da cama. Minha pele estava gelada em contato com a sua, mas ele logo me aqueceu, com sua língua, suas mãos e todo o seu corpo nu me envolvendo, até eu me esquecer do vulto que tinha visto; esquecer que na verdade não parecia muito uma raposa, era maior, mais largo; esquecer que o vulto parecia estar na minha varanda, no andar inferior; e que eu vira o céu cinzento refletir em alguma coisa que brilhava, algo comprido, fino e cintilante, como uma faca.

Quinta-feira, 10 de junho de 2004

ERA DEMAIS QUERER QUE LEE ESTIVESSE trabalhando no dia em que eu planejava fugir. De certo modo, porém, tê-lo em casa comigo era melhor. Com ele ali me vigiando, eu poderia saber exatamente onde ele estava. E se eu conseguisse sair bem cedo, talvez conseguisse uma vantagem sobre ele.

Ontem à noite ele chegou tarde; eu estava assistindo a um filme no sofá. Minha mente estava efervescente com tudo isso, a ideia de fugir dele, o medo de que tudo saísse terrivelmente errado. Quando ouvi o som de sua chave na porta, me esforcei para sorrir, demonstrar calma, não transparecer nada.

Ele estava de terno. Pendurou o paletó em uma cadeira da sala de jantar, depois veio até a mim e me beijou.

— Quer alguma coisa da cozinha? — perguntei.

— Uma cerveja seria ótimo — respondeu ele. Parecia cansado.

Peguei uma garrafa na geladeira e levei-a até ele.

— Eu estava pensando — disse Lee—,deveríamos viajar para algum lugar. O que você acha? Fugir um pouco de tudo isso, só nós dois.

— É uma ótima ideia.

— Você já pediu seu passaporte novo?

Olhei para ele, torcendo para que não tivesse notado meu sobressalto.

— Já. Nenhuma resposta ainda. Mas costuma demorar, não é?

Lee ergueu as sobrancelhas e tomou um gole da garrafa.

— Eu sempre quis ir aos Estados Unidos. Não conheço. Você já foi lá?

— Não.

— Las Vegas, talvez. Ou Nova York. O que você acha?

Meu coração batia tão forte que ele deve ter escutado.

— Hum.

— Sabia que eu te amo, Catherine?

Sorri para ele.

— Claro.

— Acho que é importante que sejamos honestos um com o outro. Você me ama?

— Amo.

— Podíamos nos casar. Em Vegas. O que você acha?

Naquele exato momento eu teria concordado com qualquer coisa, só para fazê-lo calar-se. Só precisava de mais algumas horas.

— Acho que é uma ideia formidável — respondi.

E o beijei.

Quinta-feira, 28 de fevereiro de 2008

TIVE OUTRO ATAQUE DE PÂNICO HOJE.

Não foi nem de longe tão ruim quanto os outros, e acho que nenhum ataque de pânico poderá ser tão ruim quanto aquele que tive na véspera do Natal, quando falei pela primeira vez com Sam Hollands, mas agora, justamente quando eu estava começando a achar que aqueles comprimidos estavam fazendo efeito e me ajudando a controlar a ansiedade, aconteceu uma coisa que veio perturbar meu equilíbrio.

Voltando de ônibus para casa, só saltei no ponto em Park Grove, na esquina da minha rua. Peguei meu atalho regular pelo beco e por um momento fiquei observando minhas cortinas lá em cima, contando cada retângulo de vidro nas portas da varanda a fim de me certificar de que estava tudo certo. Olhei para o portão, soltando das dobradiças. Não havia dúvidas de que algum animal o estava usando como trilha: a grama estava repisada, com tufo de pelo cinzento presos aos galhos. O portão em si não parecia ter sido violado. Se alguém esteve em minha varanda, precisou subir pelo muro. Olhei para cima: media mais de dois metros e era bem sólido, não seria uma escalada fácil.

Eu estava novamente pensando na Sra. Mackenzie, e no que ela me dissera sobre ter visto alguma coisa lá fora. Talvez só quisesse me dizer que algo a assustara, provocando a queda.

Dei uma boa olhada, por cima do portão, nas janelas do térreo e na porta que dava para o pátio. Tudo me pareceu bem normal. O apartamento estava em total escuridão, assim como o tínhamos deixado.

Stuart já havia chegado e estava preparando o jantar. Eu ia passar em casa para me trocar e pegar algumas roupas limpas para o dia seguinte.

Cumprir meus rituais esta noite foi um parto, principalmente porque Stuart já estava lá em cima e cada minuto que eu passava ali remexendo nas portas e janelas era um minuto desperdiçado.

Foi só ao chegar ao quarto que notei algo de errado. Nem reparei de imediato.

As cortinas estavam abertas.

De início, o choque foi o equivalente a levar um jato de água gelada em pleno inverno. Senti meu coração começar a martelar meu peito, tão forte que eu podia ouvi-lo acima do estrondo que o fluxo sanguíneo fazia ao passar nos meus ouvidos. Por instantes não consegui respirar, depois fiquei arfante, lutando para pegar ar. Cheguei a sentir minha cabeça começar a girar, mas então reagi, me concentrando — respire fundo. Devagar. Inspire... segure o ar... e expire.

Estou ficando boa nisso. Assim como na racionalização. Ninguém esteve aqui. Você está segura. Ninguém entrou aqui — você apenas deixou as cortinas abertas. Respire. Respire fundo.

O dia estava quase amanhecendo quando acordei. Abri as cortinas bem cedo no quarto de Stuart, deixando a luz inundar o ambiente. A última vez que eu estivera em meu quarto... quando havia sido? Na noite de segunda-feira? Ainda era dia claro quando eu saíra do apartamento e subira para preparar o jantar, antes que ele voltasse do trabalho. E quando eu estava lá fora no beco olhando para as janelas, poucos minutos antes? Estavam abertas? Tentei visualizá-las, mas não consegui ter certeza — eu observei a varanda, e depois o apartamento da Sra. Mackenzie. Não consigo me lembrar de ter olhado para a janela do quarto. Certamente eu teria notado se as tivesse deixado abertas... ou não?

Eu as tinha deixado abertas. Ninguém estivera ali, eu simplesmente não as fechara. Essa era a única explicação possível.

Eu podia muito bem aceitar isso, que talvez estivesse claro e por isso eu não havia fechado as cortinas, exceto pelo fato de todas as demais cortinas do apartamento — excluindo as da varanda, que ficavam abertas exatamente do mesmo jeito — estarem fechadas.

Talvez eu não tivesse entrado no meu quarto na noite de segunda-feira. Será que eu tinha verificado a janela direito nesse dia? Ou será que estava com tanta pressa que me esquecera completamente do quarto e deixara as cortinas abertas, desde a última vez em que estivera ali? Tentei pescar na lembrança o que

eu tinha feito na segunda, mas estava tudo desfocado, se confundindo com o que eu fizera na última quarta e na segunda anterior.

Continuei respirando até começar a me sentir capaz de sair do lugar. Aproximando-me das cortinas, fiquei um momento olhando para o jardim, tentando ver se havia algo diferente. Narcisos silvestres brotavam aleatoriamente nos cantos, a grama estava alta. Não havia indícios de nada fora do comum ou fora de ordem no jardim. Nada com que me preocupar.

Verifiquei a janela, passando a mão em todo o contorno. Ali também não havia nada errado. Fechei as cortinas e troquei de roupa, dizendo a mim mesma o tempo todo que eu era uma boba, uma idiota. Minha calça jeans estava sobre a cama, dobrada exatamente como eu a deixara. Vesti a calça e depois uma camiseta limpa. Peguei dentro do armário uma blusa para o dia seguinte, uma saia longa e sapatos de salto alto azul-marinho que combinavam com a saia. Dobrei tudo e equilibrei os sapatos em cima.

Coloquei as roupas em uma sacola e a deixei ao lado da porta, para fazer mais uma ronda pelo apartamento, verificando se tudo estava seguro. Desta vez fiz tudo certo. Fechei as cortinas, todas exceto as da sala de jantar, que eu podia avistar do beco. Deixei-as abertas exatamente pela metade, mantendo o tecido na posição precisa que eu reconheceria mais tarde.

Na verdade eu estava me sentindo bem quando subi para o apartamento de Stuart. Estava me sentindo bem enquanto jantávamos, contando-lhe sobre como eu me assustara e quase entrara em desespero no meu quarto só porque tinha esquecido as cortinas abertas. Rimos disso, e eu não me senti incomodada; fiquei bem até o momento em que estávamos abraçados no sofá da sala, assistindo a um filme de comédia e chorando de tanto rir.

Eu estava bem até o exato momento em que enfiei a mão no bolso da calça para pegar um lenço de papel e, em vez disso, encontrei um botão, um pequenino botão revestido de cetim vermelho, e um pedaço de tecido de cetim vermelho preso a ele,

todo espiralado, como se alguém o tivesse torcido, torcido com muita força, até finalmente rasgá-lo.

E depois disso já não me sentia nada bem.

Sexta-feira, 11 de junho de 2004

ÀS QUATRO HORAS DA TARDE, ESTAREI livre.

Quando meus olhos se abriram esta manhã, Lee dormia profundamente ao meu lado, seus cílios formando um leque como as asas de um pássaro. Ele estava lindo, parecia em paz, incapaz de machucar alguém.

Ainda era extremamente cedo, mas eu não me sentia mais cansada — minha cabeça fervilhava, repleta de uma energia tensa. Era como se eu estivesse prestes a subir ao palco do Royal Albert Hall ou a realizar um astucioso roubo a uma joalheria. Eu tinha planejado o dia com detalhes excruciantes e planos de contingência, para o caso de algo sair errado. Para o caso de ele se mostrar desconfiado; ou algo inesperado acontecer.

Ontem à noite, antes de irmos dormir, avisei a ele que hoje iria para o trabalho mais cedo; que tinha uma reunião à tarde e precisava me preparar. Ele não demonstrou a menor preocupação, não pareceu desconfiado — na verdade, acho que mal estava me escutando. Até agora, tudo bem.

Quinze para as seis. Eu me levantei, o mais silenciosamente possível, morrendo de medo de acordá-lo. Fui me arrumar no banheiro: vesti meu terninho azul-marinho com sapatos de um salto mínimo, a mesma roupa que usei semana passada. Eu queria comer alguma coisa, mas meu estômago parecia tão agitado que tive medo de vomitar.

Eu ia mesmo vomitar.

Corri até o banheiro do andar de baixo bem a tempo de deixar um fluido aguado sair pela minha boca. Nossa, eu devia estar mais nervosa do que pensava. Enxaguei a boca com água fria. Minhas mãos tremiam um pouco.

Tentei manter uma rotina cuidadosamente idêntica à de um dia de trabalho, muito embora Lee ainda estivesse dormindo profundamente lá em cima. Prendi o cabelo em um coque bem-ajeitado, me maquiei, tomei um copo d'água, lavei-o e o coloquei

no escorredor. Depois de refletir um instante, lavei também uma tigela de cereais e uma colher, ambas perfeitamente limpas, e as coloquei no escorredor.

Peguei minha bolsa e minhas chaves e, delicadamente, fechei a porta ao sair. Eram quase seis e meia.

Quinta-feira, 28 de fevereiro de 2008

— Isso, ASSIM ESTÁ MELHOR. VAMOS. Respire fundo. Mais uma vez. Mais devagar.

— Não consigo. Isso é horrível... isso...

— Está tudo bem. Eu estou aqui, está tudo bem, Cathy.

O retalho de tecido vermelho estava caído no meio do tapete como uma ferida aberta. Eu não conseguia olhar para aquilo. Os sons de fundo da televisão pareciam rir da minha histeria. Imagino que eu pareceria muito engraçada para alguém que visse de fora.

Quando estava quase me acalmando novamente, ele me levou para a cozinha, me fez sentar à mesa e foi preparar um chá.

— O que aconteceu? — perguntou Stuart, sempre imperturbável, com uma serenidade irritante.

— É aquilo. Estava no meu bolso.

Ele olhou na direção do tapete.

— O que é aquilo?

Balancei a cabeça de um lado para outro até começar a ficar tonta.

— É... é apenas um botão. Mas o problema não é esse, e sim como isso foi parar dentro do meu bolso? Eu não coloquei isso aí. Não devia estar aí. Isso significa que ele esteve no meu apartamento. Ele conseguiu entrar e o colocou no meu bolso.

— Ei, vamos, respire fundo de novo. Você já superou isso, não deixe voltar. Tome. Seu chá. Vamos, beba um pouco.

Tomei alguns goles. Minha garganta queimou, e me senti enjoada. Minhas mãos tremiam.

— Você não entende.

Ele sentou-se à minha frente com sua caneca e esperou. Sempre aquela maldita paciência infinita, me enervando, me lembrando as filhas da puta daquelas enfermeiras naquela merda de hospital.

— Vamos esquecer isso, por favor. Estou bem agora.

Ele não disse nada.

Bebi meu chá. Sem querer, comecei a me acalmar. Ainda não conseguia olhar para aquilo, ou pensar naquilo, no que significava. Finalmente, consegui sussurrar:

— Você pode jogar fora para mim?

— Para isso vou precisar deixá-la sozinha por um minuto.

— Ok. Mas não vá muito longe.

— Vou jogar no lixo lá de fora. Tudo bem?

Ele se levantou da mesa. Cobri o rosto com as mãos para não ver. Mantive os olhos fechados até escutar a porta bater — ele sabia muito bem que era melhor não deixá-la aberta — e seus passos descendo a escada. Eu queria gritar. Queria gritar sem parar, mas me contive, contei até dez, disse a mim mesma que aquilo não estava mais ali, nunca mais estaria, talvez nunca tivesse estado na verdade, talvez fosse tudo fruto da minha imaginação.

Ele retornou alguns minutos depois e sentou-se à mesa da cozinha. Tomei mais um gole de chá e abri um sorriso que eu pretendia que fosse tranquilizador.

— Está vendo? — falei. — Não precisa se preocupar. É só a sua namorada maluca surtando de novo sem motivo algum.

Ele apenas manteve o olhar fixo em mim.

— Eu gostaria que você me contasse — disse ele. — Acho que pode ajudar.

Não respondi, me perguntando se eu poderia me recusar a contar, e, se o fizesse, se ele respeitaria minha recusa ou continuaria insistindo indefinidamente.

— Isso faz parte do meu passado. Quero me livrar disso, esquecer — falei.

— É uma parte do seu passado que está tendo um impacto significativo no seu presente.

— Você acha que eu mesma o coloquei no meu bolso?

— Eu não disse isso.

Mordi o lábio. Minha caneca de chá estava pela metade; se não fosse por isso, eu provavelmente teria me levantado e ido embora. Além do mais, eu queria mesmo descer para começar a verificar tudo, tentar descobrir como é que ele tinha conseguido entrar.

— Olhe — disse Stuart finalmente—, não estou tentando entrar na sua cabeça. Só quero saber como posso ajudar. Você pode tentar esquecer a minha profissão e me contar? Não sou seu terapeuta, Cathy. Sou apenas o pobre coitado do cara que está apaixonado por você.

Surpreendentemente estava sorrindo, apesar de tudo.

— Ah, Stuart, me desculpe. Eu venho guardando isso há tanto tempo que é difícil falar, sabe?

— Eu sei.

Levantei-me e fui me sentar no seu colo, abraçando-o, minha cabeça no seu ombro. Seus braços me envolveram e ele me segurou.

— Eu tinha um vestido vermelho. Era o que eu estava usando quando o conheci. Ele ficou um tanto obcecado por esse vestido.

Por um momento me veio à mente a imagem daquele vestido quando o comprei. Caía perfeitamente em mim, e precisei comprar também sapatos que combinassem. No começo eu o adorava. Queria usá-lo o tempo todo.

— E esse botão lembra os do vestido?

— Isso. Não, é mais do que isso. É um botão do meu vestido, tenho certeza... Ah, não sei de mais nada!

Eu estava desesperadamente tentando me recordar, tentando visualizar o vestido, o tamanho exato dos botões, se os de trás eram de metal ou de plástico. Eu passava da certeza absoluta para a dúvida total. Obviamente, agora que o botão estava lá fora na lata de lixo eu não poderia confirmar. Mas de uma coisa eu não tinha dúvida:

— É o tipo de coisa — prossegui — que ele é capaz de fazer, Stuart. É exatamente o tipo de jogo macabro que ele fazia. Ele colocou aquela... coisa... no meu bolso para me avisar que vai voltar.

Stuart afagava meu braço, mas eu podia sentir a tensão nos seus dedos. Eu já estava esperando que ele dissesse: *É só um botão. Não significa nada.*

— Você pode tê-lo apanhado em algum lugar — disse ele, afetuosamente.

— Não — retorqui. — Eu não saio por aí catando coisas. Você faz isso? Você sai aleatoriamente pegando lixo de outras pessoas? Não? Nem eu.

— Talvez tenha se misturado às suas roupas na lavanderia — sugeri eu. — É tão pequeno. Pode ter ficado na máquina da última lavagem. Estava todo amassado, não estava? Talvez tenha ficado preso dentro da máquina, sei lá. É uma possibilidade, não é?

— De que lado você está?

Levantei, bruscamente asfixiada com seus braços em torno de mim. Atravessei a sala, mas mudei de ideia e voltei lentamente, tentando deter o pânico, a raiva e o desespero, a absoluta desesperança daquilo tudo.

— Eu não tinha percebido que havia lados.

— Cale a boca e deixe de ser idiota! — gritei.

Ele se calou. Eu ultrapassara um limite, e me senti imediatamente péssima.

— Stuart, me desculpe — falei. — Eu não quis dizer isso.

— Você deveria ligar para a polícia — reagiu ele finalmente.

— De que adianta? Não vão acreditar em mim — lamentei.

— Talvez acreditem.

— Nem você acredita em mim; por que eles acreditariam?

— Não é que eu não acredite. Acho que você ficou seriamente traumatizada pelo que aconteceu e agora está com medo, e tudo isso a leva a ignorar o fato de que existem possíveis explicações racionais para que aquele botão tenha ido parar no seu bolso.

— É exatamente essa a questão, Stuart. Aquilo estava *dentro do meu bolso*. Não era um mero botão perdido na máquina de lavar, aquela merda estava dentro da porra do meu bolso! Não caiu lá sozinho por vontade própria, e eu não o coloquei ali, foi ele. Você não entende? Ele fazia coisas assim. Invadia minha casa quando eu não estava, deixava mensagens, mudava objetos de lugar. Às vezes eu nem percebia. Foi por isso que comecei a checar tudo.

— Ele invadia sua casa?

— Ele era... ele tinha bastante experiência nisso. Eu nunca descobri como ele conseguia entrar. Ele podia arrombar praticamente qualquer casa sem que descobrissem como.

- Caramba. Então quer dizer que ele era um assaltante?
- Não, ele não era assaltante; era policial.

Sexta-feira, 11 de junho de 2004

SAÍ COM O CARRO SEM OUSAR olhar para trás.

O sol já estava brilhando, o céu azul sem nuvens, o ar fresco mas sem chegar a fazer frio. Um lindo dia se anunciava, um dia fantástico. Quando cheguei ao final da minha rua e liguei a seta para virar à direita, senti um grito crescer dentro de mim, uma gargalhada, uma risada maníaca de libertação. Todo aquele pânico que se acumulara dentro de mim por tanto tempo.

Chegando ao trabalho, entrei pela porta dos fundos, pois assim não precisaria cumprimentar o segurança, e peguei minha mala no esconderijo. No bolso lateral estavam os dólares, meu passaporte com o visto de três meses e outros documentos de viagem. Minha sala no escritório estava completamente vazia — alguém a ocuparia na semana seguinte. Saí com a mala pela porta dos fundos, torcendo para que o segurança não estivesse olhando pela câmera do circuito interno justo naquele momento, torcendo para que não aparecesse ninguém para me perguntar como eu estava e comentar “Ué, pensei que você já tivesse ido embora”.

A primeira parte do plano transcorreu perfeitamente.

Assim que peguei a rodovia expressa, comecei a cantar. Passei por dois entroncamentos na direção de Preston e consegui entrar no trânsito cada vez mais intenso da hora do rush até a estação de trem. Na rua ao lado havia uma concessionária de carros usados. Estacionei bem em frente à movimentada entrada da estação. No banco ao meu lado estavam todos os documentos do veículo. Eu já havia assinado o recibo de venda do carro, deixando o nome do comprador em branco. Ao lado, deixei um bilhete:

*A quem possa interessar,
Por favor tome conta deste carro. Não preciso mais dele.
Obrigada.*

Deixei a chave na ignição. Esperava que, assim, quem o achasse não sentisse necessidade de avisar a polícia.

Peguei minha mala do carro e fui puxando-a até a entrada da estação. Comprei uma passagem para Londres, em dinheiro, e segui arrastando minha mala até a plataforma. O trem para Londres chegaria em cinco minutos. Eu queria já estar indo embora dali, mesmo sabendo que Lee ainda devia estar dormindo um sono pesado; eu queria estar longe dele; queria sair correndo e nunca olhar para trás.

O trem estava lotado no início. A cada estação, mais passageiros embarcavam e outros desembarcavam. Eu queria relaxar, ler um livro, parecer uma pessoa normal. Fiquei sentada vendo o campo e as cidades passarem pela janela, cada estação em que parávamos me levando para mais e mais longe da minha antiga vida e para mais perto da liberdade.

Uma semana antes, exatamente uma semana, ele chegara tarde — bem depois das onze horas. Eu pensei que ele ia ficar fora a noite toda, que eu estaria segura até sábado pelo menos, mas ele apareceu. Eu estava assistindo a um programa sobre Nova York, e, com o som da porta da rua se abrindo e se fechando, levei um susto e, sem pensar, desliguei a televisão.

O cheiro de álcool chegou antes dele à sala. Mau sinal, pensei.

— O que está fazendo? — inquiriu ele.

— Estava indo para a cama. Quer uma bebida?

— Já cansei de beber.

Ele se deixou cair no sofá, ao meu lado. Ainda vestia a mesma calça jeans e o mesmo casaco com capuz com que saíra para trabalhar dois dias antes. Passou a mão na testa, com um ar cansado.

— Eu a vi no centro da cidade ontem à noite — disse ele, em um tom desafiador.

— Ah foi? — Eu também o vira, mas não iria admitir isso. — Eu saí para beber com Sam. Eu avisei a você, lembra?

— Lembro. Pouco importa.

— Pensei que você estivesse trabalhando — comentei, mas minha vontade era mandá-lo largar a porra do meu pé e parar de

me seguir.

— Eu estava, porra. Vi você saindo do Cheshire e entrando no Druid's. Você parecia estar se divertindo bastante. Quem era aquele cara?

— Que cara?

— O cara com você. Com o braço no seu ombro.

Eu pensei, tentando me lembrar.

— Não me lembro de ele ter colocado o braço nos meus ombros, mas o cara que estava com a gente era o namorado de Sam.

— Venha aqui.

Seus braços se abriram para mim, oscilando levemente, e eu rangi os dentes e me aconcheguei em seu peito. Ele me deu um abraço forte, pressionando minha cabeça no seu casaco. Um cheiro de pub e asfalto, refeição para viagem e álcool. Ele afastou o cabelo do meu rosto e depois, com um gesto desajeitado, puxou meu rosto para mais perto de si e me beijou.

Um minuto depois, perguntou:

— Está naqueles dias?

Pensei rapidamente em dizer que sim, mas isso não me ajudaria em nada.

— Não.

— Por que está sendo tão hostil, então?

— Não estou sendo hostil — respondi, tentando manter a voz alegre. — Estou cansada, só isso.

— Para reforçar meu argumento, levei a mão à boca e bocejei de leve.

— Você vive cansada, porra.

Eu estava mais uma vez naquela encruzilhada: ou deixava que ele obtivesse o que queria e suportava isso, ou tentava resistir, me arriscando a ser mais uma vez seriamente espancada. Quando estava bêbado daquele jeito, ele não me deixava escapar assim tão fácil, e eu não queria correr o risco de começar no meu novo emprego em Nova York com marcas amareladas no rosto.

— Mas não *tão* cansada assim — emendei, sorrindo, a mão na sua calça, na altura da genitália, pressionando um pouco e já

abrindo seu cinto.

No final, ele acabou me agredindo assim mesmo. Ele me comeu, e eu fiz o possível para que não doesse demais, tentando prolongar o ato como se eu estivesse gostando. Eu soube como aquilo ia acabar quando ele começou a bater na minha bunda enquanto enfiava em mim, primeiro só um tapa, mas foi ficando cada vez mais forte, até eu começar a gritar. Era isso o que o excitava ultimamente. Ele podia passar horas trepando, ainda mais se tivesse bebido, sua ereção indo e voltando, até encontrar um jeito de me machucar — me mordendo, ou puxando meu cabelo até eu berrar, e assim que escutava o tom autêntico da dor em minha voz ele começava a pegar ainda mais pesado, até gozar.

Ele saiu de mim bruscamente e me virou de costas, sua respiração áspera e ofegante, seus olhos cintilando de prazer. Minha pele nua ardeu ao entrar em contato com o carpete.

Eu me perguntei o que ele ia fazer. Pensei que agora já não era mais possível sentir medo. Ele já me agredira tantas vezes que isso se tornara quase banal. E estava ficando cada vez mais inventivo, descobrindo novas maneiras de me humilhar.

— Não bata no meu rosto — falei calmamente.

— O quê?

— Faça o que quiser, mas não machuque meu rosto. Eles fazem muitas perguntas no trabalho.

Ele sorriu, com um olhar lascivo e medonho, e por um momento pensei que fosse fazer

exatamente isso, acertar-me várias vezes no rosto, até a pele arrebentar. Senti as lágrimas escorrendo, embora odiasse deixar que ele me visse chorando.

— É mesmo?

Assenti, incapaz de continuar olhando para ele. Então ele segurou com firmeza meu queixo, escolhendo o local, o polegar de um lado, os outros dedos do outro.

— Não — implorei. — Por favor, Lee...

— Cala a boca, porra. É gostoso assim. Você vai adorar.

Enquanto me comia, ele me impedia de respirar. Eu colocava os dedos no pescoço, tentando aliviar a pressão da sua mão, meus

pulmões ardendo, meu ouvido zumbindo, indicando que eu estava a ponto de perder a consciência em questão de minutos.

Então, ainda me penetrando com violência, ele aliviou a pressão. Eu tossi e arfei, tentando puxar o ar. A única maneira de fazê-lo parar era cedendo, então gritei; gritei o mais forte e mais alto que consegui, as lágrimas escorrendo pelo rosto. Quase me deparei com a morte. Eu estava totalmente aterrorizada, e gritar era praticamente involuntário — então eu gritava.

Ele não tentou me impedir, não voltou a tapar minha boca, apenas me deixou gritar. Funcionou. Alguns segundos depois ele saiu de dentro de mim e gozou no meu rosto.

Agora, no trem, com os campos das Midlands passando em alta velocidade, formando uma mancha de verde e de sol, fechei os olhos para conter a náusea.

Depois de terminar, ele se levantou do carpete, saiu cambaleando até o banheiro para se lavar na pia e, em seguida, subiu para o quarto e caiu na cama. Esperei até ouvi-lo roncar e então fui de quatro, ainda chorando, tomar um banho. Pelo menos dessa vez as únicas marcas foram no pescoço. Usei uma echarpe todos os dias daquela semana, para esconder os machucados. Todos acharam que eu estava com um chupão, no auge dos meus vinte e quatro anos.

Às nove horas, o trem parou na estação de Crewe. Vi o painel da plataforma informando os nomes das estações que ainda faltavam para chegar a Euston e, em seguida, "Devido a uma falha na sinalização em Nuneaton, este trem sofrerá um atraso de meia hora".

Meia hora? Olhei o relógio, embora já soubesse que horas eram. Tudo bem. Ainda chegaria duas horas antes do voo no aeroporto de Heathrow. Conquanto não houvesse mais atrasos, eu conseguiria chegar a tempo tranquilamente.

Eu queria dormir, mas estava muito nervosa e angustiada. Quando conseguiria enfim relaxar? Talvez dentro do avião? Ou quando chegasse a Nova York? Quando ficasse sabendo que ele fora embora de Lancaster? Quando se passasse um ano sem ter notícias dele?

Será que algum dia eu iria conseguir relaxar outra vez?

Domingo, 9 de março de 2008

No FINAL, ACABEI TELEFONANDO PARA A detetive Sam Hollands, do setor de violência doméstica do distrito policial de Camden, só para encerrar a discussão. Quando finalmente atendeu ao telefone, ela mostrou ter se esquecido completamente de quem eu era. Conte sobre as cortinas e o botão e, tropeçando nas palavras, expliquei que esse era o tipo de coisa que Lee fazia quando estávamos juntos. Mesmo enquanto eu falava, aquilo soava estúpido até para mim. Parecia algo que alguém diria só para chamar atenção. Eu estava quase esperando que ela me repreendesse por estar fazendo a polícia perder tempo, mas na verdade ela disse muito pouco. Falou que telefonaria para seu contato em Lancashire e voltaria a me ligar se houvesse algum problema.

Ela não me ligou.

Nessa noite, Stuart não dormiu muito bem. Fiquei deitada ao seu lado, esperando que adormecesse, sabendo que ele estava acordado por conta das coisas que eu lhe contara. Ele merecia alguém melhor do que eu. Merecia alguém que não tivesse uma cabeça tão fodida, alguém que não trouxesse um psicopata na sua cola, além de todo tipo de bagagem emocional. Ficamos deitados lado a lado na cama, em silêncio, sem nos tocarmos. Eu queria conversar com ele um pouco mais, porém não adiantaria de nada.

Não se tratava só de um botão. Nem sequer era um botão vermelho qualquer, disso eu tinha certeza agora. Era o botão que pertencia ao vestido que eu usara em outra vida, outra época, de coração aberto. Um vestido que já tinha amado mas passara a odiar. E em algum momento depois disso, os mesmos dedos que haviam, outrora, acariciado o cetim com uma reverência tão curiosa e sensual, fecharam-se sobre o pequeno botão e o torceram com força até arrancá-lo.

Quando acordei na manhã seguinte, Stuart já estava vestido para ir trabalhar.

— Podíamos viajar para algum lugar este fim de semana — sugeriu ele.

— Viajar?

— Só para dar um tempo. Algum lugar fora da cidade. O que acha?

Acabamos passando o fim de semana em um hotel em Peak District, saindo para longas caminhadas durante o dia, comendo demais no jantar e passando a noite toda agarradinhos em uma magnífica cama de quatro colunas. Foi um fim de semana maravilhoso, e, contrariando as expectativas, não senti necessidade de ajeitar as cortinas.

Foi o tipo de fim de semana sobre o qual eu contaria em grandes detalhes para Sylvia, no passado. Evidentemente, isso não vai acontecer agora. Às vezes me pergunto onde ela está e o que anda fazendo. Vai ver que ela mora no outro quarteirão e eu passo à sua porta todos os dias. Não sei onde ela está. Imagino que, se eu telefonasse para o *Daily Mail*, provavelmente a encontraria, mas muita água rolou sob muitas pontes, e não sei se eu poderia fazer isso. Sylvia, embora tenha sido minha melhor amiga por tanto tempo, é agora parte da minha antiga vida — a vida para a qual eu estava convencida de que não podia voltar.

Agora tenho uma vida nova. Com Stuart.

Gradualmente, o pânico por causa do botão amainou e o fim de semana fora me deu a chance de pensar sobre isso. Para mim, não havia nenhuma forma racional de explicar como ele fora parar dentro do meu bolso, então fingi que não havia acontecido. Talvez Stuart tivesse razão — talvez eu mesma o tivesse pegado, por meio de alguma distração psicológica reversa—, ou talvez fosse algum novo sintoma perverso do meu TOC.

Mas quando voltamos para casa, recomecei a verificar tudo com o mesmo afincamento. Decidi que todas as manhãs, antes de ir para o trabalho, eu passaria no meu apartamento para checar tudo e deixar tudo em ordem e depois, à noite, ao chegar do trabalho, verificaria tudo novamente, e acenderia as luzes quando ficasse escuro, para fazer parecer, para um observador de fora, que eu estava em casa, ainda que estivesse no andar de cima com Stuart.

Comprei outro temporizador de tomada para poder ligar a televisão quando chegava do trabalho e deixá-la programada para desligar sozinha às onze. Às vezes eu conseguia restringir as verificações a somente três rondas, obedecendo às instruções de Alistair; outras vezes fazia mais que isso.

Quanto à impressão de estar sendo vigiada — isso na verdade nunca passara. Agora voltara com força. Em todas as ruas, todas as lojas, toda vez que eu saía de casa eu sentia olhos me observando. Sabia que era tudo imaginação minha; afinal de contas, ele estava a quilômetros de distância, não estava? Podia muito bem ter sido solto no final de dezembro, mas se realmente pretendesse ir atrás de mim, já teria vindo.

Uma parte de mim desejava que ele tivesse encontrado uma nova pessoa, enquanto outra parte esperava que não, para o bem dela.

Sexta-feira, 11 de junho de 2004

QUANDO CHEGUEI AO AEROPORTO, ME RESTAVA menos de uma hora para fazer o check-in. A parte final da viagem — chegar a Euston, ir de metrô para Paddington e pegar a linha direta para Heathrow, carregando aquela maldita mala de um lado para o outro — havia sido bem difícil. Eu me sentia cada vez mais angustiada.

Fiz o check-in no balcão da American Airlines, e esse foi um momento decisivo para mim. Eu chegara ali, e chegara a salvo. Passei algum tempo olhando as vitrines no terminal do aeroporto, pensando em gastar dinheiro com coisas que não precisava. Eu não comprava lingerie desde antes de conhecer Lee. Se eu comprasse alguma, ele me acusaria de estar dormindo com outra pessoa. Toquei a delicada renda de uma calcinha na loja de artigos íntimos e pensei em comprá-la. Depois, ao olhar para o terminal cheio de gente, avistei de relance uma figura que se parecia muito com ele. Prendi a respiração, mas o homem se virou e notei que era outra pessoa.

Lee estava bem longe, em Lancaster, pensei. Crente que eu estava no trabalho. Ele se encontrava a setecentos quilômetros de distância, e mesmo que descobrisse que eu fora embora, eu estaria em segurança dentro do avião quando ele conseguisse chegar ali. Não havia absolutamente nada que ele pudesse fazer agora.

Ainda assim, eu queria ir logo para a área de embarque. Não fazia o menor sentido ficar por ali.

Cada passo que eu dava, sentia estar sendo vigiada. Mesmo ali, a quilômetros de casa, a quilômetros de Lee, eu via seu rosto em todo canto. Seria tão bom me afastar de tudo aquilo...

Entrei na fila para passar pelo controle de segurança e dei uma derradeira olhada no terminal, para aquele mar de pessoas cuidando da própria vida, pessoas alegres saindo de férias e executivos exaustos. Ternos, shorts, óculos escuros e pastas. Estava quase na minha vez. Mais alguns passos, umas duas horas no salão de embarque e eu estaria dentro do avião. Livre.

E então, repentinamente — lá estava ele, passando por uma loja de gravatas, vindo na minha direção, os olhos grudados em mim, a expressão impassível.

A fila ainda avançava através das grades metálicas — eu não podia ficar ali.

Então saí correndo, em pânico, corri o mais rápido que pude na direção de um segurança, um homem de uniforme que caminhava por ali sem fazer ideia do que estava acontecendo. Não arrisquei olhar para trás. Se o tivesse feito, teria visto Lee mostrar, de longe, seu distintivo para o guarda, cujos olhos se arregalaram ao deparar comigo me aproximando dele, minha boca aberta em uma espécie de grito silencioso, tentando expressar algo como “Socorro, socorro”... E, em vez de se interpor entre Lee e mim, em vez de me proteger, me salvar, ele me agarrou e me jogou no chão, fazendo com que eu batesse com as mãos, o rosto e os joelhos no chão de granito; segurou meus braços às costas, enquanto Lee pegava as algemas e prendia meus pulsos. E enquanto Lee recuperava o fôlego e arfava, dizendo “Peguei você, piranha”, o guarda não dizia nada, suado e ofegante com o esforço, empolgado por ter tomado parte de uma cena tão dramática em seu segundo dia de trabalho.

Eu me ouvia soluçando.

— Socorro, por favor, me ajude... Isso não está certo, ele não está me prendendo, eu não fiz nada...

Mas era em vão.

O guarda ajudou Lee a me erguer.

— Valeu pela ajuda, cara — disse Lee.

— Tudo bem. Posso ajudar em mais alguma coisa?

— Não, companheiro, tenho reforço na van lá fora. Mais uma vez, obrigado.

Tudo aconteceu em menos de um minuto. Não havia ninguém o esperando lá fora, é claro. Nenhum veículo da polícia. Havia somente um carro à paisana, que fora deixado com o pisca-alerta ligado, no ponto onde os veículos deixam os passageiros, ao lado da entrada do terminal. Segurando com firmeza meu braço, logo abaixo do cotovelo, ele me arrastou para fora.

Eu poderia ter tentado escapar novamente. Mas seria inútil.

— Seja uma boa menina, Catherine — disse ele. — Seja boazinha, você sabe que é melhor assim.

Ele me enfiou na traseira do carro. Esperei que ele batesse a porta e se sentasse ao volante, mas, em vez disso, ele entrou na traseira comigo.

Não me lembro do que aconteceu depois disso.

Sexta-feira, 14 de março de 2008

Na MINHA CONSULTA SEGUINTE COM ALISTAIR , contei-lhe que estava atravessando mais um período difícil. Falei sobre o hábito de Lee de mudar as coisas de lugar, de esconder objetos, e falei sobre o retalho de tecido vermelho e o botão que encontrara em meu bolso. Pela sua expressão, percebi que ele nunca ouvira uma história parecida, ainda que fizesse o possível para esconder isso. Provavelmente achou que eu mesma o tivesse colocado lá. Devia estar considerando a possibilidade de eu sofrer de algum tipo de psicose, além do transtorno de ansiedade.

A seu favor, devo dizer que ele foi tanto tranquilizador quanto rigoroso. Pouco importava como aquilo acontecera, o botão era somente um botão. Não significava nada. O mundo estava cheio de objetos vermelhos, disse ele, e que não faziam mal algum. O botão vermelho em si não me fazia mal algum. Estava em meu bolso, eu o havia tocado, fazendo meus níveis de ansiedade aumentarem, mas fora isso, aquilo não me machucara, não é mesmo?

O problema não era o botão, eu queria gritar, o problema era como essa merda tinha ido parar na porra do meu bolso. Mas de nada adiantaria repetir tudo que eu já dissera a Stuart, ele não poderia me ajudar, e eu já estava bastante acostumada a não acreditar em mim. Eu precisava pegar informações com a polícia para ter certeza de que Lee ainda estava a quilômetros de distância. De qualquer forma, uma coisa estava começando a ficar mais clara para mim, como um ponto vagamente luminoso em meio à escuridão. Se era eu que pegava objetos vermelhos para alimentar meus próprios medos ou se era Lee que estava de fato voltando a me perseguir, o que eu precisava em relação a Alistair não mudava. Eu precisava aprender a não agir como uma vítima dessa vez — de mim mesma ou de qualquer outra pessoa. Eu precisava de força, para lidar com as coisas ruins que a vida nos oferece. Precisava recuperar o controle.

Por ora, Alistair disse que nos concentraríamos no TEPT. Lidar com o TEPT envolvia vários aspectos. Quando me viessem lembranças repentinas, ou pensamentos envolvendo Lee, eu deveria deixá-los vir, e então deixá-los ir embora.

Lembrei-me daquela vez em Brighton, com Stuart. Ele dissera algo semelhante sobre o homem que havia me assustado. Tratava-se de reconhecer esses pensamentos como sendo parte do transtorno, e não como algo que me definia enquanto pessoa.

— Prefiro não ter esses pensamentos — falei. — Aceitá-los, então? Pode esquecer.

Alistair esfregou as mãos, deslizando um dedo médio contra o outro de um modo regular que, por alguma razão, tinha um efeito tranquilizante.

— O que você precisa se lembrar, Cathy, é que esses pensamentos têm que ir para algum lugar. Eles estão na sua cabeça no momento e não têm uma válvula de escape. Por isso são tão perturbadores. Esses pensamentos lhe ocorrem, e, quando isso acontece, você os rebate para o fundo da sua mente. Você tenta afastá-los, mas eles terão que voltar, porque a sua mente não teve tempo para processá-los, para lidar com eles. Se você os deixar vir, observá-los, refletir sobre eles, então será capaz de deixá-los ir embora. Não tenha medo deles. São apenas pensamentos.

— É o que você diz. Podem ser só pensamentos, mas ainda assim são extremamente assustadores. É como viver em um filme de terror.

— Então tente encará-los desse jeito: são parte de um filme de terror, e, cedo ou tarde, por mais aterrorizantes que sejam, vão chegar ao fim, desde que você os deixe vir e depois ir embora.

Sua voz era calma e curiosamente apaziguadora. Tentei imaginar Stuart ali, em uma consulta, escutando pessoas lhe contarem sobre suas desgraças, sobre sofrimento, solidão, contarem que não conseguem mais entender o mundo, querendo que tudo acabe.

Depois fui para casa, tentar digerir aquilo tudo.

Como em qualquer caso de vício, nas noites em que eu estava sozinha teria sido muito fácil não resistir ao hábito compulsivo, sem

Stuart nem ninguém para saber da minha autoindulgência. Mas aquelas verificações não me davam prazer algum, nunca deram; era mais uma espécie de alívio — uma ausência temporária do terror. Alistair me receitou uma série de técnicas para tentar reduzir o estresse causado pelo fato de não verificar tudo com cuidado, incluindo respirar fundo, racionalizar meus medos, renomeando-os de modo que se tornassem não medos verdadeiros e normais, mas apenas uma manifestação do meu TOC. Não são medos bons, fazem parte da minha condição de saúde — por que razão eu deveria guardá-los?

Mais cedo naquele fim de tarde, logo após chegar em casa do trabalho, o telefone tocou. Imaginei que fosse Stuart, mas era a detetive Hollands. Aquilo fez meu coração disparar — será que um dia eu melhoraria pelo menos um pouquinho? Pensei que ela me contaria que Lee estava desaparecido, que ele dissera a alguém que viria atrás de mim, que algum policial fora ludibriado por ele e lhe fornecera meu endereço.

— Só queria que soubesse que falei com meu colega no distrito policial de Lancaster.

— E...?

— Ele mandou alguém averiguar por onde andava Lee Brightman na manhã seguinte àquela noite em que você me ligou. Não podemos garantir que ele não a tenha procurado, mas é bem improvável. Ele estava na cama, após trabalhar a noite toda. Está trabalhando em uma boate da cidade. Os policiais verificaram e ele estava realmente trabalhando na noite em que você telefonou. Portanto, embora não seja impossível que ele tenha viajado até Londres, ainda assim é muito improvável. Você tem mais alguma razão para acreditar que ele sabe onde você está?

Soltei um suspiro.

— Na verdade, não. Eu o conheço, só isso. Ele não precisa de alguma espécie de licença para trabalhar como segurança de boate?

— Ele não é segurança, apenas recolhe os copos. Meu colega de Lancaster vai averiguar de qualquer jeito, mas não se preocupe.

Mesmo que ele não tenha nenhuma condição associada à sua soltura, tenho a impressão de que o estão vigiando de perto.

Nunca será perto o bastante, pensei.

— Acho que você deve relaxar um pouco, Cathy — prosseguiu ela. — Se ele quisesse ir atrás de você, acredito que já o teria feito. De qualquer maneira, você tem meus telefones, certo?

— Tenho. Obrigada.

— E se achar que tem alguém no seu apartamento, ligue para o número de emergência na mesma hora. Tudo bem?

— Tudo bem.

Bem que eu gostaria de me livrar dessa sensação. Não é o medo de que um dia ele apareça, é algo mais preciso do que isso. A questão não é saber se ele vai descobrir onde estou, a questão é *quando* isso acontecerá. A única razão que ele teria para não ter dado as caras ainda, supondo, é claro, que eu mesma tenha deixado as cortinas abertas e, distraidamente, peguei um botão revestido de cetim vermelho em algum lugar, é o fato de não saber onde eu estou.

Mas quando souber, ele virá atrás de mim.

Sábado, 12 de junho de 2004

A PRIMEIRA COISA QUE PERCEBI FOI a luz — uma luz forte, bem dentro dos meus olhos, embora estivessem fechados.

Minha boca estava seca; de início não consegui abri-la.

Eu estava acordando?

Por instantes não consegui sentir meus braços, e então me dei conta de que estavam presos às minhas costas, bem firme. Dos ombros até as pontas dos meus dedos só havia dor, brusca e violenta.

Algemas.

Abri os olhos com algum esforço, já sendo dominada pelo pânico, e vi que estava deitada de lado, meu rosto no carpete. Um carpete cinza, familiar. Estava em casa, então; no quarto de hóspedes.

Virei o rosto o máximo que consegui, mas não dava para ver muita coisa. Levou algum tempo até eu me lembrar para onde estava indo e o que acontecera, e quando me lembrei, a sensação foi devastadora, como um soco vigoroso. Eu estava fugindo. Tinha chegado tão... tão perto...

Pelo menos não havia sinais dele por ali, mas eu sabia que ele não devia estar longe. Eu não fazia ideia de quanto tempo tinha antes que ele voltasse, então me esforcei para raciocinar.

Minha cabeça doía. De início, não soube se era por ter ficado deitada em posição tão desconfortável por tanto tempo, ou se ele havia me agredido. Todo pensamento parecia difícil e doloroso.

Do aeroporto... de volta para casa... Lee deve ter me trazido no carro dele. Não me lembro. Deve ter levado várias horas. Não me recordo de coisa alguma.

Eu não fazia ideia de que horas eram, sequer sabia se ainda era dia lá fora, pois a luz estava acesa. As cortinas deviam estar fechadas.

Tentei esticar as pernas, mas pareciam amarradas aos meus pulsos. Eu estava totalmente imobilizada. Não tinha como me

mexer. Tentei rolar para ficar de costas, mas tive que parar imediatamente porque cada movimento provocava dores lancinantes. Minha cabeça girava, e por um instante só vi estrelas.

O que aconteceu? Eu precisava pensar. Precisava me concentrar nisso. Era muito importante.

Ele disse que estava me prendendo... as pessoas ali, assistindo à cena, e algumas passando como se nada estivesse acontecendo. Ele mostrou seu distintivo para o guarda — e em seguida ele lhe perguntou se precisava de ajuda. Eu devo ter resistido. Ele me arrastou. Eu tinha gritado, tentado dizer a eles que estava sendo sequestrada, que ele ia me machucar, mas obviamente todos devem ter pensado que eu era uma louca desvairada. Eu teria pensado o mesmo se estivesse no aeroporto, esperando meu voo para algum lugar quente e exótico. Talvez viajando em lua de mel, ou apenas para algum lugar a trabalho. Louca desvairada, sendo presa. Drogas, provavelmente. Viagem a negócios. Talvez a Nova York.

O que teria acontecido com minha mala? Devem tê-la retirado do avião. Aposto que o voo atrasou.

Quanto tempo levaria até darem pela minha ausência? Eu só deveria começar a trabalhar na terça-feira seguinte — dali a três dias. Até lá, a proprietária do apartamento de Jonathan provavelmente iria supor que eu pegara um voo mais tarde. Isso se percebesse que eu não tinha chegado. Lee seria capaz de causar muito estrago em quatro dias.

As lágrimas escorreram dos meus olhos até o nariz, pingando no carpete.

Quanto tempo levaria até que ele retornasse? Eu não podia me mexer. Ele não podia simplesmente me deixar ali, certo? Eu precisava descobrir o que ele estava planejando fazer comigo.

Se fosse simplesmente me matar, eu já estaria morta. O que quer que fosse, provavelmente seria pior que isso.

Quase no mesmo instante em que isso me ocorreu, ouvi um ruído — os degraus estalando, o mesmo som que eu ouvia quando estava na cama, fingindo dormir, esperando ele subir a escada, me perguntando se estaria de bom humor e se me deixaria em paz.

A porta do quarto de hóspedes estava trancada, e ouvi uma chave girando na fechadura, bem próxima. Eu nem sequer tinha notado que o quarto de hóspedes tinha uma fechadura. Nunca precisara usá-la antes. Havia apenas uma chave, então.

Senti ele me puxando pela nuca, e doía — ele me puxava pelo cabelo. Estava tirando a mordação. Eu não tinha me dado conta de que estava amordaçada, mas estava — com um trapo de pano. Sob o tecido, as comissuras da minha boca doíam, sob crostas de sangue seco. Senti o sangramento recomeçar quando ele removeu o pano. Tentei falar, mas só saiu um gemido. Mantive os olhos fechados. Não queria olhar para ele. Não queria ver seu rosto nunca mais.

— Se eu tirar as algemas, você vai se comportar? — perguntou ele.

Sua voz estava calma, contida. Então não estava bêbado. Isso já era alguma coisa.

Assenti, o carpete arranhando minha face. Ainda cheirava a novo. Senti-o segurando um dos meus pulsos e abrindo as algemas, aquele som metálico ao serem removidas. Meus braços sofreram uma contração, e gritei com a dor causada por aquele movimento repentino.

— Cale a boca — disse ele, sua voz ainda calma —, ou eu apago você de novo.

Mordi o lábio, as lágrimas rolando. Agora, sem as algemas, pude esticar as pernas, embora isso também doesse muito. Lá se vai minha tentativa de resistência, pensei. Eu mal conseguia me mexer.

Depois de um tempo estendida de lado no chão, achei que conseguiria me sentar. Tentei erguer o corpo, apoiada no cotovelo, e abri os olhos. O quarto girava. Então vi meu braço, meu pulso diante do meu rosto, inchado, a pele ferida em carne viva, esfolada pelas algemas.

Ele ficou ali esperando, pacientemente, me observando enquanto eu tentava me sentar, por várias vezes seguidas. Quando enfim consegui e olhei na sua direção, ele estava sentado no chão, as costas apoiadas na porta, as pernas estendidas. Parecia

satisfeito consigo mesmo. Passei o dorso de uma das mãos na boca. Ficou com um pouco de sangue, mas não muito. Minha cabeça ainda latejava. Ele devia ter me atingido bem no crânio me fazendo desmaiar.

Eu ainda estava vestindo o meu terninho — o azul-marinho que eu escolhera para a viagem a Nova York, porque não amarrotava. Bem, agora estava amarrotado. O paletó tinha rasgado no ombro, eu sentia isso quando me mexia. A saia estava aberta atrás. Será que ele tinha tentado tirar minha roupa?

Meus tornozelos estavam atados com uma corda de náilon azul não muito espessa, uma das pontas soltas. Devia estar de algum modo presa às algemas. Queria conseguir alcançá-la para soltá-la, mas eu estava esgotada.

— V-você me drogou? — perguntei, a voz quase inaudível. Minha garganta estava seca.

Ele riu.

— Essa é a sua única pergunta?

Dei de ombros, quase imperceptivelmente. Havia me parecido uma boa pergunta um segundo atrás, mas de repente não tinha mais a menor relevância.

Como você me achou?, eu queria lhe perguntar. Como ficou sabendo? Como chegou tão rápido ao aeroporto? E, acima de tudo, *por quê...?* Por que meu plano não funcionara? Por que eu não estava dentro de um avião, sobrevoando o Atlântico? Por que eu não estava em Nova York?

— Vão dar pela minha falta — falei. — Quando eu não aparecer em Nova York, me darão por desaparecida. Alguém virá me procurar.

— Quem?

— Meu amigo. Ele me ofereceu um trabalho em Nova York.

— Seu amigo? Está falando de Jonathan Baldwin?

Meu sangue congelou ao ouvir aquele nome da boca de Lee.

— O quê? O que você disse?

Ele pegou algo no bolso de trás da calça e o jogou para mim. Era um cartão de visitas. Segurei-o com os dedos dormentes. De

um lado, em letras bem pretas sob o logotipo de uma empresa verde e dourado, eu li:

Jonathan Baldwin, MBA, CHRP, CHSC
Consultor Empresarial

Virei o cartão. No verso, com minha caligrafia, estava escrito:

Conferência sobre gestão de mudanças, Manchester 5-16 de junho de 2000

— Estava na sua agenda — disse ele. — E você caiu feito um patinho, acreditou em tudo. Sempre soube que você era ingênua, Catherine, mas não imaginava que fosse tão burra.

Então não havia emprego em Nova York. Nenhum apartamento esperando por mim. Nenhuma escapatória. E ninguém para notar minha ausência; nem em Nova York nem aqui. Podia levar semanas, meses até, antes que alguém desse pela minha falta. Aí eu já estaria morta. Tive um surto de desespero, uma nuvem negra me impedia de me concentrar em qualquer coisa que não fosse a dor. Isso não podia estar acontecendo, não era possível. Eu falara com ele, ele me mandara um e-mail, não havia sido Lee, era outro homem, uma voz mais grave, um sotaque diferente. Jonathan era uma pessoa de verdade, eu me lembrava dele. Não podia ter sido Lee. Não podia.

— Você armou uma cilada? — Solucei. — Você armou tudo isso?

— No meu último trabalho, eu armava ciladas assim o tempo todo. Pessoas que estão cometendo algum crime são desconfiadas, às vezes leva tempo para convencê-las. Mas você caiu de cara, hein? Nem hesitou. Nem mesmo pensou se era a coisa certa a fazer. Foi logo agarrando a oportunidade de sair fora e me largar para trás.

Então era verdade. Ele brincara comigo, se aproveitara da minha necessidade de fugir e a usara contra mim. Não havia nada que eu pudesse fazer. Todos aqueles momentos em que eu vira o

céu azul, em que sentira aquele indício de liberdade, ainda estava dentro da jaula.

Minha pergunta, a pergunta, ganhou forma na neblina sombria que obscurecia meu cérebro.

— O que você vai fazer?

Ele se pôs a pensar. Eu não queria encontrar seu olhar, mas dava para perceber que ele estava se concentrando.

— Não decidi ainda — disse, finalmente.

— Você pode me deixar ir embora — falei.

— Acho que não — respondeu ele imediatamente. — Você é minha, você sabe disso. Você tentou me abandonar. Eu lhe dei as chances, Catherine. Tantas chances, porra. E você me decepcionou.

— Você sabe que não pode me manter aqui para sempre. Vão descobrir. Você vai perder seu emprego.

Ele deu uma breve risada.

— Sei, sei. Então quer dizer que, se eu estiver planejando fazer alguma coisa, é melhor acabar logo com você?

Assenti.

— Você quer que eu mate você? — indagou ele, com curiosidade.

Assenti outra vez. Toda a minha capacidade de reação desaparecera. Eu só queria um fim para aquilo.

Ele se levantou, repentinamente, e ficou de pé ao meu lado. Comecei a sentir náuseas.

— Está vendo? É isso que eu odeio em você, Catherine — disse ele, rosnando. — Você se rende fácil demais.

Ele me empurrou com o joelho e eu caí novamente no carpete. Tentei me sentar de novo, as lágrimas escorrendo pelo rosto, rolando pelas extremidades doloridas da boca.

Esperei o golpe. Esperei o baque contra a minha cabeça, o murro ou o chute. Eu queria isso. Abracei a mim mesma, me protegendo, mas ao mesmo tempo ansiava por isso. Desejava a inconsciência.

Quando ele voltou a falar, foi com os dentes trincados, como se estivesse tão enojado de mim que mal conseguia articular as palavras.

— Você é uma porra nojenta. Uma puta suja e imunda, Catherine. Não sei se mato você, se como você ou se só mijo em você.

Deixei escapar um soluço ao mesmo tempo que ouvi o zíper de sua calça se abrindo e, segundos depois, o jato quente e úmido de sua urina sobre o meu cabelo, sobre o que restava da minha roupa elegante e sobre o carpete cinza novinho. Chorei, tentando manter os olhos e a boca fechados para não engolir nada. O som daquilo, o cheiro... Comecei a sentir ânsias de vômito.

Quando acabou, ele saiu do quarto por um instante, deixando a porta totalmente aberta. Comecei a me arrastar na direção da porta, vendo o corredor lá fora, depois o banheiro, mas antes de alcançá-la, ele voltou. Um balde de água fria, a esponja que usava para limpar o banheiro e um sabão. Senti o cheiro de alvejante na água quando ele deixou o balde no carpete.

— Limpe essa sua sujeira, vagabunda — ordenou ele.

Depois foi embora, trancando a porta ao sair.

Soltei um ganido. Mas ele não me algemara novamente.

Domingo, 16 de março de 2008

ABRI OS OLHOS NA ESCURIDÃO, OFEGANTE, O coração batendo forte no peito. Fiquei desorientada por alguns instantes, e então Stuart se mexeu na cama e lá estava eu, com ele, em seu apartamento. Só ele e eu. Nada de Lee. Fora apenas mais um pesadelo.

Não é real, eu disse a mim mesma. É parte do TOC. Deixe os pensamentos virem, deixe-os ir embora.

Pensei em acordar Stuart, mas não era justo. Fiquei deitada, imóvel, no escuro por alguns minutos, os ouvidos atentos a qualquer som.

Eu ouvia ruídos.

Levei um instante para me dar conta de que eram barulhos de verdade, não parte do ritmo da casa, tampouco o ruído do meu sangue circulando violentamente pela cabeça.

Uma batida, distante. Lá embaixo? Não, não parecia. Vinha de mais longe. Talvez da rua. Do apartamento de Stuart, eu não conseguia escutar os barulhos da rua tão nitidamente quanto do meu. A porta de um carro sendo fechada com força?

Olhei para o despertador de Stuart. Eram dez para as três da madrugada, a hora mais fria, mais escura e mais solitária da noite. Eu deveria estar dormindo. Deveria voltar para meu pesadelo. Por um instante me perguntei se estava realmente acordada, se não estaria sonhando ainda.

Outra batida, seguida de algo sendo arranhado. Como alguma coisa sendo arrastada pelo chão. Algo pesado e inerte.

Sentei na cama, me esforçando para escutar. Durante um bom tempo, nada. Apenas o som da respiração de Stuart, profunda e regular. O zumbido da geladeira funcionando na cozinha. Um carro dando partida lá fora, se afastando.

Talvez tivesse sido isso — apenas alguém saindo de carro.

Stuart aproximou-se e eu voltei a me deitar, encaixando-me na curva de seu corpo, puxando seu braço sobre mim para me

proteger, me manter em segurança. Fechei os olhos e tentei pensar em coisas boas, tentei adormecer.

Sábado, 12 de junho de 2004

ALGUNS MINUTOS DEPOIS, ELE VOLTOU E levou o balde. Eu tinha esfregado de leve o carpete. Já podia sentir a pele dos dedos ardendo por conta do alvejante misturado à água. O pedaço do carpete que eu esfregara tinha passado de cinzento-esmaecido para amarelado-turvo.

Depois disso, ele ficou muitas horas sem aparecer.

Fiquei soluçando por alguns instantes, mas logo parei. Tentei sair — tentei forçar a porta, mas não adiantou. Tentei bater na janela, mas dava para os fundos, onde não havia ninguém que pudesse me ver ou ouvir. Ele não deixara nada no quarto que pudesse servir de arma, ou que eu pudesse usar para quebrar o vidro da janela.

Antes de eu sair para o aeroporto, havia naquele quarto uma cama de solteiro, um armário, uma mesa com um computador velho, uma cômoda e uma televisão portátil, além de vários outros objetos aleatórios. Agora estava vazio. A única decoração era a cortina e o varão que a sustentava, mas nada que eu pudesse usar para pegá-lo lá de cima. Tentei alcançá-lo assim mesmo, pensando que poderia usá-lo para arrebentar a janela, mas o varão suportava facilmente meu peso, mesmo eu o forçando para baixo.

Eu estava com sede, me perguntando que horas seriam, que dia era. Quanto tempo fazia desde que tinha bebido alguma coisa? Desse jeito, eu não ia durar muito. Se ele tivesse ido para o trabalho, se fosse ficar ausente por vários dias, a desidratação seria a primeira a acabar comigo.

Tentei gritar, "Socorro! Socorro!", repetidas vezes, o mais alto possível, mas tudo que consegui com isso foi uma dor de garganta.

Sentei-me um instante e tentei elaborar um plano. Considerei a possibilidade de fazer uma espécie de laço com a minha meia-calça para tentar enforcá-lo quando ele entrasse no quarto. E essa foi a melhor ideia que eu tive. Com sede, medo e fome, pensar havia se tornado uma atividade mais difícil do que de costume.

Passei a mão na nuca com cuidado e descobri um inchaço que doeu tanto quando o apertei de leve que quase desmaiei. Os cabelos em volta estavam colados no sangue coagulado. Então tinha sido assim que ele me deixara desacordada. Quanto tempo eu teria ficado inconsciente?

Eu não sabia se havia me sobrado forças para enfrentá-lo quando ele retornasse, e talvez nem valesse a pena. Se eu tentasse atacá-lo, ele reagiria com muito mais força que eu, e então certamente me castigaria por ter tentado.

Mas eu não podia ficar ali sentada e deixar que ele fizesse o que bem entendesse. Se ele me matasse, pelo menos todo aquele terror e angústia chegariam ao fim.

Pensei em amarrar minhas meias no varão da cortina, ou então cortar a própria cortina em tiras e me enforcar. Pensei nisso tão detalhadamente que até comecei a me visualizar morta, e a expressão dele quando me encontrasse. Seria a minha vitória, ainda que duvidosa. Se bem que todos os meus amigos e os colegas policiais dele, todo mundo concluiria que eu cometera suicídio porque estava deprimida. E ele se safaria — ninguém jamais saberia como ele me tratava. E ele continuaria livre para fazer isso outra vez, com outra pessoa.

E assim eu transpus uma etapa: decidi lutar. Comecei a gritar novamente.

E foi assim que acabei não ouvindo quando ele chegou, subiu a escada e abriu a porta do quarto de hóspedes, da minha prisão.

Quinta-feira, 20 de março de 2008

QUANDO VOLTEI PARA CASA ESTA NOITE , havia uma tigela, uma colher e uma xícara no escorredor de louças.

Para qualquer adulto são, a explicação racional seria que eu tinha lavado o recipiente em que comera meus cereais pela manhã, depois o deixara no escorredor e fora trabalhar.

Na realidade, porém, eu não havia feito nada disso.

Como prova do quanto eu já progredi, não sucumbi a um ataque de pânico. Sequer voltei até a porta do apartamento para reiniciar todo o ritual de verificações. Fiquei ali parada, olhando para a tigela, sabendo o que aquilo significava. Meu coração martelava meu peito e eu tinha medo de olhar ao redor e encontrar Lee bem ali, atrás de mim.

Mas ele não estava dentro do apartamento — eu sabia, já havia verificado em todos os cômodos. A porta do prédio tinha sido fechada e trancada corretamente, como sempre desde que Stuart veio morar aqui. A porta do meu apartamento também estava bem-trancada, eu mesma a trancara ao entrar e depois verificara tudo. As portas da varanda também estavam trancadas. O apartamento estava perfeito — *perfeito* — até eu chegar à cozinha para preparar alguma coisa para comer.

Esperei até que a ansiedade diminuísse, determinada a resistir. Primeiro o botão — e agora isso.

O botão preso ao pedaço de tecido vermelho havia sido uma espécie de advertência — menos sutil do que esta nova mensagem. A primeira fora como uma bandeira, literalmente uma bandeira vermelha, ainda que pequenina, anunciando que ele estava de volta, que me encontrara. Era para ser um alarme, um aviso. Ele sabia que qualquer pessoa a quem eu resolvesse contar isso me olharia enviesado, me julgaria o tipo de pessoa tão carente de atenção que seria capaz de arrancar um botão, enfiá-lo no bolso e depois ter um ataque de pânico por causa disso. Mas, desta vez, ele sabia que eu não ia contar nada para ninguém. De que adiantaria?

Nenhuma pessoa racional acreditaria que alguém invadira meu apartamento — sem deixar qualquer vestígio — simplesmente para colocar uma louça secando na cozinha.

Joguei a tigela, a colher e a xícara na lata de lixo e levei o saco para fora. Depois voltei e preparei um chá, me dando tempo para pensar.

Eu deveria ter me mudado daqui. Deveria ter começado a procurar outro lugar para morar no dia em que achei o botão no meu bolso, há quase um mês. Percebi que agora era tarde demais para isso — ele me seguiria, me veria visitando outros apartamentos e saberia para onde eu estava indo antes mesmo que eu me mudasse.

Mesmo se eu fugisse, deixasse tudo para trás e pegasse um trem para algum lugar, ele ainda assim me encontraria. E, além disso, eu não podia simplesmente deixar tudo para trás: meu emprego, meu apartamento, Stuart. Os pensamentos que haviam surgido no consultório de Alistair começaram a se cristalizar, tomando a forma de uma resolução. De que adiantaria correr, afinal de contas? Não tinha funcionado da última vez, e tampouco funcionaria agora. Eu teria que ficar. Teria que ficar e me preparar para lutar.

Sábado, 12 de junho de 2004

A PORTA FOI ESCANCARADA COM TANTA violência que eu dei um pulo, interrompendo meu grito no meio.

Eu estava totalmente despreparada para o que aconteceu em seguida — seu punho vindo na direção do meu rosto a toda velocidade, acertando meu osso malar e me lançando para trás, fazendo minha nuca, já fragilizada, bater na parede, antes de eu cair.

Por um momento não consegui me mexer, atordoada, mas de qualquer modo não tive tempo de pensar em uma reação. Ele me agarrou pelo cabelo e me ergueu, colocando-me de joelhos, mal equilibrada, para então me agredir novamente, com mais força. Desta vez o soco acertou meu nariz; senti o sangue começando a jorrar e vi, pelos meus olhos embaçados, o líquido vermelho respingar no carpete cinza, formando uma poça. Eu engasguei, solucei, tive ânsias de vômito.

— Cala a porra dessa boca! — rugiu ele. — Que merda pensa que está fazendo gritando desse jeito?

— Me solte — falei bem baixinho, implorando.

— Acho que não, Catherine. Ainda não.

Dessa vez eu me encolhi antes de ele me acertar — no olho direito e na ponte do nariz. Coloquei a mão na frente do rosto, tentando protegê-lo, mas ele a arrancou, encostou-a no chão para pisar nos meus dedos, e eu ouvi o estalo.

Tentei engolir o grito, a dor me invadindo como se me dilacerasse por dentro.

— Chega, Lee... chega. Por favor.

— Tire a roupa.

Ergui o olhar para ele. Meu olho direito parecia estranho, sem foco.

— Não, não... por favor...

— Tire a porra da roupa, sua piranha burra, sua puta imunda. Tire agora.

Sentada, tirei o paletó. Minha mão direita não estava se mexendo direito, os dedos começando a inchar. Depois de um instante ele perdeu a paciência e arrancou meu paletó com violência, ignorando a dor nos meus ombros. Minha blusa, ele simplesmente a rasgou. Depois me ergueu, arrancando um punhado de cabelos ao fazê-lo — que ele jogou no chão, limpando a mão na calça depois. Em seguida, arriou minha saia.

Então ele parou. Olhar para ele me causava asco, mas mesmo assim ergui a cabeça. Queria ver seus olhos, ver se descobria o que ele pretendia fazer comigo.

Tentei ao máximo focar seu rosto. Aquele olhar lascivo. Ah, meu Deus. Ah, merda — ele estava gostando. Aquilo realmente lhe dava prazer.

Enquanto eu o olhava, ele meteu a mão no bolso traseiro da calça e pegou uma faca, uma espécie de canivete com cabo preto e uma lâmina curva parcialmente serrilhada, com cerca de dez centímetros de comprimento.

Recuperei a voz, suplicando, implorando, gemendo:

— Não, não, Lee. Não faça isso, por favor...

Ele enfiou a faca sob o tecido da lateral da minha calcinha, cortando-o em um golpe seco e preciso. Senti a frieza da lâmina na pele nua. Não conseguia me mexer. Depois o outro lado. Então ele colocou a mão entre as minhas coxas e arrancou a calcinha de uma vez.

Em seguida, deu um passo para trás e me examinou.

— Você está feia — disse ele, um sorriso transparecendo em sua voz.

— Estou — falei, pois era assim que me sentia.

— Está um esqueleto de tão magra, puta merda.

Dei de ombros ligeiramente.

— Porra, que magreza. Eu gostava de você antes, quando ainda tinha alguma carne na merda desse corpo. Você era tão linda, tão gostosa, que eu não conseguia parar de olhar para você, sabia?

Dei de ombros outra vez. Meu olho direito começou a fechar, minha cabeça latejava. Olhei para o sangue que havia jorrado do meu nariz quebrado, formando uma poça à minha frente. Havia

sangue por todos os lados. Quem poderia imaginar que pudesse sair tanto sangue de um nariz?

Ele suspirou profundamente.

— Não posso comer você desse jeito. Você está um horror, sabia?

Assenti.

Ele se virou e saiu do quarto, mas antes mesmo que eu atentasse para o fato, ele voltou carregando alguma coisa na mão, algo vermelho. Atirou aquilo contra mim, e senti-o deslizar pela minha pele como um beijo, tão macio.

— Vista isso.

Meu vestido vermelho. Abri-o e o vesti pela cabeça, tentando engolir as lágrimas e ajeitando-o sobre o corpo.

Olhei para ele e tentei sorrir. Tentei parecer sedutora.

Mais uma vez ele me golpeou com o dorso da mão, acertando em cheio minha boca. Caí no chão, e a dor foi tão intensa, tão arrebatadora, que comecei a rir. Eu ia morrer e não conseguia parar de rir.

Logo depois ele estava sobre mim, abrindo minhas pernas à força, rosnando, erguendo o vestido até a cintura. Ouvi quando o rasgou, e isso pareceu excitá-lo ainda mais.

O pior de tudo era que ele não estava cheirando a álcool. Desta vez, sequer estava bêbado, não tinha nem mesmo essa desculpa.

Fiquei deitada, sorrindo, e ele rosnava e me apertava, me penetrando intermitentemente, enquanto eu pensava que a dor dos arranhões em volta dos meus pulsos, dos dedos quebrados, do nariz, na cabeça, no meu olho direito, o corte no canto da boca de onde escorria o sangue — que eu bebia, saboreava, quase querendo mais—,aquela porra toda era tão engraçada, tão irônica! Eu quase conseguira embarcar num avião para Nova York, e não deveria ter-me dado o trabalho. Poderia ter simplesmente ficado ali, me trancado no quarto de hóspedes e esperado pelo inevitável.

A dor que ele me impunha ao me comer violentamente, de todas as maneiras, de algum modo não chegava a ser pior do que todo o resto. Eu já havia passado por aquilo antes, afinal de contas.

Enquanto estivesse me estuprando, ele não estaria fazendo mais nada. Não estaria me matando.

Sexta-feira, 28 de março de 2008

— COMO ESTÃO INDO AS COISAS? — PERGUNTOU Alistair quando entrei no seu consultório.

— Até que não vão mal — respondi, entregando-lhe a folha que eu tinha diligentemente preenchido durante a semana.

À esquerda, uma lista das minhas compulsões de verificação em ordem de importância, seguida pela lista de minhas compulsões de fuga, em ordem semelhante. Estávamos começando com as mais fáceis. Eu avaliara cada uma em relação à angústia que sentia se não a cumprisse, em graus que iam de um a cem. A pior, não verificar a porta do apartamento, chegara a noventa e cinco. A mais baixa, não verificar a janela do banheiro, quarenta. Tinha também as compulsões de fuga: lugares lotados alcançara sessenta e cinco pontos; policiais, cinquenta; e a cor vermelha, é claro, depois do incidente do outro dia, era a pior, oitenta. Abaixo disso, as compulsões de controle: aquelas de ter dias determinados para fazer compras ou para comer certos alimentos não estavam tão mal quanto antes, tendo registrado apenas vinte pontos. A principal compulsão de controle, a de tomar chá em horários estabelecidos, eu avaliara em setenta e cinco.

Da outra vez ele me dera a tarefa de eu desafiar a mim mesma me expondo aos meus medos mais fracos, o máximo de vezes possível. Ao lado das notas originais, eu havia anotado o grau de angústia que sentira ao realizar esses exercícios, assim que a ansiedade diminuía.

Alistair estava lendo minha lista e assentindo com a cabeça, ocasionalmente erguendo as sobrancelhas. Eu me sentia como uma aluna mostrando o dever de casa para o professor.

— Bom, muito bom — disse ele.

— Parece aquela parte de *Harry Potter*, sabe, quando os alunos aprendem a enfrentar aquilo que mais os apavora transformando-o em algo engraçado com um feitiço de mágica.

— Exatamente. Ou mesmo *Hamlet*.

— *Hamlet?*

— “Nada é bom ou mau, a não ser por força do pensamento.”
Enfim, fale-me sobre o que você andou experimentando.

Respirei fundo.

— Bem, consegui assistir a alguns programas policiais na TV, começando com ficção e depois consegui assistir a um daqueles sobre casos reais, filmados de dentro do carro da polícia.

— E?

— Foi tranquilo. Eu queria desligar, mas não fiz isso. Respirava fundo enquanto assistia, e no final até que foi bem interessante. Fiquei repetindo para mim mesma que aquilo não era real. Pensei que teria pesadelos depois, mas não.

— Isso é excelente. Mas você precisa tomar cuidado ao dizer a você mesma que algo não é real, na verdade ao dizer qualquer coisa. O diálogo interior pode ser mais uma reação em busca de segurança. Tente outra vez, mas veja se consegue somente assistir, e aproveitar. Aceite aquilo como um programa de TV como qualquer outro.

— Ok.

— E as verificações?

— Deixei o banheiro de lado. Já não faz mais parte do meu ritual de verificações quando chego em casa.

— E como foi?

— Até que foi fácil.

— O nível de angústia que você colocou aqui na lista é de apenas 5, o que é ótimo.

E era verdade. Eu agora passava direto pelo banheiro. Tentava me convencer de que não tinha como aquele cômodo oferecer riscos à minha segurança — afinal de contas, aquela porcaria de janela nem sequer abria—, mas mesmo assim o eliminei das séries de verificação. Não foi muito legal no começo. Depois que terminei todo o resto, ainda sentia que havia algo estranho, e fiquei um bom tempo sentada, olhando para a janela do banheiro, pensando o tempo todo que a janela só podia estar segura, fechada, imaginando-a assim. Depois acabei me tranquilizando e parei de me sentir tão mal.

Ver algum progresso realmente me motivava. Eu queria ir para casa e experimentar mais, tentar exercícios mais difíceis.

A consulta estava quase no final quando Alistair pegou minha lista novamente.

— Acho que você precisa considerar que estão faltando alguns itens nesta lista — disse ele.

— Quais?

— Pense um pouco. Qual é o seu maior medo? O maior de todos?

Eu pensei, a princípio sem entender o que ele queria dizer; então, de repente, eu soube, mas não quis dizer. Senti os efeitos da ansiedade sobre os quais tínhamos acabado de falar — meu coração acelerando, as mãos começando a tremer.

— Você está bem segura aqui. Tente dizer.

Minha voz pareceu vir de bem longe:

— Lee.

— Exatamente. E vai ser preciso enfrentar esse medo também, senão, enfrentar os outros não adianta muito. Acho que quanto mais cedo fizermos isso, melhor. Todos os demais pavores têm esse como fonte principal, não é? Portanto, se abordarmos seus sentimentos em relação a Lee, os demais deverão ser superados também. Isso faz sentido para você?

— Faz — respondi.

Claro que fazia. Se eu não sentisse mais medo de Lee, não faria mais sentido verificar as portas nem cumprir qualquer um daqueles rituais ridículos que me tomavam o dia todo, não é mesmo? Tudo parecia absolutamente óbvio.

— Mas não se trata de um medo sem sentido, certo? — perguntei. — Sabe, eu até posso concordar que verificar mais de seis vezes a gaveta de talheres é uma tolice, uma perda de tempo. Mas ter medo de Lee é uma questão de autopreservação.

Alistair estava assentindo com a cabeça.

— Certo, mas é preciso que você leve em conta que estamos falando de dois propósitos. Existe o Lee de carne e osso, e existe o *pensar* em Lee. O Lee de carne e osso, presume-se, está cuidando da própria vida em algum lugar lá no norte. Já o *pensar* em Lee

está atrapalhando a sua vida todos os dias. Você pensa que o vê em todos os cantos. Você imagina que ele vai tentar invadir sua casa. Então é o pensar nele, essa imagem que você criou em sua mente dessa figura onipresente, essa fonte de todos os males, é com isso que precisamos lidar.

Eu estava começando a sentir dor de cabeça.

— Ou seja, eu não estou dizendo que você precisa ir atrás do Lee de verdade, enfrentá-lo e aguardar que sua ansiedade diminua. Acho que você precisa defrontar a percepção que você tem dele, e fazer isso do mesmo modo como está enfrentando suas compulsões, com exposição e prevenção de resposta.

— Como? Como posso fazer isso?

— Simplesmente deixando os pensamentos virem, e deixando-os ir embora. Permita-se lembrar. Deixe a ansiedade vir, espere que ela se atenua, e então, antes que suma completamente, pense nele outra vez. Quando estiver em casa, imagine-o entrando no quarto. Visualize-o. Pense que está diante dele, o encarando. E então espere que a ansiedade diminua. São apenas pensamentos, Cathy. Deixe-os vir e deixe-os ir embora.

Ele fazia parecer tão fácil.

— Vai tentar?

— Como assim? Agora?

— Podemos tentar agora. Mas experimente fazer isso principalmente quando estiver em casa. No começo, você pode pedir a Stuart para ficar ao seu lado, se preferir. Mas não se apoie nele em busca de segurança. É preciso que você seja capaz de fazer isso sozinha.

— Não sei se consigo.

— Depende de você, é claro. Mas pense em como seria não ter mais medo de Lee. Vale a pena tentar, não? E se experimentarmos agora, pode ser mais fácil começar do que quando você estiver em casa. Pelo menos aqui você não se sentirá tentada a ir verificar se as portas estão trancadas. O que acha?

Não respondi.

— Primeiro avalie o nível de angústia que pensar em Lee lhe provoca. Vamos usar o nosso sistema de pontuação. Em uma escala

de zero a cem, quanto você acha que seria?

— Só pensar nele? Noventa.

— Muito bem. Vamos tentar, ok?

Fechei os olhos, incerta quanto ao que estava fazendo e com medo de dar totalmente errado. Não era difícil imaginar Lee. Ele estava nos meus pensamentos o tempo todo, mesmo que eu resistisse. Dessa vez, deixei o pensamento vir. Imaginei meu apartamento. Eu estava sentada no sofá, olhando para trás, na direção da porta. Esperando. Imaginei a porta se abrindo e Lee aparecendo.

Senti o medo chegando como uma onda, meu coração acelerando, lágrimas brotando nos meus olhos.

— Isso mesmo — disse Alistair. — Deixe vir, não tente deter o pensamento.

Eu o imaginei caminhando na minha direção. Como ele sempre era: lindo, o cabelo louro e curto, a pele que parecia sempre levemente bronzeada, mesmo em pleno inverno. Aqueles olhos, mais azuis do que o céu de verão. E seu tamanho também, a massa corpórea, os músculos dos braços e do peito. Ele veio e parou ao meu lado, no sofá, olhando-me de cima. Até chegou a sorrir.

Eu esperei. Já podia sentir a ansiedade mais branda do que quando começara a pensar. Eu estava esperando que aquilo acabasse no auge de um ataque de pânico, mas não foi tão difícil assim.

— Conte para mim o que você está imaginando — pediu Alistair.

— Lee está lá em casa — falei. — Está ali parado.

— Muito bem, ótimo. Agora quero que o imagine saindo novamente. Coloque-o dentro de um carro e faça-o ir embora.

Assim o fiz. Ele se virou, piscou para mim — não tenho a menor ideia de onde veio isso—, saiu e fechou a porta. Fui até a janela da frente, vi quando entrou no carro, um carro prateado, bateu a porta e se foi. Imaginei a mim mesma voltando para o sofá e ligando a televisão.

Abri os olhos.

- Como foi?
- Eu consegui — respondi.
- E quanto à ansiedade: em que nível está agora, depois de pensar nele?
- Hum... uns setenta. Talvez oitenta.
- Ótimo. Está vendo? Você consegue. Foi um bom começo.

Sábado, 12 de junho de 2004

DEMOROU MUITO, E NO FINAL, QUASE lamentei por ter acabado. Ele saiu de dentro de mim, foi até a parede e sentou-se encostado nela, as mãos no rosto. Eu via meu sangue em suas mãos, em seu rosto. Então o ouvi soluçar. Tentei me recompor, cautelosamente, e me coloquei sentada.

— O que eu estou fazendo? — disse ele, sua voz entrecortada.
— Ah, meu Deus. Mas que merda...?

Olhei para Lee e vi que ele chorava de verdade.

Aproximei-me dele bem devagar, o corpo todo dolorido. Enquanto ele chorava, me vi sentar ao seu lado, recostada na parede, e passei o braço sobre seus ombros. Ele deitou a cabeça no meu pescoço, suas lágrimas escorrendo pela minha pele. Levei até seu rosto minha mão direita, a mão arruinada, três dedos agora gordos como salsichas e entorpecidos, frios.

— Shh. Está tudo bem. — Minha voz saía distorcida, devido aos lábios feridos e inchados. — Está tudo bem, Lee. Não tem problema, de verdade.

Ele ficou chorando no meu ombro por um bom tempo, enquanto eu o mantinha em meus braços e me perguntava se realmente ficaria tudo bem.

— Vão me prender — disse ele, sua respiração áspera, soluçante—,vão me mandar para a prisão.

— Não, não vão, não — falei. — Eu não vou contar nada. Vamos ficar bem, vamos mesmo. Só eu e você.

— Verdade? — Ele olhou para mim como uma criança.

Será que ele conseguia enxergar meu rosto destruído? Será que eu parecia em condições de confortá-lo? Como ele podia acreditar que algum dia tudo voltaria a ficar minimamente bem?

Eu precisava continuar por aquele caminho — era minha única chance.

— Você precisa deixar eu me limpar um pouco.

— É claro.

Para minha surpresa, ele se levantou e saiu do quarto.

Rastejei pelo corredor até o banheiro, consegui entrar no chuveiro e fiquei lá, vendo o sangue se diluir na água e ser levado embora, formando desenhos abstratos quase bonitos sobre a superfície esmaltada branca. Lavei meu cabelo cheio de urina, tentando não ver os tufos que saíam nos meus dedos e entupiam o ralo. Minha pele ardia, minha mão direita continuava inútil. O que aconteceria se os ossos da minha mão tivessem sido quebrados e eu não fizesse nada para tratar deles?

Felizmente a toalha no banheiro era azul-escuro e não branca, pois assim o sangue que a manchava enquanto eu me enxugava com delicadeza não ficaria tão visível. Eu estava sangrando entre as pernas. Provavelmente minha menstruação, pensei, que já era para ter chegado. Eu nem tinha pensado nisso, julgando que o atraso devia ser resultado da minha perda de peso, do estresse, do fato de eu não estar me alimentando direito. Talvez o trauma tivesse feito o sangue finalmente descer.

Era como se tudo aquilo estivesse acontecendo a outra pessoa. Fui até o quarto e achei alguns absorventes íntimos, calcinha, calça jeans, um cinto e uma blusa limpa. Eu poderia ter fugido bem naquela hora. Poderia ter corrido para a rua, berrando por socorro.

Mas era simples assim: eu não podia fugir. Não tinha para onde ir. Não podia chamar a polícia, podia? Ele era um deles. Olhariam para mim, e ele inventaria alguma história sobre eu ter ficado traumatizada por algum incidente em que ele vinha trabalhando secretamente; diria que eu havia demonstrado indícios de doença mental, que ele estava tentando me ajudar. Então me levariam para o hospital, me fariam curativos e depois me confinariam em um quarto de uma ala psiquiátrica. Ou pior: me mandariam de volta para casa. Com a mão esquerda, fiz uma débil tentativa de limpar o sangue que cobria todos os cantos do quarto de hóspedes — paredes, carpete, manchas na porta. Acabei desistindo, e desci a escada.

Sexta-feira, 28 de março de 2008

NA VOLTA DA CONSULTA, CAMINHEI RAPIDAMENTE , a passos largos, acelerando meus batimentos cardíacos. Se eu me sentisse fisicamente cansada à noite, pelo menos teria uma boa chance de conseguir dormir. Ao menos na teoria era assim. Estava ficando cada vez mais difícil dormir no meu apartamento. Eu passava horas acordada na cama, atenta aos ruídos lá fora. Até mesmo dormir com Stuart no apartamento dele estava se tornando difícil; cada barulho parecia vir do meu andar, embaixo de nós.

Assim que virei na Lorimer Road o som do trânsito diminuiu.

Então pude ouvir passos que coincidiam perfeitamente com os meus. Por vários metros pensei que fosse o meu próprio caminhar. Então me dei conta de que havia alguém atrás de mim na calçada. Parecia ainda estar longe, por isso olhei para trás. Um rápido relance.

Um homem caminhava atrás de mim, a cerca de trinta metros de distância, seus passos no mesmo ritmo que os meus. Roupa escura, um casaco com capuz mas a cabeça descoberta. Não consegui ver seu rosto porque o poste de luz atrás dele o deixava na sombra. Eu via apenas a bruma de sua respiração de encontro ao ar frio.

Apertei o passo e esperei que o som da sua caminhada me acompanhasse. O som tornou-se dissonante.

Ele também acelerara.

Ao final da Lorimer Road via-se a rua principal, onde havia ônibus, ainda parados no trânsito, mas pelo menos eu poderia embarcar em um deles se precisasse. Não importava qual.

No entanto, antes de alcançar a rua principal, percebi que o som dos passos havia cessado. Olhei para trás. O homem tinha sumido. Devia ter entrado em uma das casas.

Mais tarde, em casa, saí averiguando tudo. Aporta, as janelas e a cozinha. Cheguei até a conferir a janela do banheiro, embora não fizesse isso havia algumas semanas. Eu sabia que ele tinha

estado ali. Podia sentir seu cheiro, sentir sua presença, como uma lebre detecta a raposa.

Levei uma hora a mais do que costumo levar em minhas verificações para encontrar. Dentro da gaveta de talheres, em que eu já havia dado uma olhada — uma única faca e um único garfo, embaixo de todos os outros, cuidadosamente colocados no lugar errado e escondidos.

Sábado, 12 de junho de 2004

ELE ESTAVA NA COZINHA, MEXENDO O chá com a colher. Aquela apazível cena doméstica, depois do que tínhamos passado uma hora e meia antes, era bem inusitada.

Ele sorriu para mim. Havia fragmentos vermelhos e marrons no seu cabelo louro, na frente; resultado de ele passar as mãos ensanguentadas na cabeça. Ele me deu um beijo no rosto e eu consegui sorrir de volta, mas nisso o corte no meu lábio voltou a abrir.

— Você está bem? — perguntou ele.

Assenti.

— E você?

— Estou. Sinto muito.

— Eu sei.

Fomos para a sala e, com cuidado, sentei no sofá.

— Eu não queria que você fosse embora — disse ele, em um arremedo de explicação.

Ele sentou-se na poltrona à minha frente, me dando um pouco de espaço. Eu senti que toda a sua raiva havia desaparecido. Se eu fosse sair correndo, aquela era uma boa ocasião. Mas não me sobrara mais força alguma.

— Bem, eu não vou a lugar nenhum agora, não é mesmo?

Minha voz soava estranha aos meus ouvidos. Não era apenas a dificuldade de articular as palavras por conta da boca deformada. Acho que um dos meus ouvidos estava ruim, também. Eu ouvia um zumbido, algo ressoando.

— Por que você fez isso? — perguntei.

De qualquer maneira, aquilo não importava mais agora. Eu não ia fugir novamente. Já estava decidida.

Lee parecia arrasado. O rosto pálido e cansado, o brilho dos seus olhos azuis embotado.

— Eu queria ver o que você ia fazer.

— Era você, no telefone? Fingindo ser Jonathan?

Ele admitiu.

— Pensei que você fosse reconhecer minha voz, mas não. Eu criei aquele e-mail. Foi tudo muito fácil, na verdade. Nunca pensei que você fosse cair nessa história. Você nem se deu o trabalho de conferir se havia alguma verdade naquilo, não é mesmo?

— Como você chegou tão rápido ao aeroporto?

Essa era a única outra pergunta que ainda me incomodava.

Ele balançou a cabeça e soltou um suspiro.

— Às vezes você é inacreditavelmente burra, Catherine, sabia disso?

Dei de ombros. Que se dane, pensei. Ele tinha razão.

— Meu carro tem sirene e holofotes azuis. Não existe engarrafamento ou limite de velocidade.

Bem, agora que eu sabia disso, as coisas não ficavam mais fáceis.

— Mas é bem verdade que você conseguiu me despistar... — acrescentou ele.

— Consegui?

— Não achei que você fosse de trem. Pensei que fosse dirigindo até o aeroporto. Quando não vi seu carro na estrada, tive que acelerar ao máximo para chegar a tempo. Você tem ideia de como chegou perto de entrar naquele avião? Se eu não tivesse corrido tanto, você teria embarcado e decolado.

Eu não queria nem pensar nisso, em como tinha chegado tão perto da liberdade. Doía demais.

— E quanto as imagens do circuito interno do aeroporto? Será que não o viram simulando a minha prisão?

— Não estou preocupado com o circuito interno. Você sabe que existem câmeras em todos os lugares no aeroporto; em todas as lojas, entradas e saídas, cada metro quadrado daquele lugar é vigiado. Mas por diversas empresas diferentes, e só metade das câmeras fica ligada ao mesmo tempo, ou a qualidade das imagens é muito ruim para se conseguir identificar alguma coisa, ou a fita é reutilizada a cada vinte e quatro horas porque eles são muito mãos de vaca para comprar mais. Além do que, volta e meia o responsável pelo sistema está de férias e ninguém mais sabe como

aquilo funciona. Ainda que fosse possível coletar todas as imagens, levaria anos para verificar o que cada uma delas registrou em um determinado dia. E depois, sabendo com quem conversar, é fácil dar um jeito nas que restaram. Para falar a verdade, eu estava mais preocupado com o sistema de identificação veicular.

— O quê?

— A identificação automática do número da placa do carro. Seria uma prova de que o veículo foi até o aeroporto em um dia em que eu deveria estar analisando uns registros de segurança no escritório. Mas agora já era, porque eu troquei a placa.

Aquilo não estava dando em nada. Quanto mais duraria? Quantos dias eu seria capaz de suportar?

Depois do chá e de um sanduíche que ele preparou para mim, ficamos vendo TV juntos, fingindo que estava tudo normal. Às onze horas, ele me mandou tirar a roupa. Obedeci sem argumentar, embora fosse difícil fazê-lo com uma única mão. Quando fiquei só de calcinha, fui orientada a estender os braços para a frente. Fiz isso e ele colocou as algemas nos meus pulsos. Imediatamente o metal frio feriu a pele em carne viva e a dor voltou. Então me levou de volta para cima, para o quarto de hóspedes, e jogou um cobertor lá dentro.

Fiquei sentada no chão enquanto ele permanecia à porta; achei que fosse embora, mas depois de alguns instantes ele fechou a porta e sentou-se com as costas apoiadas na parede oposta.

— Eu nunca lhe contei sobre Naomi — disse Lee.

Sábado, 29 de março de 2008

LEVANTEI BEM CEDO NO SÁBADO E saí para correr.

Prendi o cabelo em um coque, pois o comprimento estava naquele estágio irritante: longo o bastante para que o vento o bagunçasse todo em volta da minha cabeça e o arremessasse aos olhos, e curto demais para que eu pudesse fazer algo com estilo. O coque que dava para fazer era do tamanho de uma couve-de-bruxelas, e o único elástico que eu tinha era uma daquelas malditas borrachinhas vermelhas que o carteiro costuma deixar cair ao lado da porta do prédio. Era cedo demais para as ruas estarem movimentadas, e ainda um tanto frio, quando comecei a correr. Atingi um ritmo regular e me dirigi para o parque, as calçadas molhadas sob meus pés. Estava nublado, mas podia vir a se tornar um belo dia mais tarde. Eu poderia sair e fazer algumas compras. Poderia até procurar roupas novas. Fazia muito tempo que eu não comprava nada. E eu pretendia também fazer alguns exercícios. Para o TOC. Alistair me dissera para continuar, para insistir em desafiar a mim mesma, sem deixar a ansiedade desaparecer completamente. Acostumar-me a ela. Acostumar-me a deixar a angústia desaparecer sozinha, sem apaziguá-la com as minhas verificações.

Quando voltei à Talbot Street, deliberadamente entrei direto, sem o costumeiro desvio pelo beco de trás. Foi bem estranho, e quando acabei de verificar a porta da rua e a da Sra. Mackenzie, a primeira coisa que fiz ao entrar em casa foi verificar as cortinas, desta vez do interior. Estava tudo certo. Verifiquei então a porta, que também estava como deveria estar. Depois, o restante do apartamento, excluindo o banheiro. Tudo normal.

Fiquei tentada a sair e verificar o apartamento lá do beco, mas agora que eu já estava ali isso me parecia meio sem sentido. Ainda assim, porém, eu me sentia ansiosa.

Vesti uma calça jeans e um suéter e, enquanto realizava minhas verificações, pronta para sair, decidi que pararia de verificar

a gaveta de talheres. Eu queria fazê-lo pela última vez, só para ter certeza de que estava tudo certo, mas resisti. Para compensar isso, me concentrei na porta do apartamento. Isso provavelmente era trapacear, trocar um ritual de segurança por outro, mas ainda assim não me ajudou em nada.

Quando estava no ônibus, tentei avaliar meu grau de ansiedade e calculei que devia estar em torno de quarenta. Não era tão ruim, ainda mais considerando que, sejamos realistas, eu passava a maior parte do dia tensa de qualquer maneira, sempre procurando-o em qualquer lugar, sempre esperando que algo de ruim acontecesse. Aliás, mesmo não tendo verificado o banheiro e a gaveta de talheres, acho que eu estava me sentindo melhor do que de costume, saindo no fim de semana.

Eu não conseguia acreditar que estivesse realmente funcionando. Não conseguia acreditar que estivesse realmente me sentindo melhor.

O ônibus me levou até Camden, eu saltei no Camden Lock e comecei a perambular pelas lojas. Tinha pensado em ir ao centro da cidade, talvez à Oxford Street, mas seria assustador demais. Aquilo já era um bom começo.

Eu sabia o que estava procurando, o que queria comprar, e quando finalmente encontrei, em uma loja de roupas vintage, soube que era aquilo mesmo.

Era uma bata de seda vermelha, não muito diferente daquela que a pobre Erin me dera no Natal. Tamanho trinta e oito. Fiquei olhando para ela por um tempo, sentindo a reação do meu corpo, tudo me dizendo para me afastar daquela peça, e rápido. *É só uma blusa*, argumentei comigo mesma. *É um pedaço de pano confeccionado. Não vai me fazer mal, não pode me fazer mal.*

Depois de alguns instantes, toquei na blusa. Era macia, bem macia, e surpreendentemente cálida ao tato, como se alguém tivesse acabado de tirá-la do corpo.

— Quer experimentar?

Olhei em volta e vi uma mocinha de cabelo preto bem curto com mechas em azul metálico.

— Estou só olhando, obrigada.

— É a cor perfeita para você — disse ela. — Vamos lá, experimentar não dói.

Cheguei a rir nesse momento. Ela estava certa, e em vários aspectos. Peguei o cabide e fui até o provador, uma alcova no fundo da loja com uma cortina de algodão presa a três estridentes anéis de metal. Meu coração batia acelerado.

Não pense. Vá em frente.

Tirei o suéter de costas para o espelho. Então peguei a blusa do cabide e a vesti de olhos fechados. Eu me sentia um pouco enjoada, tonta, como se estivesse em uma montanha-russa. *Agora que você conseguiu*, eu disse a mim mesma, *vai ter que abrir os olhos para ver.*

Olhei. Não para o espelho, mas para mim mesma.

Era um tom diferente do vestido vermelho. Mais rosado, cor de cereja, em vez daquele escarlate espalhafatoso. A blusa tinha uma textura suave, era realmente bonita, com um alinhavado dourado na bainha.

Aquilo era o bastante. Tirei a blusa, coloquei-a de volta no cabide e vesti meu suéter outra vez. A necessidade de sair e lavar as mãos era imensa. Coloquei o cabide de volta no lugar de onde o pegara e saí da loja rapidamente, antes que a vendedora pudesse dizer alguma coisa.

Mais adiante havia um banco. Fiquei sentada por alguns instantes, enquanto as pessoas passavam, e pensei em como eu estava assustada, e como queria que aquela sensação fosse embora. Eu já sabia o que iria fazer, e isso mantinha o medo ali dentro de mim. Não sei em que ponto fiquei subitamente tão corajosa. Considerando meu passado, acho que nunca fui muito boa nisso, não é mesmo?

Quando senti que a ansiedade caiu para trinta, levantei e continuei perambulando diante das lojas. As ruas estavam movimentadas, mas não a ponto de as pessoas me assustarem. Achei uma loja de temperos e comprei alguns extratos mexicanos para Stuart. Ao lado havia um sebo, e passei algum tempo ali, olhando os romances e os guias de viagens e até mesmo um ou outro livro de autoajuda.

Depois disso, me sentei em um café e tomei um chá. Normalmente eu me sentava nos fundos, o mais longe possível da porta, fora de alcance, de modo a poder ver qualquer um se aproximando antes de ser vista. Dessa vez, porém, me obriguei a me sentar perto da janela. Felizmente, havia mesas do lado de fora, com algumas pessoas nelas, o que evitava que eu me sentisse excessivamente exposta, mas ainda assim não posso dizer que me senti confortável.

Stuart tinha me enviado três mensagens de texto, presumivelmente entre um paciente e outro. Como eu estava, o que pretendia fazer hoje, esse tipo de coisa. Enviei uma resposta.

Oi, estou fazendo compras em Camden. Dá pra acreditar? Quer alguma coisa daqui? Bjs, C.

A resposta veio imediatamente:

Isso quer dizer que podemos fazer compras juntos no próximo fim de semana? Bjs, S.

Achei graça. Ele vinha tentando me convencer a sair para fazer compras havia muito tempo. A única maneira de ele conseguir isso era travestindo o evento como um passeio, tal qual no dia em que fomos a Brighton.

Fiquei olhando as pessoas passarem, esperando ver a qualquer instante alguém que se parecesse com Lee. Na verdade, estava quase torcendo por isso, pois assim poderia testar minha reação. De todos os homens que passaram e que tinham seu físico, nenhum pareceu desencadear medo algum.

Estava na hora de voltar.

Não pensei muito, apenas comecei a caminhar e entrei na loja. A vendedora sorriu para mim.

— Oi. Algo me dizia que você ia voltar.

Retribuí o sorriso.

— Não consegui resistir — falei, pegando a blusa e a colocando sobre o balcão.

— Quanto você calça? — indagou ela, com a cabeça inclinada, me avaliando.

— Trinta e sete, por quê?

— Acabamos de receber esse sapato.

Ela pegou uma caixa sob o balcão e abriu a tampa. No interior, um par de saltos altos de camurça com tiras atrás que deixavam os dedos expostos. A camurça era de uma cor magnífica de cereja. Eram novinhos, ainda tinham uma bola de papel amassado no interior.

— Experimente — disse ela. — Na sola está escrito trinta e seis, mas nunca se sabe.

Tirei o tênis e as meias e enfiei meus pés nos sapatos. Ficou perfeito. Era estranho estar sobre saltos altos outra vez. Olhei para meus pés. Como era esquisito tudo aquilo, calçar sapatos como aqueles e me sentir bem — um pouco boba, talvez, mas bem.

— Vou levar — falei.

— Dez libras está bom para você? Ainda nem tive tempo de colocar o preço.

— Claro.

Voltar para casa carregando uma sacola enorme com a blusa e o sapato também era estranho. Lembrei-me do presente de Erin, e de como eu precisara me livrar da caixa quase sem tocá-la. E agora eu tinha saído e eu mesma comprara uma blusa, uma blusa de seda vermelha. A sacola estava pesada; coloquei-a ao meu lado no ônibus. Não fiquei olhando. Seria preciso coragem para levá-la comigo quando o ônibus chegasse à High Street e eu fosse saltar. Durante o percurso de volta, meus níveis de ansiedade mantiveram-se elevados, em cerca de quarenta ou cinquenta. Esperei que baixassem, porém diminuíram muito pouco.

Peguei o desvio pelo beco, mas não perdi tempo. Apenas dei uma olhada. Agora eu estava com medo, medo do que fizera. Verifiquei a porta da rua, a porta da Sra. Mackenzie, e enquanto isso a sacola de compras estava pousada no primeiro degrau, esperando por mim. Eu podia imaginar a blusa vermelha, pulsando como uma criatura viva.

Era apenas tecido, pensei. Não poderia me fazer mal.

De qualquer maneira, levei a sacola até o último andar e a deixei ao lado da porta de Stuart.

Quando cheguei em casa e fiz minhas verificações, encontrei tudo em ordem. Já me sentia melhor. Deixei a gaveta de talheres de lado, assim como o banheiro, bebi alguma coisa e comi uns biscoitos, e estava me sentindo bem.

Era um começo.

Domingo, 13 de junho de 2004

NÃO DORMI MUITO, SENTIA TANTO FRIO... Não achava posição confortável; meu corpo todo doía. Quando vi as luzes por trás das cortinas, me dei conta de que devia ter dormido um pouco, mas não me lembrava.

Chorei baixinho pela pessoa que eu me tornara. Tinha perdido a vontade de lutar. Queria desistir agora, queria que tudo aquilo acabasse. Sentia-me imersa em vergonha.

E agora, como se tudo já não estivesse horrível, eu não conseguia tirar Naomi da cabeça.

* * *

— Naomi? — eu dissera.

— Ela era parte do trabalho que estávamos fazendo. Uma informante. Era casada com o cara que queríamos pegar. Eu a recrutei: ela caiu na minha lábria e consegui convencê-la a trabalhar com a gente. Ela nos forneceria informações para podermos pegar o cara. — Ele olhou para as feridas nas articulações dos próprios dedos, flexionou-os e sorriu. — Era a mulher mais bonita que eu já tinha visto. Eu deveria estar só utilizando seus serviços, mas em vez disso a levei para a cama e me apaixonei. Ninguém sabia. Pensavam que eu estava apenas fazendo o que era pago para fazer, mas depois da primeira vez, não consegui mais me controlar. Estava pensando em largar o emprego, comprar uma casa para ela, a quilômetros de distância, algum lugar onde ela pudesse ficar longe daquele marido de merda.

— O que aconteceu? — perguntei em um sussurro.

Ele olhou para mim como se tivesse esquecido que eu estava ali. Flexionando os dedos até fechar a mão completamente, observou as feridas nas articulações descorarem.

— Ela estava me fodendo de duas formas. Todas as informações que me passava sobre o marido eram ditadas por ele.

— Ele voltou a se recostar, com um suspiro pesado, depois bateu o corpo novamente, de propósito, na parede. E outra vez mais. — Não acredito que fui tão idiota, porra. Eu acreditei em tudo.

— Talvez ela estivesse com muito medo do marido — falei.

— Bom, então esse foi o erro dela, não é mesmo?

Ponderei um instante sobre aquilo.

— O que aconteceu com ela?

— Houve um assalto à mão armada, exatamente como estávamos esperando, só que ficamos de tocaia do outro lado da cidade. Estávamos todos ali, posicionados como idiotas, enquanto outra joalheria perdia duzentas e cinquenta mil libras em mercadorias e um vendedor tinha o crânio aberto com um bastão de beisebol. No exato instante em que eu estava me perguntando o que eu tinha feito de errado, recebi uma mensagem de texto de Naomi pedindo para que eu fosse encontrá-la. Fui até o local de costume e, quando abri a porta do carro dela, lá estava a porra do marido. Ele estava se divertindo com tudo aquilo. Eu havia lhe prestado um serviço, disse ele. Os dois tinham me enganado completamente.

Ele dobrou as pernas e apoiou as mãos machucadas nos joelhos, relaxado; toda a sua tensão se fora.

— Uma semana depois — continuou ele — ela me telefonou aos prantos, me contando que ele a tinha pressionado e que ela tinha ficado assustada, e me perguntou se eu estava falando sério quando dissera que a livraria dele. Então falei para ela fazer as malas e me encontrar no lugar de sempre.

— Você a ajudou a fugir?

Ele riu.

— Não. Cortei o pescoço dela e a joguei em uma vala. Ninguém deu queixa de seu desaparecimento. Nem procuraram por ela.

Ele se levantou, se espreguiçou como se tivesse acabado de me contar uma história para dormir, abriu a porta e me deixou ali, apagando a luz e fazendo o quarto mergulhar nas trevas.

Sábado, 5 de abril de 2008

HOJE PENSEI TÊ-LO VISTO NOVAMENTE.

Foi quase um alívio, no final.

Stuart trabalhara até tarde, então o deixei dormindo e fui para a High Street, a fim de fazer umas compras. Comecei pelo supermercado Co-op — aquela velha impressão de estar sendo vigiada, só que um pouco mais forte do que de costume. Loja estava lotada, todos os corredores cheios de gente, e para todos os lados que eu olhava via rostos familiares, pessoas que acreditava já ter visto antes.

Quando estava entrando na fila para pagar, atrás de três outras pessoas, a sensação ficou mais intensa. Ergui o olhar e o vi de pé na seção de frutas e legumes, do outro lado da loja, me encarando fixamente. Não tive dúvidas de que era ele, embora parecesse um tanto mudado; no início não consegui identificar em quê.

Tentei me convencer de que estava tudo bem. Na fila do caixa, fiz meu exercício de respirar fundo e regularmente, transformando cada inspiração na coisa mais importante daquele momento, muito embora quisesse gritar e sair correndo.

Não é real, falei para mim mesma. Faz parte do TOC. É apenas sua imaginação fértil dominando você. Ele não é real. É apenas um homem que se parece um pouco com ele, você sabe disso. Ele não está ali.

Quando olhei novamente, ele havia desaparecido.

Voltei para casa com minhas sacolas de supermercado, verificando o tempo todo se o via em algum lugar — nas entradas das lojas, dentro dos carros que passavam, atravessando a rua atrás de mim, caminhando na direção contrária; todos esses lugares em que já o vi anteriormente.

Nada a mais. Talvez eu tivesse imaginado aquilo — teria sido alguém parecido com ele?

Em casa, verifiquei todo o meu apartamento antes de subir para o de Stuart, carregando as compras. Comecei pela porta e segui por todos os cômodos, terminando no quarto. Tudo parecia normal. Eu estava quase desesperada para encontrar algo errado, algo fora do lugar, comprovando que ele havia estado ali, mas na verdade eu não me ausentara por muito tempo. Se ele estivesse mesmo lá fora, me espiando, não poderia ter entrado também; afinal de contas, nem mesmo Lee poderia estar em dois lugares ao mesmo tempo.

Acordei Stuart com uma xícara de chá e um beijo. Ele abriu os olhos e bocejou, em seguida afastou a cobertura e me lançou um sorriso acolhedor, me convidando a voltar para a cama e deitar ao seu lado. Não havia nada que eu quisesse mais naquele momento do que tirar toda a roupa e me aconchegar na pele quente de meu namorado nu.

Eu não pretendia lhe contar que pensava ter visto Lee, mas depois de fazermos amor, quando eu estava com a cabeça encostada em seu ombro, de repente ele disse:

— Você está diferente hoje.

Ergui a cabeça e olhei para ele.

— Você acha? O que quer dizer com isso?

Ele se virou de bruços e se apoiou nos cotovelos, de modo a poder olhar para mim. Pegando minha mão, ele a beijou e depois acariciou meu braço com os dedos, afagando as cicatrizes, olhando-as intensamente.

— Aconteceu alguma coisa?

Dei de ombros.

— Nada de mais. Pensei ter visto alguém que eu conhecia no supermercado, só isso.

— Você quer dizer Lee?

Ao contrário de mim, Stuart não tinha problemas em dizer nome dele. Ele se saía muito bem quando se tratava de encarar o medo, apontá-lo, lidar com o problema e seguir em frente. Algo que eu estava apenas começando a aprender.

— Achei que fosse. Mas foi só por um momento.

Ele me examinou detidamente com aqueles seus olhos verdes, como se eu fosse a única pessoa no mundo.

— Você o vê o tempo todo — disse ele.

Não era uma pergunta. Já tínhamos falado sobre isso.

— Mas hoje foi diferente.

— Diferente como?

Eu não queria fazer isso. Não queria admitir, porque falar sobre isso tornava tudo real. Se guardasse para mim mesma, ainda poderia fingir que havia imaginado tudo. Mas não fazia sentido algum tentar encerrar aquela conversa — ele não desistiria até se dar por satisfeito.

— Ele estava usando roupas diferentes. O cabelo mais curto. Está bem assim? Satisfeito?

Escapei de seus braços e saí da cama. Comecei a me vestir.

Ele me observou com aquela sua expressão, entre o divertimento e a curiosidade.

— Você se lembra de quando me perguntou, meses atrás, por que não poderia ser eu a ajudá-la?

— O que tem isso?

— Pois bem, é por isto.

Ele me pegou pelo pulso e me puxou para a cama, me deitando ao seu lado e me fazendo cócegas até eu não poder mais de tanto rir.

Em seguida, parou e me olhou com seriedade.

— Venha morar comigo.

— Pare com isso, eu praticamente já estou vivendo aqui.

— Então se mude de vez. Você vai economizar uma grana e ainda ficar comigo o tempo todo.

— Assim você vai poder me proteger?

— Se quiser.

Então entendi tudo.

— Você acha mesmo que era ele — falei.

Eu o pegara no flagra.

— Não necessariamente.

— Não necessariamente? O que quer dizer tudo isso?

Ele hesitou antes de responder:

— Quer dizer que considero você uma pessoa racional. Sabemos que Lee foi solto alguns meses atrás. Ainda não temos uma explicação para aquele botão que foi parar dentro do seu bolso. Mas, fora isso, acho que você está suficientemente consciente de seu estado agora para saber quando uma coisa provavelmente não faz parte do seu processamento cerebral, e você pensa que podia ser ele, *ergo*, eu penso que podia ser ele.

— Pare de falar como um psicólogo — reclamei, acertando-o com um travesseiro.

— Se eu concordasse com isso, como você se sentiria? — reagiu ele, com um sorriso estranho.

Revirei os olhos para ele.

— É sério — prosseguiu ele quando eu já estava novamente em seus braços. — Dessa vez foi diferente. Então, existem duas possíveis conclusões, das quais a mais provável é que você viu alguém parecido com ele, mas ao mesmo tempo tão diferente que você não teve certeza. O que não é muito comum.

— Alguém que estava me encarando lá do outro lado do supermercado — acrescentei.

— Em outras palavras, a uma distância considerável do ponto onde você se encontrava.

Eu não queria pensar em qual seria a outra possível conclusão. Tentei distraí-lo com um beijo demorado, lento e profundo, que durou infinitos minutos. Ele beijava muito bem, apenas por beijar, podia fazer isso sem pedir nada mais.

— Você vai fazer isso? — perguntou ele, finalmente, seu rosto junto ao meu.

— Fazer o quê?

— Vir morar comigo.

— Vou pensar — respondi.

Acho que ele não esperava muito mais do que isso.

Domingo, 13 de junho de 2004

ELE ME DEIXOU SOZINHA A MAIOR parte do dia. De vez em quando eu me perguntava se ele tinha saído, mas depois ouvia ruídos vindos de algum lugar da casa e me dava conta de que ele estivera ali o tempo todo. Ouvia batidas, vindo lá de fora — da garagem? O que ele estaria fazendo?

Passei algum tempo olhando pela janela, esperando que alguém me visse. Eu olhava desesperadamente para o jardim da casa ao lado, desejando enlouquecidamente que alguém aparecesse para eu bater na janela. Tentei quebrar o vidro com as algemas, mas isso fez um barulho tão alto que poderia chamar a atenção dele e fazê-lo voltar. Além do mais, de qualquer maneira não fazia sentido. Não havia ninguém que pudesse ouvir exceto ele.

O tempo tinha virado, trazendo chuva e vento. Parecia mais outubro do que junho. Sentei-me de costas para a parede e esperei que ele viesse acabar comigo. Olhei para meus pulsos, para as crostas que tinham se formado, finas e apertadas, sobre as feridas que as algemas já tinham provocado ontem. Se eu me mexesse demais, elas se reabririam, então fiquei quieta. Os três dedos do meio da mão direita não dobravam. A pele estava roxa e manchada, mas o inchaço diminuía um pouco. Ainda bem que ali não tinha um espelho. Meu olho ainda estava quase totalmente fechado e meus ouvidos zumbiam.

Quando começou a escurecer, senti que a exaustão e a sede haviam consumido toda a minha energia, então me deitei novamente, me cobrindo com a manta. Devo ter dormido, porque quando despertei ele estava ali, de pé ao meu lado, e, apesar da fratura, meu nariz detectou algo.

— Levante-se — disse ele, com voz firme mas não colérica.

Forcei meus músculos doloridos até conseguir me sentar. No chão, sob a luz do corredor, pude ver um pacote de batatas fritas e um balde com água. Pelo cheiro, não era água sanitária. Foi difícil resistir à ânsia de enfiar a cabeça lá dentro e beber tudo.

Ele se virou, saiu e trancou a porta.

— Obrigada — falei, com a voz áspera, antes de inclinar o balde e começar a beber, minha boca já endurecida de tão seca.

A luz se apagou e a porta estava trancada. Depois de alguns minutos, me deitei no tapete e me cobri do jeito que pude, ainda sentindo o cheiro de urina, sangue e alvejante. Lembrei-me de Naomi e me perguntei quanto tempo ainda me restava.

Segunda-feira, 14 de junho de 2004

QUANDO ABRI OS OLHOS, MEU PRIMEIRO pensamento foi: *Hoje eu vou morrer.*

Eu sabia disso por causa das dores. Haviam atingido outro nível, vindo em minha direção como um trem a partir do instante em que abri os olhos. Eu tremia, suave e, embora devesse ter passado horas entre a consciência e a inconsciência, de repente a realidade me atingiu com clareza e eu soube que morreria.

Entre minhas pernas, sob a fina manta, o sangue escorrera durante a noite em quantidade tão grande que achei que devia ter rompido algo internamente, e que eu simplesmente sangraria até a morte no quarto de hóspedes da minha própria casa. Ele não precisaria fazer mais nada. Eu simplesmente morreria por conta daquilo que ele já havia feito.

Apesar do que ele me dera para comer, eu estava fraca demais para me mover, e tremia demais para conseguir um ponto de apoio no chão e me levantar, então fiquei deitada, tomada de dores simultâneas por todo o corpo, sendo a mais forte a na barriga, lá dentro.

Fiquei delirando por instantes, até sonhei que tinha conseguido chegar a Nova York. Estava dormindo em uma cama enorme, as janelas amplas com vista para a Estátua da Liberdade e o Central Park, o Empire State Building e a Barragem Hoover, tudo ao mesmo tempo. Minha barriga doía porque eu tinha comido demais e estava de ressaca, mas era só eu dormir um pouco que iria passar.

Então, quando ele entrou — foram horas depois? Talvez um dia inteiro houvesse passado—, eu já nem tinha mais certeza de que ele realmente estava ali ou não. Talvez ele estivesse no meu sonho. Talvez estivesse sonhando quando ele levantou minha cabeça pelo cabelo e a soltou, deixando-a bater no carpete. Senti que estava voando.

— Catherine.

Ouvi sua voz e sorri na direção do som. Sua voz estava falando engraçada, como se estivesse embaixo d'água.

— Catherine, acorde. Abra os olhos.

Ele estava no chão, ao meu lado, e de repente o que restava do meu nariz detectou o cheiro do álcool. Ou talvez fosse o gosto do seu bafo sobre mim, junto ao meu rosto.

— Catherine, sua puta, acorde.

Deus que me perdoe, mas eu comecei a rir. A risada virou tosse, fazendo minha garganta doer.

— Abra os olhos.

Só um deles se abriu, e ainda assim, apenas uma fresta. Só consegui enxergar algo prateado e preto, que ganhava contornos gradualmente, transformando-se em algo comprido, brilhante. Quase belo.

No final, só me dei conta de que era uma faca quando ele me cortou pela primeira vez. Não emiti som algum. Ele queria me ver gritar, mas eu não conseguia mais.

O segundo corte, no braço esquerdo, doeu um pouquinho, mas o que senti mesmo foi algo quente sobre minha pele fria demais.

Quando veio o seguinte, e outro e outro, eu o ouvi fungando, talvez chorando, e forcei o olho a se abrir outra vez, tentei distinguir a imagem à minha frente. Era assim que ele ia me matar. Por que simplesmente não cortava logo minha garganta? Meus pulsos? Algo que acelerasse o processo. Não daquele jeito.

Não me defendi. Ele tirou a manta de cima de mim e começou a fazer cortes nas minhas pernas. “Meu Deus”, eu o ouvi dizer. Nem percebi que ele havia parado, mas, bem, deve ter parado em algum momento.

Fiquei deitada, sentindo as feridas abertas, apenas as menores. Meus braços, minhas pernas, a hemorragia que ainda escoava o sangue de dentro de mim e o carpete sob meu corpo, que há muito tempo tinha perdido a cor acinzentada.

Terça-feira, 8 de abril de 2008

FINALMENTE CAROLINE E EU COMEÇAMOS O processo de entrevistas para os funcionários do depósito no novo centro de distribuição. Ontem e hoje as entrevistas correram bem, até por volta das dez horas, quando Caroline desceu para chamar o candidato seguinte.

Eu estava dando uma olhada no seu formulário de inscrição: Mike Newell, trinta e sete anos, pouca experiência em estocagem de material, mas sua ficha era legível, bem escrita e bem pensada, era muito mais do que víamos na maioria daqueles que havíamos descartado. Sem filhos, morava na parte sul de Londres e citava como outros interesses história e produtos eletrônicos. O motivo de o termos chamado para a entrevista havia sido sua resposta à pergunta "Por que você acha que é capaz de assumir essa função na Lewis Pharma?": "Apesar da minha pouca experiência na área, sinto que posso oferecer entusiasmo e disposição para aprender as funções, além do meu compromisso integral com a empresa." Entusiasmo, compromisso, disposição — tudo isso seria mais que bem-vindo.

Caroline estava conversando com ele quando a porta da sala se abriu e eu me levantei, preparando meu sorriso acolhedor para o quinto candidato que entrevistávamos naquela manhã.

Meu coração quase parou.

Era Lee.

Ele sorriu calorosamente para mim e apertou minha mão. Caroline disse-lhe para sentar-se e ficar à vontade, enquanto eu continuava de pé, completamente pálida e com a boca seca.

Eu estava vendo coisas? Ele estava ali, de terno, ostentando um sorriso tranquilo e cordial, e seus olhos mal encontraram os meus. Estava agindo totalmente como se não tivesse me reconhecido. Como se seu nome fosse Mike Newell e não, na verdade, Lee Brightman.

Considerarei a opção de sair correndo. Pensei que ia acabar vomitando. Depois, ao observar seu comportamento, vendo que ele

agia de modo completamente normal, me perguntei se eu não tinha pirado, enlouquecido mesmo, e se aquilo não seria apenas alguma espécie estranha de alucinação.

— Então, Sr. Newell — começou Caroline, jovialmente—,vou falar rapidamente sobre a empresa e sobre a vaga, depois lhe faremos algumas perguntas, para conhecê-lo um pouquinho melhor. Ao final, se o senhor tiver alguma pergunta a fazer, aí então poderemos respondê-la. Está bem assim?

— Sim, claro.

Era a voz de Lee, mas com sotaque diferente — escocês? De qualquer modo, algum lugar do norte.

Era ele?

Enquanto Caroline discorria a habitual explicação sobre a Lewis Pharma e o momento atual de expansão, eu o observei com uma espécie de horror fascinado. Seu cabelo estava mais escuro, apenas ligeiramente, e mais curto; ele parecia pálido — bem, isso era de se esperar — e envelhecera um pouco, havia rugas ao redor de seus olhos que não estavam ali antes. Isso também era de se esperar. Ele observava Caroline de maneira intensa, assentindo nos momentos certos, parecia estar absorvendo todas as informações. Eu nunca o vira usando um terno como aquele antes — e não lhe caía muito bem. Parecia emprestado. Eu não conseguia imaginar Lee vestindo algo que não o deixasse simplesmente perfeito. A menos, é claro, que estivesse disfarçado para uma missão, ocasiões estas em que ele usava roupas imundas que cheiravam a morador de rua.

Tive uma dúvida momentânea de que fosse ele.

Haviam se passado quase três anos desde que eu o vira pela última vez: no banco dos réus, ouvindo as provas de acusação. Eu não compareci para ouvir a sentença, é claro. Três dias antes do final do julgamento fui hospitalizada pela segunda vez. Enquanto ele era condenado, eu estava sedada com tranquilizantes, passando a maior parte do tempo observando uma mancha na parede.

Tentei recordar como era sua aparência naquela época, mas a imagem da minha lembrança era vaga, de tanto que eu havia tentado excluí-lo da mente. Em meus pesadelos, e mesmo naqueles

momentos em que eu o via de relance nas ruas, no supermercado, ele era agora uma figura sem rosto.

Será que era ele?

Caroline estava chegando ao fim de seu discurso e a qualquer instante seria minha vez.

Eu me dei conta de que, involuntariamente, estava respirando profunda e lentamente, acalmando a mim mesma a cada respiração, contendo o nervosismo, porque era preciso. Tentei pensar em meus níveis de ansiedade. No mínimo sessenta, possivelmente setenta. Eu não podia desabar ali. Precisava muito daquele emprego — eles tinham me dado uma chance, e eu não podia estragar tudo. Esperei que o medo abrandasse. Levaria certo tempo. Eu precisaria lidar com aquela apreensão.

— Então — comecei, percebendo que, de alguma forma, estava funcionando no piloto automático —, Sr. Newell.

Ele olhou para mim e sorriu. Aqueles olhos — algo estava errado. Eram escuros demais. Não era ele, não podia ser. Eu estava imaginando, assim como o havia imaginado todas as outras vezes.

— Pode nos falar um pouco sobre seu último trabalho e por que decidiu se desligar dele?

Eu estava escutando suas palavras, mas sem realmente absorvê-las. A caneta de Caroline não parava de rabiscar palavras no seu bloco de anotações, o que era bom, porque eu não iria me lembrar de nada do que ele estava dizendo. Algo relacionado a ter trabalhado no exterior nos últimos anos, gerenciando um bar na Espanha. Para ajudar um amigo. Evidentemente, iríamos averiguar suas referências, mas se fosse realmente Lee, ele poderia falsificar algo assim com a maior facilidade.

Por dentro, eu tentava ignorar o terror absoluto de estar ali sentada na frente do homem que quase me matara, que me espancara e me estuprara. Eu estava ouvindo-o falar sobre sua carreira, sobre os vários empregos pelos quais tinha passado, sobre o serviço militar — isso seguramente poderia ser verificado, não? Devia haver algum registro, certo? E ele estava nos dizendo que seu nome era Mike Newell; que crescera em Northumberland — não em Cornwall—,mas que passara a maior parte de sua vida adulta

na Escócia. Nenhuma menção a Lancaster. Tampouco a uma pena de três anos de prisão por agressão física.

Caroline assumiu o comando novamente, dando-lhe a oportunidade de nos fazer perguntas.

— Eu só estava pensando — disse ele com aquela voz que misturava curiosamente sotaques que eu não conseguia identificar — se tem alguma coisa que vocês estão procurando em seu candidato ideal e que não consegui demonstrar hoje?

Caroline olhou para mim, tentando disfarçar o sorriso de aprovação.

— Cathy, pode responder a essa pergunta?

Era uma das melhores perguntas que eu já ouvira de alguém em entrevistas.

— Claro — respondi, tentando manter minha voz firme. — Seria preferível que você tivesse experiência nesse tipo de trabalho, mas não é essencial. Vimos vários fortes candidatos nesses últimos dias e esperamos chegar a uma decisão amanhã, por volta do meio-dia.

Ele sorriu para mim. Seus dentes eram diferentes dos de Lee — mais brancos? Mais regulares? Agora, olhando outra vez para ele, achei-o bastante diferente. Não apenas pelos olhos. Os dentes, o cabelo — o físico; ele era com certeza menos musculoso do que Lee; mesmo com aquele terno que lhe caía mal, eu me lembrava de como os bíceps de Lee transpareciam sob qualquer roupa que ele vestisse. Eram diferenças tão vagas e desconcertantes...

— Muito obrigada por ter vindo, Sr. Newell — falei, cumprimentando-o.

Ele apertou minha mão de maneira firme e calorosa, e não senti suor. O cumprimento perfeito para quem quer ser contratado.

Caroline desceu com ele, deixando-me sozinha na sala de entrevistas, minha cabeça a mil. Será que era ele? Examinei o formulário que ele preencheria — caligrafia clara, em letra de forma; não parecia sua letra, embora ele pudesse ter pedido a alguém para preencher o formulário no seu lugar, pelo amor de Deus, isso não significava nada. Podia estar usando lentes de contato. Podia ter dado um jeito nos dentes. Talvez não pudesse se exercitar na

prisão. E quanto ao seu último emprego, dois anos em um bar na Espanha? Ele tinha amigos por lá, qualquer um poderia pegar um telefone e fornecer suas referências, e nem desconfiaríamos. E ele não parecia muito bronzeado.

Ouvi Caroline se aproximando da porta com outro candidato e preparei meu sorriso acolhedor. Atrás das minhas têmporas, a mãe de todas as dores de cabeça se preparava para atacar.

* * *

Assim que a entrevista terminou, falei para Caroline que ia buscar água e uns analgésicos. Fizemos um intervalo e, mais tarde, entrevistamos mais três candidatos antes de encerrar o expediente.

Caroline não parava de falar sobre Mike Newell.

— Acho que ele foi de longe o melhor candidato de hoje, não acha? Mesmo sem experiência anterior em estocagem, é sem dúvida inteligente e está disposto a aprender. E aquela pergunta no final? Vou anotar para a próxima vez que eu me candidatar a algum emprego. Você deu uma resposta brilhante. Eu não tinha a menor ideia do que dizer. Além disso, sei que não é nada profissional, mas, meu Deus, que olhos são aqueles... Sem falar no charme...

— Volto já, ok? — foi tudo que consegui dizer em resposta, pegando minha bolsa na gaveta da mesa e me dirigindo para a porta dos fundos do prédio.

Peguei meu celular e o pedaço de papel onde estavam anotados os números de telefone da detetive Hollands.

O celular dela estava desligado, então tentei o outro número.

— Serviço de Proteção ao Cidadão, detetive Lloyd, em que posso ajudar?

— Hã... oi. Eu queria falar com a detetive Sam Hollands.

— A detetive Hollands se encontra em uma reunião no momento. Posso ajudar?

— Sim, por favor. Preciso de ajuda.

Ah, meu Deus, como explicar tudo isso em poucas palavras? Como explicar a alguém a urgência daquilo sem lhe dar razão para achar que você está completamente louca?

— Alô? A senhora está correndo perigo agora?

— Não, acho que não.

Eu podia sentir as lágrimas começando a brotar. Por favor, pensei, não seja gentil comigo, acho que eu não conseguiria aguentar.

— Qual é o seu nome?

— Cathy. Cathy Bailey. Há quatro anos eu fui agredida por um homem chamado Lee Brightman. Ele ficou três anos preso por causa disso, e me informaram que ele foi solto no Natal. Isso foi no norte, em Lancaster.

— Certo — disse a voz.

— A detetive Hollands me disse que ele estava em liberdade agora. Eu acho que o vi há alguns dias, aqui em Londres, e contei isso para a detetive Hollands. Ela entrou em contato com Lancaster para averiguar, e eles disseram que ele ainda estava por lá.

— E a senhora voltou a vê-lo?

— Eu sou gerente de recursos humanos, e acho que acabo de entrevistá-lo para um emprego na empresa em que trabalho.

— A senhora acha...?

— Ele parecia diferente, mas não muito. Disse que se chamava Mike Newell, mas se parecia muito com ele; a mesma voz, essas coisas. Será que alguém em Lancaster poderia averiguar por onde ele anda, tipo, agora mesmo? Porque ele acabou de sair daqui, não faz nem meia hora. Então, se for ele, não pode estar em Lancaster.

— A senhora tem um mandado de segurança, uma ordem de proteção ou algo assim?

— Não.

— Sabe se ele está proibido de entrar em contato com a senhora como exigência de soltura?

— Acho que não.

— Certo. Mas ele alegava ser outra pessoa?

— Sim. Ele se candidatou a este emprego apresentando todo um histórico profissional, mas pode ser tudo falso. Por exemplo, na ficha que ele preencheu, diz que ele trabalhou esses últimos anos na Espanha.

Houve uma longa pausa. Olhei as horas — mais cinco minutos e Caroline e eu precisaríamos voltar para a sala de entrevistas.

— Ele a ameaçou de alguma forma?

— Como assim? Na entrevista? Não — respondi.

— Ele demonstrou de algum modo ter reconhecido a senhora, ou não ser quem alegava ser?

— Não, ele fingiu o tempo todo.

— Mas a senhora tem certeza de que era ele?

Desviei dessa pergunta o melhor que pude:

— Ele fazia esse tipo de coisa. Divertia-se aparecendo do nada, para me assustar. Costumava me vigiar quando eu saía para fazer compras, e se achasse que eu tinha demorado demais, me batia quando eu voltava para casa. Ele é fanático por manipulações psicológicas, e eu sei que ele adoraria aparecer de repente no meu trabalho, fingindo ser quem não é, só para ver minha reação.

Outra longa pausa na linha. Será que ela estava anotando tudo?

— Ok. Posso ligar de volta para a senhora neste mesmo número?

— Tenho que voltar para as entrevistas. Até as cinco vou estar ocupada, mas pode deixar uma mensagem no correio de voz.

— Tudo bem então, eu lhe dou um retorno.

Corri de volta para o prédio e entrei no banheiro feminino. Enquanto lavava as mãos, olhei de relance para meu reflexo no espelho. Eu parecia bem mais equilibrada do que me sentia. Meu cabelo tinha crescido e eu acabara de cortá-lo bem curto, com as pontas oscilando delicadamente na altura do meu maxilar inferior. Eu parecia pálida e um pouco cansada, o paletó escuro, cor de ameixa, dando à minha pele um tom levemente esverdeado, mas nada que um pouco de pó de arroz não resolvesse.

Caroline já estava na sala de entrevistas.

— Pronta para o terceiro round? — perguntou ela.

— Com certeza.

— Você está bem?

Ela pareceu preocupada, como se só então tivesse se dado conta de que eu estava começando a parecer esquisita.

— Claro — respondi. — Estava com uma baita dor de cabeça; com toda essa concentração, sabe como é.

— Ah — exclamou ela. — Quando eu cheguei aqui com o último candidato, Newell, você parecia estar vendo um fantasma. Pensei que fosse desmaiar.

Era a minha vez de bancar a sedutora. Lancei-lhe um sorriso que esperava ser suficientemente radiante para deixá-la satisfeita e desci para buscar o próximo candidato.

* * *

Quando a última entrevista acabou, Caroline e eu fizemos um breve intervalo antes de nos reunirmos para discutir sobre os candidatos e decidir quem iríamos contratar e quem seria dispensado.

Fui respirar um pouco de ar fresco lá fora, a cabeça ainda doendo. O remédio que eu tomara não havia adiantado nada. Liguei o celular e esperei alguns instantes até ouvir o sinal de que eu tinha um recado novo. Digitei o número do correio de voz.

"Sim, esta é uma mensagem para Cathy Bailey. Aqui é Sandra Lloyd, do Serviço de Proteção ao Cidadão, de Camden. Só queria informar que entrei em contato com Lancaster e eles vão mandar alguém averiguar a localização do Sr. Brightman. Ainda não me retornaram, mas informarei assim que eu tiver uma resposta. Bem, é isso. Até logo. "

Eu sabia que seria inútil — quando conseguissem localizá-lo, já teria decorrido tempo suficiente para que ele estivesse de volta a Lancaster.

Enquanto eu andava lentamente pelo estacionamento, aproveitando o sol e me perguntando a que horas Stuart chegaria em casa, meu telefone tocou.

— Alô?

— Cathy? Aqui é a detetive Lloyd. Recebeu a minha mensagem?

— Recebi, obrigada. Teve mais alguma notícia?

— Acabaram de me telefonar de Lancaster. Foram averiguar no endereço dele e não havia ninguém em casa. Mas a mulher com quem eu falei disse que o viu ontem, e que ele não mencionou nada sobre ir a Londres. A senhora tem certeza de que foi ele que viu?

Como eu poderia responder a essa pergunta? Não, não tenho certeza, mas também não estou louca. Não estou tendo alucinações.

— Não estou cem por cento certa.

— Eu acho muito improvável, afinal de contas, ele sabe que a senhora está morando em Londres? Ele sabe onde a senhora trabalha?

— Espero que não.

— A questão é a seguinte: ele não se encontra em liberdade vigiada, o que significa, tecnicamente, que pode ir aonde quiser sem supervisão. O nosso pessoal em Lancaster pode dar uma olhada nele de vez em quando, mas não pode importuná-lo se ele não tiver feito nada que justifique tal medida.

— Ele quase me matou — falei, minha voz parecendo vir de muito longe.

Sandra Lloyd tinha um tom de voz que sugeria se tratar de uma pessoa solidária na maior parte do tempo.

— Eu sei, mas isso foi há muito tempo. É provável que ele tenha se recuperado. Olhe, eu sei que o nosso pessoal de Lancaster vai ficar de olho nele da melhor maneira possível, portanto, tente não se preocupar.

— Ok — respondi, desanimada. — Obrigada.

Isso nem sequer me surpreendeu. Eles não tinham acreditado em mim na última vez; não havia por que acreditarem agora.

Se não era ele, e eu estava apenas tendo alucinações realmente espetaculares, então eu teria que aprender a lidar com isso até me sentir melhor. Se fosse ele, eu não poderia provar por conta própria

que ele não estava em Lancaster, sendo um bom menino.

Eu teria que esperar o momento em que ele decidisse revelar suas cartas, e precisaria estar pronta para entrar no seu jogo.

* * *

Quando voltei para o escritório, Caroline estava de casaco.

— Vamos — disse ela. — Vamos sair daqui.

— Sair? — perguntei. Minha dor de cabeça tornava difícil me concentrar.

— Sair. Precisamos dar uma arejada, venha.

Saímos do prédio da empresa e, virando a esquina, entramos no pub que ficava logo à entrada do centro comercial. O lugar estava cheio de funcionários bebendo, mas conseguimos uma mesa nos fundos, perto da cozinha. Estava bem escuro ali.

Caroline foi pegar as bebidas e as trouxe para a mesa.

— Você está com uma cara péssima — disse ela.

— Puxa, que ótimo. — dei uma risada.

— Sério. O que está havendo?

Olhei para ela: minha amiga, a única amiga de verdade que eu tinha ali em Londres, fora Stuart.

— É uma longa história — falei.

— Eu tenho tempo.

Respirei fundo. Aquilo era tão difícil. Contar essa história nunca era fácil. Eu sentia as lágrimas, o cansaço, a exaustão, e tentava combatê-los. Não iria desabar, não ali.

— Quatro anos atrás, o meu namorado da época me agrediu e quase me matou. Ele foi preso e, após uma longa investigação e um julgamento, foi condenado a três anos de prisão.

— Meu Deus — exclamou ela. — Pobre menina, coitada de você.

— Vim morar em Londres porque sabia que ele seria solto em breve e que viria atrás de mim. É por isso que estou aqui.

— Isso aconteceu onde você morava antes, certo? Em Lancaster, não é isso?

— Sim. Eu queria estar bem longe quando ele fosse libertado. No caso de ele resolver vir atrás de mim.

Caroline parecia assustada.

— Você acha que ele vai procurá-la?

Pensei nisso seriamente por um instante. Não havia como expor essa questão de outra maneira senão com o terror que de fato representava.

— Sim, acho que vai.

Caroline soltou o ar.

— Então... ele vai ser solto daqui a pouco?

— Já foi. No Natal.

— Ah, meu Deus. Não é de se estranhar que você ande tão pálida. Deve estar completamente aterrorizada.

Assenti. Estava novamente com vontade de chorar, mas de que adiantaria? Eu só queria ir para casa e ficar com Stuart.

— Aquele homem. Mike Newell.

— O que tem ele?

— Ele se parece com ele. Pensei que fosse ele. Foi por isso que eu fiquei tão estranha. Você disse

que parecia que eu tinha visto um fantasma; pensei que tivesse visto mesmo.

Olhei para Caroline: tão gentil e materna, com seu cabelo ruivo escuro e brilhante, toda arrumada profissionalmente, com seu terninho cinza. Havia lágrimas em seus olhos.

— Coitada de você.

Ela me abraçou, e me manteve em seus braços por mais tempo do que imaginei. Senti as lágrimas brotando nos meus olhos. Queria guardá-las para quando estivesse sozinha.

— Por que não me contou antes? — perguntou ela, calmamente. Não era uma censura; ela apenas queria ajudar.

— Tenho dificuldade para confiar nas pessoas.

* * *

Quando enfim voltei para casa, me peguei verificando a porta, duas vezes. Estava bem trancada, e a porta do apartamento também parecia normal à primeira vista, mas, sob um exame atento, claramente não estava. Eu ia precisar verificar novamente, com mais cuidado. Não se tratava de TOC, mas de autopreservação.

Meu telefone celular tocou assim que acabei as verificações e liguei a chaleira elétrica. Pensei que fosse Stuart, mas na tela apareceu apenas o nome "HOLLANDS".

— Alô?

— Cathy? Aqui é Sam Hollands, do Serviço de Proteção ao Cidadão de Camden.

— Ah, sim. Oi.

— Eu soube que você falou com a detetive Lloyd hoje mais cedo.

— Foi, falei, sim. Ela foi bem prestativa. Vocês tiveram mais alguma informação?

Seguiu-se uma pausa e um barulho de papéis sendo folheados.

— Recebi uma ligação de Lancaster. Eles fizeram outra visita ao endereço que temos de Lee Brightman, cerca de quinze minutos atrás, e ele estava chegando ao local bem no momento em que batiam à sua porta.

Fiz um breve exercício mental de aritmética: a entrevista fora à uma e meia e terminara quase às duas. Até que era possível que ele tivesse pegado o trem e chegado de volta a Lancaster no exato momento em que a polícia batia à sua porta, desde que o trem não tivesse tido nenhum atraso.

Mas aquilo estava começando a soar um pouco improvável.

— Imagino que eles não tenham dito como ele estava vestido.

— Não, não disseram. A detetive Lloyd me informou que ele foi fazer uma entrevista aí em Londres, certo?

Eu estava sorrindo. Ela acreditava em mim, acreditava mesmo.

— Pois é. Eu realmente achei que fosse ele, mas faz três anos que não o vejo. Parecia mais magro. Se bem que isso seria de se esperar, não é mesmo?

— E ele não demonstrou reconhecer você?

— Não. Apenas agiu como qualquer pessoa que comparece a uma entrevista, um pouco nervoso, um pouco tenso. Mas ele sempre soube representar muito bem. Não se esqueça de que ele

conseguiu manter o emprego durante todo o tempo em que me torturava.

Não mencionei que tipo de emprego. Ela já sabia qual era, afinal de contas.

— E onde você está agora?

— Estou em casa. Estou bem, estou me sentindo bem. Obrigada. Obrigada por acreditar em mim.

— Não se preocupe. Ouça, se precisar de ajuda, ligue novamente, ok?

— Pode deixar, vou ligar.

— Outra coisa. Pense em uma senha. Alguma coisa que possa dizer sem chamar atenção, se ele aparecer, se você tiver problemas.

— Hum... Agora?

— Agora. Alguma coisa banal. Que tal "Páscoa"?

—"Páscoa"?

— Sim. Se eu falar com você em um momento de dificuldade, me pergunte como foi minha Páscoa. Finja que sou uma amiga, uma colega de trabalho, entendeu?

— Entendi.

— Tenho certeza de que não será necessário. Mas, só para garantir, ativei um recurso aqui no sistema dando destaque ao seu endereço. Todas as suas chamadas serão tratadas como urgentes. Isso ficará no sistema por três meses e então será desativado automaticamente, se você não tiver problemas. Para falar sobre algo menos urgente, ou se quiser algum conselho, ligue para o meu celular.

— Ok. Obrigada, detetive. Você está sendo incrível.

— Pode me chamar de Sam. E salve meu número no seu telefone como "Sam", assim poderá me ligar se precisar.

Eu hesitei.

— Você acha que estou correndo perigo?

— Só acho que é sempre uma boa ideia estar preparado. Se ele estiver cuidando da própria vida tranquilamente lá em Lancaster, sem intenção de lhe fazer uma visita, não teremos perdido nada, não é mesmo?

Desliguei e preparei meu chá, acrescentando leite até ficar da cor ideal.

Depois de mais de uma hora pensando, tomei uma decisão.

Liguei o notebook que eu trouxera do trabalho, abri a planilha com as informações de todos os candidatos que haviam sido entrevistados para a vaga no depósito e achei o nome dele. Mike Newell. Um endereço em Herne Hill. Um número de telefone.

Hesitei um instante, me perguntando se não deveria esperar por Stuart. Eu não estava pensando em falar com o Sr. Newell. Queria apenas ouvir sua voz. Se eu ouvisse sua voz novamente, eu saberia. Teria certeza. E, é claro, se ele estivesse em Lancaster, não poderia atender ao telefone em Herne Hill.

Evidentemente, quando ouvi a voz, fiquei absolutamente chocada; logo em seguida, porém, percebi que na verdade eu antevira aquilo desde o começo.

— Alô?

Uma voz de mulher, uma voz que eu conhecia bem. Uma só palavra e eu soube tudo o que precisava saber.

Parei para pensar, e a pausa foi longa o suficiente para ela repetir:

— Alô? Alô? Quem é?

Recuperei minha voz:

— O que você está fazendo?

Então foi a vez dela de hesitar. Sua voz de atender ao telefone — um sotaque de algum lugar entre o nordeste da Inglaterra e Roedean — ficou fria:

— Como assim o que estou fazendo?

Eu me perguntei se minha voz transmitiria a confiança que eu precisava passar.

— Quando falar com ele, e eu sei que ele não está aí, pode dizer que ele não me assusta mais.

E bati o telefone. Mais uma traição.

Quarta-feira, 9 de abril de 2008

NOS ÚLTIMOS TEMPOS VINHA ME FAZENDO bem acordar absurdamente cedo. Eu gostava de ver o alvorecer ao despertar, o céu cor-de-rosa e cheio de promessas, os pássaros cantando a plenos pulmões.

Stuart dormia em sua cama, em seu apartamento, ao meu lado.

Estava lindo. O rosto tão tranquilo, a pele pálida mergulhada nas sombras duras da primeira luz do dia, aqueles olhos lindos fechados. O que ele diria se eu o acordasse só para ver seus olhos se abrirem e me fitarem? Seu braço estava estendido no espaço vazio da cama, onde eu estava até poucos momentos antes. Aquela mão forte, dedos dóceis e experientes, tão capazes de me excitar.

Na noite passada, ao chegar em casa, ele se surpreendeu ao já me encontrar lá. Pegou minha mão e me conduziu até o quarto antes que eu pudesse fazer ou dizer alguma coisa. Tirou toda a minha roupa e todas as vezes que eu tentava dizer algo, ele me calava com um beijo — no final, me dei conta de como estava ávida por seu corpo.

Depois de fazer amor, ficamos deitados juntos na cama desfeita, uma brisa entrando pela janela aberta da sala, soprando delicadamente sobre nossas peles e nos deixando arrepiados.

— O que aconteceu com você hoje? — perguntou ele, com facilidade.

Como ele tinha percebido?

De início não respondi, pensando em uma maneira de fazer com que acreditasse em mim.

— Você se lembra que lhe contei de Sylvia?

— Aquela que você viu dentro do ônibus? Sim, me lembro.

Levantei-me e me cobri com sua camisa, que estava jogada no chão, na entrada do quarto. Tinha seu cheiro, o cheiro de seu dia de trabalho, sua loção pós-barba e seu suor. Na cozinha, peguei uma garrafa de vinho branco na geladeira. Felizmente a tampa era de rosca, pois eu não tinha a menor ideia de onde poderia

encontrar um saca-rolhas. De volta ao quarto, abaixei a persiana das janelas. Começava a esfriar.

Ele estava sentado na cama, os olhos cansados. Quando viu a garrafa, sorriu.

— Você era completamente abstinente até me conhecer — comentou.

— Eu sei. Isso é incrível, não é?

Alternamos goles direto no gargalo. Estava bem gelado.

Ele aguardou com infinita paciência até que eu conseguisse encontrar as palavras, apesar de ter passado horas e mais horas trabalhando e só desejar dormir naquele instante.

— Ela deu um depoimento à polícia. Disse que achava que eu estava pirando. Que eu me tornara obcecada por Lee, que eu achava que ele estava tendo casos com outras mulheres. Ela disse que eu ficava descontrolada se ele voltasse tarde do trabalho. Declarou, no depoimento, que eu costumava me cortar com gilete.

Ele olhou para mim e esperou que eu continuasse.

— Eu nunca, jamais, me machuquei de propósito. Embora eu sentisse repugnância de mim mesma depois de tudo que aconteceu, nunca fiz algo desse tipo. Nem antes nem depois. Seria como um fracasso. Seria como desistir.

— Não entendo. Por que ela faria isso?

Ele tomou um grande gole da garrafa e a passou para mim.

Eu sentia minhas bochechas esquentando à medida que o álcool alcançava minha corrente sanguínea.

— Ele estava dormindo com ela, eu acho.

Ele pegou a garrafa das minhas mãos e a colocou com cuidado na mesinha de cabeceira.

— Você nunca me contou como foi no tribunal — disse ele.

— Não. Em muitos aspectos, foi pior do que a agressão em si.

— Imagino.

— Não assisti a todo o julgamento. Acho que no terceiro dia não consegui ir até o tribunal; e no dia seguinte, fui internada. Mas, pelo que me disseram depois, investigaram dentro do departamento e decidiram que ele seria acusado de danos físicos qualificados. E de alguma coisa a ver com obstrução da justiça,

porque provaram que ele mentiu sobre algo na primeira vez que o interrogaram.

— Mas ele com certeza tentou matar você, não? Por que não acusá-lo de tentativa de homicídio?

— Lee era inspetor de polícia. Trabalhava como agente em operações secretas havia quase quatro anos. Antes disso, trabalhou no serviço de inteligência fornecendo suporte técnico para as missões confidenciais. E anteriormente foi do serviço militar, embora nunca tenha me contado o que fazia nem onde. Tinha uma ficha imaculada. Quando investigaram o que eu lhes contei, ele apresentou uma versão totalmente diferente, dizendo que eu o perseguia, que estava tornando sua vida difícil, e que aliás deveria ter me denunciado antes mas sentia pena de mim, esse tipo de merda.

Stuart balançou lentamente a cabeça.

— Sei, mas e quanto aos seus ferimentos?

Dei de ombros.

— Ele disse que a maior parte deles eu mesma tinha provocado, depois que ele foi embora. Admitiu ter me prendido em casa, mas para minha própria segurança e a dele, e admitiu que usara os meios errados para solucionar as coisas, mas que só tinha feito isso porque se importava comigo de verdade. E não queria que eu tivesse problemas pelo que havia feito. Ele disse que eu devia ter quebrado o nariz quando tentara lhe dar uma cabeçada. Uma explicação bem fajuta, mas bastava lançar a semente da dúvida na cabeça do júri.

— E ele contava com Sylvia para sustentar essa versão?

— Exatamente. E antes de me chamarem para testemunhar, eu fui internada. Eles nunca ouviram o que realmente aconteceu. Nunca ouviram o meu lado da história.

— Ainda assim... Ninguém forneceu um laudo médico?

— O único médico que forneceu alguma prova foi o simpático psiquiatra que disse que eu não podia comparecer para testemunhar porque tinha sido detida à força para minha própria segurança e que me encontrava em uma ala isolada sofrendo um colapso nervoso.

— Mas fisicamente, não mentalmente. Você estava ferida, pelo amor de Deus...

— Quando me levaram para o hospital pela primeira vez, eu estava pesando quarenta quilos. Estimaram que eu tivesse perdido dois litros de sangue por causa das mais de cento e vinte lacerações nos braços, pernas e tronco, e por causa do aborto que já estava em curso.

Ele balançou devagar a cabeça. Não tirara os olhos de mim por um instante sequer.

— Como é que esses idiotas puderam algum dia achar que se tratava de autoflagelação?

Dei de ombros.

— Quando terminou de me cortar toda, ele limpou a faca e a colocou na minha mão. Nenhum dos cortes foi feito em lugares que eu não pudesse alcançar sozinha. No final, os únicos ferimentos que ele admitiu ter causado foram os hematomas nos meus braços, por ter me segurado com força, e os machucados no meu rosto, que alegou ter sido em legítima defesa, porque eu teria avançado sobre ele com uma faca. Ah, e admitiu que estávamos curtindo um pouco de “sexo selvagem”, até eu começar a pirar e a agredi-lo.

— Mas qualquer pessoa que conheça um pouco sobre autoflagelação saberia que os cortes não tinham sido feitos por você. Ninguém se autoflagela desse jeito. Simplesmente não é assim que acontece.

Estendi o braço para pegar a garrafa e sentei com as pernas cruzadas sobre a cama, tomando um

gole. Aquilo era mais difícil do que eu havia imaginado.

— Sei que parece ridículo. Já pensei sobre isso tantas vezes que perdi a conta: tamanha injustiça, como foram fazer isso comigo. Mas não adianta. No final das contas, era a minha palavra contra a dele. E ele estava lá, em um terno elegante, à vontade dentro de seu próprio ambiente de executor da lei, usando a linguagem deles, contando como tudo saía errado mas que suas intenções tinham sido boas e que ele lamentava muito. Enquanto eu estava isolada em um hospital tendo um colapso nervoso. Em quem eles iam acreditar? É até um milagre que o tenham

condenado, aliás. Seriam capazes de liberarem-no com uma medalha no peito.

Mesmo sob o efeito agradável e reconfortante de mais de meia garrafa de vinho, percebi que ele já ouvira o bastante. Vi aquela expressão nos seus olhos, a mesma que eu vira nos olhos de Caroline mais cedo. Não de incredulidade, felizmente. Apenas... horror.

Senti que já era o suficiente por ora e que não podia lhe contar o resto. Não podia lhe contar que tinha visto Lee hoje mesmo. Aquilo tudo estava ficando um tanto excessivo, como se os pesadelos que ele presenciava todo dia no trabalho estivessem começando a invadir sua vida particular.

— Olhe — falei, colocando a garrafa de volta sobre a mesinha.
— Eu estou melhor, Stuart. Olhe para mim.

Ele olhou.

Mesmo na penumbra minhas cicatrizes eram visíveis por todo o corpo, a destruição estampada na minha pele.

— Não estou sangrando agora. Não dói mais. Acabou, viu? Não podemos mudar o que passou, mas podemos mudar daqui para a frente. Você me ensinou tanto sobre isso, sobre a cura. De agora em diante, só coisas boas.

Ele estendeu a mão e passou os dedos pelo meu corpo, desde o ombro, deslizando pelo seio, indo até a barriga. Cheguei mais perto dele, de forma que sua boca pudesse seguir o caminho traçado por seus dedos.

Não havia mais nada a ser dito.

Domingo, 13 de abril de 2008

PEGUEI UM ÔNIBUS PARA HERNE HILL.

Era o primeiro dia realmente quente do ano, e eu me arrependi de ter levado um casaco comigo. Quando saíra, de manhã, o sol ainda estava abaixo dos telhados e fazia bastante frio. Agora eu tinha que segurar o casaco debaixo do braço, um incômodo.

Peguei um caminho demorado até chegar ao prédio, embora soubesse onde ficava — eu examinara o mapa da cidade antes de sair. As ruas estavam desertas, Londres surpreendentemente sossegada, como se todo mundo tivesse ido para o litoral, deixando a cidade só para mim.

Quando cheguei à porta, eu tinha conseguido me colocar em um estado de fervorosa indignação; estava torcendo para que bastasse.

O prédio era bem parecido com o meu: a fachada vitoriana combinando com as demais construções da rua, uma após a outra, todas iguais. Havia um apartamento no subsolo, com uma entrada independente; uma série de estreitos e sinuosos degraus de pedra conduzindo a uma porta vermelha, de um tom bem vivo. Em seguida, uma escada elegante levava até a porta principal: preta, pedindo tristemente um retoque na pintura. Ao lado das cinco campainhas havia o sobrenome do morador correspondente. Subi até lá. No formulário do Sr. Newell constava 201. Não havia nome ao lado da campainha, embora todas as demais tivessem: 101 — Leibowicz; 401 — Ola Henriksen; 402

— Lewis; 501 — Smith & Roberts. O que teria acontecido com o 301?

Apertei a campainha do 201 e aguardei.

Ninguém atendeu.

Pensei se não deveria voltar para casa, e sentei por um instante no último degrau, sentindo o sol aquecer meu rosto. Depois me virei para a porta, me levantei e empurrei-a um

pouquinho. A porta se abriu imediatamente, revelando um corredor com o assoalho em azulejos quadriculados em preto e branco.

O 201 era de fundos, no térreo. A porta era de madeira compensada simples, com uma única fechadura Yale. Bati com força e aguardei.

Ouvi passos vindo lá de dentro e alguém resmungando.

Então a porta se abriu, bruscamente, e lá estava Sylvia, com uma toalha na cabeça e outra meio frouxa enrolada no corpo.

— Ah — exclamou ela. — É você.

— Pois é, sou eu. Posso entrar?

— Para quê?

Ela exibia aquela expressão petulante que eu já a vira usar com outras pessoas — garçonetes, barmen, pessoas comuns, autoridades —, mas nunca comigo.

— Queria falar com você.

Ela retirou a mão da porta e recuou para o interior do apartamento, me deixando entrar.

— Vou sair daqui a pouco — disse ela.

— Não pretendo tomar muito do seu tempo, não se preocupe — esclareci.

Enquanto eu esperava ela se vestir, andei pela sala, observando a desordem típica de Sylvia: os imensos pôsteres de arte nas paredes, sobrecarregando o espaço tão exíguo; o sofá coberto com vários tecidos diferentes em cores chamativas; a minúscula cozinha, em um canto da sala, que provavelmente nunca fora usada para nada mais trabalhoso do que gelar garrafas de Sauvignon Blanc.

Não havia sinais de Lee. Eu meio que estava esperando ver algumas roupas dele, sapatos, uma bolsa; qualquer coisa. Talvez até uma fotografia dele. Mas era como se ele nunca houvesse estado ali.

Por trás de umas pesadas e enormes cortinas em tom terracota que eram alguns centímetros mais compridas do que a altura da sala, portas duplas davam para o jardim. A grama precisava ser aparada e estava cheia de ervas daninhas; aqui e ali

havia um toque de cor, da época em que o antigo morador cuidava do jardim.

Fiquei me perguntando quem moraria no subsolo, e senti pena deles, vivendo no mundo subterrâneo. Eu já passara por isso.

— Pronto — disse ela, voltando de súbito para a sala e fazendo o ambiente parecer instantaneamente lotado. — O que você quer?

Dei de ombros.

— Só ver você, eu acho.

Ela pareceu confusa.

— Muito bem, aqui estou eu. Já me viu.

Ela estava mais magra do que da última vez que eu a vira, e, embora a roupa que vestia ainda fosse bem extravagante, típico do seu gosto — calça vermelha, suéter roxo com um cinto de couro cor de esmeralda e sapatos altíssimos que brilhavam, cheios de pontos cintilantes—, as cores vivas a tornavam desbotada, seu cabelo louro estava mais para cinzento do que para dourado, os cachos espessos penteados para trás e presos com um acessório simples, preto. Sob a maquiagem, ela parecia pálida.

— Sinto muito — falei. — Também vim dizer isso. Sinto muito. — Ela tampouco esperava por isso. — Por não ter mantido contato quando você foi embora.

— Foi difícil aqui, sabia? Mais do que eu imaginava. Senti sua falta.

— Eu também senti sua falta. De repente foi como se eu não tivesse mais amigas. Como se o sol tivesse se escondido atrás de uma nuvem, depois que você foi embora.

— Acho que eu também devia ter me esforçado mais para manter contato com você — admitiu ela.

Pensei: *Na verdade, você estava ocupada demais trepando com meu ex-namorado, não é mesmo?*

Ela sorriu, menos agressiva. Se fosse necessário ser condescendente e tentar agradá-la, eu o faria.

— Então — disse ela —, quer beber alguma coisa? Vinho? Chá?

— Uma xícara de chá seria ótimo. Obrigada.

Ela ligou a chaleira na cozinha e remexeu no armário por um instante, fazendo bastante barulho.

— Consegui este apartamento no ano passado. Legal, não? — gritou ela da cozinha, por cima do ruído da água fervendo na chaleira.

— É — respondi. — A sua cara.

Ela sorriu e me agradeceu, como se eu a tivesse elogiado.

— E você? Está morando aqui em Londres agora?

— Estou — respondi.

— Então foi *mesmo* você quem eu vi do ônibus.

— Foi.

— Eu não tive certeza. Você está bem diferente, com o cabelo... curto desse jeito.

Ela puxou e sacudiu as portas que davam para o jardim até conseguir abri-las, a esquadria de metal raspando dolorosamente no chão, onde uma fenda profunda comprovava que fazia muito tempo que aquilo estava assim, sem conserto. Nós nos sentamos lá fora com nossas canecas de chá, sobre o pequeno muro que separava o pátio do gramado.

— Custou o olho da cara, é claro. Com a grana que gastei neste apartamento, daria para comprar uma mansão de quatro quartos lá em Lancaster.

— Imagino.

As portas do pátio tinham grades, com mais ou menos um metro de largura, certamente a fim de fornecer um pouco de claridade natural ao apartamento do subsolo. Mas não se tratava de uma saída de emergência. Aquelas barras me dariam medo se eu morasse ali.

— Você parece bem — disse ela.

Eu não tinha percebido que ela estava me encarando. Abri um sorriso.

— Eu me sinto bem. Provavelmente melhor do que nunca.

Ela colocou a mão no meu joelho.

— Fico contente, Catherine, de verdade. Talvez a gente possa deixar para trás todo aquele negócio desagradável. Foi uma tremenda vergonha.

Minha indignação ferveu. Eu precisava mantê-la sob controle, porque bastaria uma pequena provocação para que se tornasse uma ira assassina e vingativa fora do meu controle.

— Foi — respondi.

Sylvia tomou um gole de chá. Os passarinhos cantavam e o jardim estava tranquilo, pacato. Poderíamos estar em algum lugar no campo, o sol quente sobre a minha cabeça.

De repente, ela soltou sua risada melódica e reticente.

— Deve ter sido o maior choque quando ele apareceu lá no seu trabalho, hein? Na maior calma. “Estou aqui para a entrevista.”

— É, foi mais ou menos isso.

— Eu falei para ele não fazer isso, há tantas outras vagas de trabalho em Londres e tudo mais, mas ele queria fazer uma surpresa para você. Disse que ia tentar fazer as pazes com você, para ver se poderíamos voltar a sermos todos amigos.

— Acho que ele não teve tempo para essa conversa social, na verdade. Ainda tínhamos um monte de entrevistas para fazer.

Ela me olhou de lado.

— Vocês vão contratá-lo?

— Ainda precisamos ver outras pessoas.

Ela franziu a sobancelha.

— Ele é um bom homem, você sabe disso, não sabe? Um bom homem.

Em que planeta ela vivia, e o que ele lhe dissera? O que Lee havia feito para levá-la a acreditar nele e não em mim? Talvez ela acreditasse no que queria acreditar, só isso.

Eu queria entrar no jogo, concordar com ela, *Claro, ele é um bom homem*, mas aí já seria demais. O que eu podia fazer era fingir que ela estava na verdade falando de Stuart, pois assim eu conseguiria pelo menos assentir.

— Ele passou maus bocados por causa daquela história, sabe? Ex-policiais não são muito bem tratados na prisão.

Ótimo, pensei. O que ela esperava que eu dissesse? “Coitado do Lee, que infortúnio deve ter sido”?

— Você encontrou outra pessoa? — perguntou ela, me cutucando com o cotovelo, aquele sorriso travesso de volta.

Eu sorri.

— Eu? Não. Não conheci ninguém depois. Você sabe como é, cidade grande. Trabalhando demais.

Ela assentiu.

— Eu saí com alguns caras, sabe? Mas nunca conheci ninguém como Lee. Ele é muito... especial. Mas obviamente você sabe disso.

Olhei para ela, achando que a escolha de suas palavras havia sido muito estranha. Ela se virou para a porta do jardim, como se tivesse escutado algo lá dentro, e naquele momento fui tomada pelo terror.

Ele estava ali. Dentro do apartamento. Estivera ali o tempo todo.

— O que você vai fazer? — perguntou ela, com a voz mais serena, porém com certa acidez. Ela ainda olhava para a porta do jardim, e para a sala, às escuras, mais além.

— Nada — respondi baixinho. — Não vou fazer nada.

— Então está tudo bem — disse ela alegremente, olhando para mim com um sorriso, um sorriso cordial e feliz.

Tínhamos terminado nosso chá, e não havia razão para eu permanecer ali. Eu queria correr para o mais longe possível dela e nunca mais voltar, mas antes seria preciso atravessar o apartamento.

Obriguei minhas pernas a se moverem, e assim que entrei novamente me senti um pouco melhor. Estava silencioso ali dentro, exceto pelos ruídos de Sylvia lavando as canecas na pia, falando que deveríamos nos encontrar para tomar um café, sair à noite, que ela estava pretendendo comemorar seu aniversário em algum lugar, e perguntou se eu poderia ir também.

Do estreito corredor eu podia ver seu quarto, a porta inteiramente aberta, a cama desfeita, o armário aberto e abarrotado com uma infinidade de tecidos coloridos e brilhantes pendurados nos cabides; do outro lado eu via o banheiro, a banheira junto à parede dos fundos. Eu devia ter imaginado sua presença ali — simplesmente não havia lugar algum para se esconder. Ele não estava lá.

À porta, ela sorriu para mim afavelmente. Eu tinha ido até lá para adverti-la, e agora não conseguia fazer isso. Minha intenção era pedir-lhe que dissesse a ele que, caso se aproximasse de mim, eu o mataria. Eu o mataria de verdade. Mas não falei nada.

Em vez disso, sorri para ela, prometi manter contato e saí andando na direção da rua, rumo ao ponto de ônibus. Senti seus olhos me vigiando da entrada do prédio.

Então me senti livre como não me sentia havia anos. Quanto mais eu andava, mais leves meus passos ficavam. Quando alcancei a rua principal, estava praticamente dançando. Não tinha qualquer plano de ação — ainda não —, mas agora podia pelo menos começar a esboçar um.

* * *

De Herne Hill, voltei na direção de Camberwell. O ônibus 68 me levou ao Maudsley, onde saltei. Stuart sairia do trabalho em meia hora. É claro, talvez ele ainda ficasse muitas horas além disso, se houvesse algum tipo de emergência, mas eu estava esperançosa. Estava contando também que ele saísse pela entrada principal, e não por alguma porta lateral, mas tampouco queria me preocupar com isso.

Sentei-me em um muro baixo, ao sol, e fiquei balançando as pernas. A rua estava movimentada por ali, mas ainda assim mais calma do que nos dias de semana. Fiquei vendo os ônibus chegando e saindo, as pessoas passando.

Quase não o vi quando ele apareceu. Ao olhar de relance para o ponto de ônibus, lá estava ele. Tinha saído mais cedo.

— Oi — falei.

Stuart se virou e me viu, e seu rosto se iluminou. Veio correndo na minha direção e me beijou com força. Depois sentou-se ao meu lado no muro.

— Oi. O que está fazendo aqui?

— Esperando meu navio atracar — respondi.

— Ah. Deu sorte até agora?

— Parece promissor.

— Podemos sair daqui, entrar em um pub simpático e ficar esperando por lá. O que acha?

Fomos para o Buli, que não era um pub simpático nem forçando muito a barra, mas era conveniente. O jardim nos fundos estava cheio de gente que tinha, nitidamente, passado o dia todo ali, bebendo, então fomos nos sentar lá dentro mesmo. Pedimos uma garrafa de vinho para dividir e ficamos em uma área fresca, escutando trechos aleatórios de conversas que chegavam até nós pela porta aberta.

— Andei pensando naquela viagem — disse ele.

— Que viagem?

— Aquela que pensamos em fazer ainda no inverno. Acabamos não decidindo nada.

— Por sua causa, e da sua ética profissional protestante.

— Mesmo assim. Deveríamos pensar em alguma coisa.

Olhei pela janela e tomei um gole do meu vinho. Agora eu já conseguia beber mais do que apenas duas taças sem ficar bêbada.

Ele disse outra coisa, mas eu não estava realmente ouvindo. Então percebi, ainda um tanto distante, que o que ele acabara de dizer era importante.

— O que você disse?

— Que deveríamos fazer uma reserva em um lugar bacana, talvez para o outono.

— Não foi isso o que você disse.

Ele estava ficando vermelho. Olhou para mim, a cabeça inclinada para um lado.

— Tudo bem. Eu disse que poderíamos sair em lua de mel. Não ria.

— Não estou rindo. Mas não teríamos que fazer algo antes de sair em lua de mel?

— Talvez eu tenha pedido na ordem errada.

Eu mal conseguia acreditar no que estava ouvindo. Agora ele dispunha de minha total e indivisível atenção. Lá de fora veio o som de uma barulhenta risada coletiva, como se tivessem acabado de contar a piada mais engraçada do mundo.

— Então peça na ordem certa.

Ele sorveu um longo gole de vinho.

— Tudo bem. Cathy, quer se casar comigo e depois viajar para algum lugar quente em lua de mel?

Não respondi imediatamente, e acho que ele pensou que tivesse estragado tudo, pois continuou:

— Não sou muito bom nisso. Não tenho a menor ideia do que dizer, ou como dizer. Só sei que amo você e que cedo ou tarde vamos nos casar e seremos felizes para sempre, e que em algum momento eu precisava confirmar se você concorda com esse plano. E eu comprei isso para você.

Ele vasculhou a mochila e apanhou uma caixinha.

Olhei para aquela embalagem, fechada sobre a mesa entre nós dois, por um bom tempo. Eu não estava deliberadamente tentando torturá-lo. Não era nem que estivesse confusa quanto aos meus sentimentos. Eu sabia que casar com Stuart e passar o resto da vida com ele era o que eu mais queria.

Mas não ainda.

Stuart mantinha a expressão totalmente impassível, exceto pelos seus olhos. Seu olhar estava partindo meu coração.

— Isso é um não, certo?

Respirei fundo.

— É um “ainda não”.

— E isso é bom?

Eu não conseguia mais suportar seu olhar. Levantei-me, me sentei no seu colo e o beijei, longa e intensamente, e o senti reagir muito embora estivesse magoado. Muito embora eu o tivesse magoado ao não dizer sim. Um imbecil veio do jardim dos fundos para pedir outra rodada de cerveja e assobiou quando nos viu, fazendo algum comentário de que aquilo era um espetáculo gratuito, mas não parei.

Acho que Stuart nem ouviu.

Depois fomos para casa, direto para o apartamento dele, e subimos correndo a escada sem que eu sequer verificasse a porta da rua. Nem mesmo uma vez. Mal batemos a porta ao entrarmos no apartamento e já fomos arrancando as roupas pelo caminho, e nem chegamos a alcançar o quarto, já estávamos nus na sala e

transamos ali mesmo, depois na cozinha e, como se não bastasse, também no banheiro.

Horas depois, quando já havia escurecido e a brisa que entrava pelas janelas se tornara fria, ele sussurrou:

— Fique com ele. Fique com o anel, ok? Fique com ele até que o *ainda não* se transforme em um sim.

Terça-feira, 22 de abril de 2008

ACORDEI DE REPENTE, PASSANDO DO SONO para o total despertar em segundos. O coração acelerado.

O que fora aquilo?

Stuart se mexeu ao meu lado, levou a mão ao meu braço e me puxou de leve.

— Ei — murmurou ele. — Volte a dormir.

— Escutei alguma coisa.

— Foi um sonho.

Ele me enlaçou com seu braço. Eu me deitei de novo e fiquei imóvel, o coração ainda martelando o peito. Ouvi um ruído novamente, tal como antes. Um baque.

Silêncio. Apenas meu coração batendo, apenas Stuart respirando. Nada mais.

Aquilo não era nada bom. Eu não conseguiria voltar a dormir de jeito algum.

Desci da cama, tentando não acordá-lo outra vez, e vesti uma camiseta e um short. Descalça, saí do quarto na ponta dos pés.

O apartamento estava mergulhado na escuridão. Olhei na direção da porta. Ela devolveu o olhar, sólida, silenciosa, confortadora. A sala estava clara, as luzes alaranjadas dos postes de rua iluminando o teto. Eu me agachei, me sentei no parapeito de uma das janelas baixas e fiquei olhando para a rua.

Estava extremamente calmo lá fora, nenhum movimento, nenhum carro. Nem sequer um gato. O único som era o ronco distante de um avião, suas luzes piscando como estrelas no céu grená.

Estava justamente pensando em voltar para a cama quando ouvi novamente. Uma batida. Um baque seco, como um objeto leve caindo de uma grande altura.

Era em alguma parte do prédio, no andar de baixo. Algum lugar lá embaixo.

Pensei em acordar Stuart. Meus níveis de ansiedade estavam elevados, em torno de setenta ou oitenta. Meus dedos tremiam e meus joelhos se mostraram fracos quando me ergui. Esperei mais um pouco. Nada.

Foda-se, eu não podia ficar assim pelo resto da vida. Resolvi dar uma olhada.

Avancei em silêncio, ainda descalça, até a porta e, após um instante de hesitação, a abri. O corredor estava escuro e frio, com uma corrente de ar vindo lá de baixo. Esperei que meu coração desacelerasse ao menos um pouco. Não havia nada a temer, eu disse a mim mesma. É a nossa casa. Só estamos Stuart e eu aqui, mais ninguém. Vá lá e dê uma olhada.

Comecei a descer a escada, deixando a porta de Stuart aberta. Da porta da rua, lá embaixo, vinha certa claridade, da janela do prédio, entre os andares, uma luz turva. Fora isso, escuridão completa.

Quando cheguei diante da porta do meu apartamento, parei e esperei, atenta aos sons. Nada.

Aquilo era ridículo.

Fui até o térreo, um passo de cada vez, pisando com cuidado para os degraus de madeira não rangerem. A corrente de ar estava mais forte agora, era quase uma brisa. Senti um arrepio na nuca. Ar úmido, estagnado — o odor de terra fria. Cheiro de terra de cemitério.

Eu agora podia ver a porta da rua, bem fechada. Nenhum sinal de que tivesse sido aberta.

E então, de repente, uma batida bem próxima.

Não muito alta, mas sem dúvida o suficiente para me fazer dar um pulo. Eu me agachei de modo a enxergar, através do corrimão, a porta do apartamento da Sra. Mackenzie.

A porta estava aberta. Escancarada.

Totalmente paralisada, olhei para o manto escuro que se estendia dentro do apartamento. O som que eu ouvira era como o de uma porta de armário sendo fechada. Ecoando no apartamento vazio. Havia alguém lá dentro.

Respirando o mais profunda e lentamente possível, tentei me concentrar, pensar. Aquilo era uma loucura. Não podia haver ninguém lá dentro. E caso houvesse, estaria tateando na escuridão. Por que não acendeu a luz? Abraçando meus joelhos, esperei que o pânico abrandasse. É claro que teria sido mais fácil e mais rápido voltar lá para cima, acordar Stuart com um berro, descer e começar a verificar meu próprio apartamento para ver se estava tudo em segurança. Mas eu tinha descido até ali sozinha e não estava disposta a desistir agora.

— Cathy?

A voz atrás de mim, bem atrás, me fez dar um grito e pular. Gritei mais alto e mais forte do que eu pensava ser possível.

— Ei, sou eu. Está tudo bem. O que é que...? Cathy, me desculpe, não tive a intenção de assustar você.

Eu tremia da cabeça aos pés, pressionando meu corpo contra a parede. Apontei para a porta, aquela escuridão escancarada e evidente.

— Eu ouvi, eu ouvi...

— Está tudo bem. Vamos, respire fundo.

Além de estar em pânico, eu estava furiosa.

— Mas que merda...? — perguntei quando consegui falar. — Por que você não disse nada, droga? Quase tive um infarto, porra.

Ele deu de ombros.

— Pensei que você estivesse andando por aí, sonâmbula.

— Eu nunca fui sonâmbula em toda a porra da minha vida.

— E o que está fazendo, então?

Olhei para a porta. Se houvesse alguém lá dentro, teríamos lhe dado um tremendo susto. Só meu grito devia ter acordado a metade da rua.

— Eu escutei uns barulhos. E descii para dar uma olhada. E, está vendo, a porta está aberta. Tenho certeza de que a fechei, tranquei e verifiquei. E agora está aberta.

Ele fez um ruído de impaciência, do tipo "Pronto, lá vamos nós outra vez", e me afastou do caminho. Ao chegar ao térreo, acendeu a luz. Ambos piscamos e protegemos os olhos da claridade brusca.

Além da porta continuava escuro e vazio. Eu conseguia ver alguns centímetros das incomuns estampas do carpete.

Stuart olhou para mim com uma expressão lassa, ao lado da porta aberta.

— Oi? — gritou ele. — Tem alguém aí?

Nada, nenhum som. Ele entrou.

— Tome cuidado — falei.

Logo depois, as luzes do apartamento se acenderam. Desci alguns degraus com cuidado. De repente tudo parecia menos ameaçador, com a claridade. Stuart estava na sala da Sra. Mackenzie, de pé ao lado do sofá, descalço e apenas de short.

— Não tem ninguém aqui — disse ele. — Está vendo?

Eu ainda podia sentir a corrente de ar.

— Olhe — falei.

O vidro inferior da janela da cozinha estava quebrado, um pedaço de vidro de uns trinta centímetros espatifado no chão. Dali vinha o cheiro do jardim, a brisa noturna, soprando uma friagem sobre minhas pernas descobertas.

— Não se aproxime — disse ele —, pode acabar cortando os pés.

Depois, ignorando o próprio conselho, ele chegou mais perto.

— Tem uns pelos presos ao vidro de cima. Parece que aquela raposa andou entrando aqui.

— Aquela maldita raposa de novo — exclamei. — E você acha que ela usou um martelo para arrebentar a janela?

Ele me levantou e atravessou a cozinha na minha direção, evitando os cacos de vidro.

— Não tem ninguém aqui — disse ele. — Vamos voltar lá para cima.

Batemos a porta, com força. Stuart não me deixou verificar se estava bem fechada. Ambos ouvimos o clique da maçaneta, que só se abria por fora com chave. Subimos, e Stuart voltou para a cama. Fiquei sentada na cozinha com a luz acesa, tomando chá. Minhas mãos ainda tremiam, mas apesar disso eu me sentia bem calma. Não conseguia acreditar que tinha feito aquilo, descido a escada no

meio da noite, saído de um lugar seguro, da cama de Stuart, cruzado a porta e descido a escada.

Apesar do vidro quebrado, apesar do fato de o apartamento da Sra. Mackenzie ter sido nitidamente arrombado — e não por uma simples raposa ou algum outro animal, só podia ter sido uma pessoa —, eu me sentia calma, livre e equilibrada.

Mas ainda com raiva. Não só porque Stuart se aproximara sorratamente atrás de mim, não só porque ele me fizera gritar e assim alertara quem quer que estivesse no apartamento, mas porque ele achava que tinha sido eu. Que eu mesma tinha aberto a porta do apartamento. Ele não admitiu isso, mas eu vi em seus olhos.

Ele começava a duvidar de mim, assim como Claire e Sylvia, e depois a polícia, o juiz, os médicos, todo mundo.

* * *

Não voltei para a cama. Liguei a televisão e fiquei acordada até o dia clarear, assistindo sem atenção aos programas enquanto treinava pensar em Lee. Eu já estava tensa; não me pareceu difícil avançar mais um passo e testar meus níveis de ansiedade ao extremo.

Imaginei-o invadindo o apartamento da Sra. Mackenzie. Fiquei pensando nele morando lá embaixo, no escuro, ouvindo Stuart e eu no apartamento de cima, ouvindo nossas conversas, ouvindo quando fazíamos amor. Pensei nele e no que poderia estar planejando fazer.

Quando finalmente amanheceu, havia lágrimas no meu rosto. Eu não estava em pânico; minha respiração não se alterara. Controlar o pânico estava definitivamente ficando mais fácil.

Quando ouvi Stuart se mexendo na cama, fui ligar a chaleira.

Depois, levei uma xícara de chá para ele.

— Você está bem? — perguntou ele, a voz ainda embotada pelo sono.

— Estou ótima.

— Sinto muito. Sinto muito se o assustei ontem à noite.

— Tudo bem.

— Vou ligar para a imobiliária mais tarde, pedir que mandem alguém para consertar a janela. E colocar mais uma tranca na porta. Está bem assim?

— Claro. Vou descer e me vestir para ir trabalhar.

Ele tocou no meu braço.

— Já? Volte para a cama.

— São quase sete horas. A gente se vê mais tarde.

Dei-lhe um beijo, e ele se deitou outra vez para mais uns cinco minutos de sono. Desci até o meu apartamento. A ânsia de começar a verificar tudo ainda estava presente, mas agora eu sempre me continha. Em vez de verificar portas e janelas e se as cortinas estavam exatamente como as havia deixado, fui verificar outras coisas.

Se Stuart ou Alistair, ou aliás qualquer outra pessoa, me perguntasse por que fiz aquilo, por que fui verificar todo o interior do apartamento, eu não saberia explicar. Ninguém percebia o que eu era capaz de perceber, os pequenos indícios de que Lee estivera ali. A porta ainda estava trancada, exatamente como eu a deixara, mas isso não queria dizer nada. Eu não conseguia explicar como sabia que ele havia entrado ali na minha ausência.

Eu simplesmente sabia.

Quarta-feira, 23 de abril de 2008

STUART BATEU À MINHA PORTA QUANDO chegou do trabalho. Pensei em ignorá-lo, como na primeira vez que ele fizera isso, meses antes.

— Oi — falei.

Ele parecia cansado.

— Você vai subir lá para casa?

— Não, tenho trabalho para fazer. Vou terminar e ir dormir cedo. Tudo bem? Não dormi bem ontem a noite. E você está com cara de acabado.

— Estou bem cansado. Venha pelo menos jantar. Só uma hora. Por favor.

Pensei por um instante.

— Comprei uns filés de carneiro. Eu ia preparar um kebab com limão e cominho, e arroz para acompanhar.

Eu cedi. Ele me deu cinco minutos para fechar tudo. Quando cheguei ao seu apartamento, ele já estava espetando a carne.

— Liguei para a imobiliária — disse ele.

— Ah, é?

Apanhei uma garrafa de vinho na geladeira e o saca-rolha na gaveta de talheres.

— Vão mandar alguém para substituir o vidro e consertar a fechadura.

— Acho que já vieram. Tem um monte de serragem no chão próximo à porta do apartamento. Talvez tenham colocado um calço ou algo assim.

Ele acendeu a grelha. O cheiro já estava delicioso, alho, temperos e limão.

— Eles me perguntaram como estava a Sra. Mackenzie.

— Será que vieram aqui em busca de notícias sobre ela?

Ele deu de ombros.

— Acho que não. Liguei para o hospital depois que o cara me perguntou sobre ela. Nenhuma novidade. Acho que eles não têm

muita esperança. E ainda não conseguiram localizar nenhum parente próximo.

— Coitada da Sra. Mackenzie. Vou visitá-la na semana que vem.

Nós nos sentamos para comer.

— Deveríamos ir para algum lugar outra vez, agora que está fazendo mais calor — disse ele, mastigando.

— Ir para algum lugar?

— Passar o fim de semana, sei lá. Fugir um pouco disso tudo.

— Está delicioso.

— Poderíamos ir a Aberdeen. Ou então Brighton; passar o fim de semana em Brighton, o que acha?

Não respondi.

Ele parou de mastigar e me encarou, tomando um gole de vinho. Estava olhando para mim como um psicólogo: reservado, preocupado, curioso.

— Não sei — respondi. — Ando tão cheia de trabalho... Preciso examinar todas aquelas contratações com Caroline, e depois tenho terapia com Alistair; além disso, andei pensando em redecorar o apartamento...

— Ei — ele me interrompeu, calmamente. — Pare com isso.

— Isso o quê?

— Tentar me afastar.

— Não estou tentando afastá-lo. Mas estou realmente atarefada, e...

— Pare de tentar me afastar.

Cometi o equívoco de olhá-lo nos olhos, e então já era. Encarei-o, furiosa de início, mas só por um instante: depois derreti. Eu não queria fazer aquilo sozinha. Não queria passar por tudo aquilo sem ele.

— A porta, a porta da Sra. Mackenzie...

— O que tem? — perguntou ele, colocando sua mão sobre a minha.

— Ontem à noite, eu pensei... Você achou que fui eu. Achou que eu mesma a tinha deixado aberta, não foi?

Ele balançou a cabeça.

— Não.

— Parecia que você não estava acreditando em mim.

— Eu acredito em você, Cathy.

— Alguém tentou arrombar o apartamento, lá embaixo. É por isso que o vidro foi quebrado.

— Sim.

— Por que você falou que tinha sido uma raposa?

— Eu não disse que a raposa tinha quebrado a janela.

Ele tinha razão. Na verdade, não dissera nada disso.

— Por que não está preocupado? Alguém pode ter entrado no apartamento.

Ele deu de ombros.

— Cathy, moramos em Londres. Arrombamentos acontecem o tempo todo. Eu fui roubado quando morava em Hampstead. Levaram meu carro dois anos atrás e nunca mais o recuperei. Ralph foi assaltado certa vez no Hyde Park. Esse tipo de coisa sempre acontece. E não tem nada a ver com Lee.

— Mas...

— E, quem quer que tenha quebrado a janela, nada indica que conseguiu entrar. A porta dos fundos ainda estava fechada e trancada.

— A porta do apartamento estava aberta!

— Nós dois sabemos que aquela tranca não era muito confiável. A corrente de ar vinda do buraco no vidro pode tê-la aberto.

Mordi o lábio. Aquilo não estava levando a nada.

— Não foi Lee, Cathy — disse ele gentilmente. — Ele não está aqui. Somos só nós dois, ok?

Retirei os pratos da mesa. Enquanto estava lavando a louça e a colocando no escorredor, senti

uma grande tristeza e um cansaço generalizado. Ele então me interrompeu, retirou o prato cuidadosamente da minha mão cheia de sabão, e me virou para ele. Com os dedos, levantou meu queixo, de modo que eu olhasse nos seus olhos.

— Eu te amo — disse ele. — E estou muito orgulhoso de você. Você é corajosa, forte, audaciosa. É mais valente do que imagina.

Duas lágrimas escorreram pelo meu rosto. Ele as afastou com um beijo. Seus braços me embalaram delicadamente e, depois de um instante, eu me esqueci de descer para fazer o trabalho que eu fingira precisar concluir. Esqueci-me do vidro quebrado, da serragem no chão e da corrente de ar que soprava nos meus tornozelos. Esqueci tudo, exceto ele, Stuart, e o calor de sua mão na minha pele.

Quarta-feira, 7 de maio de 2008

DURANTE DUAS SEMANAS, TUDO FICOU BEM. O novo depósito teve sua cerimônia oficial de inauguração e todos os supervisores e funcionários que havíamos contratado para trabalhar ali começavam a se organizar e estavam se saindo realmente bem. O diretor-executivo enviou uma carta nos agradecendo por todo o nosso empenho.

Eu fazia minha terapia semanal com Alistair e estava tentando reduzir a zero minhas verificações. Consegui algumas vezes. E quando verificava, era em busca de objetos que houvessem sido trocados de lugar. Mas, depois daquela noite em que encontramos a porta da Sra. Mackenzie aberta, não aconteceu mais nada. Nenhum ruído à noite, nenhuma evidência de que Lee ou outra pessoa tivesse invadido meu apartamento. Absolutamente nada.

Stuart andava ocupado, ficando até tarde no trabalho para concluir sua pesquisa. Eu dormia no meu apartamento, a fim de deixá-lo descansar em paz quando chegasse em casa. Consequentemente, quase não nos vimos durante a semana toda.

Caroline e eu fomos tomar um chá e bater papo, algo que não havíamos tido muito tempo para fazer nas últimas semanas. Ela estava me perguntando sobre Stuart quando recebi uma mensagem de texto:

Nem lembro mais como é ficar em casa. Vou tentar tirar o fim de semana para descansar. Amo você. Bjs, S.

Minutos depois, meu telefone tocou. Pensei que fosse Stuart, mas não. Para minha surpresa, era Sylvia.

— Oi — disse ela. — Sinto muito por ligar para o seu trabalho, mas não tenho o seu número de casa.

Sua voz estava esquisita, acompanhada de um eco, e dava para ouvir o trânsito ao fundo.

— Não tem problema. Como vai?

— Tudo bem — respondeu ela. — Tenho pouco tempo. Quer almoçar comigo? Hoje?

— Estou meio ocupada, Sylvia.

— Por favor. Eu não pediria se não fosse importante.

Consultei a agenda na minha mesa: uma reunião às duas, mas dava para voltar bem antes disso.

— Tudo bem. Onde nos encontramos?

— Na John Lewis, Oxford Street. Tem um café no quarto andar. Sabe onde fica?

Não era bem o tipo de lugar a que Sylvia costumava ir, mas seu tom de voz transmitia familiaridade — ela esperava que todos seguissem seu ritmo, encontrassem com ela em seu mundo, como se o planeta girasse lentamente em torno dela.

— Eu dou um jeito de ir.

— Meio-dia?

— Vou fazer o possível.

— Até mais, então. E, Catherine, obrigada.

Sem fôlego no final, e ainda dando a impressão de estar dentro de uma caverna, ela desligou.

Passei a manhã toda pensando naquilo. Parecia uma armadilha, mas uma armadilha inteligente. Eu não deveria ter medo de encontrar alguém em um lugar como aquele — público, bem movimentado, cheio de entradas e saídas. Não havia jeito de Lee me pegar ali, e seria difícil para ele me seguir. A menos que ela o ajudasse. Se Sylvia me convidasse para ir novamente a sua casa, eu recusaria.

Lembrei-me daquela manhã de domingo ensolarada, várias semanas antes, quando eu a surpreendera e, provavelmente, a ele também. Não vi onde ele podia estar escondido no apartamento, mas havia algo estranho na maneira como ela ficava olhando para dentro, para o interior escuro e frio da casa, que me fez ter certeza de que ele estaria ali nos escutando, de que ele estava lá.

De qualquer forma, fosse armadilha ou não, eu iria.

Fora do ar refrigerado do escritório, o dia estava incrivelmente quente. O sol brilhava e as ruas estavam cheias de executivos se

dirigindo aos parques e às áreas verdes a fim de pegar um pouco de sol. Segui a pé por três ruas, trocando de calçada algumas vezes, e então, em um capricho, acenei para um táxi livre. Não sei por quê; se Sylvia queria me encontrar, então era certo que ele sabia aonde eu estava indo, se estivesse me espionando. O mais provável era que já estivesse na John Lewis, esperando por mim. Talvez esse almoço fosse o jeito que ela encontrara para nos reunir em uma espécie de papo civilizado em território neutro. Eu não estava com medo, mas me sentia levemente nauseada — perturbada, como se estivesse indo em direção a algo terrível e imprevisível.

Fiquei ali sentada no táxi aproveitando a brisa que entrava pela janela enquanto o carro parava e voltava a avançar pelas ruas. Dez minutos depois eu estava em uma rua transversal, em frente a uma das entradas da loja de departamento. Estava fresco ali, com uma sombra agradável, a brisa soprando nas minhas pernas.

O café, no quarto andar, estava lotado. Tendo dado uma rápida olhada ao redor, pensei ter chegado antes dela. Mas então, quando me virei para sair, eu a vi, levantando-se da cadeira, acenando com a mão. Ela estava sentada bem ao fundo, perto dos banheiros, mas não havia sido por isso que eu não a notara. Sylvia vestia uma saia preta, uma blusa branca sem mangas e sapatos pretos. Eu tinha procurado alguém usando aquelas cores de pavão habituais dela, e lá estava ela, vestida como uma estagiária.

— Oi — disse ela, para minha surpresa abrindo os braços e oferecendo o rosto para um beijo.

— Quase não a reconheci — falei.

— Ah, por causa disso? — Ela deu sua sonora risada. — Acabei de comprar. Estou indo entrevistar o diretor de uma firma de advocacia daqui a pouco; às vezes menos é mais, se é que você me entende.

Ela já pedira um chá para mim, e dois pães doces de canela nos aguardavam sobre a mesa.

— Como nos velhos tempos — disse ela quando me sentei. — Isso me lembra o café Paradise.

Dei uma olhada em volta; eu não podia imaginar um café menos parecido com o Paradise do que aquele, mas não comentei nada.

— Então — disse ela alegremente, mastigando —, como vão as coisas?

— Vão bem, obrigada — respondi, esperando que continuasse.

— Acabou que ele não conseguiu o emprego. Mike, quero dizer.

Mike.

— Não. No fim das contas, ele não tinha muita experiência. Sabe, gerenciar um bar na Espanha durante um ano e meio... Não é algo muito aplicável para o setor de estocagem de material, entende?

Ela me fuzilou com o olhar.

— Lamento, mas não foi uma decisão minha — prossegui. — É tudo por um sistema de pontuação, e ele não conseguiu alcançar os outros. Só isso. Não havia nada que eu pudesse fazer.

Sylvia deu de ombros, como se sugerisse que aquilo não era da sua conta, e ficou me olhando enquanto eu bebia meu chá. Não estava sequer morno. Há quanto tempo ela estava esperando por mim, ali sentada? Lutei contra a ânsia de olhar para trás, ao redor, para a área da loja. Ele estava ali em

algum lugar, eu tinha certeza absoluta disso.

— Fui eu — disse ela. — Caso você esteja se perguntando.

— Foi você o quê?

— Fui eu que disse a ele onde encontrar você. Vi o anúncio de emprego no *Evening Standard*, com o seu nome e os detalhes para entrar em contato. "Para maiores informações, favor entrar em contato com Cathy Bailey..." Pensei que só podia ser a mesma Catherine.

Refleti por um momento.

— Bem, você estava certa. Era eu mesma.

— Sinto muito.

— Não tem mais importância — falei, ainda sem saber por qual parte de sua imensa traição ela estava se desculpando. — E você, como vai?

Ela não teve tempo de me responder, pois naquele exato instante o seu celular tocou sobre a mesa. Ela deu um enorme sobressalto e se precipitou para o aparelho, atendendo-o com um nervoso “Alô?”.

Fingi não estar prestando atenção.

— Sim. Não, estou só tomando café com uma amiga. — Ela olhou para mim e tentou sorrir. — Não, ninguém que você conheça. Por que, quer vir também?... Ok, então. Não, deixei no trabalho. Por quê? ... Tudo bem. Até mais. — E desligou, parecendo quase aliviada. — Sinto muito — disse Sylvia.

Ela estava pálida, eu notei, sem a maquiagem forte que costumava usar. Parecia que seu rosto tinha sido lavado várias vezes em água quente. Era como se estivesse embaçada. Eu queria perguntar se era ele ao telefone, mas não tinha por quê: eu já sabia. Aquilo era uma cilada, concluí. Ele queria que eu, por alguma estranha razão, confiasse em Sylvia, acreditasse nela. O telefone ali sobre a mesa estava grampeado, gravando nossa conversa.

— Namorados — disse ela. — Você sabe como são esses homens, sempre vigiando a gente.

Dei de ombros e sorri.

— É mesmo?

— Enfim — prosseguiu ela, tentando parecer alegre. — Não posso ficar muito tempo. Só queria dar um oi, saber como você estava.

Ela terminou seu café e deixou o resto do pão doce no prato. Quando se levantou, notei que estava mais magra, e fazia apenas algumas semanas que eu a vira.

— Você já vai? — perguntei.

— Vou, me desculpe. Tenho que fazer essa entrevista. Vou manter contato, ok? Cuide-se, Catherine.

Sua voz soava estranha, baixa, como se ela estivesse contendo algo vasto e incontrolável. Por um segundo olhei-a nos olhos e vi algo que não esperava ver.

Ela me abraçou, me apertando em seus braços por mais tempo do que eu esperava, depois pegou uma enorme bolsa da Planet que estava sob a mesa e que parecia conter uma mixórdia

de roupas chamativas e um par de sapatos vermelhos de salto alto com uma flor xadrez na ponta.

Observei-a saindo, se desviando das mesas e desaparecendo em meio a uma multidão de clientes que faziam fila no caixa com bandejas, bolsas com roupas elegantes e roupas de cama em algodão egípcio.

Domingo, 11 de maio de 2008

SÓ AGORA ACHEI O BILHETE, QUATRO dias depois de encontrar com Sylvia na caf'eteria. Stuart estava no trabalho e eu estava separando as roupas para lavar.

Estava no bolso da minha saia, tão pequeno que eu poderia nunca tê-lo achado se não fosse pela força do hábito de verificar todos os bolsos em busca de lenços de papel antes de levar as roupas para a lavanderia.

Olhei para o bilhete por um momento, já sabendo o que significava, e então o abri, bem devagar. Somente cinco palavras — que poderiam ter sido escritas por qualquer pessoa, mas que ainda assim só poderiam ter vindo dela.

AGORA EU ACREDITO EM VOCÊ.

Cinco palavras rabiscadas no verso da nota fiscal do café John Lewis, que fora dobrada várias e várias vezes.

Em alguns segundos tudo ficou claro, o horror daquilo, e comecei a temer que já fosse tarde demais. Pensei em ir encontrá-la, tirá-la de lá e fugir. Para onde iríamos? Considerei procurá-lo com uma faca, pegá-lo de surpresa, acabar com ele do modo como desejava ter feito quatro anos atrás. Pensei em telefonar para Stuart, perguntar-lhe o que fazer.

Acabei fazendo a única coisa que, em termos realísticos, era possível.

Subi até o apartamento de Stuart com meu celular. Estava tudo silencioso e deserto sem ele ali. O sol se escondia atrás dos telhados e a cozinha estava banhada por uma luz dourada. Sentei-me à mesa da cozinha e disquei o número.

— Posso falar com a detetive Hollands, por favor? — pedi quando atenderam.

Tive que esperar alguns minutos até que ela surgisse na linha. Enquanto isso, eu escutava os ruídos de fundo do Departamento de

Violência Doméstica de Camden, alguém falando ao telefone, tentando acalmar uma pessoa:

— *...Tente respirar fundo. Não, não se preocupe, leve o tempo que precisar. Eu sei... É muito difícil. De forma alguma... estamos aqui para isso.*

— Alô? Cathy?

Sua voz me pareceu ríspida, profissional. De repente me perguntei se estaria fazendo a coisa certa.

— Sinto muito incomodar. Estou preocupada com alguém. Uma amiga minha. Acho que ela pode estar em perigo.

* * *

O bar Rest Assured estava tranquilo naquele fim de tarde de domingo, ainda cedo para o movimento. Alguns fregueses habituais no balcão, segurando suas canecas de cerveja boa e conversando sobre o mercado imobiliário. Cheguei adiantada, pedi uma taça de vinho branco e me sentei no mesmo sofá em que Stuart havia segurado minha mão e me contado como Hannah o enganara. Havíamos passado por muitas coisas desde então.

Ela chegou somente dez minutos atrasada. Não sei o que eu estava esperando, mas soube que era ela no instante em que passou pela porta, que fora deixada aberta para permitir que a brisa vespertina a entrasse. Calça jeans, camiseta preta, cabelo curto e naturalmente louro, em um estilo de corte que em certa época devia ter se parecido com o de Lady Di quando jovem, mas sem aquele movimento dos lados, devido aos fios grossos e pesados demais. Mais baixa do que eu imaginara, mas com a forma física de alguém que seria bom ter ao nosso lado durante uma discussão.

Ela se dirigiu calmamente até o balcão, pegou uma caneca pequena de alguma bebida e em seguida se aproximou.

— Cathy?

Apertei sua mão.

— Como soube que era eu?

Ela sorriu.

— Você está sozinha.

Sam deu uma olhada ao redor e sugeriu que fôssemos para o jardim dos fundos. Eu não tinha percebido que havia um, mas passamos por uma porta aberta na parte posterior do pub e lá estava ele. Tinha apenas duas mesas, mas com um pouco de brisa tornando a temperatura suportável.

— Obrigada por ter vindo me encontrar — falei.

Eu me surpreendera, para ser franca, com a presteza com que ela se dispusera a abrir mão de sua noite para ouvir a triste história de Sylvia.

— Tudo bem — disse ela cordialmente. — Está um fim de tarde bonito demais para ficar enfiada em casa.

Depois de beber um gole de sua cerveja e lambe os lábios, ela olhou para mim com expectativa.

Contei-lhe toda a história. Minha amizade com Sylvia, como tudo esfriara depois que ela partira para Londres enquanto eu tentava acabar meu relacionamento com Lee. Contei que a vira dentro de um ônibus e que Lee estava usando seu endereço como base a fim de arrumar um emprego na empresa em que eu trabalhava. Em seguida contei sobre a visita que lhe fiz, algumas semanas atrás, sobre nosso último encontro e, finalmente... o bilhete.

Peguei-o do bolso, desdobrei-o e o entreguei a ela. Ela examinou-o por um momento e depois me devolveu.

— O que você acha que isso quer dizer? — perguntou Sam.

Senti minha paciência se exaurir.

— Ora, que ela agora acredita que Lee foi violento comigo porque está fazendo a mesma coisa com ela.

— Ela disse a você que tinha um relacionamento com Lee?

— Não exatamente.

— Ela disse que estava com medo dele? Ou insinuou isso?

— Não, não disse, mas muitas coisas fazem sentido. Quando telefonou para marcar o encontro, na quarta-feira, ela ligou de uma cabine telefônica, não de seu celular. Lee costumava grampear meus telefones e ler meus e-mails, foi assim que descobriu que eu estava planejando fugir, portanto deve estar fazendo o mesmo com

ela. O lugar que ela escolheu para que nos encontrássemos era público, com várias entradas e saídas, sugerindo a suspeita de que uma de nós poderia ser seguida até lá. E quando a encontrei, ela estava vestida de um jeito bem peculiar.

Sam olhou para mim confusa. Seus olhos eram de um azul profundo, grandes como os de um bebê, embora seu rosto não parecesse inocente nem infantil.

— Sylvia sempre se veste com cores vibrantes; uma espécie de ave do paraíso, sempre cheia de amarelos, rosas, roxos, azul-turquesa, o tempo todo. Seda, caxemira, couro. Nada simples, isso nunca. Na quarta-feira, ela estava vestida com uma saia preta e uma blusa branca. Disse que acabara de comprá-las, que estava a caminho de uma entrevista importante e queria parecer mais discreta. Suas roupas usuais estavam dentro de uma sacola plástica que ela tinha consigo. Ela nunca foi assim. Achava que seu estilo ajudava a destacá-la na multidão, por isso se vestia daquele jeito.

— Você acha, então, que ela estava querendo se misturar à multidão?

— Exatamente. Ele devia estar seguindo Sylvia, assim como fazia comigo. E ela estava sem bolsa. Só com aquela sacola.

— Sem bolsa?

— Na hora isso não me chamou a atenção. Mas é provável que ele tenha colocado um dispositivo rastreador lá dentro. Sei que tudo isso parece loucura. Mas não para quem já viveu com alguém assim.

Ela deu de ombros rapidamente e assentiu.

— Mas ela não disse nada sobre ele, sobre estar se sentindo infeliz? Ainda assim, estava sem bolsa?

— Não, não disse. Acho que ela estava se preparando para falar quando seu celular tocou. Imaginei que fosse ele. E depois desse telefonema ela foi embora quase que imediatamente. Estávamos lá fazia apenas alguns minutos.

— E você acha que ela enfiou o bilhete no seu bolso.

— É a nota fiscal do lanche que ela comprou lá. Olhe, a data e o horário indicam que foi quando nos encontramos. Ela deve ter escrito isso antes de eu chegar.

Sam pegou novamente o pedaço de papel e o observou, não a nota fiscal impressa, mas as letras rabiscadas apressadamente no verso. Será que ela estaria achando que eu mesma escrevera aquilo?

— Olhe, por que ela acreditaria em mim de uma hora para outra? Ela testemunhou no tribunal que Lee não me machucava, que eu era uma doida varrida, que todos os meus ferimentos eram autoflagelação. E ela era a minha melhor amiga! O que pode ter acontecido para fazê-la acreditar em mim, assim de repente?

Sam Hollands encheu os pulmões e soltou o ar em um longo suspiro, olhando para o pequeno jardim antes de se inclinar para mais perto de mim.

— Eu liguei para o endereço que você me deu, antes de vir para cá. Ninguém atendeu. Espero que não tenhamos nada com que nos preocuparmos, mas admito que me preocupa o fato de Lee Brightman estar, pelo que parece, realmente tentando entrar em contato com você.

— Não é comigo que você precisa se preocupar — exclamei, audaciosa. — Eu sei exatamente como ele é e do que é capaz.

Ela abriu um sorriso tranquilizador.

— Farei tudo que puder, ok? Vou investigar, verificar se ela está bem. Enquanto isso, receio que ainda não haja nada que ele tenha feito que prove um assédio, e enquanto não houver, não podemos pedir um mandado contra ele a fim de mantê-lo longe de você.

Dei de ombros.

— A pessoa que ele estava fingindo ser, Mike Newell. Será que a polícia verificou o currículo que ele fez, para saber se o tal amigo da Espanha ainda estaria disposto a afirmar que ele trabalhou por lá no ano passado? Embora isso ainda não prove que Mike Newell e Lee Brightman são a mesma pessoa.

— Deixe comigo — disse ela, terminando sua caneca de cerveja. — Vou manter contato. E enquanto isso, vou ver como anda sua amiga também.

Ela se levantou e se espreguiçou.

— Nossa, que dia longo.

— Mas o expediente já acabou, não?

Sam assentiu e sorriu.

— Sim. Acho que vou comer algo com curry e depois passar um tempão dentro da banheira.

Fui caminhando com ela até a esquina da Talbot Street, depois nos despedimos e ela se dirigiu para o metrô.

— Não se esqueça — disse ela. — Se precisar de ajuda: Páscoa.

— Pode deixar — respondi, sorrindo ao me afastar.

Estava quase escuro quando cheguei em casa. Eu ainda sorria quando enfiei a chave na fechadura da porta do prédio, que abriu antes que eu tivesse tempo de girá-la. Alguém não a trancara.

* * *

A porta do apartamento estava trancada, conforme eu a deixara, e não havia nada fora do lugar lá dentro. Nada fora do lugar, mas ainda assim eu me sentia incomodada.

Fiquei em pé no meio da sala, olhando na direção das portas da varanda e do jardim lá embaixo, para as árvores imóveis. O ar ali dentro estava rançoso e abafado. Verifiquei novamente as portas da varanda — ainda bem fechadas e seguras—, depois as abri inteiramente. A brisa que esfriara minha pele no jardim do pub agora havia abrandado, e, apesar do sol se pondo, ainda fazia calor.

O portão para o jardim estava aberto, meio bambo nas dobradiças. Estava assim desde as tempestades de inverno em fevereiro. Eu pedira à administradora para consertá-lo e um dia mandaram alguém, que o endireitou. Foi um esforço inútil. Ninguém usava o jardim; na verdade, eu nunca vira ninguém utilizar aquele caminho que se estendia ao longo dos jardins, portanto, o fato de o portão se encontrar parcialmente aberto não era o que me incomodava.

O silêncio era total, sem qualquer sopro de ar, nenhum canto de pássaro, nem sequer um sussurro. Mas ainda assim eu tinha a impressão de que algo estava estranho. O ar estava parado e pesado, as nuvens se acumulando no céu.

Eu me perguntei o que ele estaria fazendo, e onde, e se Sylvia estaria trancada no banheiro, sangrando, esperando que alguém aparecesse para salvá-la, assim como Wendy me salvara.

Depois de tudo, Wendy me contou que estava retirando suas compras da mala do carro quando o viu saindo. Ele parecia transtornado, pelo que ela disse, como se tivesse bebido; ele entrou no carro e foi embora. Mas não foi isso o que a perturbou. Antes de ele entrar no carro, ela viu sangue em suas mãos e na sua camisa.

E, para minha sorte, ele não fechara a porta direito. Quando teve certeza de que ele se fora, ela entrou na minha casa e subiu a escada gritando “Olá?”, Wendy me contou, até me encontrar caída no quarto de hóspedes. Achou que eu já estivesse morta. A gravação de sua chamada para o número de emergência foi apresentada no tribunal. Wendy, sempre tão controlada, calma e gentil, berrava por socorro e soluçava com o choque de ter encontrado uma mulher nua, sangrando em cem lugares diferentes e quase sem respirar. Também foi difícil escutar a gravação. Acho que isso foi no último dia que compareci ao tribunal — de qualquer forma, não me lembro de muito mais do que isso, do julgamento.

De repente meu celular começou a tocar dentro da bolsa, deixada sobre o sofá. Levei um susto.

— Oi — disse Stuart, sua voz transparecendo enorme cansaço.
— Senti sua falta hoje.

— Eu também. Está acabando aí?

— Aham. Só fazendo algumas anotações e depois vou para casa. Quer que eu compre alguma coisa no caminho para a gente comer?

— É uma boa ideia — respondi. — Ouça, vou dar uma saída rápida. Quero conferir um negócio no trabalho.

Senti sua voz mudar.

— Você vai voltar para lá?

— Vou, não se preocupe, vai ser bem rápido. Devo estar de volta antes de você chegar.

Houve uma pausa no outro lado da linha.

— Cathy, você está bem, não está?

— Claro — falei, permeando minha voz com um sorriso. — Claro que estou. Só quero tirar isso a limpo para não ficar esquentando a cabeça a noite toda.

— Tudo bem. Leve seu celular.

— Vou levar. Até mais tarde.

— Amo você.

— Eu também — respondi.

Quando desliguei, fiquei um instante pensando sobre o que eu dissera e como devia ter soado para alguém que estivesse escutando. Eu tinha evitado falar com Stuart de dentro do meu apartamento até então, no caso de Lee ter grampeado o local e estar à escuta. Por quanto tempo mais eu aguentaria aquilo?

Peguei um ônibus que ia mais ou menos na direção que eu queria, rumo ao sul do rio. O trânsito começava a fluir e já havia escurecido por completo quando cheguei à rua de Sylvia. Eu seguira a pé do ponto onde o ônibus me deixara, tentando me recordar qual daquelas ruas idênticas era a dela. Já fazia quase uma hora que Stuart me telefonara.

A porta pintada de preto estava realmente fechada dessa vez. Toquei o interfone. Ouvi a campainha soar lá nos fundos do prédio, mas ninguém atendeu. Esperei um pouco e tentei mais uma vez. Verifiquei as horas. Nove e dez. Ela não devia estar em casa? A maior parte das pessoas não sai nas noites de domingo, mesmo em Londres. Toquei novamente, e desta vez o interfone deu sinal de vida. Mas não era Sylvia — era outra pessoa:

— Não está vendo que ela não está em casa? Cai fora.

— Ah, me desculpe — falei. — Tínhamos marcado um encontro, será que você pode abrir a porta?

Nenhuma resposta — o interfone ficou mudo.

Muito bem, eu não podia ficar ali sentada a noite toda. Fui até o final da rua e virei à esquerda, sem perder de vista a ponta de um telhado específico até a passagem ao longo dos fundos dos prédios. Estava totalmente escuro ali, a calçada sem dúvida cheia de cocô de cachorro, latas de lixo reviradas e todo tipo de horror — mas, pelo menos, em algum lugar eu encontraria os fundos do prédio de

Sylvia e o jardim do seu apartamento, onde havíamos nos sentado e tomado um chá ao sol.

Duzentos e dez passos por sobre um terreno acidentado, exatamente o mesmo número que eu contara da frente do seu prédio até o final da rua, e ali estava eu diante de um portão com a grama alta e um muro dilapidado. Toquei os tijolos ásperos, percorrendo com os dedos a parte de cima, à altura do meu ombro, e escalei, ralando o joelho, procurando algum apoio com meu tênis.

Assim que consegui apoiar os cotovelos sobre o muro pude ver o jardim e as janelas do térreo, todas escuras. Nos andares de cima, o primeiro e o segundo, as janelas estavam iluminadas e abertas para o calor da noite. Eu teria que entrar em silêncio.

Consegui chegar ao topo do muro, equilibrando precariamente meu traseiro lá em cima, e então me perguntei o que fazer. Era mais do que provável que ela simplesmente não estivesse em casa. Talvez tivesse passado o fim de semana fora, para visitar amigos em algum lugar, ou mesmo os pais, lá em Lancaster. Ela havia escapado dele, talvez para sempre, algo que eu jamais conseguira.

Ou então estaria lá dentro. Com todas as luzes apagadas.

Bem, já que eu tinha ido tão longe... não poderia voltar para casa sem dar uma conferida. Joguei as pernas para o lado do jardim e desci pelo muro, roçando as panturrilhas nos tijolos e me maldizendo por não estar usando algo mais apropriado do que um vestido de verão.

Dava para escutar vozes, risos, vindos do andar de cima. Algum tipo de música clássica — um piano, suave, melódico. Talvez estivessem recebendo convidados para um jantar.

Atravessei correndo o jardim, iluminado como se fosse dia pelas luzes de cima, rezando para que não decidissem olhar para fora justo naquele instante. Felizmente me lembrei a tempo do muro baixo entre o jardim e o apartamento, naquele momento oculto nas trevas.

Assim que meus olhos se adaptaram à escuridão, espiei a sala pelo vidro da janela. Estava exatamente como eu me lembrava — os pôsteres, o sofá deformado coberto de panos decorativos de cetim, livros, revistas empilhadas aleatoriamente. Do outro lado da

porta e com aquela escuridão, eu podia apenas distinguir as portas no corredor, banheiro à esquerda, quarto à direita, até onde me recordava.

Ambas as portas estavam entreabertas.

Então era isso. Onde quer que ela estivesse, não estava sendo mantida prisioneira na própria casa.

Dei um passo para trás e meu pé pisou em falso em alguma coisa. Era a grade acima da janela do apartamento do subsolo. Olhei para dentro daquele buraco escuro embaixo de mim, as luzes que vinham de cima revelando apenas o contorno das janelas, também imersas em total escuridão, o que me deixou arrepiada.

Sentindo-me muito burra agora, arrisquei uma corrida rápida até o outro lado do jardim, esperando escutar um grito lá de cima a qualquer momento, quando alguém me visse ali, pernas e braços expostos, atravessando o espaço.

Mas antes que eu voltasse a respirar, já havia alcançado o muro. Parecia bem mais alto daquele lado, os tijolos mais lisos. Escalar aquilo seria penoso demais. O portão que dava para fora tinha um cadeado enorme e brilhante, ou seja, não era uma opção mais fácil. Mas havia uma lata de lixo velha, com tampa de metal, perto do muro. Estava vazia, até onde eu podia ver, embora o cheiro não fosse nada agradável. Arrastei-a pelos tufos de grama por uma pequena distância e a encostei no muro, todos os ruídos encobertos pelos belos sons do segundo concerto para piano de Shostakovich, vindo do apartamento de cima.

Experimentei subir na lixeira e a tampa sustentou meu peso. Eu só precisava passar uma perna por cima, só isso, e realmente não consegui mais que isso, porque assim que meus braços se agarraram no alto, a tampa da lata escorregou sob meus pés e caiu com estardalhaço no chão. Enquanto eu tentava transpor o muro, a música foi interrompida bruscamente e ouviram-se vozes inquietas — “O que foi isso?”... “Deve ter sido uma raposa... não se preocupe, querida.”

Mas agora eu já estava do outro lado do muro, ofegante, me sentindo uma idiota e me perguntando o que me dera na cabeça para sair escalando muros quando eu podia estar em casa com

Stuart — que a essa hora já devia ter chegado e estaria esperando que eu voltasse.

Hora de ir embora. Eu não sabia onde Sylvia estava, mas pelo menos tinha procurado.

* * *

Entrei correndo no único ônibus que ia na direção de casa. Saltei do outro lado do parque, a cerca de um quilômetro, e voltei à Talbot Street meio andando meio correndo por entre a escuridão. Estava ficando mais quente, os estranhos rosnados de trovões ao longe acompanhando meus passos e ameaçando chuva.

Segui ao longo da rua e, ao alcançar o prédio, vi que as luzes do apartamento de Stuart, no último andar, estavam acesas. Ele chegara antes de mim. Lutando contra a vontade de entrar direto, continuei andando até o final da rua, dobrei à esquerda e alcancei o beco dos fundos.

Eu queria pensar.

Não tinha visto uma única alma viva no meu percurso desde o ponto de ônibus; alguns carros solitários e um ciclista passaram por mim, mas ninguém a pé. Ninguém mais andava pelas ruas de Londres ultimamente, pelo menos não no subúrbio. E muito menos após escurecer.

Só eu.

Algo ruim acontecera a Sylvia. Eu tinha certeza absoluta disso. Ela me parecera tão diferente no outro dia. Não tinha mais aquela aspereza, estava mais quieta, e seus olhos... amedrontados. Eu tinha pensado que a intenção de Lee, agora, era usá-la para chegar até mim, mas e se ele não estivesse mais interessado em mim? E se tivesse encontrado outra pessoa para controlar?

Era nisso que eu pensava até o instante em que espiei através da brecha entre o portão dos fundos e a dobradiça e vi as cortinas da minha sala de jantar totalmente abertas, as luzes acesas.

Por um momento fiquei paralisada. Ele havia entrado. E provavelmente ainda estava lá.

Pensei por um segundo, me perguntando se deveria ligar para Sam Hollands, mas depois considerei que podia ser apenas Stuart — eu tinha lhe dado a chave. Talvez ele tivesse pensado que eu poderia estar em casa e descera para ver se estava tudo bem.

Justo nesse momento, uma silhueta apareceu na janela. Eu me encolhi, mas no segundo seguinte soltei um longo suspiro de alívio. Era Stuart, em pé à janela com o celular na mão, digitando algo. Logo em seguida meu telefone vibrou no bolso.

C., cadê você? Está tudo bem? Bjs, S.

Naquele instante, ele era tudo o que eu mais queria ver no mundo. Corri até o final do beco, estabanada e quase rindo, porque era ele lá e estava tudo bem afinal de contas.

Cheguei à porta da rua. Enfiei a chave na fechadura, mas de algum modo eu soube que não seria necessário. A porta se abriu inteiramente mesmo sem eu girar a chave. Fechei a tranca e balancei a porta, verificando outra vez por força do hábito, me sentindo estúpida e feliz e querendo chegar logo lá em cima, querendo ficar com Stuart, querendo abraçá-lo, esquecer todo o passado e só pensar no futuro.

No meu andar, parei um instante e aguicei os ouvidos. Nenhum ruído. Nem uma respiração, um sussurro.

Girei a chave na fechadura, empurrei a porta e a deixei se abrir sozinha. À minha frente eu podia ver as salas de estar e de jantar no escuro. A única claridade vinha do meu quarto.

Havia algo terrivelmente errado. Por que Stuart apagaria as luzes?

Então, ali na entrada, consegui sentir o cheiro, o cheiro *dele*. Bem leve, mas o reconheci e meu coração disparou, meu estômago se revirou.

Lee.

Ele devia estar ali, na sala de estar.

Tentei imaginar onde poderia estar escondido, me esperando chegar em casa.

Dei um passo para dentro, e então mais outro, até chegar à altura da porta aberta, a luz do meu abajur lançando uma tênue claridade sobre o chão, longas e profundas sombras.

Stuart estava deitado na minha cama, com a mais perfeita aparência de quem havia simplesmente adormecido muito rápido. Por um instante respirei aliviada e senti que relaxava um pouco, mas havia algo de estranho na sua posição — e ele ainda estava calçado. Então vi algo vermelho no travesseiro, se espalhando pelo algodão branco a partir da lateral da sua cabeça.

Avancei sem nem pensar.

— Stuart! Oh, não!

Coloquei-me ao seu lado e ergui sua cabeça, vendo com um pavor sem tamanho meus dedos manchados de vermelho. Ele respirava, sua respiração era fraca mas regular.

Ouvi um ruído atrás de mim e congelei.

Então me levantei devagar e me virei.

Ele estava à porta do meu quarto, bloqueando a passagem.

Foi tão estranho. Muito embora meu coração estivesse acelerado e eu me sentisse nauseada e tonta, uma inusitada calma se apoderou de mim. Eu reconhecia aquela sensação: era a horrenda inevitabilidade que sentira logo antes de ele tentar me matar da última vez. Obviamente, ele não conseguira acabar comigo. E se não havia conseguido antes, não conseguiria agora. Quase ri ao calcular, automaticamente, meu nível de ansiedade — provavelmente sessenta.

— Sr. Newell — falei. — Que gentileza sua vir me fazer uma visita.

Ele riu. No mesmo instante pressenti uma insegurança de sua parte. Ele não era tão grande quanto antes, ou será que eu mesma havia criado na minha mente aquele monstro enorme? De qualquer maneira, acho que ele também não me reconheceu. Eu era agora uma Catherine bem diferente daquela do passado.

— Que fracote esse seu novo namorado. Apagou rapidinho.

— O que você quer?

— Só conversar.

— Vamos conversar, então.

Para minha surpresa, ele me deixou passar. Olhei para a porta do apartamento, pensando se deveria tentar a sorte, mas ao mesmo tempo sabia que não deixaria Stuart para trás.

Acendi a luz perto do sofá e me sentei, o celular no bolso da saia. Quando ele veio sentar-se à minha frente, apertei o botão que eu esperava ser o que ligaria para o último número discado. Deixei tocar um instante e desliguei, torcendo para que tivesse dado tempo de chamar do outro lado.

— Você está ótima — disse ele. E depois, para meu pavor: — Senti sua falta.

— É mesmo?

— É claro. Eu pensava em você todo dia, todo santo dia. As coisas não deviam ter acabado daquele jeito. Não era para ter sido assim.

— O que você quer dizer?

Senti o ódio crescer, o que me fazia mais desafiadora. Tentei considerar minhas opções. Ser gentil? Ou hostil? O que me ajudaria a ganhar mais tempo?

— Você deveria ter me contado.

— Contado o quê?

— Que estava grávida. Você deveria ter me contado, Catherine. — Sua voz era serena, quase terna.

Eu não conseguia acreditar no que estava ouvindo.

— Do que você está falando?

— Você perdeu o bebê, o nosso filho. Não foi? Se tivesse me contado... teria sido muito diferente. Ainda estaríamos juntos.

— Você quer dizer que não teria tentado me matar, se soubesse que eu estava grávida?

— Eu a teria impedido... impedido que fosse tão dura consigo mesma. Teria cuidado melhor de você, conseguido ajuda, antes de chegar àquele ponto...

Balancei lentamente a cabeça.

— Você acha realmente que foi culpa minha? Você acredita nas suas próprias mentiras?

— Ah, Catherine, qual é. Você sabe como você era. Claro que foi culpa sua. Por isso é que eu precisava encontrá-la, vê-la de

novo. Para impedi-la de se machucar, de fazer aquilo outra vez.

Poderíamos tentar da maneira certa agora. Tentar outro bebê. Poderíamos formar uma família.

Fiquei o encarando por um instante, quase querendo rir. De todas as possibilidades que eu imaginara nos últimos quatro anos, definitivamente aquilo me escapara.

— Preciso beber alguma coisa — falei, finalmente. — Quer também?

Ele me olhou por um longo tempo, com seus olhos azuis contempladores.

— Claro.

Fui até a cozinha e peguei uma garrafa de vinho na geladeira. Estava pensando em usá-la como arma. Acho que ele percebeu isso, pois se levantou e estava vindo na minha direção quando meu celular começou a tocar no bolso.

Nós dois nos encaramos. Peguei o telefone e olhei para a tela.

— Não atenda — disse ele, no momento exato em que apertei o botão para atender a ligação.

— Oi, Sam! Tudo bem?

Era a voz de Sam Hollands no outro lado da linha, minha salvação. Ela parecia cansada.

— Você me ligou. Está tudo bem por aí?

— Como passou a Páscoa? — perguntei. — Estava pensando em você...

Lee arrancou o telefone da minha mão e o atirou na parede da cozinha. O aparelho se desfez em vários pedaços, que se espalharam pelo chão de ladrilhos.

— Eu mandei não atender. Não me ouviu? Como sempre? — Sua voz foi ficando mais alta, e ele usava sua estatura para me intimidar.

— Isso foi burrice sua — falei. — E se ela vier até aqui para saber se estou bem?

Eu ultrapassara o limite. Ele bateu no meu rosto com o dorso da mão e eu me apoiei na bancada da cozinha. Minha face ardia, e havia sangue dentro da minha boca. Eu deveria estar amedrontada.

Deveria estar aterrorizada. Em vez disso, estava simplesmente cansada daquele homem controlando minha vida por tantos anos.

— Quem era?

— Sam. Não me ouviu dizer o nome? É claro que, como você destruiu meu telefone, não vai poder conferir se estou dizendo a verdade, não é mesmo?

Ele esboçou um sorriso malicioso.

— Sam está em Lancaster, portanto é meio improvável que ela venha até aqui, hã?

— Essa é outra Sam.

Tirei proveito daquele momento em que ele relaxou para segurar a garrafa de vinho pelo gargalo e acertá-lo com toda a força, um urro de ódio brotando de mim que deve tê-lo deixado quase surdo. Queria atingi-lo na cabeça, mas acertei seu ombro; não forte a ponto de machucá-lo, mas o suficiente para desequilibrá-lo. A garrafa escapou dos meus dedos e se espatifou no chão.

Aproveitei a chance para correr até o banheiro, batendo a porta ao entrar e trancando-a.

— Vá embora! — gritei. — Vá embora e me deixe em paz!

Como se ele fosse me obedecer. Um segundo depois as pancadas começaram, seguidas de uma pausa e, depois, o baque de um ombro contra a porta. As dobradiças balançaram, mas resistiram. Porém, não aguentariam por muito tempo.

Quando a porta foi parar na parede do outro lado do banheiro com um estrondo que parecia anunciar o fim do mundo, eu estava preparada para ele. A única arma que eu tinha era o desodorante, que apertei, lançando o líquido no seu rosto, enquanto ele agitava os braços na minha direção, desferindo socos mas sem conseguir acertar nenhum. Ele recuou e saiu do banheiro com as mãos nos olhos, tossindo e gritando:

— Sua piranha! Catherine, sua piranha imunda!

E eu gritava também:

— O que você fez com Stuart? O que você fez, seu filho da puta? Seu merda!

Passei rápido por ele seguindo para a cozinha, atrás de uma faca. Qualquer coisa. Meus dedos pareciam gelatina quando abri as gavetas, chorando, procurando alguma coisa, e tudo que consegui encontrar foi o descascador de batatas. Segurei-o com toda a minha força e me virei para Lee.

Mas ele sumira. Nenhum ruído, exceto as batidas desgovernadas do meu coração e as primeiras gotas grossas de chuva caindo na varanda, respingando nos vidros. Passaram-se alguns minutos.

— Apareça! — berrei. — Cadê você, seu filho da mãe? Onde se enfiou, seu babaca? Não tenho mais medo de você. Apareça, seu filho da puta covarde dos infernos!

Minhas mãos tremiam, mas eu segurava com firmeza o descascador de batatas, empunhando-o para o alto como se tivesse quinze centímetros de lâmina inoxidável e não três míseros centímetros e um cabo de plástico.

Se ele estivesse na minha frente, eu teria desferido um golpe contra ele sem pensar duas vezes, fosse no pescoço, no rosto, onde pegasse. Mas ele simplesmente não estava ali.

Na luz débil que vinha do quarto, eu olhava freneticamente ao redor. Ele poderia ter saído do apartamento. Arrisquei uma olhada em volta da cozinha e encontrei outra coisa: o acendedor do fogão. Enfiei o descascador no bolso e apanhei o acendedor.

— Pare de se esconder! — gritei. — Está esperando o quê?!

De onde eu estava, eu podia ver a porta do apartamento, entreaberta, a luz do corredor se insinuando para dentro da sala. “Não”, murmurei, e saí correndo atrás dele, na direção da porta.

Ele estava atrás do sofá, e se levantou bruscamente, me fazendo tropeçar, o desodorante e o acendedor escapando das minhas mãos e caindo no chão enquanto eu aterrissava de cara no carpete em uma queda violenta.

Ele riu, sua expressão maníaca à meia-luz, seu rosto banhado de lágrimas, resíduos do desodorante em torno dos seus olhos.

— Você não tem medo, hã? Foi isso o que disse?

Ele estava se sentando sobre meu peito, enquanto eu tentava esmurrá-lo com toda a minha força, me esforçando para acertá-lo

em todo e qualquer lugar, mas nitidamente sem conseguir nem ao menos fazer-lhe cócegas.

— Saia de cima de mim, seu merda — eu sibilava. — Saia, porra!

Ele agarrou uma das minhas mãos e tentava segurar a outra enquanto eu me debatia e procurava arranhar seus olhos, arranhando assim qualquer parte que eu conseguisse. Se ele imobilizasse minha outra mão, se me amarrasse, estaria tudo acabado.

— Onde está Sylvia? — perguntei, rosnando. — O que fez com ela?

Ele riu novamente, como se eu houvesse dito algo engraçado.

— Sylvia? Nossa. Digamos apenas que ela não vai poder dar queixa na polícia.

Lá fora, os faróis de um carro iluminaram a sala por um segundo e eu vi seus olhos, a expressão neles — e quase fui dominada pelo pavor. Até então eu não tinha sentido medo. Mas agora eu via que ele ia me matar. E desta vez agiria rápido.

Em vez de tentar acertar seu rosto, enfiei a mão esquerda no bolso e peguei o descascador de batatas. Com toda a força que consegui reunir, enfiei a extremidade pontiaguda no flanco de seu tronco, e quase imediatamente ele caiu de cima de mim, gritando e pressionando a lateral do corpo.

O cabo do descascador despontava da sua cintura, preso ali. Ele se contorceu para olhar e colocou a mão sobre o ferimento, com cuidado.

Eu me arrastei na escuridão, tateando o carpete em busca do frasco de desodorante e do metal do acendedor, e meus dedos os tocaram no instante em que ele agarrou meu tornozelo. Tentei me livrar esperneando com força, e meu tênis acertou algo que o fez urrar.

Nesse intervalo eu me virei, apertei o desodorante e acionei o acendedor.

O jato de combustão se projetou até metade da sala, cobrindo sua silhueta, estendida de costas no chão. Então vi seus olhos, por um momento revelando choque e medo, antes de ajustar a mira e

acertá-lo em cheio no rosto. No instante seguinte ele não passava de um vulto envolto em chamas, caindo para trás com as mãos no rosto, agitando os braços. Pensei que fosse ficar quieto, mas ele gritava, a boca cheia de labaredas, e o som que saía de sua garganta era o mais horrível que eu já ouvira.

Minhas mãos também estavam queimando, mas consegui largar o frasco. Levantei, e por um segundo me perguntei se deveria fazer alguma coisa, pois ele caíra no chão e agora rolava no carpete de um lado para outro, convulsionando como se possuído pelo demônio. As chamas então se apagaram, e ele ficou deitado, imóvel, o rosto enegrecido, a camisa esfarrapada.

Soluçando, soltei um suspiro, bem no momento em que escutei passos na escada, acima do barulho da chuva martelando a janela lá fora, acima do som do detector de fumaça no teto, e a porta foi aberta de súbito. Olhei para trás e vi alguns vultos entrando, somente dois, duas pessoas uniformizadas — o que pensavam que estavam fazendo? Mas nunca me senti tão grata ao ver duas pessoas na minha vida.

Caí ajoelhada no carpete e chorei.

Quarta-feira, 4 de março de 2009

DE ONDE EU ESTAVA SENTADA, sobre uma amurada baixa em frente ao prédio principal, vi quando ele veio correndo do outro lado do estacionamento, esperando uma brecha no trânsito para atravessar mas depois se arriscando, desviando dos carros, e então andando mais devagar quando o sinal fechou.

Estava esbaforido quando finalmente chegou ao meu lado.

— Oi — disse ele. — Estou atrasado?

Balancei a cabeça em negativa.

— Adiaram um pouco. Só vão começar daqui a meia hora. Estão todos esperando ainda, no corredor.

— Ela veio?

— Veio.

Ele me beijou, um beijinho rápido na bochecha e depois outro, mais demorado, seus dedos frios no meu rosto.

— Stuart. Você está nervoso.

— Só um pouco. Você não?

— Um pouquinho.

— Vamos entrar e acabar logo com isso.

Sam Hollands esperava por nós lá dentro.

— Como está se sentindo, Cathy? — perguntou ela.

Sam estava bem-vestida hoje, com um terninho, o cabelo recém-cortado. Ela testemunhara de manhã.

— Estou bem, obrigada.

— Eles vão demorar para começar — explicou ela a Stuart. — Parece que o Sr. Brightman não está se sentindo bem outra vez.

— Que surpresa — disse Stuart.

Eu os escutava distraidamente, examinando a área de espera, observando as pessoas indo e vindo, procurando por ela. Onde estaria? Já deveria ter chegado.

— Sam, onde...?

— Ela foi ao banheiro.

Stuart ainda segurava com firmeza minha mão. Ele beijou meus dedos e me disse:

— Vá falar com ela. A gente se vê lá dentro. Não olhe para ele. Olhe só para mim, se precisar.

— Pode ir tranquilo — respondi. — Estou bem, de verdade.

Ele atravessou a porta, procurando um lugar para se sentar na galeria reservada ao público. O tribunal estava ficando cheio.

— É melhor eu entrar também — disse Sam. — Ou você prefere que eu espere?

— Não, pode ir. Vou procurar por ela.

Ela hesitou um momento. O oficial de justiça rodeava a porta, com ar irrequieto.

— Desta vez ele não escapa — disse Sam.

Eu sorri, e ela entrou.

Dentro do banheiro feminino, Sylvia estava diante da pia, encarando o próprio reflexo no espelho.

— Oi — falei.

Ela se esforçava para passar um pouco de maquiagem no rosto, iluminar um tantinho sua aparência, mas ainda estava terrivelmente pálida.

— Estou com medo, Catherine — disse ela.

— Eu sei.

— Você foi tão corajosa na sessão de ontem. Eles prestaram atenção no que você tinha a dizer.

— Vão dar ouvidos a você também.

Notei algumas rugas se desenharem no seu rosto e dei um passo à frente para abraçá-la. Ela tremia, seus ombros estreitos enrijecidos de medo.

— Está tudo bem — falei. — É normal ficar com medo. Mas sabe de uma coisa? Ele está com mais medo do que você. É você quem tem o poder agora. Sabia disso? Ele não pode mais nos machucar. Só precisamos passar por isso e, depois, vai ficar tudo bem.

Ela se afastou, secando os olhos obstinadamente com um lenço de papel.

— Eu sei, eu sei. Você tem razão. Mas...

— Você ouviu a voz dele, no primeiro dia? Lembra-se de quando lhe perguntaram seu nome e ele se declarou inocente? Era um fiapo de voz. Foi tudo o que lhe restou. Ele agora não é nada.

Ela assentiu e sorriu, um esboço de sorriso. Respirou fundo.

— Não olhe para ele, se não quiser — prossegui. — Olhe para mim, ou para Stuart, ou para Sam. Nós três estamos com você. Estamos todos juntos nisso. Certo?

— Certo.

— Então, vamos.

— Só mais uma coisa.

Ela vasculhou a bolsa e pegou um batom. Vermelho-vivo. Passou-o nos lábios com a mão firme.

Estava na hora.

Tribunal da Coroa — Londres

A Coroa contra o Sr. Brightman

Quarta-feira, 4 de março de 2009

Sessão matinal

SUA EXCELÊNCIA, O JUIZ MCCANN

SRA. SCOTT – Seu nome completo, por favor.

SRA. BARTLETT – Sylvia Jane Lesley Bartlett.

SRA. SCOTT – Obrigada. Bem, Srta. Bartlett, há quanto tempo conhece o Sr. Brightman?

SRA. BARTLETT – Há cerca de cinco anos e meio.

SRA. SCOTT – E a senhorita teve um relacionamento com ele?

SRA. BARTLETT – Tive.

JUIZ MCCANN – Pode falar mais alto por favor, Srta. Bartlett?

SRA. BARTLETT – Perdão. Sim, tive.

SRA. SCOTT – A senhorita manteve esse relacionamento enquanto o réu se encontrava na prisão, estou certa?

SRA. BARTLETT – Sim.

SRA. SCOTT – E quando ele foi solto, em dezembro de 2007, a senhorita voltou a se encontrar com ele?

SRA. BARTLETT – Eu estava morando em Londres nessa época, e Lee não podia deixar Lancaster. Ele era obrigado a comparecer à delegacia toda semana, para informar suas atividades e tratar da reinserção social, essas coisas. Então não nos víamos com muita frequência.

SRA. SCOTT – O Sr. Brightman a visitava em Londres?

SRA. BARTLETT – Sempre que possível.

SRA. SCOTT – E como a senhorita descreveria a relação de vocês, a essa altura? Vocês eram felizes juntos?

SRA. SCOTT – Leve o tempo que precisar.

JUIZ McCANN – Gostaria de sentar-se, Srta. Bartlett?

SRA. BARTLETT – Obrigada. Sinto muito. Lee estava muito diferente quando saiu da prisão. Às vezes era difícil lidar com ele.

SRA. SCOTT – Poderia tornar mais específica essa observação?

SRA. BARTLETT – Às vezes ele... hã... tinha reações exageradas. E apresentava variações de humor.

SRA. SCOTT – Ele a violentava fisicamente?

JUIZ McCANN – Deseja um copo d'água, Srta. Bartlett?

SRA. BARTLETT – Não, não, me desculpe. Ele dizia palavras cruéis, e eu tinha medo dele. Mas só na última vez é que foi violento comigo.

SRA. SCOTT – Obrigada. Entendo que isso seja muito perturbador para a senhorita. Quando foi solto, o Sr. Brightman mencionou o nome de Catherine Bailey?

SRA. BARTLETT – Não. Eu vi Catherine em janeiro do ano passado. Eu estava no ônibus e ela estava no ponto, esperando. Quando encontrei Lee, contei que a tinha visto.

SRA. SCOTT – E como ele reagiu?

SRA. BARTLETT – Não fez qualquer comentário naquele momento. Mas já devia estar procurando por ela. Então um dia eu vi um anúncio de emprego no jornal e reparei que o nome para contato era o dela. Catherine trabalhava com recursos humanos, por isso presumi que fosse ela. Quando mostrei o anúncio para Lee, ele disse que iria se candidatar à vaga, só de brincadeira. Ele queria colocar meu endereço no formulário.

SRA. SCOTT – E o que a senhorita achou disso?

SRA. BARTLETT – Não me agradou que ele quisesse voltar a entrar em contato com ela. Discutimos por conta disso.

SRA. SCOTT – Muito bem. Um minuto atrás a senhorita disse que o Sr. Brightman só foi violento na última vez. Poderia nos contar as circunstâncias que conduziram a esse fato?

SRA. BARTLETT – *(inaudível)*

JUIZ McCANN – Por favor, Srta. Bartlett, fale mais alto.

SRA. SCOTT – A senhorita está em condições de continuar?

SRA. BARTLETT – Estou sim, obrigada.

SRA. SCOTT – Minha pergunta foi sobre a última vez em que a senhorita viu o Sr. Brightman antes de ele ser preso.

SRA. BARTLETT – Eu olhei dentro da bolsa dele. Ele sempre trazia uma bolsa do trabalho quando vinha a Londres. Geralmente a levava quando saía, mas daquela vez a deixou na minha casa, e eu fui conferir o que tinha lá dentro.

SRA. SCOTT – E o que encontrou?

SRA. BARTLETT – Basicamente roupas, um par de sapatos, o tipo de coisa que se leva para passar um fim de semana fora. Mas no fundo da bolsa, encontrei... outras coisas. Havia uma foto de Catherine. Uma foto pornográfica. E alguns dispositivos e equipamentos eletrônicos, não sei o que eram. E uma faca.

SRA. SCOTT – Entendo. E, para que fique claro, em que data isso aconteceu? A senhorita se lembra?

SRA. BARTLETT – Foi no dia 6 de maio do ano passado, uma terça-feira.

SRA. SCOTT – E quando voltou a ver o Sr. Brightman, a senhorita lhe disse o que havia achado?

SRA. BARTLETT – Disse. Foi na manhã seguinte. Não sei onde ele passou aquela noite, mas não voltou para a minha casa.

SRA. SCOTT – E como ele reagiu?

SRA. BARTLETT – Ficou furioso. Ele bateu na parte de trás da minha cabeça. Fiquei inconsciente por um tempo e, quando acordei, ele estava... ele estava...

SRA. SCOTT – Leve o tempo que precisar.

SRA. BARTLETT – Perdão. Ele estava em cima de mim. Estava me estuprando.

SRA. SCOTT – Ele a estuprou?

SRA. BARTLETT – Sim.

SRA. SCOTT – O que aconteceu em seguida?

SRA. BARTLETT – Ele foi embora. Simplesmente pegou sua bolsa e saiu.

SRA. SCOTT – A senhorita chamou a polícia?

SRA. BARTLETT – Não. Eu estava assustada demais para isso. Não sabia para onde ele tinha ido. Achava que ele pudesse voltar a qualquer momento.

SRA. SCOTT – O que a senhorita fez?

SRA. BARTLETT – Tomei um banho. Vesti roupas limpas. Fui até um telefone público e liguei para Catherine, perguntando se poderia almoçar comigo.

SRA. SCOTT – A senhorita se encontrou com Catherine na Oxford Street, correto?

SRA. BARTLETT – Sim. Eu queria encontrar com ela em um lugar público, para o caso de ele estar me seguindo.

SRA. SCOTT – E era sua intenção contar a Catherine o que lhe acontecera?

SRA. BARTLETT – Era. Eu queria alertá-la.

SRA. SCOTT – Alertá-la?

SRA. BARTLETT – Achava que ele iria atrás dela. Achava que estava planejando atacá-la novamente.

SRA. SCOTT – Quando se encontrou com Catherine, a senhorita explicou isso a ela?

SRA. BARTLETT – (*inaudível*)

SRA. SCOTT – Sylvia, em consideração aos membros do júri e a este tribunal, pode por favor responder à pergunta?

SRA. BARTLETT – Não, não expliquei. Não tive a oportunidade de contar o que tinha acontecido. Lee me ligou assim que Catherine chegou. Ele parecia normal ao telefone, mas eu sabia que estava nos vigiando. Ele me perguntou por que eu estava vestida daquele jeito.

SRA. SCOTT – Pode nos explicar o que a senhorita achou que ele queria dizer com isso?

SRA. BARTLETT – Geralmente eu uso roupas bem coloridas. Mas preferi sair com uma saia preta simples e uma blusa branca. Pensei que assim seria mais difícil ele me achar em meio às pessoas, caso estivesse me seguindo.

SRA. SCOTT – E ele fez um comentário sobre sua roupa?

SRA. BARTLETT – Sim. E me perguntou com quem eu estava. Eu disse que não era ninguém que ele conhecesse. Ele me acusou de estar mentindo, que era alguém que nós dois conhecíamos muito bem. Eu sabia que ele estava nos observando.

SRA. SCOTT – O que a senhorita fez?

SRA. BARTLETT – Fui embora. Pensei que se deixasse Catherine para trás, ela estaria a salvo. Achei que ele me seguiria e não a ela.

SRA. SCOTT – E foi isso de fato o que aconteceu?

SRA. BARTLETT – Foi.

SRA. SCOTT – Aonde a senhorita foi?

SRA. BARTLETT – Passei um tempo dando umas voltas por ali. Tentei despistá-lo. Visitei uma galeria, entrei em lojas. Quando finalmente voltei para casa, já estava quase escurecendo. Ele estava me esperando nos degraus do meu prédio. Fiquei aterrorizada ao vê-lo. Ele estava... bem calmo, quase tranquilizador. Então ele disse que queria me mostrar uma coisa e me levou até o apartamento do subsolo.

SRA. SCOTT – Pode explica melhor isso para o júri? Esse apartamento não pertencia à senhorita, correto?

SRA. BARTLETT – Não. O apartamento do subsolo do meu prédio estava vazio. Sendo reformado, eu acho. Não havia móveis lá dentro. Acho que sequer havia eletricidade.

SRA. SCOTT – O que aconteceu quando ele a levou até esse apartamento?

SRA. BARTLETT – Sinto muito, é que...

JUIZ McCANN – Deseja fazer uma pausa, Srta Bartlett?

SRA. SCOTT – Restam-me apenas mais algumas perguntas, se a testemunha puder continuar.

SRA. BARTLETT – Estou bem. Desculpe.

SRA. SCOTT – A senhorita pode nos contar agora o que aconteceu quando ele a levou até o apartamento?

SRA. BARTLETT – Ele me deu um soco e me chutou. Gritou comigo, disse várias vezes que eu era uma idiota. Disse que eu não merecia viver.

SRA. SCOTT – Quanto tempo durou essa agressão?

SRA. BARTLETT – Não sei ao certo. Tive a impressão de que durou muito tempo. Ele me arrastou até o banheiro. Havia um vaso e uma bacia lá, além de um chuveiro; fora isso, mais nada. Nenhuma janela, era um local exíguo. E ele me deixou trancada lá dentro.

SRA. SCOTT – E esta foi a última vez que a senhorita o viu?

SRA. BARTLETT – Não. Ele voltou mais tarde. De luvas. Pensei que fosse me matar.

SRA. SCOTT – Ele a atacou novamente?

SRA. BARTLETT – Não. Ele disse que estava indo encontrar Catherine, queria resolver as coisas entre eles dois.

SRA. SCOTT – E o que a senhorita acha que ele queria dizer com isso?

SR. NICHOLSON – Meritíssimo, está sendo pedida a opinião da testemunha.

SRA. SCOTT – Meritíssimo, acredito que a testemunha estivesse numa situação em que poderia interpretar o significado das palavras proferidas pelo réu.

JUIZ McCANN – Entendo o que quer dizer, no entanto eu preferiria que a Srta. Bartlett fosse orientada a se restringir aos eventos em questão. Por favor, prossiga.

SRA. SCOTT – O Sr. Brightman entrou e disse que ia atrás de Catherine. O que aconteceu depois disso?

SRA. BARTLETT – Ele saiu. Trancou a porta e foi embora, me deixando ali. Tentei sair, tentei bater na porta, mas ninguém me ouvia. Não consegui fugir.

SRA. SCOTT – A senhorita ficou trancada ali durante quatro dias, correto?

SRA. BARTLETT – Sim.

SRA. SCOTT – Portanto, a senhorita tinha água, mas ele a deixou sem comida?

SRA. BARTLETT – Isso mesmo.

SRA. SCOTT – Obrigada. Sem mais perguntas.

JUIZ McCANN – Obrigado, Sra. Scott. Senhoras e senhores, faremos um intervalo agora. Retomaremos o julgamento às três horas.

CONTRA INTERROGATÓRIO

SR. NICHOLSON – Srta. Bartlett, como foi que a senhorita e o Sr. Brightman se conheceram?

SRA. BARTLETT – Catherine nos apresentou.

SR. NICHOLSON – Quando a senhorita iniciou seu relacionamento com o Sr. Brightman, ele ainda estava envolvido com a Srta. Bailey?

SRA. BARTLETT – Sim, mas ele me disse...

SR. NICHOLSON – Obrigado. E estava ciente de que ele continuava se relacionando com a Srta. Bailey ao mesmo tempo em que mantinha relações com a senhorita?

SRA. BARTLETT – Estava, mas...

SR. NICHOLSON – A senhorita se descreveria como uma pessoa confiável, Srta. Bartlett?

SRA. BARTLETT – Evidente que sim.

SR. NICHOLSON – Em 2005, a senhorita prestou um depoimento à polícia que dizia respeito à sua amizade com a Srta. Bailey?

SRA. BARTLETT – Sim.

SR. NICHOLSON – A senhorita se recorda de ter afirmado que, nos primeiros anos de sua amizade com a Srta. Bailey, ela lhe contou que já havia infligido cortes com faca na própria pele?

SRA. BARTLETT – Sim.

SR. NICHOLSON – Esse seu depoimento foi verdadeiro, Srta. Bartlett?

SRA. BARTLETT – Não.

SR. NICHOLSON – A senhorita admite que mentiu em um depoimento à polícia?

SRA. SCOTT – A testemunha já respondeu a essa pergunta.

JUIZ McCANN – Sr. Nicholson, devo dizer que o direcionamento do seu interrogatório me preocupa.

SR. NICHOLSON – Meritíssimo, acredito que haja uma questão jurídica a ser abordada e peço uma audiência confidencial.

JUIZ McCANN – Muito bem. Senhoras e senhoras, a partir de agora iremos discutir um ponto específico mais aprofundadamente, e peço a todos que se dirijam à sala do júri. Providenciarei para que sejam chamados assim que estivermos em condição de prosseguir. Obrigado.

O JÚRI DEIXA O TRIBUNAL
AUDIÊNCIA COFIDENCIAL

JUIZ McCANN – Sra. Scott?

SRA. SCOTT – Eu gostaria de destacar que o Sr. Nicholson está plenamente ciente de que há um segundo depoimento prestado pela Srta. Bartlett, no qual ela afirma claramente que foi orientada pelo réu a mentir. A Srta. Bartlett foi interrogada sob advertência quanto a este assunto.

SR. NICHOLSON – Meritíssimo, está claro que não podemos confiar em obter um testemunho consistente por parte da Srta. Bartlett. É meramente este argumento que pretendo levar à atenção do júri.

SRA. SCOTT – Ela estava amedrontada pelo Sr. Brightman, meritíssimo. Suponho que teria negado a própria existência se ele a tivesse mandado fazê-lo.

JUIZ McCANN – Sr. Nicholson, acredito que a Srta. Bartlett prestou um segundo depoimento no qual justificou os motivos que a levaram a mentir no primeiro, portanto isso também deve ser informado ao júri.

SR. NICHOLSON – Muito bem.

JUIZ McCANN – Obrigado. Faça o favor de reconvocar o júri. Continuaremos de onde paramos.

Domingo, 23 de maio de 2010

SAM HOLLANDS ESTAVA ME ESPERANDO LÁ fora.

— Bom dia — disse ela quando sentei no banco do carona do seu carro. — Que belo dia para uma excursão misteriosa. Aonde vamos mesmo?

— St. Albans.

Partimos na direção da avenida principal.

— Agradeço muito por isso. Sei que você devia ter coisas melhores a fazer no seu dia de folga,

Sam.

— Nem me fale. Você recebeu uma carta, foi isso?

Estava à minha espera quando voltei para casa depois de fazer compras, no dia anterior. Nada sugeria a desagradável surpresa que continha — um envelope comum, meu nome e endereço impressos no exterior, um selo de prioridade, um carimbo borrado do correio. Li em voz alta para Sam:

Querida Catherine,

Tenho pensado muito em você. Queria dizer que lamento por tudo o que aconteceu. Lamento por um monte de coisas, e tenho um presente para você que, espero, poderá melhorar um pouco as coisas entre nós.

Você vai ter que ir até a propriedade industrial que tem na Farley Road, ao norte de St. Albans. A unidade 23 fica bem na extremidade norte. Se estacionar em frente, é só dar a volta pela lateral do prédio. Nos fundos há uma área aberta, com árvores. Siga a linha das árvores até o final e encontrará o que deixei para você.

Espero que atenda a este meu último desejo e aceite o presente como um pedido de desculpas.

— Acaba assim?

— O quê?

— Parece uma maneira brusca de se terminar uma carta. Sabe, pessoas que começam uma carta com “Querido Fulano” geralmente encerram com “com amor, Beltrano”, não é?

Estávamos na rodovia M1, na direção da M25. Os carros do outro lado passavam voando por nós. Mordi o lábio.

— Cathy...?

— Tem mais algumas frases na outra página. Coisa pessoal.

— Que tipo de coisa pessoal?

— Nada que faça muita diferença. Sério.

— Cathy. Isso não é só uma carta, é uma prova. Você sabe disso, não sabe?

— Vamos esperar e ver sobre o que se trata, ok? Pode ser só uma bobagem.

— O que Stuart pensa disso tudo?

— Ele está viajando há alguns dias. Foi a uma conferência em um grande hospital recém-inaugurado na Bélgica.

Ela mantinha os olhos fixos à frente, e a linha reta de seus lábios expressava sua desaprovação. Eu ia acabar lhe mostrando a continuação da carta de qualquer forma; era preciso. Mas ao menos por

ora, queria manter aquilo entre ele e mim.

— O que você acha que é? — perguntou Sam.

— Não sei. Vamos dizer que eu só não acho que não seja nada de bom.

— Nem eu. Fico feliz que você tenha me ligado.

— Pensei que seria uma armadilha.

— Bem, ele ainda está preso, portanto não precisa ter medo de se deparar com ele lá à nossa espera. Telefonei para a penitenciária hoje de manhã.

— A carta não foi enviada da prisão — falei.

— Eu notei. Ele deve ter conseguido alguém para levá-la clandestinamente. O que quer que aconteça, vou redigir um relatório de segurança sobre isso.

Saímos da autoestrada e o GPS de Sam nos informou, com a voz calma, para virar à esquerda, depois à direita e então seguir em linha reta por três quilômetros e meio.

- E então, como vai Stuart?
- Está bem. Nós estamos bem.
- Como é estar casada?

Eu ri.

— Não muito diferente do que era antes. De qualquer maneira, faz só cinco meses, vamos esperar para ver.

— Nada de filho ainda?

— Ainda não. Não me diga que você está a fim de engravidar?

— Eu não, mas Jo está. Vamos nos casar ano que vem, eu acho.

— Sam, eu não estava sabendo.

— Sabe como é, estamos juntas há dez anos. Já era hora.

— Você já a pediu em casamento?

— Ainda não.

— Pois deveria. Vale a pena. Nós poderemos ir ao casamento?

— Claro que sim. Vou convidar Sylvia também.

— Ela vai adorar.

— Bom, chegamos.

A Propriedade Industrial Farley estava abandonada, ruas longas e amplas sem nenhum trânsito, lixo espalhado pelas ruas esburacadas. Passamos por uma van que vendia kebab, mas estava fechada. Metade das unidades estava desocupada, toda a área dando uma impressão desolada, e a Unidade 23 não era exceção. Ficava no ponto mais longínquo, depois de virar uma esquina. Parecia o fim do mundo.

Sam estacionou o carro bem em frente.

— Ali, olhe.

Em meio ao mato que crescia em torno do prédio, um atalho estreito e empoeirado se insinuava entre as cercas de arame e o muro da Unidade. Perigosas urtigas à altura do peito balançavam na nossa direção com a brisa.

Sam foi na frente, avançando pelo atalho, uma das mãos no muro do prédio. Um coelho atravessou correndo o caminho bem diante de nós, me dando um susto.

Atrás da Unidade, o espaço estreito de repente se alargava, tornando-se um terreno baldio. Passamos por uma vasta área

cimentada, em que crescia erva daninha nas fendas do concreto. O sol brilhava sobre nossas cabeças e um pássaro cantava do alto de alguma árvore. Estava totalmente deserto, ninguém à vista.

— E agora, para onde?

Protegi os olhos do sol e dei uma olhada ao redor, na direção das árvores que ele descrevera, e vi, um reflexo colorido em meio à paisagem cinza, marrom e verde.

— Lá. Está vendo?

Uma mancha vermelha, escarlate, como uma bandeira, e à medida que nos aproximávamos, aquilo se mexia na nossa direção, como se estivesse vivo. Eu já sabia o que era, mas ainda assim foi um choque. Senti as lágrimas começarem a brotar nos meus olhos e, antes que pudesse contê-las, deslizaram pelo meu rosto. Era como ver um velho amigo, e um pesadelo.

— O que é isso? — indagou Sam.

— É o meu vestido.

As extremidades tinham sido rasgadas, e estava todo imundo e empoeirado, mas ainda assim eu o reconheci. Todos os botões haviam sido arrancados, e alguns pedaços cortados, deixando fiapos balançando ao vento. Devia estar ali já há algum tempo.

— Só isso? Um vestido velho?

Estava ancorado ao chão pedregoso com uma velha pá, enferrujada, que havia transpassado a peça; e uma pilha de pedras da altura do vestido fora colocada ao redor dele, como um dólmen, como um túmulo.

— Não — falei. — É um marco.

Ela viu alguns segundos depois de mim. No fundo da vala, algo chamou minha atenção quando o vento soprou um tufo de cabelos escuros para fora. De início parecia artificial, como aniagem desfiada, e a pele parecia uma lona velha. E de repente, vi a brancura de um osso partido, e não havia mais dúvida alguma.

— Ah, merda. Merda.

Sam pegou o celular e começou a fazer ligações, pedindo ajuda, enquanto eu me ajoelhava sobre o solo ressecado e sobre as

pedras, afagando com os dedos a suavidade do tecido para me confortar.

— Acho que ela se chamava Naomi — falei.

Do bolso de trás da minha calça, peguei a segunda página da carta.

— Sam. É melhor você dar uma olhada nisso.

Sinto muito pelo que fiz com Sylvia, e com a senhora que morava no apartamento do térreo. Elas não eram nada para mim exceto um meio de encontrá-la. Você precisa entender que ninguém nem nada jamais poderá me impedir de achar você, Catherine. Eu lhe deixei esse presente como símbolo de que estou preparado para assumir a culpa por tudo. Mas isso não vai me impedir. Não importa quanto tempo leve, esperarei por você. Um dia estarei livre, e a encontrarei, e poderemos ficar juntos.

Espera por mim, Catherine.

Eu te amo.

Lee

Agradecimentos

O LIVRO QUE ESTÁ EM SUAS mãos nunca teria existido se não fosse pela ajuda e pelo apoio de várias pessoas. Acima de tudo, gostaria de agradecer a Vicky Blunden, Candida Lacey, Corinne Pearlman, Linda McQueen, Dawn Sackett e a todos da editora Myriad, por terem transformado a confusão do meu manuscrito em algo que me dá imenso orgulho, e por darem uma chance a uma absoluta novata.

No escuro foi originalmente escrito em 2008, como parte do desafio anual do National Novel Writing Month, organizado por Chris Baty e uma bela equipe, e se não fosse pelo encorajamento do site Nanowrimo (www.nanowrimo.org), duvido que eu tivesse passado do primeiro capítulo. Obrigada, pessoal! Espero que gostem do resultado.

Gostaria de agradecer às minhas amigas Ellen Doughty e Linda Weeks, que leram a primeira versão e, a partir de então, me incentivaram em cada passo que eu dei. Foi ideia de meu primo Michael George de enviá-lo para avaliação (muito embora ele ainda não o tivesse lido), portanto devo agradecer-lhe por isso.

A Greg Mosse, pelo curso perspicaz e provocador sobre literatura policial, no West Dean College, e em especial pelo seu encorajamento em relação a este livro. Obrigada, Greg!

Agradeço também a Lillian Fox, uma escritora inspiradora e talentosa, que me orientou diversas vezes na direção certa e me apoiou quando eu mais precisava de força. Vanessa Very leu o manuscrito quando estava próximo de sua conclusão e ofereceu algumas brilhantes sugestões que mudaram tudo. Este livro não seria nada sem Lillian e Vanessa, portanto obrigada às duas.

Obrigada à minha adorável amiga Alexia Fernholz, psicóloga, que generosamente dividiu comigo sua experiência, e a Stephen Starbuck, pela assistência e pelos conselhos sobre o tema processual.

Agradeço a Mary, Vicky, Hannah, Sonja, Ella, Hanna, Fiona, Shelagh, Nadia, Mia, Sophy, Jenna, Steven, Janet, Alison, Sarah, Tricia, Michael, John e David, Nickie e a todos os meus amigos online que foram extremamente solidários ao longo deste empreendimento.

Sou grata ao talentoso e maravilhoso grupo de escritoras do Medway Mermaids, muito obrigada pelos comentários importantes e por sempre me animarem.

Um agradecimento especial à fantástica família Moscicki (Jackie, Julie, James, Phoebe e Anna), e a Jane Mellinger, Nicola Samson, Maxine Painter, Lou Bundock, Naomi e Will Lay, Chris Gambrell, Clare Howse, Russ Shopland, Alexandra Amos, Lucy Smith, Emily Mepstead, Patricia Cox, Katie e Wayne Totterdell, Matt Liston, Tara Melton, Clive Peacock, Claire Eastham, Phil Crane, Bob Sidoli, Gordon Lindsay, Emma Dehaney, Lindsay Brown, Angela Wiley, Karen Aslett, Jenny Harknett, Pam Wiley, Judy Swan, Robert Nicks, Trish Cross e a todos os meus outros queridos amigos que gentilmente me fizeram falar do meu livro e me incentivaram muito além do que seria o seu dever — obrigada.

E por último, porém não menos importante, agradeço a minha mãe, e a David e Alex, que tiveram que aguentar um bocado e ainda me amam apesar de tudo.

Sobre o autor



Foto: Ryan & Jo Photography

ELIZABETH HAYNES foi criada em Sussex, na Inglaterra. Trabalha como consultora para o serviço de informações confidenciais da polícia e vive em Kent com o marido e o filho. **No escuro** é seu primeiro romance.